

*PEDRO GRANJA*

**os simples e  
os sábios**

EDIÇÃO CALVÁRIO

## Afinal, Quem Somos?

Neste livro o autor expõe o assunto da imortalidade da alma, fazendo-o em primeiro lugar sob o ponto de vista religioso. Para tanto, consultou, estudou e analisou a história antiga e concluiu que duas doutrinas sempre tiveram curso no seio da humanidade: "a doutrina simbólica" e "a doutrina científica".

Desprezando a primeira, o autor justifica o seu ponto de vista ao afirmar que "a doutrina simbólica era tida como uma espécie de dogma religioso" onde a fé e os rituais, num misto de beatismo e misticismo, serviam unicamente para refrear e encobrir a ignorância do povo.

Compreendendo, porém, que a fé não se discute, nem também os seus credos, procurou analisar a história "dêsse mistério" em que o desconhecido se manifestava em todos os povos, através da "doutrina científica", ou seja "a doutrina secreta", que era velada sob o mais profundo e impenetrável segredo. Recorreu então aos pensadores da antiguidade, consultando os Vedas, o Bramanismo e o Budismo, e verificou que eles nos seus ensinamentos afirmavam que a alma era imortal e se manifestava aos vivos.

Dos santuários índicos, "a doutrina científica" passou para a Caldéia, nos tempos de Mitra; depois para o Egito, nos de Osiris e Isis, onde Hermes e os pontífices revelavam no seu culto secreto "a lei de Unidade que rege a harmonia do Universo", divulgando a pluralidade dos mundos e a reencarnação das almas.

A Grécia, porém, encontra-se como que predestinada a revelar ao mundo esses mistérios. Pitágoras, por exemplo, na sua "Academia de Crotona", escola admirável de iniciação laica, foi o prelúdio desse grande monumento de idéias que, com Platão e Jesus, ia agitar as camadas profundas da sociedade antiga. Consistiam seus ensinamentos em uma só coisa: o conhecimento do segredo da morte, a revelação das vidas sucessivas neste ou noutros mundos e a comunicação com o Além.

Na Gália, por exemplo, desde os cânticos bárnicos que afirmavam "a imortalidade da alma e sua reencarnação neste e noutros mundos", o aperfeiçoamento que o Cristianismo lhe fez conhecer, veio formar a síntese filosófica e moral desse grande povo.

Os Hebreus, nos seus livros sagrados, como a "Cabala" e o "Zohar", admitem a preexistência e as vidas sucessivas da alma, numa abundância de provas incomensuráveis.

No Cristianismo vai-se encontrar a ligação dos Essênios; ambos divulgavam a revelação do Além e a afirmativa de que a alma é imortal e que se comunica com os seres que aqui ainda se encontram. Os apóstolos, após a morte de Jesus, seguiram essa orientação, vivendo em comuna, e nas catacumbas entravam em relação com o mundo oculto.

Historiadores avoengos afirmam que Jesus passou a sua adolescência entre os Essênios e que desenvolveu os seus dons espirituais entre esses "homens-fraternos que em suas vestes brancas tinham por símbolo a pureza dos lírios". Afirmam também que todos os seus costumes foram revelados nas ações da vida profética de Jesus, como por exemplo, o viver em pequenos grupos, os agapes fraternais, a ceia, o sacrifício, a renúncia, as predicas, etc.

Na parte em que descreve a influência do Catolicismo sobre a nova civilização da humanidade, procurou o autor ficar equidistante das opiniões já emitidas, baseando-se somente na própria história de seus atos, nos quais se encontram todos os defei-

LIVRARIA ESPÍRITA  
OSWALDO CRUZ

Rua Abílio Lima, 34 - Loja 2

Ed. ... - ... - ...



Livraria  
Dom Pedro II  
Av. Barão do Rio Branco, 2067 - Loja 09 e 3  
Centro - São de Foz - MG  
Fds: (31) 3212-3901 - (31) 3214-7785

OS  
SIMPLES E  
OS SÁBIOS

*Jheraya de Jesus  
Getulopolis, 15/04/76.*

PEDRO GRANJA

OS  
SIMPLES E  
OS SÁBIOS

DEPARTAMENTO EDITORIAL  
DO  
CENTRO ESPÍRITA DO CALVÁRIO  
Rua Almirante Barroso, 267  
SÃO PAULO

EDIÇÃO CALVÁRIO  
SÃO PAULO  
1971

*Gracia de Jesus*  
*Alles Reis*

*EM MEMÓRIA*

*DE*

*CARLOS IMBASSAHY*

AUTORES  
E  
OBRAS  
CITADOS

AKSAKOFF, Alexandre:

- "Animismo e Espiritismo;
- "Um Caso de Desmaterialização Parcial".

ABREU, Canuto — "O Evangelho por Fora", tomo III.

BARKAS — "Outlines of Ten Year's Investigation".

BARRET, William — "On the Treshold of the Unseen".

BARZINI — "Nel Mondo dei Misteri".

BOZZANO — Ernesto:

- "A Hipótese Espírita e as Teorias Científicas";
- "Animismo ou Espiritismo?";
- "Em Defesa dos Casos de Identificação Espírita";
- "A Propósito da Introdução à Metapsíquica Humana".

BRACKETT, E. A. — "Materialized Apparitions".

BRADLEY, H. Dennis — "Rumo às Estrélas".

BROFFERIO, Angelo — "Per lo Spiritismo".

CARRINGTON, Hereward — "Eusápia Palladino e os Seus Fenômenos".

CAVALHEIRO, Edgard — "Monteiro Lobato — Vida e Obra".

COELHO NETTO, Henrique — "A Vida Além da Morte".

CRAWFORD, W. J. — "Mecânica Psíquica".

CROOKES, William — "Recherches Sur les Phénomènes du Spiritualism".

DAMIANI — "Rapport Sur le Spiritisme".

DELANNE, Gabriel:

- "Recherches Sur la Mediumnité";
- "Les Apparitions Matérialisées des Vivants et de Morts".

DENIS, Léon — "O Problema do Ser, do Destino e da Dor".

D'ESPERANCE, Elisabete — "No País das Sombras".

DOYLE, Arthur Conan — "História do Espiritismo".

EDMONDS, John W. — "Spiritualism".

FLAMMARION, Camille — "Les Forces Naturelles Inconnues".

FREIRE, António J. — "Da Fraude no Espiritismo Experimental".

GELEY, Gustave:

- "L'Ectoplasmie et la Clairvoyance";
- "Resumo da Doturina Espírita";
- "O Ser Subconsciente";
- "Estudo da Mediunidade".

HARE, Robert — "Experimental Investigations of the Spiritual Manifestations".

HITCHMANN, William — "Ourselves and Sciences".

IMBASSAHY, Carlos:

- "A Missão de Allan Kardec";
- "A Mediunidade e a Lei";
- "Ciência Metapsíquica";
- "Fantasmas, Fantasias e Fantoques".

JAMES, William — "Études et Réflexions d'un Psiquiste".

KARDEC, Allan:

- "O Que é o Espiritismo";
- "Livro dos Médiuns";
- "Obras Póstumas".

LACROIX e SIQUEIRA, Padres — "O Espiritismo à Luz da Razão".

LAPPONI, Giuseppe — "Ipnotismo e Spiritismo".

LOBATO, Monteiro:

- "Na Antevéspera";
- "Prefácios e Entrevistas";
- "A Barca de Gleyre".

LOMBROSO, César — "Hipnotismo e Espiritismo".

LUIZ, André:

- "Missionários da Luz";
- "Libertação".

MAXWELL, J. — "Les Phénomènes Psychiques".

MORSELLI, Enrico:

- "Psicologia e Spiritismo";
- "La Psicanalisi".

OATEN, Ernest W. — "Algumas Considerações Sobre a Materialização".

OCHOROWICZ, Julien — "Anais de Ciências Psíquicas", 1894.

OLCOTT, Henry:

- "People From the Other World";
- "Ol Diary Leaves".

PATON, L. W. — "Spiritism and the Cult of the Dead in the Antiquity".

PIRES, Herculano — "Os Três Caminhos de Hécate".

PREL, Karl du — "O Outro Lado da Vida".

QUENTAL, Antero de — "Prosas Escolhidas".

RICHET, Charles:

- "Traité de Métapsychique";
- "A Grande Esperança";
- "Deve-se Estudar o Espiritismo?".

ROGERS, Edmond Dawson — "Beginnings of Seership".

SCHRENCK-NOTZING, Alberto de — "Les Phénomènes Physiques de la Médiumnité".

SILVA MELLO — "Mistérios e Realidades Dêste e do Outro Mundo".

TRAVASSOS, Nelson Palma:

- "Minhas Memórias dos Monteiros Lobatos";
- "Nos Bastidores da Literatura".

VELHO, A. Martins — "O Espiritismo Contemporâneo".

VENZANO, Giuseppe — "Nel Mondo degli Invisibili".

WALLACE, Alfred Russel — "On Miracles and Modern Spiritualism".

XAVIER, Francisco Cândido — "Parnaso de Além-Túmulo".

## I N D I C E

### PRIMEIRA PARTE

#### CAPÍTULOS

I — Sofrimento e glorificação da mediunidade .....	11
II — A revista "Fatos & Fotos" desmente "O Cruzeiro" .....	25
III — Experimentadores e médiuns .....	33
IV — Willian Eglinton — Leonora E. Piper — Eva C... — Florence Cook E. Stanislava P... — Médiuns extraordinários .....	49

### SEGUNDA PARTE

#### CAPÍTULOS

I — Eusápia Paladino — Dados biográficos .....	67
II — Eusápia Paladino e os sábios .....	79
III — Eusápia Paladino e as comissões experimentais .....	99
IV — Eusápia Paladino e as materializações de espíritos .....	111
V — Eusápia Paladino e a erronia da crítica .....	127

### TERCEIRA PARTE

#### CAPÍTULOS

I — O espiritismo <i>segundo</i> Monteiro Lobato .....	145
II — O espiritismo <i>segundo</i> Rui Barbosa .....	179
III — O espiritismo <i>segundo</i> Coelho Neto .....	185
IV — O espiritismo <i>segundo</i> Viriato Corrêa .....	201

### QUARTA PARTE

#### CAPÍTULOS

I — Prestidigitação, ilusionismo e magia .....	207
II — Estudos sobre o ectoplasma .....	215
III — Cientistas e experimentadores .....	233
IV — O estado psicológico dos assistentes e conclusão .....	245

PRIMEIRA PARTE

- I — SOFRIMENTO E GLORIFICAÇÃO DA  
MEDIUNIDADE
- II — A REVISTA “FATOS & FOTOS” DES-  
MENTE “O CRUZEIRO”
- III — EXPERIMENTADORES E MÉDIUNS
- IV — WILLIAN EGLINTON — LEONORA E.  
PIPER — EVA C... — FLORENCE COOK  
E. STANISLAVA P... — MÉDIUNS EX-  
TRAORDINÁRIOS

SOFRIMENTO  
E  
GLORIFICAÇÃO  
DA  
MEDIUNIDADE

*"Há processos, sem dúvida, para regular a prática do mediunismo; há métodos que se devem seguir nessas práticas; há técnicas a empregar. Tudo isso já tem sido fartamente estudado e ventilado".*

CARLOS IMBASSAHY

**C**OUBE a Allan Kardec, "o ilustre Professor de Lyon", como sabem os leitores, a codificação da Doutrina Espírita. E é bem de ver, todavia, que não vamos, nestas páginas, recompor e tracejar, em quadro biográfico, tudo que fez tão preclaro e valoroso missionário. De propósito, evitamos recordar fatos e acontecimentos perfeitamente documentados durante a sua laboriosa vida, sem a necessidade de longos períodos descritivos e artificiosas comparações, pois o ilustre mestre Dr. Carlos Imbassahy, em o seu trabalho "A Missão de Allan Kardec", já dizia que "o missionário, feito pessoa, se animará por si.

Tal empreendimento, contudo, exigiu de Allan Kardec largo período de aprendizagem, de preparação, de extensa cultura e um conhecimento dos homens que só uma longa vida de renúncias pode permitir. Por isso chegou ao Espiritismo quando já se aproximava dos cinqüenta anos de vida honrada e laboriosa, na qual dominara quase todo o saber de seu tempo.

Não é possível, entretanto, deixar de salientar a impessoalidade com que êle — Allan Kardec — marcou a Terceira Revelação, a dos Espíritos.

"O erro de todos, assinalava o Codificador, está em serem que a fonte do Espiritismo é uma só, e que se baseia no parecer de um só homem. Daí a idéia de que poderão arruiná-lo, refutando essa opinião..." ("O Que É o Espiritismo", edição da F.E.B., pág. 30).



É na página 32, da mencionada obra, esclarece:

“O Espiritismo repudia, nos limites do que lhe pertence, todo o efeito maravilhoso, isto é, fora das leis da Natureza. Ele não faz milagres nem prodígios, antes explica certos efeitos, demonstrando, assim, a sua possibilidade. Ele amplia, igualmente, o domínio da Ciência, e é nisto que ele próprio se torna uma Ciência; como, porém, a descoberta dessa nova lei traz conseqüências morais, o código das conseqüências faz dele, ao mesmo tempo, uma Doutrina Filosófica”.

No mesmo livro do Codificador, vamos encontrar magníficos períodos sobre a Doutrina:

“Há entre o Espiritismo e outros sistemas filosóficos esta diferença capital: que estes são todos obra de homens, mais ou menos esclarecidos, ao passo que naquele que me atribuí, eu não tenho o mérito da intervenção de um só princípio. Diz-se: a filosofia de Platão, de Descartes, de Leibnitz; nunca se poderá dizer: a Doutrina de Allan Kardec e isto, felizmente, pois que valor pode ter um nome em assunto de tanta gravidade?”

E no outro período, prosseguiu:

“O Espiritismo é uma Ciência que acaba de nascer e da qual resta ainda muito a aprender; seria, pois, presunção de minha parte pretender levar de vencido tôdas as dificuldades; não poderei dizer mais do que sei.

O Espiritismo prende-se a todos os ramos da filosofia, metafísica, psicologia e moral; é um campo imenso que não pode ser percorrido em algumas horas” (“Obra citada, pág. 75”).

Em virtude do axioma — *nada há de nôvo debaixo do Sol* — a Doutrina dos Espíritos, realmente, nenhuma verdade nova revela, além da existência de um *mundo* espiritual, pois “na verdade ensinadas pelo Espiritismo são antes conseqüências que descobertas”.

Allan Kardec comenta, então, nas páginas finais de “O Que É o Espiritismo”, esta outra realidade:

“O Espiritismo está, pois, em a Natureza e podemos dizer que, em certa ordem de idéias, é ele uma potência, como a eletricidade o é sob outro ponto de vista, e como ainda a gravitação é uma outra. Os fenômenos, de que o mundo invisível é a fonte, produzem-se em todos os tempos; eis aí porque a história de todos os povos faz deles menção. Somente, em sua ignorância, como se deu com a eletricidade, os homens os atribuíam a causas mais ou menos racionais, e deram, nesse ponto de vista, livre curso à sua imaginação.

Melhor observado depois que se vulgarizou, o Espiritismo vem derramar luz sobre grande número de questões até hoje insolúveis

e mal compreendidas. Seu verdadeiro caráter é, pois, o de uma Ciência e não de uma Religião. E a prova disso é que conta, entre os seus aderentes, homens de tôdas as crenças, que por êsse fato não renunciaram às suas convicções”... (Obra citada, pág. 85).

Nestes trechos, tão límpidos pela simplicidade expositiva e tão nobres pelo comentário imparcial, comprova-se que o Codificador se ajusta, magnificamente às condições que deveriam revestir o missionário da revelação da Doutrina Espírita, o genuíno intermediário do Consolador.

É erro crasso supor que satisfaça aos incrédulos, o relato testemunhal de fenômenos extrafísicos para que se tornem convictos. Quem não admite no homem a existência do Espírito, também não a aceita fora dele. Portanto, negando as *causas*, negam implicitamente os *efeitos*, embora a experiência nos demonstra que cada observação tem regras próprias, não se podendo estudar com proveito uma nova ordem de fenômeno, socorrendo-se de leis e condições que regem fatos de ordem inteiramente diversa.

A ignorância das *causas* em ação e dos *efeitos* em que se manifestam explica, evidentemente, os freqüentes insucessos da Ciência positiva, o que vem indicar, nesse sentido, a insuficiência de seus conhecimentos, quando aplicados a esta ordem de pesquisas extrafísicas.

“Todos os fenômenos espíritas têm por princípio a *existência da alma, sua sobrevivência ao corpo e suas manifestações*. Fundando-se numa lei da Natureza, êsses fenômenos nada têm de *maravilhosos*, nem de *sobrenaturais*, no sentido vulgar dessas palavras. Muitos fatos são tidos por *sobrenaturais*, porque não se lhes conhece a *causa*; atribuindo-lhes uma causa, o Espiritismo os repõe no domínio dos fenômenos *naturais*. A explicação dos fatos que o Espiritismo admite, de suas causas e conseqüências morais, forma tôda uma Ciência e tôda uma Filosofia, que reclamam estudo sério, perseverante e aprofundado”. (“Livro dos Médiuns”, página 25, 27.<sup>a</sup> edição, 1960).

Os fenômenos psíquicos, hoje estudados, observados, classificados e metodizados sob a denominação de *parapsicologia*, e de há muito já conhecidos pelos espíritas e metapsiquistas, não podem ter explicação plausível, racional, científica e, portanto, lógica, senão admitindo a existência de um mundo espiritual, cuja constituição foi e continua sendo experimentalmente demonstrada.

O Espiritismo, portanto, — prova o Dr. Antônio Pinheiro Guedes, no seu inspirado estudo “Ciência Espírita” — é uma Ciência profunda, vasta, eclética, que só se obtém pelo estudo metódico, observação atenta e análise minuciosa.

O Dr. Carlos Imbassahy, afamado pelas suas magníficas obras em defesa da Doutrina Espírita, cansou-se de recomendar que "há processos, sem dúvida, para regular a prática do mediunismo; há métodos que se devem seguir nessas práticas; há técnica a empregar. Tudo isso já tem sido fartamente estudado e ventilado. Mas são os conhecedores do assunto que se podem manifestar a respeito.

Como em tôda a Ciência — prossegue o ilustre Autor — só o saber acumulado, só as observações diuturnas, só os trabalhos prolongados, diante de aparelhos ou em presença do fenómeno, poderão tornar-se aptos a estabelecer leis. Foi uma vida inteira de estudos, foi a verificação ininterrupta de médiuns, foram as experiências de dezenas de anos na presença dos melhores sensitivos europeus, que levaram Gustavo Geley a escrever um tratado sobre a prática do mediunismo". ("O Espiritismo à Luz dos Fatos", pág. 159).

E na interpretação de André Luís, um dos mentores espirituais de Francisco Cândido Xavier, "há médiuns e mediunidade, doutrina e doutrina. A causa geral dos desastres mediúnicos é a ausência da noção de responsabilidade e da recordação do dever a cumprir. E ninguém espere subir, espiritualmente, sem esforço, sem suor e sem lágrimas!... Os aprendizes ou beneficiários, nos templos da Revelação nova, podem referir-se a determinados impedimentos; mas o missionário é obrigado a caminhar com um patrimônio de certezas tais, que coisa alguma o exonera das culpas adquiridas". ("Missionário da Luz", págs. 22, 37, 39, 42, 6.<sup>a</sup> edição).

A incalculável soma das manifestações dos Espíritos, que se repetem, diariamente, em nosso globo, a reclamar cuidadosa atenção dos metapsiquistas e parapsicólogos, é interessante salientar que jamais os fenómenos psíquicos foram sobrenaturais nem extraordinários, senão porque escapam à observação dos que não os querem e nem desejam reconhecer. Sendo eles tão naturais como tudo quanto existe no Universo, são antes comuns, ordinários e até frequentes.

Mas para os ver e observar, aprender a notá-los e os reconhecer, quando ou onde quer se apresentem, é preciso descobrir o instrumento sensível, capaz de os registrar, tornando-os evidentes e palpáveis aos nossos sentidos.

Esse instrumento é o médium.

Encontrado o instrumento mediano, atestadas as suas aptidões especiais, iniciam-se as observações dos fenómenos anímicos ou espíritos, a princípio os espontâneos, depois os provocados, no intuito de reconhecer a causa produtora de tais fatos, segundo as leis a que estão sujeitos todos os Espíritos quer encarnados e desencarnados, condições essenciais ao seu evoluir material ou espiritual.

Dessa maneira visa, pois, a Doutrina Espírita, alcançar um fim nobre e sagrado, comprovando a vivência do nosso eu imortal. E para o estudo dessa ordem de fenómenos, emprega métodos, processos e instrumentos exclusivamente seus. E cria teorias, e estatui princípios, e estabelece condições. Satisfaz e preenche, dessa maneira, todos os reclamos exigidos pelos foros científicos.

O Espiritismo, portanto, é, sem dúvida, uma Ciência.

— Vejamos, enfim, o que é um médium:

Segundo a teoria espírita é uma criatura que, mercê de faculdades naturais e por exercício apropriado, é susceptível de fornecer aos desencarnados quantidade suficiente de sua matéria nervosa ou substância ectoplásmica, a fim dos espíritos desencarnados poderem fisicamente, manifestar-se.

Os médiuns — definia-os Allan Kardec — são os intermediários, os intérpretes dos Espíritos. Ao experimentador e, mesmo, ao simples observador, cabe apreciar o mérito dos instrumentos.

O manejo de um instrumento humano e delicado como o médium é complicado e difícil, e não se assemelha ao manejo comum dos instrumentos de física ou das substâncias químicas. No ponto de vista prático, necessita de apalpadelas (tâtonnements) sem número: método de trabalho, instrumentação, hipóteses, tudo é novo nesse sentido. No ponto de vista teórico, estende-se também pela Filosofia, tem pontos de contacto com a Biologia, com a Fisiologia, com a Medicina, com a História Natural, conforme opina o Dr. Gustavo Geley, em seu estudo L'Ectoplasmie et la Clairvoyance", páginas 2 e 3.

E não há no mundo — já o dizia Allan Kardec no seu Evangelho Segundo o Espiritismo — um só médium que possa garantir a obtenção de um fenómeno espírita em determinado momento.

O Conselheiro Professor Alexandre Aksakoff, em "Animismo e Espiritismo", afirma que todos os espíritos sabem que as manifestações não dependem da vontade do médium, quer se trate de manifestações intelectuais quer as de efeitos físicos, êle não as pode provocar.

Fácilmente sugestionáveis — acrescenta Gustavo Geley na página 56 do seu "Resumo da Doutrina Espírita" — os médiuns inconscientes perdem a consciência normal e, durante a produção dos fenómenos importantes, entram em sono especial denominado transe.

Os sensitivos quando em estado de transe — explica-nos o Dr. Carlos Imbassahy no seu estudo "A Mediunidade e a Lei" — muitas vezes sofrem, em maior ou menor escala, o adormecimento da razão, sem raciocínio próprio. Frequentemente não sabem o que fazem,

o que dizem, o que vêem, o que ouvem ou que escrevem. O Espírito de um morto se apossa do organismo-vivo do médium para se manifestar, e volta a ser, aqui na Terra, o mesmo ser que foi.

E qualquer indisposição menos ligeira atenua ou suprime momentaneamente as suas faculdades. A fadiga muscular ou mental, o esgotamento nervoso, produzem a mesma ação inibitória. E o médium é um ser de tal maneira sensível, que sofre as menores impressões morais, com impetuosidade excessiva, observa o citado Autor.

Num outro lance, acrescenta:

“Se vê em tórno de si pessoas e instrumentos estranhos de investigação e exame ou qualquer material de laboratório, receia experiências dolorosas para êle, cuja desconfiança aumentará na razão direta da sua ignorância”.

Em “O Livro dos Médiuns”, Allan Kardec, considerando o desgaste psíquico do sensitivo, recomenda-lhe moderação, empregando os vocábulos que seguem:

“O exercício prolongado de qualquer faculdade acarreta fadiga; a mediunidade está no mesmo caso, principalmente a que se aplica aos *efeitos físicos*, ela ocasiona, necessariamente, um dispêndio de fluido, que traz a fadiga, mas que se repara pelo repouso”. (Pág. 219).

Noutra página, o Codificador da Doutrina Espírita prossegue:

“O médium de *efeitos físicos*, do mesmo modo que os de *comunicações inteligentes*, não recebe, para seu gozo, a felicidade que possui. Teve-a sob a condição de fazer dela bom uso: se, portanto, abusa, pode dar-se que lhe seja retirada, ou redunde em detrimento, seu, porque, afinal, os Espíritos inferiores estão subordinados aos superiores”. (*Ibidem*, pág 345).

No item número 308, da página supracitada, conclui o missionário de Lyon:

“A faculdade mediúnica, *mesmo restrita às manifestações físicas*, não foi dada ao homem para ostentá-la nos teatros de feira e quem quer pretenda ter às suas ordens os Espíritos, para exhibir em público, está no caso de ser, com justiça, suspeitado de charlatanismo, ou de mais ou menos hábil prestidigitador. Assim se entenda tôdas as vezes que apareçam anúncios de pretendidas sessões de *Espiritismo*, ou de *Espiritualismo*, a tanto por cabeça. Lembrem-se todos do direito que compram ao entrar. De tudo o que precede, concluímos que o mais absoluto desinteresse é a melhor garantia contra o charlatanismo”.

Seria difícil esplanar, cientificamente, as razões determinantes da sensibilidade mediúnica. Todavia, há quem afirme que há, nela, o selo da Sabedoria Divina... E o médium deve, também, convercer-se dessa realidade, a fim de conceber, o mais claramente possível, a alta missão que lhe cabe desenvolver na Terra.

Se os médiuns são os *instrumentos* da experimentação psíquica prática, urge nunca confundi-los com balanças e microscópios, ou então com o magnetômetro de Fortin, o galvanômetro de Crookes, o dinamoscópico de Coulanges, o biômetro de Baraduc, o pêndulo de Thorre, etc., pois, na opinião justiceira do Dr. Sérgio Vale, são seres vivos, conscientes, dotados de livre arbítrio, seres através dos quais outros seres não menos vivos, não menos conscientes e não menos caprichosos podem manifestar-se de mil maneiras.

Querem-se não somente dotados de verdadeira mediunidade, senão também credores de confiança e portadores daquela moral própria da espécie. Não é obrigatório, infelizmente, que a mediunidade implique a moralidade. Criaturas humanas, podem ser imperfeitas, falíveis, mercenárias. Mas, como pondera Edward Green, o médium cômico da sua responsabilidade não deve permitir que o seu entusiasmo se arrefeça ante a injustiça árdua e ímproba dos homens, mas, generosamente, compensada lá no Alto, em prol da causa pela qual lhe cabe a glória de servir.

Poderíamos citar inúmeros exemplos de renúncias e sacrifícios a que se submetem os sensitivos... Todavia, jamais êles receberam melhor demonstração de respeito e homenagem, sintetizado neste período e escrito por um grande coração:

“Os médiuns são os maravilhosos missionários dos tempos modernos e da maior de tôdas as causas nobres. E o bem que êles têm feito, derramando em seu derredor a maior de tôdas as bênçãos — a certeza imortal de uma outra vida — nunca poderá ser avaliado por esta geração”.

Tomemos, por modelo, as renúncias dos irmãos Horatio e William Eddy, cujos sofrimentos estão registrados nos trabalhos do Coronel Henry Steel Olcott, “Old Diary Leaves” (Fôlhas Velhas de Um diário) e “People From the Other World” (Gente do Outro Mundo).

Foi um exemplo de precaução a tomar nas experimentações medianímicas a vida amargurada da notável sensitiva Elisabete D’Espérance desde o instante em que o fantasma foi agarrado por um desavisado experimentador de Helsingør, supondo que a materialização do espírito de Iolanda fôsse mistificação da médium. O acidente a invalidou durante longos meses, tal o impacto sofrido com o retôrno violento dos ectoplasmas no seu corpo, segundo as documentações divulgadas pelo Professor Alexandre Aksakoff em sua obra “A Case of Patial Desmaterialization” (Um Caso de Desma-

terialização Parcial); por Sir Arthur Conan Doyle em a "História do Espiritismo"; e no livro de Elizabeth D'Espérance — "O País das Sombras", edição da F. E. B., Rio.

O leitor que atentar na leitura do livro de Sir Arthur Conan Doyle "História do Espiritismo", magnífica e fiel tradução do Professor Dr. Júlio de Abreu Filho e impresso pela Editôra "O Pensamento", há de ficar ciente dos secretos motivos que sempre atormentaram a vida dos grandes médiums e há de concordar que sobre êles, presentemente, ainda se repetem os mesmos processos escusos e as mesmas campanhas ordinárias, muito eficientes pelos idos de 1850, pois, quando os sensitivos não eram acusados de ilusionistas, prestidigitadores e prestimanos, por um grupo interessado em desmoralizá-los, sê-lo-iam, fatalmente, apontados como *farsantes, falsários e farsistas* por outro grupo, servindo-nos de mostruário a opinião dos cinco habilidosos repórteres de "O Cruzeiro".

Fixemos agora, por exemplo, as irmãs Fox — Margaret com quinze anos de idade, Kate apenas com doze e Lea a mais velha — quando em março de 1848 passaram a ouvir, durante o dia e especialmente à noite, estranhos ruídos e golpes misteriosos, ora designado pelo vocábulo "rape" (1). Por intermédio das meninas Fox, iniciaram-se, assim, as primeiras manifestações *físicas e inteligentes* dos Espíritos, expondo-se as jovens a todo excesso de controles primários, engendrados pelos inscientes e curiosos "torquemadas" que residiam na cidade de Hydesville, possuídos pelo ardente desejo de desmarcar o embuste do suposto "Espírito batedor", até surgir, mais tarde, a reação vigorosa das investigações cientificamente metodizadas pelo Dr. George T. Dexter, cirurgião afamado e Professor de Medicina, e pelo célebre Dr. John W. Edmonds, presidente da Suprema Côrte de Justiça de Nova Iorque, cujas pesquisas se popularizaram através do livro "Spiritualism". A segunda edição da obra tornou-se mais valiosa com o "Apêndice" do *honorable* Nathaniel P. Tallmadge, governador do Estado de Wiscosin, político de alto prestígio nacional e jornalista excelente (Vide: obra citada, páginas 36 e seguintes).

A reforçar a posição documental das experiências de Hydesville, surgem, então, os estudos do Dr. Robert Hare, professor da Universidade de Pensilvânia, cujas observações estão enfeixadas no volume "Experimental Investigation of the Spirit Manifestations"; os do

(1) O vocábulo "rape" é derivado do inglês "rapping" e significa ação de bater com a ponta dos dedos. "É ação delicada, esclarece o ilustre escritor espírita Dr. Canuto Abreu, mas implica sempre, como ação que é, em um agente. É sinal comum de presença de alguém. No caso, o agente era invisível. De aí sua extraordinária importância". ("O Evangelho Por Fora", pág. 55, tomo III, edição da Lake).

Dr. Robert Dale Owen, ministro e membro do Congresso Americano, no seu trabalho "The Debatable Land", as do Professor William Crookes, da Sociedade Real de Londres, no seu importante labor "Researches in the Phenomena of the Spiritualism". Consultem-se, também, os estudos de Harding Britte, "Autobiography", página 40; os de Benjamin Coleman, "The Spiritual Magazine", páginas 525 e 526; os do Dr. Capron, "Modern Spiritualism", páginas 197, 359 e 375; os de Harding Britten, "Modern American Spiritualism"; os de André Jackson Davis, "Filosofia Harmônica"; e, finalmente, os de Emmanuel Swedenborg, "Céu e Inferno", "A Nova Jerusalém" e "Arcana Cœlestia".

\* \* \*

Daniel Dunglas Home nasceu em 1833 na aldeia de Currie, próxima da cidade de Edimburgo e faleceu em 1886 aos cinquenta e três anos, atormentado por uma afecção pulmonar, que lhe amargurou os últimos vinte anos de existência.

Eis, em síntese, a vida dêsse notável médium:

Aos vinte e dois anos, já com os primeiros sintomas da enfermidade, chegou a Liverpool a 9 de abril de 1855, e segundo a descrição de Sir Arthur Conan Doyle feita na "História do Espiritismo", páginas 170 a 173, Daniel Dunglas Home era um "jovem alto, esguio, de marcada elegância e exagerada limpeza no vestir, mas com olhar típico e uma expressão que traía a devastidão feita pela moléstia.

Tinha olhos azuis e os cabelos castanhos; era dêsse tipo facilmente sujeito a tuberculose e a extrema emaciação mostrava quanto era insignificante a sua capacidade de resistência. Um médico, bom observador, certamente lhe faria um prognóstico de uns meses de vida, num clima úmido como o da Inglaterra e de tôdas as maravilhas que Home realizava, o *prolongamento* da sua vida certamente não foi dos menores.

É absolutamente certo que lhe foram oferecidas duas mil libras pelo Clube União, de Paris, no ano de 1857, por uma única sessão, e que êle pobre e inválido, as recusou, terminantemente, por carta, usando estas expressões:

— Fui mandado em *missão*. Essa missão é mostrar a *imortalidade*. Nunca recebi dinheiro por isso e jamais o receberei.

E num. outro período da missiva, explicou:

— Tenho êsses poderes e serei feliz até o limite das minhas forças, em vo-los demonstrar, se vos aproximardes de mim, do mesmo modo que um cavalheiro se aproxima de outro. Alegrar-me-ei se lançardes um pouco mais de luz sobre elas. Durante meses elas

me *abandonam*, mas *voltam* com redobrada energia. Eu sou um instrumento passivo — nada mais.

Contaminado pela traiçoeira moléstia, Daniel Dunglas Home jamais deixou de satisfazer as solicitações dos sábios, as dos experimentadores e, em particular, as dos seus amigos até no período mais agudo de sofrimento. Daí as expressivas palavras de gratidão da Sra. Webster:

— Ele é o mais maravilhoso missionário dos tempos modernos e da maior de tôdas as causas, e o bem que êle tem feito não pode ser avaliado. Quando Home passa, derrama em seu redor a maior de tôdas as bênçãos — a certeza da vida futura.

No dia 15 de janeiro de 1866, vinte anos antes de seu desencarne, Daniel Dunglas Home realizou uma conferência em Londres, na Sala Willis, “encerrando-a com uma frutuosa mensagem de esperança e consolação que afetou, profundamente, o pensamento da sua geração”, segundo as notícias e comentários divulgados pelos principais órgãos da imprensa londrina:

— Penso, sinceramente, dizia Home, que essa *força* aumentará cada vez mais para nos aproximar de Deus. Perguntareis se ela nos torna mais puro. Minha única resposta é que somos mortais apenas, e como tal, sujeitos ao erro. Mas ela ensina que aquêles de *coração puro* verão a Deus. Ela nos ensina que Deus é amor e que não há morte. Aos velhos ela vem como uma consolação, quando se aproximam as tempestades da vida e quando chega o descanso. Aos moços ela fala do dever que temos uns para com outros e diz que colheremos o que houvermos semeado. A todos ensina resignação. Vem desfazer as nuvens do erro e trazer a manhã radiosa de um dia interminável (Obra citada, pág. 179).

Seria ousado pintar a figura de Daniel Dunglas Home como um caráter sem jaça, analisa, serenamente, Sir Arthur Conan Doyle; enquanto Lorde Dunraven afirma “que êle possuía os defeitos de um caráter emotivo, sujeito a grandes depressões e crises nervosas dificilmente compreensíveis, mas era também simples, bondoso, de bom humor, de disposição que me atraía. Minha amizade ficou inalterável e sem diminuição até o fim”.

Tais palavras retratam, em suma, o perfil biográfico da vida, pensamento e ação do poderoso médium. Caluniado, difamado e combatido impiedosamente pelos opositores, mas sempre respeitado, admirado, compreendido e amparado pelos mais eminentes vultos daquela época, “que estudaram, analisaram e investigaram o fenómeno Home”, durante dias, décadas, entre os quais poderiam sobressair as figuras do grande poeta Bryan, do escritor T. A. Trollope, do polemista William Gregory, do famoso novelista Lorde Lyton, do historiador Andrew Lang (autor de “Historical Myste-

ries”), do Dr. S. C. Hall, do médico H. T. Humphreys, do alienista Dr. J. Garth Wilkinson, do célebre Robert Bell, do ilustre Robert Chambers, do Capitão G. Wynne, do Professor G. G. Stockes, da Sociedade Real de Londres, do Professor Wells da Universidade de Harvard, do Professor Challis da Universidade de Cambridge, do Professor Mapes da Academia Nacional dos Estados Unidos, do Professor George Bush, do Conde Agénor Gasparin, do Conde de Komar, do Conde de Beaumont, do Conde Duraven, do Imperador Napoleão III, do Tzar Alexandre, do Imperador Guilherme I, de Lorde Adare, de Lorde Brougham, de Lorde Clarence Paget, de Lord Dufferin, de Lorde Edwin Arnold, de Lorde Lyndhurst, de Lorde Lindsay, de Sir Daniel Cooper, de Sir David Brewster, de Sir Charles Micholson, de Sir William Thomson, de Sir Emerson Tennent, de Sir Almeric Fitzroy (autor de *Memórias*), de Sir J. J. Tomson presidente da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres, de Sr. Charles Whatotone, de Sir William Crookes da Sociedade Real de Londres, entre dezenas de outros afamados experimentadores, cujos nomes seria impossível citar nestas linhas (2).

\* \* \*

A miraculosa criatura humana — o médium — que pelas raízes do organismo se confunde com o último dos minerais e pelas raízes do Espírito se adjuge ao primeiro arquétipo dos anjos, êsse delicado missionário que se verga ao péso da própria responsabilidade e se calcina ao fogo da própria mediunidade, e que se contorce a cada *ressurgimento* do adnato e se apaga no mar das próprias lágrimas, pois bem, êsse privilegiado ser nascido com a responsabilidade de servir de mediano entre os dois pólos da Vida material e espiritual, de carne e ossos como nós, quase vivendo do seu morrer e morre continuamente em tôdas as experiências psi-

(2) Aos leitores interessados em coligir informes preciosos e precisos sobre os dotes mediúnicos de Daniel Home, podemos indicar-lhes as fontes genuínas: “Sciences Versus Spiritualism”, de Agénor Gasparin; “Memórias”, de Almeric Fitzroy; “Historical Mysteres”, de Andrew Lang; “Incidents in My Lief”, D. D. Home; “Home Life of Sir David Braester”, de Gordon; “Lights and Shadows of the Spiritualism”, de Jencken; “Researches in the Phenomena of Spiritualism”, de William Crookes; e “História do Espiritismo”, de Sir Arthur Conan Doyle, fielmente traduzida pelo ilustre Professor Dr. Júlio de Abreu Filho e prefaciada pelo brilhante jornalista espírita Professor J. Herculiano Pires.

Consultem-se também os magníficos artigos do Dr. Robert Bell, publicados in “Cornhill”, de 1870 e 1871; e as vigorosas polémicas de Sir William Crookes, impressas no “Quartely Journal of Science”, correspondentes aos meses de julho de 1870 a janeiro de 1871 e de outubro do mesmo ano. O jornal “Écho”, edição de 6 de novembro de 1871; “The Spiritualist” (jornal), de 29 de maio de 1874; e por fim, a “Quarterly Review” de outubro de 1870.

quicas para que, de sua obnubilação temporária, os *mortos* possam demonstrar aos *vivos* a imortalidade da alma, êle — o médium — há de arrastar, também, consigo, a tortura angustiante das imputações maliciosas de “falsário, farsista e farsante”, tomando-se, como *exemplo único, a única reunião de Uberaba e pela primeira vez assistida* pelos cinco repórteres de “O Cruzeiro”, mas, inegavelmente, por demais explorada e adulterada por êles.

“Após a primeira reportagem de quatorze páginas, favoráveis às nossas pesquisas, seria muito mais cômodo para nós negar-lhes acesso aos experimentos”, revidaram, imediatamente, os experimentadores de Uberaba. “Dessa maneira — explicavam êles — ninguém pode negar-nos a isenção de ânimo, ao admitir-lhes a presença em nossas observações, *sabedores estranhos ao assunto*, atitude que se pode comprovar através da segunda *reportagem* da revista “O Cruzeiro”, em tórno do tema que nos serve de motivo à presente elucidação” (3).

Mas, como se expressa o adágio: “alegria de pobre sempre dura pouco”...

Dias depois do feliz evento, a 1.º de fevereiro de 1964, volveram os cronistas de “O Cruzeiro”, furiosamente escorados pelas colunas da revista e montados sobre a lei da liberdade de imprensa, a difamar, a acusar e a desafiar a médium Otilia e o grupo de experimentadores, constituído por médicos ilustres, entre os quais três professores de medicina (4), passando os repórteres, daí em diante, a documentar, nas páginas da revista, o mau uso e o péssimo abuso desses privilégios e regalias, sobretudo quando êles nos ensinam e explicam a técnica da arte dos “truques fotográficos” (5).

(3) Vide a revista “O Cruzeiro”, de 18 de janeiro de 1964.

(4) Estavam presentes à experiência de Uberaba dezesseis médicos e três professores de medicina, a saber:

Drs. Waldo Vieira, Antônio Ferreira da Silva, Flávio Pinheiro, Ismael Ferreira de Rezende, Milton Scaff, Mário da Silva, Gil Perche de Menezes, Elias Boianain, José Hortêncio de Medeiros Sobrinho, Cleonar Borges de Oliveira, Alberto Calvo, Adolor Alves de Gouveia, Osvaldo Castro, Sebastião de Melo, Armando Valente do Couto, José Américo Junqueira de Matos, Eurípedes Tahan Viera (Professor de Clínica Cirúrgica), Aldroado Modesto Gil (Professor de Psiquiatria e Psicologia) e Elias Barbosa (Professor de Farmacologia e Terapêutica Experimental).

(5) Mário de Moraes — “O Eterno Fauno — crônica publicada na página 85 da Revista “O Cruzeiro”, de 1.º de fevereiro de 1964. Consultem-se, também, as seguintes fontes: “Fenômenos de Materialização — Réplica à Revista “O Cruzeiro”, — publicado no jornal *Diário da Noite*, de 23 de janeiro de 1964 e “Farsa de Materialização é Farsa de Repórteres — Laudo Pericial do Professor Carlos Petit”, divulgado pelo *Diário da Noite*, de 7 de fevereiro de 1964.

e nos demonstram a eficiência das artimanhas das “montagens redatoriais” para confundir, dividir e burlar a opinião pública, naquele momento já por demais agravada com a tentativa de suicídio da médium Otilia, em Campinas.

Tivemos, em suma, a paciência e o trabalho de examinar e comparar os ditos trechos que constituem as *montagens redatoriais* de “O Cruzeiro”. E encontramos as páginas do velho Mestre da Sorbonne, retalhadas e adulteradas profundamente. Outras vezes, das colunas de “O Cruzeiro”, saltam-nos aos olhos as “habilidades” sempre crescentes dos cinco impolutos repórteres, sobejamente afamados. Sobretudo quando êles, num passe de malabarismo, se põem a *transportar pequenos trechos* isolados do último período de página 528, da versão espanhola do “Tratado” de Richet, para as colunas das páginas 10 e 11 do citado órgão.

*Pequenos trechos* que foram, todavia, *manhosamente* truncados e isolados, e *hàbilmente* enxertados e impressos entre os períodos quinto e sétimo da página 10 e o período segundo da página 11, embora, no parecer opiniático dos cinco honrados profissionais, assegurem êles que “O Cruzeiro traz para suas páginas a *palavra autorizada de Charles Richet, grande mestre da metapsíquica, sobre os vários fenômenos de materialização*” — sobretítulo a enfeitar o título principal da página 10: “A CIÊNCIA ESMAGA A FRAUDE DE UBERABA” — reportagem de Mário de Moraes, Nilo de Oliveira, Jorge Audi, Henri Ballot e José Nicolau.

Recomendamos também ao leitor, de modo especial, a leitura atenta do texto compreendido entre as páginas 528 a 536, da segunda edição do livro “Tratado de Metapsíquica” de Charles Richet, publicado pela Editorial Araluce, Barcelona, em 1925. E confronte, depois, o leitor, pacientemente, o texto do citado autor com as páginas 10 e 11 de “O Cruzeiro”, de 15 de fevereiro de 1964; a seguir, analise “a maneira” de *traduzir* e de *transcrever* para as colunas da revista os parágrafos do “Tratado”, onde jamais se cuidou de citar os números das páginas do grande Fisiologista francês, embora sempre em destaque nas *transcrições* dos cinco magníficos repórteres de “O Cruzeiro”.

Para facilitar as pesquisas, vamos, portanto, indicar ao leitor o roteiro mais seguro: partimos do *quinto período* da página 10 da revista para o *último período* da página 528 do “Tratado”; depois vamos encontrar no *sexto período* da revista a transcrição de *uma linha e meia do primeiro período* da página 528 e, finalmente, mais duas linhas extraídas do meio do texto da citada página de Richet e que estão transcritas no *sétimo período* da página 10 da mencionada revista.

Da página 528 saltamos, então, para as de números 534, 535 e 536. Depois da página 536 *voltamos novamente* para a 528. A seguir *pulamos* para a página 530. Finalmente paramos de saltar nas páginas 531 e 532, quando terminam os saltos e assaltos do artigo da página 11 da revista, impressa sob o pomposo título — “Richet Condena a Fraude de Uberaba”...

## CAPÍTULO II

A REVISTA  
“FATOS & FOTOS”  
DESMENTE  
“O CRUZEIRO”

*“Incrédulos, mas com absoluta isenção de ânimo, um repórter e um fotógrafo de “Fatos & Fotos” apresentam, aqui, um relato minucioso da experiência que viveram”...*

SALOMÃO SCHVARTZMAN  
(Repórter)

A EXPANSÃO da sensibilidade mediúnica de Otília Diogo não pode e nem deve ser considerada como mero anacronismo das épocas suspeitas e das desconfianças de que alguma coisa mais havia lá *no outro lado da vida*, principalmente quando pela via extranatural um Espírito desencarnado se manifesta com aquêl realismo que nos foi descrito, imparcialmente, pelos repórteres Salomão Schvartzman e Geraldo Móri.

Ante o pronunciamento acusatório dos cinco profissionais de “O Cruzeiro”, a médium Otília, os dezesseis médicos e os três Professôres de medicina foram tidos e mantidos como “*farsantes, falsários e farsistas*”, embora durante o decorrer do trabalho experimental, independente da sensitiva, o fantasma fala, demonstra possuir inteligência própria, lucidez perfeita, personalidade definida, consciência plena e vigilante. Interrogado responde em linguagem escorreita e de acôrdo com seu modo de raciocinar. Declina o seu nome anterior — Irmã Josefa. Ao contrário da queda da maçã, que é absolutamente muda e surda, o fenômeno é inteligente, dispensa a apresentação e dá de si mesmo tôdas as provas de identidade.

Oposto às reportagens de “O Cruzeiro”, temos, então, a da revista “Fatos & Fotos”, edição de 3 de agosto de 1963, exemplar n.º 131, descrita pelo repórter Salomão Schvartzman, com todos os visos de veracidade do fenômeno, a apontar a realidade do seu

“Encontro Com o Outro Mundo”, conforme a descrição introdutória que vamos reproduzir da página 14:

“Esta não é apenas mais uma reportagem que se publica sobre fatos misteriosos, atribuídos ao Além. O que se vai ler nas próximas páginas é um depoimento excepcional, sob todos os pontos de vista. E é sobretudo a sinceridade com que foi feito que o valoriza.

*Incrédulo, mas com absoluta isenção de ânimo*, um repórter e um fotógrafo de “Fatos & Fotos” apresentam, aqui, um relato minucioso da estranhíssima experiência que viveram: numa cidade do interior mineiro assistiram a uma sessão de Espiritismo e *testemunharam a materialização do espírito de uma Freira. Seus esforços por desmascarar uma farsa ou descobrir um embuste foram baldados.*

Ao final, tiveram ambos que ceder à evidência do que *seus olhos viram e que a máquina fotográfica registrou*, mesmo sem ser resposta para tôdas as perguntas: Como aconteceu? por quê? Existe então na verdade o Outro Mundo? Como é? Para quem é?

Na página seguinte o repórter Salomão Schwartzman transfere, então, para as colunas da revista “Fatos & Fotos”, tudo que viu e sentiu, que observou e examinou, que analisou e comparou no transcurso da sessão experimental com a médium Sra. Otília Diogo, durante cento e vinte minutos de expectativas, mas logo incontestavelmente documentadas pela máquina fotográfica do repórter Osvaldo Móri — “*dois descrentes em matéria de Espiritismo*”, sinopse biográfica da posição de ambos, em tal situação.

Apesar de *descrentes* nada, absolutamente nada, conseguiu contaminar-lhes a lisura moral para descrever os fatos examinados, o que vale dizer: prova provada da honradez profissional entre êles, a sobredourar o relato fiel de um “Encontro Com o Outro Mundo”, conforme os períodos que seguem:

“Quero relatar de maneira minuciosa — acentua o repórter Salomão Schwartzman — tudo o que vi na sessão espírita do Centro Paz e Amor, na cidade de Andradas, no interior de Minas Gerais, no dia 17 de julho último. Eu e Geraldo Móri, *dois descrentes em matéria de Espiritismo*, viajamos mais de quatrocentos quilômetros para comprovar a materialização de um Espírito e trazer aos leitores de “Fatos & Fotos” o relato honesto dos cento e vinte minutos que passamos no interior da casa número 138 da Rua do Mercado.

Em tôda a minha vida — prossegue o repórter Salomão Schwartzman — eu jamais havia assistido a qualquer trabalho dessa natureza. Movia-me o desejo da reportagem, tão-somente, imbuído de um respeito simples que todos guardamos dentro de nós quando

nos defrontamos com algo desconhecido. Confesso que, de início, antes que começasse a sessão, alimentei a vontade de descobrir uma *possível fraude*. Meus olhos bailaram de cá para lá, de baixo para cima, procurando um teto falso, um túnel, um buraco, uma porta secreta, qualquer coisa, enfim, que me levasse a pôr em dúvida a seriedade daquele espetáculo. Nada encontrei. A médium, uma mulhr baixa e magra, aparentando trinta anos, voz fina de mulher do interior, usando um vestido largo e um suéter grosso e sapatos baixos, me dava a idéia de qualquer coisa incomum. Seu nome: Otília Diogo. Casada, mãe de duas filhas.

“Até aquêlo momento — quando o presidente do Centro, Antenor Risso preparava a assistência, discorrendo sobre a necessidade que temos de expulsar de nossas mentes e corações a vaidade, o orgulho e a grandeza mesquinhos a fim de que possamos nos aproximar mais e mais de Jesus — eu não imaginava o que para mim estava reservado, para alguns instantes depois”.

Em outro período do texto, o repórter Salomão Schwartzman prossegue a descrever o desenrolar dos demais acontecimentos, conforme as palavras que se sucedem:

“Homens, de um lado, mulheres, de outro. Antenor conduziu a médium Otília até um tablado de madeira, onde uma cadeira especial a esperava. Foi amarrada com duas correias que se fechavam por um cadeado. A chave ficou em poder de Antenor.

A minha expectativa aumentava. Subi até o tablado e examinei o local onde Otília já estava, pois assim que a sessão começasse uma cortina a separaria de nós, a fim de que lá não penetrasse a mínima réstia de luz. O teto era de cimento, como as paredes, que também não tinham o menor defeito, rachadura ou porta.

...“A luz foi desligada. A escuridão era absoluta — eu não enxergava minha própria mão”... “Os segundos se passavam e eu esperava a qualquer momento a materialização da Irmã Josefa”.

E num outro período o repórter de *Fatos & Fotos* prossegue:

Eu continuava na cadeira, enquanto Móri permanecia agarrado à máquina e ao “flash”. Ordens severas haviam sido dadas no sentido de que somente tirasse fotografias depois da autorização do próprio Espírito...

“De repente, em meio da escuridão, vislumbrei um vulto branco. Era o Espírito que aparecia e que se anunciava como Irmã Josefa. Todos renderam graças a Deus. Fiquei estático. A preocupação de descobrir qualquer indício de embuste tirou-me o medo. *Mas não vi nenhuma mistificação*. E a Irmã Josefa lá estava, com apenas uma pequeníssima parte de seu rosto e a laringe iluminadas por uma luz fosforescente. Não se lhe viam os olhos, a boca e o nariz.



A luminosidade diminuta de uma parte de sua laringe — repito — era o que se enxergava. E Josefa falou”.

...“Antenor destacou-se da assistência e perguntou se o fotógrafo poderia tirar umas chapas. Irmã Josefa, numa voz muito meiga, envolvente, disse:

— Sim. E por que não?

O *flash* explodiu pela primeira vez dentro daquela colossal escuridão. Na claridade momentânea, vi o Espírito materializado numa vestimenta branca, comprida, tocando o chão”.

...“Eu não queria acreditar no que via. Mas via. Não podia deixar passar aquela chance de entrevistar um Espírito. Tateei no escuro a mão de Antenor Risso, que sentava próximo de mim, e perguntei-lhe se poderia conversar com a Irmã. Ele transmitiu minha pergunta e obtive a autorização de Irmã Josefa. Levantei-me e falei:

- Vim de longe para falar com a senhora...
- Viva Jesus!
- ...e quero saber se tenho bons fluidos para isso.
- Ótimos.
- A senhora nasceu onde?
- Na Alemanha.
- E onde morreu?
- Em Campinas.
- Qual o número de seu túmulo?
- Número dez.

Nesse instante, minhas pernas tremeram. Vacilei e me sentei. Mas meu espanto foi ainda maior quando Irmã Josefa dirigiu-se a *uma môça que me acompanhava* (e que ninguém dali conhecia absolutamente). Eu sabia que ela tinha perdido seu pai, há sete meses. E Irmã Josefa lhe disse, estendendo-lha uma cruz:

— Entrego essa cruz à mocinha que perdeu o pai há pouco tempo.

Antenor entregou a cruz. A môça perguntou se o pai estava bem.

— Estava bem e agora estará melhor, porque andaré comigo — disse Irmã Josefa, enquanto sua testa se movia para cima e algumas vêzes para o lado”.

Destacamos, por último, os três períodos elaborados pelo repórter Salomão Schwartzman, porque foram vazados em nome do bom senso, do equilíbrio profissional e da evidência dos fatos. São de tal maneira claros, concisos e simples, que dispensam as delongas de qualquer comentário apreciativo.

“O Espírito materializado — informa o repórter — avisa que vai embora. O ectoplasma está acabando. Todos rendem graças a Deus e a luz é ligada novamente. No aclarar-se a sala, já não se vê mais a Irmã Josefa. Desapareceu.

Meus olhos ardem. A cortina é aberta e a médium é libertada, sob as minhas vistas. Nenhum buraco no chão, *nenhum sinal de vestimenta branca, nenhum* teto falso, nada, nada. Otília ainda se debate. Estrebucha. É acalmada. Um líquido branco — o plasma — escorre da sua bôca. Móri fotografa sobre o tablado.

Eu acabara de assistir a um espetáculo raro, como jamais sonhei ver. Durou noventa minutos a escuridão total. Sai da sala perguntando-me se tudo aquilo era mesmo verdade. Não sabia responder. — Vi, ouvi, senti. É agora?” (Vide “Fatos & Fotos”, n.º 131, de 3-8-63).

Sem desmerecer as considerações do honrado repórter Salomão Schwartzman — uma inteligência ativa e uma vida limpa a serviço da nobre profissão de bem informar o público — vamos pedir ao Professor Charles Richet, tão respeitado fisiologista quanto psicólogo, as palavras que após à sua assinatura ao prefaciador uma das obras do Professor Julien Ochorowicz, da Universidade de Lemberg, pois servirão de roteiro ao nosso estimado repórter:

“Sei demasiadamente bem — por minha própria experiência — *quanto é difícil crer naquilo que se viu*, (o grifo é de Richet) quando o que foi visto não está de acôrdo com as idéias gerais, vulgares, que formam o fundo dos nossos conhecimentos. Há quinze dias vi tal fato espantoso, que me convenceu. Hoje meneio a cabeça, e começo a pô-lo em dúvida. Daqui a seis meses, êle se desvanecerá por completo da minha crença. Está nisso uma curiosa anomalia de nossa inteligência. Não basta em definitivo, para produzir a convicção, que um fato seja logicamente e experimentalmente provado: é preciso que lhe tomemos, por assim dizer, o *hábito intelectual*. Se êle vai de encontro à nossa rotina, é repellido e desdenhado.

Eis o que se chama ordinariamente o *bom senso*. É o bom senso que faz rejeitar tôdas as idéias inesperadas, novas; é o bom senso que regula a nossa conduta e dirige as nossas opiniões. De fato! Esse bom senso de que o mundo se orgulha tanto não é mais do que uma rotina da inteligência. O bom senso de hoje não é o bom senso de há duzentos anos, nem o bom senso de há dois mil anos. O bom senso de há dois mil anos era crer que o Sol andava em volta da Terra e se deitava tôdas as tardes no Oceano”.

Aproveitando-se, por fim, o pensamento do saudoso Professor da Universidade de Paris, afirmaremos, então, aos cinco despreo-

cupados profissionais de "O Cruzeiro", que se eles tivessem tido, pelo menos, o necessário "bom senso" de que nos fala o Professor Charles Richet para compreender e respeitar a gama enorme de dificuldades que podem *neutralizar a expansão ectoplásmica* do médium em qualquer experiência extrasensorial de consequência física, especialmente quando se cuida da materialização de um Espírito, já desligado das condições somáticas, diferente teria sido o procedimento deles durante o decurso da experiência de Uberaba.

Faltaram, portanto, aos cinco frenéticos repórteres de "O Cruzeiro", segundo o parecer unânime dos *tratadistas* — inclusive o do Professor Charles Richet — "o mais ligeiro conhecimento sobre a matéria" para que pudessem interpretar os *fenômenos de efeitos físicos* até então ignorados por eles.

Faltaram, também, aos cinco ardentes repórteres, a serenidade para qualificar, desapaixonadamente, as manifestações psíquicas ali vistas por eles sob a direção e responsabilidade de um grupo experimentalista integrado por dezesseis médicos ilustres e três Professores de medicina, manifestações que devido à sua raridade relativa não são mais maravilhosas do que os fenômenos biológicos que observamos a cada dia.

Faltaram, principalmente, aos cinco inexperientes repórteres, o discernimento necessário para compreender a inegável visão das três entidades espirituais e distintas entre si, quer pelos trajes que revestiam seus corpos, quer pela desigualdade somática com que se constituíam durante o transcurso dessa longa e *única sessão assistida por eles*, em Uberaba.

Faltaram, em síntese, aos cinco extraordinários repórteres, o saber para opinar quando e por que a manifestação extra-sensorial pode ser produto de uma *superincorporação* ou de *aparição*; de *semi-materialização* ou *materialização integral*; de *transfiguração* da imagem do sensitivo e, sobretudo, quando o fantasma se apresenta, fica ou não condicionado à exteriorização da sensibilidade ou da motricidade do médium.

Faltaram, enfim, aos cinco neófitos repórteres, a competência intelectual para opinarem quando o fenômeno participa de *uma causa anímica* ou a *consequência seja de origem espiritual*.

Contivessem, portanto, os cinco impetuosos repórteres de "O Cruzeiro", essa ardorosa freima para arrasar e desmoralizar os espíritas e a Doutrina dos Espíritos, talvez pudessem eles raciocinar melhor e, dessa maneira, jamais fariam ecoar naquelas imprecisas e inseguras colunas da revista, os mesmos insultos repugnantes de sempre e os mesmos vocábulos depreciativos de todos os momentos, só para nos comunicarem de que tanto a médium Otilia como os experimentadores são os mais inescrupulosos "*falsários, farsistas e*

*farsantes*" quando lhes propuseram, *graciosamente, a demonstra* os "mistérios e realidades dêste e do outro mundo", como o diria o imortal acadêmico e não menos ilustre Professor Dr. Silva Mello...

Contando, apenas, com a *observação de uma só experiência psíquica*, os cinco *extraordinários* repórteres de "O Cruzeiro" laboraram em erro crasso quando colocam tóda a responsabilidade doutrinária nas organizações mediúnicas de efeitos físicos, por quanto "os médiuns — assegura André Luiz nas páginas de "Libertação" — são simples colaboradores do trabalho de espiritualização", a obedecer um Plano Superior.

Mais experientes, então os já famosos repórteres não ficariam a supor que o mundo dos Espíritos fôsse mero reflexo de suas vibrações ou uma espécie de eco de nosso plano físico. E concluiriam, racionalmente, que o mundo espiritual é *alguma coisa*; que essa alguma coisa deve ser *matéria*; que então, há estados da matéria ainda não perfeitamente explicados, compreendidos e controlados pelo homem, *segundo* a interpretação do próprio Charles Richet, sempre citado e repetido sempre pelos cinco ousados jornalistas mencionados.

E na ânsia enorme de penetrar e decidir de *uma só vez* o intrincado, difícil e complexo problema da sensibilidade medianímica, os cinco notáveis repórteres de "O Cruzeiro" elidiram tóda a imensa soma de experiência extra-sensórias protocoladas pelos mais célebres experimentadores espíritas, metapsiquistas e parapsicólogos. À semelhança das páginas de "Mistérios e Realidades Dêste e do Outro Mundo", do ilustre Professor Silva Mello, dir-se-ia que também para eles tudo que se atém à manifestação mediúnica é, demonstrativamente, *fraude, farsa e mistificação*, "cincadas" que foram bisadas em cada página e artigo da citada revista.

EXPERIMENTADORES  
E  
MÉDIUNS

*"Em uma palavra, é necessário reservar os médiuns para a Ciência, a severa, generosa e justa Ciência em lugar de consentir que se prostituam suas maravilhosas faculdades com as credulidades infantis ou com os imprudentes sarcasmos"...*

CHARLES RICHEL

O SERVIÇO legítimo da mediunidade não é fantasia. É o esforço renunciativo sem o qual a obra não pode aparecer nem prevalecer. Os médiuns são simples colaboradores do trabalho da espiritualização. Cada um responderá pelo que fez das possibilidades recebidas, como também nós seremos compelidos a contas necessárias, algum dia. Quanto às *fraudes, farsas ou mistificações*, que se atribuem aos médiuns, é forçoso reconhecer que a pretensa infalibilidade científica tem procurado converter os mais nobres colaboradores dos desencarnados em grandes nervosos ou em simples cobaias de laboratórios.

André Luiz, um dos mentores espirituais do médium Francisco Cândido Xavier, à página 144 do livro "Libertação", busca acentuar que a mediunidade "não é patrimônio de privilegiados. É propriedade vulgar de tôdas as criaturas, mas entendem-na e utilizam-na somente aquêles que a exercitam através de acuradas medes Mesmer e a *emanação ódica* de Reichenbach".

E mais abaixo, prossegue André Luiz:

"Cada ser vivo é um transformador dessa força, segundo o potencial receptivo e irradiante que lhe diz respeito. Nasce o homem e renasce, centenas de vezes, para aprender a usá-la, desenvolvê-la, enriquecê-la, sublimá-la, engrandecê-la e divinizá-la. Entretanto, na maioria das vezes, a criatura foge à luta que interpreta por sofrimento e aflição, quando é inestimável recurso de auto-aprimorações. É o *spiritus subtilissimus* de Newton, o *fluido magnético*

mento, adiando a própria santificação, caminho único de nossa aproximação do Criador”.

Segundo a Doutrina Espírita o médium é uma criatura normal como as demais, mas que, mercê de suas faculdades extra-sensíveis, é susceptível de fornecer aos Espíritos desencarnados apreciável quantidade de seu *fluido vital* e de sua *substância ectoplásmica* em maior proporção que as demais criaturas, a fim destes materializarem seus *corpos etéreos*.

Cumpre não olvidar que as manifestações *físicas*, tanto quanto as *inteligentes*, Deus só as permite para nossa instrução, diz Allan Kardec, em “O Livro dos Médiuns”, (página 327, 27.<sup>a</sup> edição da F. E. B.).

Resumiremos, agora, pela maneira mais simplista possível, o que vem a ser um médium, segundo a interpretação dos entendidos:

Médium é a pessoa cuja constituição físico-psíquico lhe dá a faculdade de poder servir de *intermediário* entre os vivos e os que já morreram.

E tamanha era a alergia de Charles Richet ao vocábulo, que ele mesmo confessa:

“Le mot de *médium*, exécrable d'ailleurs, est consacré par l'usage. Il n'est plus possible de le bannir. Il signifie *intermédiaires* entre le monde des vivants et le monde des morts” (“Traité de Métapsychique”, página 43, segunda edição, Librairie Félix Alcan, 1923, Paris).

#### Tradução:

A palavra médium, execrável em todos os sentidos, está consagrada pelo uso. Não é mais possível bani-la. Significa *intermediários entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos*”.

Seis anos depois da impressão do “Traité”, o Professor da Sorbonne volve a repisar o assunto e a repetir a mesma tineta:

“Resta-me falar ainda de dois termos detestáveis, mas um deles é tão comumente empregado que é bem difícil suprimi-lo; é a palavra médium. Sinto tal repulsa por essa palavra, que, embora empregada habitualmente, empregarei freqüentemente a palavra *sensitivo*, conservando entretanto a palavra mediunidade.

“Outro termo, pior ainda, é de tal maneira ruim que me custa escrevê-lo: é a palavra *psicométrica*... Proponho substituir o termo execrável *psicométrica* pelo de *criptestesia pragmática* (pragmática no sentido de coisa real, determinada). Isso então equivale dizer: *criptestesia provocada por alguma coisa*”. (Vide: “O Sexto Sentido”, de Charles Richet, páginas 26 e 27, edição da Sociedade de Metapsíquica de São Paulo, 1940).

Considerando o *poder* dos médiums de *efeitos físicos* e quanto importa para o fenômeno a liberação tranqüila dos ectoplasmas do sensitivo, o velho Professor então ponderava:

“Il naît spontanément sans qu'on sache ni pourquoi, ni comment, et, s'il a la fantaisie de disparaître, il s'en va sans qu'on puisse le retenir. Katie King a quitté Florence Cook e Crookes en donnant pour toute raison que se départ était nécessaire.

Toute éducation est inopérante. Je serais même tenté de croire que nos efforts pour *scientifiser* les phénomènes ant plus d'inconvénients que d'avantages. Aussi, dans mes expériences, ai-je absolument renoncé à vouloir indiquer à un sensitif ou à un médium comment il doit procéder. Il faut l'abandonner à lui-même, car notre influence, si nous en avons une, serait probablement mauvaise. Un médium puissant est un instrument extrêmement délicat et fragile dont on ne connaît absolument par les secrets ressorts.

On s'expose à le *fausser* en le maniant d'une main maladroite. Laissons donc en pleine liberté se développer les phénomènes, sans prétendre les guider. C'est probablement une grave erreur que de s'abstenir à *éduquer* son médium” (Ibidem, págs. 52 e 53).

#### Tradução:

“Ele (o poder do médium) nasce espontaneamente, sem que se saiba nem porque, nem como, e, se tem a fantasia de desaparecer, retira-se sem que o possam reter. Kate King (o espírito materializado) deixou Florence Cook (a médium) e Crookes (o experimentador), apresentando como razão única a necessidade de sua partida.

Qualquer educação (do médium) é inoperante. Sou mesmo — quem o diz é o cientista Charles Richet — tentado a crer que nossos esforços para *cientificar* os fenômenos têm mais inconvenientes que vantagens. Assim em minhas experiências, renunciei, em absoluto, ao desejo de indicar a um sensitivo ou a um médium, como ele deve proceder. É preciso abandoná-lo a si próprio, porque nossa influência, se é que temos alguma, seria provavelmente má. Um médium poderoso é um instrumento extremamente delicado e frágil, de quem não se conhecem absolutamente as molas secretas.

Expomo-nos a *inutilizá-lo*, tratando-o com mão desastrada (*d'une main maladroite*). Deixemo-los, pois, em plena liberdade, sem o pretender guiar. É provavelmente grave erro obstinar-mos em educar um médium”.

Eis a opinião sincera e sobretudo honesta do cientista Professor Charles Richet, que os repórteres de “O Cruzeiro” dizem ter consultado...

E Charles Richet prossegue:

“Si par hasard on découvrait un gran médium à effets physiques puissants, ou à effets psychiques exceptionnels, au lieu de l'exposer à curiosité banale des ignorants, *des journalistes*, des grandes et petites dames qui vont les consulter pour un chien perdu ou un amant infidèle, il fraudait leur assurer très largement le vivre et de couvert, et peut-être un peu davantage, afin que leur médiumité ne fut pas déshonorée par des divinations de basse qualité. C'est ce que Madame Bisson a fait pour Marthe Béraud; Lord Dunraven pour Home e E. Imoda pour Linda.

En un mot, il fraudrait réserver les médiums à la science, la sévère, généreuse et juste science, au lieu de laisser se prostituer leurs facultés merveilleuses aux crédulités infantines ou aux sarcasmes impudents.

Mais il faudra en même temps ne pas se départir de la sévère científica, ne pas demander des expériences stupéfiantes, ou des incursões dans l'au-delà. Il faut nous résigner. Ne quittons pas le sol de notre planète. Traitons les phénomènes de la metapsychique comme des problèmes du pure physiologie. Expérimentons avec les médiums, être rares, privilégiés, admirables, et répétons-nous qu'ils ont *droit à tout notre respect, mais aussi qu'ils exigent toute notre méfiance*” (Charles Richet — “Traité de Métapsychique”, págs. 53 e 54, segunda edição, Librairie Félix Alcan, 1923, Paris).

#### Tradução:

“Se por acaso se descobre um grande médium de efeitos físicos poderoso ou de efeitos psíquicos excepcionais, em vez de expô-lo à curiosidade trivial dos ignorantes, *dos jornalistas* (o grifo é nosso), das senhoritas e senhoras que querem consultar sobre um cão desaparecido ou por amante infiel, é nosso dever assegurar-lhe, pròdigamente, a moradia e sustento, e talvez fazer algo mais por êle, a fim de que sua mediunidade não se veja desonrada com adivinhações de infima categoria. Isto foi o que Madame Bisson fez com (a médium) Marta Béraud, Lorde Donraven com (o médium) Home e E. Imoda com (a médium) Linda.

Em uma palavra, é necessário reservar os médiums para a ciência, a severa, generosa e justa ciência, em lugar de consentir que se prostituam suas maravilhosas facultades com as credulidades infantis ou com os impudentes sarcasmos.

Porém é necessário, ao mesmo tempo, não se afastar da rigidez científica nem pedir experiências espetaculares ou excursões para o Além. É preciso resignarmos, não abandonando o Sol do nosso Planeta. Qualifiquemos os fenômenos da Metapsíquica

como problemas da Fisiologia pura. Experimentemos com os médiums, seres raros, privilegiados, admiráveis, e repitamos que êles têm direito a todos nossos respeitos, porém, que também merecem tôda a nossa desconfiança”.

O Dr. Alberto Schrenck-Notzing, em “Les Phénomènes Physiques de la Médiumité”, livro prefaciado pelo Professor Charles Richet, à página 127 da mencionada obra, observa que as mais ligeiras indisposições da saúde do sensitivo podem alterar as condições dos trabalhos de *efeitos físicos*, principalmente quando se trata de experiência para as materializações de Espíritos.

Ouçamos, agora, o segundo período da página citada do Dr. Schrenck-Notzing:

“Les maux corporales (grippe), la mauvaise humeur psychique, des vêtements trop épais, ou une diversion mentale, paralysent la capacité de production du médium; les efforts inutiles donnent une sensation de souffrance et d'affaiblissement corporel. Le sentiment de dépression qui se continue dans l'état de veille va, en certains cas, jusqu'à amener un état de mauvaise humeur capable de durer plusieurs jours, et aussi des crises de larmes”.

Durante o transe o médium exterioriza grande força psíquica e a colaboração que melhor o auxiliará nessa expansão será o da concentração. Na primeira fase do transe mediúnico, quando ainda seu Espírito está semiexteriorizado, o sensitivo vê diferentes Espíritos-colaboradores, de quem ouve e transmite as indicações. E minutos depois, quando o estado da hipnose está perfeitamente caracterizado, êle se torna o intérprete fiel do seu Espírito-guia que, daí em diante, assume a direção e orientação de todos os trabalhos, cuidando especialmente do equilíbrio psíquico e somático do sensitivo.

De todos os fenômenos espíritas — acentua o Dr. Sérgio Valle — o mais evidente é o da corporificação de entidades metanóicas, o da ectoplasmia ou materialização fantasmática total. Porque se realiza então a convergências de provas, a acumulação de garantias, de cujo somatório ressalta a verdade em tôda a realeza e flagrância.

O estado de transe mediúnico, segundo opina o Dr. J. Maxwell, “não é nem *histeria*, nem neurastenia, nem qualquer neurose. É, portanto, uma viva impressionabilidade, uma susceptibilidade delicada, que o aproxima de certos nervosos, mas dos quais se distingue pela integridade de sua sensibilidade, de seus reflexos, do seu campo visual. Tem, em regra, a inteligência viva, é susceptível de atenção e não lhe falta a energia. *Eu tenho mesmo* — grifa Maxwell — *a impressão de que o sistema nervoso dêle é superior ao da média comum*”.

O que não se admite como ingrediente da mediunidade — re-futa Sérgio Valle — é a histeria. E, nesse ponto, Charles Richet está com a maioria dos experimentadores, quando afirma:

“Tem-se falado muitas vèzes de *histeria*; parece-me, porém, que a histeria não é condição favorável, a menos que procuermos dar desmedida extensão a essa forma mórbida”.

Os grandes médiuns — pondera o Dr. Carlos Imbassahy — “têm sido verdadeiros mártires pela desconfiança que os cerca quase sempre injustificados, pelas humilhações a que se submetem, pelas torturas físicas que se lhes impõem, algemando-os, amarrando-os, la-crando-os, acorrentando-os, enjaulando-os como se fôssem criminosos. Contudo, geralmente, os médiuns são criaturas singelas, simples, modestas, de instrução primária ou analfabetos e, com freqüência, sem esperteza, sem malícia fora do normal”.

Alexandre Aksakoff, conselheiro do Czar da Rússia, a respeito dos fenômenos, enfaticamente dizia que todos os espíritas sabem que as manifestações não dependem da vontade exclusiva do médium, quer de produção intelectivas, quer de manifestações físicas; êle não as pode provocar.

O Professor William Barret, lente de Física, do “Royal College of Science for Dublin”, cuidando de mediunidade, lembra-nos que o sensitivo não compreende melhor o fenômeno do que o experimntador, talvez menos, ainda, porque êle não sabe o que se passa em transe. Tudo o que podemos dizer é que há, atrás dessas manifestações, uma *inteligência oculta* que destrói todos os fundamentos, da fraude material. (“On the Treshold of the Unseen”. 1923, págs. 57, 107 e seguintes).

Assim considerado, em todos os fenômenos de exteriorização da motricidade, cujos elementos constitutivos, mentais, dinâmicos e materiais do médium são susceptíveis de descentralizarem momentaneamente por uma entidade estranha, em nada dependem da vontade do sensitivo. (Dr. Gustave Geley — “L’Ectoplasmie et la Clairvoyance”, 1924, págs. 4 e 5).

Pelas forças das mesmas influências espirituais, tem-se notado em muitas sessões que as manifestações são, mesmo, *contrárias à vontade do médium*, a ponto de fazê-lo denunciar fatos de natureza tão íntima e delicada, que, por coisa alguma do mundo, teria consentido em revelar.

O Dr. Oxon, Professor da Universidade de Oxford, mais conhecido no meio espiritualista por Stainton Moses, consagrou vários anos ao estudo dos fenômenos espíritas, sendo um poderoso médium psicógrafo. Apesar de religioso, teólogo, encontrou, muitas vèzes, em seus escritos automáticos, proposições ateísticas, satânicas...

— Quase tôdas as minhas escritas automáticas — confessa êle — eram contrárias às minhas convicções.

Servimo-nos, agora, do valioso parecer do Professor Ochorowicz, da Universidade de Lemberg, sôbre as fraudes inconscientes dos médiuns:

“Depois de ter reconhecido que o médium é simples espelho que *reflete e dirige* as idéias e as forças nervosas dos assistentes para um fim ideoplástico, não me surpreende mais em ver a sugestão desempenhar aí papel importante... Com controladores imbuídos da idéia de fraude, o médium ficará sob o domínio da sugestão da fraude” (“Anais de Ciências Psíquicas”, 1894).

Se o papel do médium é importante, o dos *assistentes* está longe de ser indiferente, como já o dissemos. Êles podem, pela sua boa ou má vontade, ou pela desconfiança para com o sensitivo, auxiliá-lo ou prejudicá-lo. Assim, o experimntador, consciente de sua responsabilidade, subordina-se aos princípios recomendados pelo próprio espírito, *guia do médium*, porque compreende que não pode haver liberdade absoluta, neste planêta de relatividade, recomendando idêntico comportamento para os assistentes. (Gabriel Delanne — “Recherches sur la Médiumnité”, pág. 273, Librairie des Sciences Psychiques, Paris, 1902).

Julgam os inscientes que todo e qualquer médium pode fazer comparecer todo e qualquer espírito e produzir todo e qualquer fenômeno. É um engano, pois, apesar de médium *poderoso*, superior, observa-se que êle tem um *Espírito guia* que lhe assiste e fiscaliza, rigorosamente, a manifestação dos demais. (Professor Dr. A. Martins Velho — “O Espiritismo Contemporâneo”, págs 252 e 253, Livraria Clássica Editôra, 1926, Lisboa).

Para o médium chegar à obtenção dos fenômenos de *efeitos físicos poderosos*, superiores, necessita ser orientado e exercitado cuidadosamente. Não nos esqueçamos, porém, de que êle sempre está sujeito a grandes variações, quando não se trata da manifestação de seu *guia espiritual*. E é bem possível que, intimamente, os cinco sizudos repórteres de “O Cruzeiro” sorriem dêste argumento tão sutil. Nós já sorríamos também...

O fato, contudo, é que a incôgnita subsiste e, nela, tôda a delicadeza e tenuidade da impenetrabilidade do problema, apesar da nossa ignorância e do nosso sorrir zombeteiro. Então, para reforçar êste pensamento, vamos acrescentar a idéia grácil de Charles Richet, o mestre sempre citado nas páginas de “O Cruzeiro”.

“Sans prétendre en rien inférer, il est de fait que les grands médiuns, dès le début des phénomènes produits, soit mécanique, soit cryptesthésiques, attribuent tout leur pouvoir à un *guide*. Même, si l’on veut avoir de bonnes expériences, il faut experimen-

ter comme si l'on était assuré que se *guide* existe réellement, et s'est incarné dans le médium. C'est, au sens rigoureux du mot, une hypothèse de travail, presque nécessaire à la production des phénomènes. (Obra citada, página 50).

#### Tradução:

"Sem pretender inferir nada — quem o diz é Richet — o certo é que os grandes médiuns, desde o início dos fenômenos produzidos, mecânicos ou criptestésicos, atribuem todo o seu *poder* (é nosso o grifo) a um *guia*. Quando se queiram produzir boas experiências, é preciso realizá-las como se estivéssemos seguros de que este *guia*, efetivamente estivesse encarnado no médium. Isto é, no sentido rigoroso da palavra, uma *hipótese* de trabalho quase necessária para a produção de fenômenos".

Para o médium chegar à obtenção dos fenômenos *poderosos*, superiores, necessita ser orientado e exercitado cuidadosamente. Não nos esqueçamos, porém, de que ele sempre está sujeito a grandes variações, quando não se trata da manifestação de seu *guia espiritual*.

O problema do mediunismo, quer queiramos ou não, é um dos mais sérios e importantes na vida humana. Nem todos, porém, chegam a avaliar a enormidade dos compromissos que acumulam, sempre que descuidam dos deveres que lhes cabem. A mediunidade e a experiência, embora independam da religião ou da ciência, ambas tendem a evoluir, pois os fenômenos medianímicos podem manifestar-se no *crente* ou no *descrente*, no sábio e ignorante, dentro ou fora do Espiritismo. O mediunato, portanto, nunca foi invenção da Doutrina Espírita.

Em todo ser humano existe uma faculdade que lhe é peculiar, a que todos chamamos mediunidade, pondera o Professor Silvío Brito Soares, grande estudioso do assunto. Assim, o homem é uma espécie de antena; mais ou menos sensível, em condições, portanto, de captar com variável precisão as infinitas ondas vibratórias que se espalham em nosso ambiente terrenal, ondas que tanto podem ser inferiores, como plenas de sabedoria e amor. Não nos esqueçamos de que o verdadeiro significado de mediunismo é percepção espiritual.

Todavia, é mister não olvidar que mediunidade pode também ser sacrifício compreensão, dedicação e renúncia, assim pensa o Dr. Indalício Mendes. O médium, mais do que qualquer criatura humana, constitui elemento aglutinante nos conglomerados materiais e espirituais. Está servido de meios para realizar grande tarefa. Essa tarefa é bem mais ampla do que se supõe. Ela ultrapassa a esfera humana para penetrar nas fronteiras do outro lado da vida.

Para nós, espíritas, a manifestação mediúnica é tão velha quanto o mundo. Vamos encontrá-la na tradição *antiga* e *moderna* de todos os povos. Recordaríamos, então, que em cada Templo e em cada raça, acompanhando-se as narrativas de seus maiores, ou sejam dos profetas e sacerdotes, dos magos e adivinhos, dos santos e pitonisas e, finalmente, dos *médiuns*, etc., inumeráveis são as afirmativas históricas dos imensos relatos das revelações póstumas que revalidam a *manifestação física* dos Espíritos desencarnados.

Moisés, por exemplo, no Monte de Sinai, fôra um dos primeiros poderosos médiuns de *efeitos físicos*, enviados por Jeová...

\* \* \*

#### Em síntese:

Aos que já viveram neste plano físico, certas condições se fazem necessárias para que seja possível rematerializar os seus corpos, compondo-os através de uma *substância etérea*. A primeira é a presença de alguém que possua em excesso essa substância e que a Ciência deu-lhe o nome de *ectoplasma*, *protoplasma* ou *fluido vital*, etc.

O médium propriamente dito apenas difere das criaturas humanas porque dispõe das aludidas substâncias *ectoplásmica* e *fluidica* em maior proporção, de sorte mais fácil se torna aos Espíritos extrairam-nas do organismo medianeiro, utilizando-as temporariamente.

O médium de *efeitos físicos*, principalmente para as *pesquisas de materializações*, é o que domina a matéria por intermédio do seu próprio Espírito e deve, portanto, ser saudável. A simples alteração de seu *estado emocional* ou um *ligeiro resfriado*, diminuem as suas forças fluidicas e os resultados experimentais deixam de ser precisos e rigorosos.

Sempre é aproveitável ouvir e sentir a opinião do saudoso Professor Charles Richet, pois, sob a escusa de se controlar severamente os médiuns, quantas e enormes injustiças ainda se praticam. Atenemos para o que ele nos vai dizer:

"On n'a pas jusqu'à présent été équitable pour les médiuns. On les a calomniés, bafoués, vilipendés. On les a traités cyniquement comme des *animas viles*. Quand leurs facultés étaient en décroissance, on les a laissés s'éteindre dans l'obscurité et le dénuelement. Quand on les rétribuait, ç'a été chichement, en leur faisant bien comprendre qu'ils n'étaient que des machines. Il est temps que ces *mœurs détestables* prennent fin" (Vide: "Traité de Mé-tapsychique", página 52, segunda edição).

**Tradução:**

Até ao presente não se foi justo com os médiuns. Foram êles caluniados, escarnecidos e vilipendiados. Foram cinicamente tratados como *animae viles*. Quando suas faculdades [medianímicas] comecem a decrescer, os deixamos extinguir à míngua e na obscuridade. Quando os remuneramos, fazemos compreender, mesquinha-mente, que não passam de máquinas. Já é tempo que terminem êstes costumes detestáveis.

Estamos, pois, perante o inexplicável, quase absurdo. Restamos, contudo, um fato positivo: é que certos indivíduos têm poderes extraordinários; tais criaturas são denominadas *médiuns* e devemos dizer que os médiuns não fazem parte do grupo dos seres humanos normais. Por quê?

A única explicação possível que, entretanto, não é uma explicação satisfatória — observa o Professor Charles Richet — é dizer que êles são ou bem, super-homens, seres estranhos, excepcionais, ou bem que são auxiliados, protegidos, envolvidos por certas *fôrças* sobrenaturais invisíveis e desconhecidas. Essas *fôrças* são, parece, inteligente, podendo ser chamadas de Espíritos.

Então, dessa imensa e desapoderada carreira medianímica, entre poucas vitórias e inúmeros insucessos — considerando-se o desinteresse da Ciência naquela época — foram êles, os médiuns, sim, que dilataram as descobertas e as conquistas das até então misteriosas fenomenologia do Além.

Foram êles, os médiuns, possuidores de elevada sensibilidade psíquica que possibilitaram, finalmente, o intercâmbio especial — feito nunca feito — sem precedentes e equivalentes na constituição histórica do Espiritualismo experimental.

Foram êles, os médiuns quais instrumentos inconscientes e dirigidos pela vontade dos Espíritos Superiores que, de investida em investida, de resultado em resultado, de experiência em experiência, sempre num crescendo prodigioso, a tudo êles, os médiuns, renunciaram nesse cometimento espiritual até então audaz e arriscado, sempre brumido pelo sacrifício e lágrimas, pelo desgaste da saúde e pelo risco da própria vida, pela acusação impiedosa e sorradeira dos ignorantes e, finalmente, pelos doestos maldosos de todos íncios que ainda “vegetam nesta vida...”.

Foram êles os médiuns, e sempre êles que firmaram os elos de tôdas as manifestações espirituais, porque tais experimentos não se fizeram *por palpito e às cegas*; não se fizeram *à ventura*, ou segundo a feliz expressão do Dr. Carlos Imbassahy, “*não se fizeram indo de acertar...*” Fizeram-se, sim *apontadamente e científica-*

*mente*; fizeram-se, sim, acertadamente, porque “o espiritismo à luz dos fatos” transubstancia-se em Ciência. É Ciência imortal.

“No *campo objetivo* são maiores os estorvos e muito maior deverá ser a prática e o cuidado do observador. Aqui não se trata de simples mensagens ou comunicações espirituais, mas a *mecânica psíquica*, que requer especiais conhecimentos em ambas as fronteiras. Vemos, mesmo, aí grandes perigos, visto que o médium, e a incompetência do experimentador ou dos assistentes pode ser de graves conseqüências, como já se viu” (6).

Gabriel Delanne, autor de inúmeros livros de caráter estritamente experimental (7), cientista sagaz, recomendava estas ponderações:

“Pour former un cercle, une recommandation de plus importantes est de choisir des personnes qui sont, autant que possible, en communauté des sentiments. Je répète encore que la foi n'est nullement nécessaire. Il suffit de s'unir dans le désir d'observer les phénomènes avec sang-froid et sans parti pris. Plus la communion de pensée sera intime, plus les manifestations augmenteront d'intensité. C'est ainsi qu'au *Circolo Minerva*, à Gênes, les savants qui expérimentaient, arrivèrent à cette unité mentale après une série de séances dans lesquelles, s'étant assurés de la réalité de faits, ils n'eurent plus qu'un désir unanime: celui de les voir acquérir toute leur intensité. A partir de ce moment, aucune force contraire ne neutralisant plus, dans le cercle, les forces médianimiques, les apparitions purent se matérialiser plus complètement et se faire enfin reconnaître” (8).

**Tradução:**

“Para se constituir um círculo, uma das recomendações mais importantes é escolher pessoas que estejam, tanto quanto possível, em comunhão de pensamentos. Repito, ainda, que a fé não é absolutamente necessária. Basta que todos se unam com o desejo de observar o fenômeno com sangue frio e sem *parti-pris*.

Quando mais íntima fôr a comunhão do pensamento, mais as manifestações aumentarão de intensidade. Foi assim que, no

(6) Carlos Imbassahy — “O Espiritismo à Luz dos Fatos”, página 111, edição da F.E.B., 1952.

(7) Consultem-se as seguintes obras do Dr. Gabriel Lelanne — “As Aparições Materializadas de Vivos e Mortos”, “O espiritismo Perante a Ciência”, “A Alma é Imortal” e a “Reencarnação”, do célebre experimentador francês.

(8) Gabriel Delanne — “Les Apparitions Materialisées des Vivants et des Morts”, página 634, volume II, Leymairie Éditeur, Paris, 1922.



*Círculo Minerva*, (9) os Sábios, que aí experimentaram [com a médium Eusápia Paladino] chegaram a essa unidade mental, depois de uma série de sessões nas quais, tendo-se eles assegurado da realidade dos fatos, não tiveram mais que um desejo unânime, o de vê-los adquirir intensidade. A partir desse instante, como nenhuma força neutralizasse mais, no círculo, as forças mediúnicas, puderam as aparições materializar-se de forma completa e se fizeram, enfim, reconhecer (10).

O Dr. J. Maxwell, Professor da Faculdade de Medicina de Paris e membro da Academia de Medicina, observa que toda a indisposição, mesmo a mais leve, atenua ou suprime, momentaneamente, a faculdade mediúnica. Certa ocasião ele pôde observar que o poderoso médium polonês, Frank Klusk “ficava completamente neutralizado com uma simples coriza ou ligeira dor de dentes” (11).

Os irmãos Horácio e William Eddy ainda residiam numa pequena propriedade na aldeia de Chittenden, perto de Rutland, no Estado de Vermont, quando os rumores de estranhos acontecimentos medianímicos começaram a circular pelas vizinhanças daquele Estado, chegando até Boston e Nova Iorque.

(9) O “Círculo de Minerva” fôra constituído em 1892 pelos seguintes membros:

Professor César Lombroso — da Faculdade de Medicina de Turim;

Professor Enrico Morselli — da Faculdade de Medicina de Gênova, especialista de enfermidades nervosas e mentais;

Professor Filippo Bottazzi — diretor do Instituto de Fisiologia de Nápoles;

Professor Giuseppe Lappení — catedrático de Antropologia da Universidade de Roma;

Professor Alexandre Aksakoff — da Academia de Leipzig e Conselheiro particular do Imperador da Rússia;

Professor Giovanne Schiaparelli — diretor do Observatório Astronômico de Milão;

Professor Angelo Brofferio — catedrático de Filosofia;

Professor Giuseppe Gerosa — catedrático de Física da Real Escola Superior de Portice;

Professor G. B. Ermacora — catedrático de Física;

Professor Giorgio Finzi — catedrático de Física

Professor Ercole Chiaia;

Professor Charles Richet — da Faculdade de Medicina de Paris;

Professor Ernesto Bozzano — da Universidade de Turim.

(10) Sobre o assunto, vide as páginas 68, 69 e 70 do livro “O Espiritismo à Luz dos Fatos”, segunda edição, F. E. B., Guanabara.

(11) J. Maxwell — “Les Phénomènes Psychiques”, página 41.

O jornal “Daily Graphic”, de Nova Iorque, encarregou, então o severo experimentador Coronel Henry S. Olcott de realizar as investigações. O Coronel Olcott permaneceu durante dez semanas na atmosfera de Vermont, “ouvindo, vendo e assistindo coisas do outro mundo”, “experiências e observações que foram publicadas em quinze artigos no citado órgão, em outubro e novembro de 1874. Lendo-os, é difícil lembrar uma precaução que não fôra por ele providenciada.

Mais tarde publicou — “Old Diary Leaves” — (Fôlhas Velhas de um Diário) onde acentua que “apesar da sua descrença, iniciou as investigações disposto a desmascarar os dois impostores — Horácio e William Eddy”. . . . Todavia, o Coronel Olcott era “um cidadão que possuía o alto sentido de honra. E ninguém poderá ler as narrativas daquelas “Fôlhas”, sem sentir respeito por aquêlê homem leal, apenas interessado em seguir a verdade e aceitar os resultados, embora opostos aos seus desejos.

“Eu vi — afirma peremptoriamente o Coronel Olcott — durante dez semanas, mais de quatrocentas aparições de fantasmas saindo da cabine onde estavam amarrados e algemados os dois médiuns Horácio e William Eddy. Fantasmas êsses de tôdas as formas e tamanhos, sexos e raças, vestidos maravilhosamente; crianças de colo (12), guerreiros, índios, cavalheiros em trajes de rigor, um curdo com lança de nove pés de altura, uma índia de pele vermelha fumando, senhoras com vestidos elegantes, etc.”, tal é, por incrível que possa parecer o testemunho do Coronel.

Confessa, ainda, o ousado experimentador “que os próprios Espíritos dizem que tem de aprender a arte de se materializar, como a gente procederia com qualquer outra arte”. E, finalmente, para fechar as suas conclusões, o Coronel Olcott emprega estas palavras:

“Não obstante o número de cépticos se batendo contra êsses fatos graníticos; não obstante o disfarce que possam vestir os *desmascaradores*, a trombetear cornetinhas de brinquedo, essa Jericó resistirá” (13).

Outra série de suas notáveis experiência, foi iniciada em janeiro de 1875 com a médium Elizabeth J. Compton. Estudavam-se, então, os primeiros fenômenos de *desmaterialização do corpo da sensitiva*, enquanto o fantasma, completamente materializado, circulava, naturalmente, entre os assistentes. O Coronel Olcott assim descreve o acontecimento:

(12) Nessa ocasião o Coronel tece a oportunidade de tomar a medida do pequeno fantasma. Tinha êle setenta e um centímetros de altura.

(13) Henry S. Olcott — “Old Diary Leaves” — (Fôlhas Velhas de Um Diário) — novembro e dezembro de 1874, artigos estampados pelo “Daily Graphic” de Nova Iorque.

“Após combinar com os assistentes penetrei no gabinete mediúnico, enquanto o *fantasma materializado* ficava do lado de fora. Não achei aí o médium, (desmaterialização total do corpo da sensitiva) apesar de ter examinado não só os recantos, mas também, para melhor me certificar de que não estava alucinado, a cadeira, as paredes e todo o espaço em volta. A cadeira da médium aí permanecia, mas, como as demais vêzes, nenhum corpo nela se apresentava (14)”.

Os últimos anos de vida da célebre sensitiva Elizabeth D'Espérance foi amargurada pela doença adquirida no “choque ectoplásmico” que sofreu no chamado *desmascaramento da médium*, quando o Espírito materializado de Iolanda foi agarrado violentamente por um pesquisador de Helsingfors, em 1893, pois de tal maneira eram perfeitas as materializações dos fantasmas dos mortos, que se confundiam com os seres viventes. E ninguém mais do que ela demonstrou quanto os sensitivos sofrem a ignorância dos observadores que os rodeiam.

Mas a fama de Madame D'Espérance como médium depende de muitos dons que eram, sem dúvida, mais espirituais. Em seu livro — “O País das Sombras” — edição de H. Garnier, de 1901, vamos encontrar o relato completo desses dotes psíquicos, escritos pela sua própria pena, e que se pode alinhar com o livro de A. J. Davis, “Magic Staff” (Comando Mágico) e com o trabalho de Turvey, denominado “The Beginning of Seership” (Os Princípios da Vidência), assim como entre as mais notáveis autobiografias psíquicas de nossa literatura. Não é possível ler o livro de Madame D'Espérance sem se ficar impressionado pelos delicados sentimentos e pela honestidade da escritora. Dizia ela, então, encerrando as suas páginas:

“Se estas conclusões resultado de muitos anos de estudo e de amargas experiências, forem aceitas e seguidas no futuro pelos investigadores e experimentadores, nós nos julgaremos felizes por haver empregado diversos métodos nas nossas indagações. Os que reproduzirem o trabalho no ponto em que o deixamos, encontrarão caminhos mais planos e seguros que o que nós trilhamos.

A nossa tarefa está agora terminada. Os que nos seguirem poderão sofrer como nós sofremos por causa da ignorância das leis divinas. Como o mundo hoje é mais sábio do que nosso tempo, os que empreenderem a obra talvez não tenham, como nós, de combater a superstição e os juízos severos dos fariseus. Entretanto, não lhes desejamos um caminho muito plano, porque nos parece, —

(14) Henry S. Olcott — “People From the Other World”, páginas 346 e 368, segunda edição, 1891.

lançando um olhar sobre o passado — ver tornarem-se pueris os numerosos cuidados que nos acompanharam nesses trabalhos. Não os lamento. Eles eram os censores severos que nos avisavam quando deixávamos o bom caminho, e foram igualmente os melhores amigos, embora nós não o desconfiássemos então (15)”.

Sobre o pretenso *desmascaramento da médium*, em Helsingfors, o ponto básico do Professor Alexandre Aksakoff, de modo geral, é o seguinte:

Alguém pode agarrar a forma materializada, segurá-la e ter a certeza de que não segura senão a médium, em carne e osso. E isto ainda não é uma prova de fraude por parte da médium. De fato, de acordo com a nossa hipótese — *desmaterialização parcial ou total do médium* — que é o que poderia acontecer se segurássemos o duplo do médium, quando se achasse de tal modo exteriorizado, que não restasse senão o *simulacro invisível*, sentado por detrás da cortina? É óbvio que o *simulacro* — aquela pequena porção fluidica e etérea — seria imediatamente absorvida na forma completamente materializada, à qual, para ser o médium apenas faltaria aquele resto invisível (16)”.

Devemos concluir, enfim, que enquanto não conhecermos os limites a que pode chegar a força psíquica para a liberação parcial ou total do corpo etéreo ou perispiritual do sensitivo, não podemos, com segurança, atribuir em tais manifestações à intervenção exclusiva da suspeita de *fraude*, de *farsa* ou de *mistificação*, pois o fato freqüentemente notado, no fenômeno de materialização, da semelhança com o médium, tem aqui a sua explicação natural. Como a forma é constituída apenas pelo corpo fluidico do sensitivo, é cabível, às vêzes, que mantenha alguns aspectos fisisonômicos ou corporais do próprio médium, sobretudo quando êle é ainda novato.

O Dr. Gustavo Geley reforçando esta teoria, ponderava:

“A exteriorização e a subconsciência superior são dois aspectos, inseparáveis, da mesma manifestação psíquica. Uma porção da força, da inteligência e da matéria pode ser *exteriorizada* do organismo, operar, perceber, organizar e pensar fora dos músculos, dos órgãos e do cérebro (17)”.

(15) Elisabeth D'Espérance — “No País das Sombras”, páginas 304 e 305. H. Garnier, Livreiro-Editor, Rio de Janeiro, 1901.

(16) Alexandre Aksakoff — “A Case of Partial Desmaterialization”, página 181.

(17) Gustavo Geley — “O Ser Subconsciente”.

Dessa maneira, o duplo do médium assim exteriorizado continua a ser dirigido pelo Espírito e obedecer-lhe com maior facilidade quanto menos embarace sua aderência ao corpo somático, pois a aparição materializada permanece unida ao corpo do sensitivo por uma espécie de laço fluídico, como o filho está unido à futura mãe pelo cordão umbelical, que lhe facilita os elementos necessários à vida.

## CAPÍTULO IV

WILLIAN  
EGLINTON —  
LEONORA E. PIPER  
— EVA C... —  
FLORENCE COOK  
E STANISLAVA P...  
— MÉDIUNS  
EXTRAORDINÁRIOS

*As experiências de efeitos físicos, principalmente as de materialização, deveriam ser proibidas às pessoas estranhas, sobretudo às leigas.*

**D**IZ o nosso velho e sempre querido amigo Dr. Carlos Imbassahy, numa de suas obras, que “um médium de efeitos físicos está sujeito à ambiência desfavorável. Nêle influem várias circunstâncias que lhe diminuem, turvam, perturbam ou anulam as faculdades. As sugestões podem ter efeito sobre êle, neutralizando-o, algumas vêzes, outras levando-o a mistificar. Os seres inferiores do espaço também podem intervir na produtividade, atrapalhando a manifestação, destruindo o trabalho dos operadores invisíveis e conduzindo o médium à fraude inconsciente ou à semi-consciente pela sugestão; isto deixa nos circunstantes a ilusão de que o embuste é inteiramente do médium (17ª)”.

As experiências de efeitos físicos, principalmente as de materialização, deveriam ser proibidas às pessoas estranhas, sobretudo às leigas. Os sábios, os experimentadores e os espíritas instruídos afirmam que em certas mediunidades o sensitivo correrá graves riscos se fôr conduzido por inscientes, mormente se o despertarem ou estabelecerem a luz bruscamente. Essa é, portanto, uma regra geral, recomendada por todos os experimentadores.

(17-A) Carlos Imbassahy — “O Espiritismo à Luz dos Fatos”, páginas 276 e 277, segunda edição da F.E.B., 1952.

Abordaremos, portanto, o problema sem temor e sem dar importância à opinião comum, embora o grande público, o pseudo-sábio ou o suposto crítico, zombeteiramente, julgarão que a razão fôra inventada a fim de que o médium fraude à vontade, desde que se salve a experiência ou a Doutrina.

Por outro lado vemos homens ilustres a enfrentar os problemas parapsíquicos, pelo único método que convém nas pesquisas não matemáticas, a saber: a observação e a experiência.

— Mas quem são êsses homens?

Os mais categorizados possíveis... O Professor Alexandre Aksakoff, em seu livro "Animismo e Espiritismo", relata, com abundância de pormenores, as sessões de materialização de Espíritos, constituídos pela sensibilidade extra-sensória de William Eglinton, que não deixam a mais leve sombra de dúvida quanto à transcendência espiritual. Eis alguns tópicos do criterioso experimentador:

"...Pela segunda vez, inflamou-se o magnésio e eu olhei com estupefação para essa grande forma humana (o Espírito materializado), que rodeava e sustinha o médium Eglinton com o braço esquerdo: o sensitivo, em transe, tinha grande dificuldade de manter-se em pé".

E quando o Sr. N... pronunciou — "agora" — para advertir que era preciso desligar o interruptor, ouve falha do contrôle, e o materializado desapareceu através da cortina, mas não o médium, que caiu no chão como um corpo inerte.

"Nenhum de nós — prossegue Akasakoff — se moveu, pois sabíamos que o médium estava sob a influência de uma fôrça que escapava à nossa fiscalização. A cortina logo se abriu e a mesma figura apareceu; inclinada sobre Eglinton começou a aplicar-lhe passes. Olhávamos com admiração aquêle espetáculo, até que Eglinton se levantou. Estava abatido, tinha sangue nos lábios. Só no fim de um quarto de hora e depois de vigorosas fricções, respirou profundamente e abriu os olhos".

E o Professor Alexandre Aksakoff concluiu:

"As experiências foram coroadas de melhor êxito, mas muito custaram a William Eglinton, que ficou enfêrmo, em grande estado de esgotamento, chegando a ter hemorragias pulmonares (18)".

Simples e de pouca instrução, Leonora E. Piper possuía uma sensibilidade mediúmica de tal maneira extraordinária, que chegou a deslumbrar os cientistas inglêses. E durante a sua permanência em Londres, mais de uma vez ela se arrependeu de ter aceitado o convite dos membros da "Society for Psychological Research".

(18) Alexandre Aksakoff — "Animismo e Espiritismo", edição da Federação Espírita Brasileira.

A primeira criatura que teve a oportunidade de estudar e examinar os assombrosos fenômenos de Leonora Piper — que na presença dos familiares ou de amigos do "morto" — foi o Professor William James, da Universidade de Harvard, cujas pesquisas foram divulgadas num sucinto relatório dos "Anais" da Society for Psychological Research. Mais tarde surgiram vultos como o Professor James Harvey Hyslop, da Universidade de Colúmbia, que reuniu em um volume compacto de 650 páginas as "Atas" das dezesseis primeiras sessões, realizadas entre 29 de dezembro de 1898 a 8 de junho de 1899.

A espôsa e filha do Professor James, depois de assistirem a uma sessão de Leonora Piper, comentavam, durante o jantar, "as maravilhas daquela reunião." Ele, depois de ouvir o relato, para arrefecer o entusiasmo delas, explicou-lhes então, sorrindo, como certos médiuns inescrupulosos tinham por norma investigar de antemão a vida de todos os seus clientes, colhendo informações em sepulturas e livros de endereços, fazendo intercâmbio de dados biográficos, etc.

Ora, as explicações do Professor William James, que naquela época eram ouvidas, respeitosamente, pelo mundo acadêmico, todavia não impressionaram as mulheres da sua família... Desapontado e aborrecido, "decidiu estudar o assunto pessoalmente, a fim de poder mostrar àquelas criaturas ingênuas e teimosas como estavam sendo iludidas. Seria, assim, uma espécie de "vingança" do ilustre Reitor da Universidade de Harvard e autor do livro — "Études et Réflexions d'un Psiquiste".

Após algumas sessões com a médium Leonora Piper, William James convenceu-se, entretanto, de que ali devia haver algo mais que simples mistificação, — para gáudio de sua espôsa e filha. Por exemplo, sua sogra procurava, havia algum tempo, uma caderneta de banco perdida e pediu à Sra. Piper que lhe dissesse onde estava. A sensitiva descreveu o lugar com tanta exatidão, que êles encontraram a caderneta apenas voltaram a casa.

Doutra feita, Leonora Piper disse ao Professor que a tia dêste — Katie — residente em Nova Iorque, tinha morrido nessa madrugada.

"Ao chegar a casa uma hora depois — anotou James — "encontrei um telegrama que dizia o seguinte: Tia Katie faleceu alguns minutos depois da meia-noite".

Após um certo número de sessões experimentais, o Professor William James escreveu:

"Acredito agora que ela possui um poder qualquer até hoje inexplicado".

Tal declaração eclodiu como um petardo... E quando a notícia chegou ao conhecimento da Society for Psychical Research houve ceticismo e muitas expressões de espanto pelo fato de um homem com a inteligência de James se deixar ludibriar tão facilmente. O que se precisava ali era de um investigador *experimentado*.

Felizmente, eles, os membros da S.P.R., tinham o homem indicado para a tarefa. Era ele o Dr. Richard Hodgson. Inteligência brilhante, formado pela Universidade de Cambridge, Hodgson vinha justamente dedicando sua vida a desmascarar prodígios psíquicos.

... Após dois anos de constante pesquisas, atento ao menor sinal de burla — declara ele — estava quase disposto a admitir que, afinal de contas, talvez Leonora Piper possuísse mesmo poderes sobrenaturais. Mas era necessário, ainda a prova final. Planejou, então, levar a sensitiva para um país onde não tivesse amigos, nem família, nem quaisquer relações. Foi-la, sempre acompanhada pelo Dr. Hodgson, em Liverpool. E quando ela visitou o Professor Oliver Lodge, a esposa do cientista contratou criados novos, que jamais tiveram nenhuma relação com a família Lodge ou com seus amigos.

Por sua vez, o Professor Lodge fechou à chave os álbuns de recordações e a Bíblia, em cujas primeiras páginas se encontrava o “registro de família”. Leonora Piper permitiu que ele revistasse a bagagem para ver se continha biografias ou pastas com dados pessoais sobre as principais personalidades inglesas. Nada encontrou.

Após três meses de investigações, os membros do grupo inglês admitiram, com relutância, que não mais podiam considerar a médium como simples mistificadora, enquanto a quase maioria dos experimentadores da S.P.R. e o próprio Dr. Richard Hodgson estavam começando a recear que até mesmo a *teoria da transmissão do* tavam começando a recear que até mesmo a *teoria da transmissão do*

“Presentemente — escreve o Dr. Hodgson — eu não posso dizer que tenha qualquer dúvida de que as *comunicações* a que me tenho referido, sejam, verdadeiramente, das personagens que pretendem ser; e que elas tenham sobrevivido à mudança a que nós chamamos morte, e que se hajam diretamente comunicado conosco, a quem chamamos os vivos (19)”.

O transe de Leonora Piper, entretanto, era real. Certa vez, o Professor William James fez uma pequena incisão no pulso esquerdo da sensitiva. Durante o transe, ela não tomou conhecimento do fato, e não verteu do ferimento uma só gota de sangue. Mas no

(19) Vide: “Proceedings” — volume XIII.

instante em que a médium despertou, o corte sangrou profusamente. E até o seu desencarne sempre se via, no franzo e delicado pulso esquerdo de Leonora Piper, uma pequena cicatriz a recordar quanto eram “exigentes” os pesquisadores da *Society for psychical Research* e os da *American Society for Psychical Research*.

Em 1924, Leonora Piper realizou uma série especial de sessões, mas foram as últimas. Havia sido médium durante mais de quarenta anos. Os relatórios das suas realizações psíquicas vão além de três mil e quinhentas páginas, cujo resultado convenceu eminentes cientistas de dois países de que, realmente, existe a Vida depois da morte.

Eglinton deu uma sessão célebre ao estadista inglês Gladstone, em plena luz, com resultados positivos. Aksakoff conta o caso de uma comunicação recebida pelo Dr. Richols em que este obteve o *fac-simile* da letra da sua falecida filha Willie por meio da escrita direta entre duas ardósias. A caligrafia era perfeitamente idêntica ao espécime da letra de Willie enquanto vivente na Terra, e nenhuma semelhança tinha com a letra do médium Eglinton.

O Professor Alexandre Aksakoff transcreve o fato que o Conselheiro Robert Dale Owen publicou no “Religio-Philosophical Journal” de julho de 1884. A descrição é feita pelo próprio Dale Owen.

“Há anos” — diz ele — “contava entre os meus amigos íntimos um senador da Califórnia, muitíssimo conhecido e que era diretor de um Banco próspero em São José. O Dr. Knox era um pensador profundo e resolutivo partidário das teorias materialistas. Atingido por uma pneumonia progressiva, e sentindo aproximar-se o seu fim, falava, muitas vezes, no sono eterno que esperava e lhe traria o eterno esquecimento. Knox não receava a morte. Eu disse-lhe um dia: mantenhamos um pacto, doutor: se, *lá em cima*, sentir viver, faça todo o possível para me comunicar estas palavras: *Eu vivo ainda*. O Dr. Knox fez-me essa promessa solenemente.

Após a sua morte, eu esperava, impacientemente, que ele me desse notícias. Este meu desejo mais se acentuou por ocasião da chegada à nossa cidade de um médium de materializações, vindo do leste da América. Eu tinha uma confiança absoluta no caráter ilibado deste sensitivo que me declarou que, às vezes, conseguia obter provas de identidade por meio da escrita direta numa ardósia, e propôs-me que tentasse eu a experiência visto que a ocasião era propícia...

Limpei, então, a ardósia, pus-lhe um lápis apropriado e mantive-a contra a superfície inferior da mesa. O médium colocou uma das suas mãos na minha, por baixo da mesa, e a outra em cima da

mesa... Ouvimos o rumor do lápis a arranhar a ardósia, e depois de a retirarmos, encontramos as seguintes linhas:

“Amigo Owen: Os fenômenos que nos oferece a natureza são irresistíveis e o chamado filósofo que luta muitas vezes contra um fato que contraria as suas teorias favoritas, acaba por ser lançado num oceano de dúvida e de incerteza. Não é precisamente o caso que se dá comigo, se bem que as minhas antigas idéias sobre a vida futura estejam agora completamente transformadas. Mas, confesso, a minha desilusão foi-me agradável e sinto-me satisfeito, meu amigo, por lhe poder dizer: *Eu vivo ainda*”.

Robert Dale Owen lembra que o médium foi à Califórnia três anos depois da morte daquele seu amigo que o sensitivo jamais vira e que a letra da mensagem era de tal maneira conforme com a do defunto, que foi reconhecida como dele próprio pelo pessoal do Banco a que presidira.

Aksakoff refere ainda o caso notável de Mary Burchett, por ela mesma narrada na revista *Light* de 1884 e 1886.

No espaço de dois anos, esta Senhora recebeu umas cinquenta mensagens de escrita direta de um amigo íntimo falecido em 1883. Enquanto na Terra, êle não acreditava mais que o Dr. Knox “na possibilidade de uma vida após a morte”; e é por isso que êle diz na sua segunda mensagem:

“É uma revelação para mim como para si; você não ignora quanto eu era refratário a qualquer fé numa existência futura”. Antes da sua viagem a Londres, em 1866, Aksakoff escreveu à Sra. Burchett fazendo-lhe várias perguntas, às quais ela respondeu com a seguinte carta que contém numerosas minúcias inéditas:

“Lamento não poder satisfazer o seu desejo de possuir alguns espécimes da escrita póstuma, mas natural, do meu defunto amigo, atendendo a que essas mensagens que êle me dirigiu, sendo, como são, de ordem inteiramente pessoal, são sagradas para mim. Além de que, o meu falecido amigo repetidas vezes me pediu que as não mostrasse a ninguém”.

\* \* \*

Durante quatro anos, descreve Juliette Alexandre Bisson em seu livro — “*Les Phénomènes Dits de Matérialisation*” — em cada reunião experimental que se realizava com a médium Eva C..., Examinava-se a sensitiva rigorosamente e a revestiam com uma roupa de malha, que lhe recobria o corpo da cabeça até os pés. Examinavam, depois, os cabelos, as orelhas, o nariz, a bôca, os sovâcos, as dobras internas dos joelhos e faziam-lhe, finalmente, o exame retal e vaginal.

Certa ocasião, conforme relata o Barão Albert de Schrenck-Notzing, Professor da Universidade de Lemberg, após haver estudado tôda a capacidade psíquica da jovem médium Stanislava P... — desde os fenômenos telecinéticos (*motio in distants*) até a materialização integral de Espíritos — que espocavam em plena luz do dia, êle criticou àasperamente a intolerância “d’un savant, qui avait refuse de se prononcer en faveur de l’authenticité des phénomènes por la seule raison que le médium n’avait pas consenti à lui permettre un examen rectal e vaginal (20)”.

Para o ilustre “savant”, contudo, as ponderações de que a jovem médium ainda era *virgem* não lhe diminuiram, uma vírgula, quanto à impossibilidade de que ela pudesse esconder alguma coisa, naquelas partes escussas do seu corpo...

Durante as experiências do Professor Sir Oliver Lodge, por exemplo, a médium Florence Cook ficava isolada num círculo elétrico cujas variações de resistência eram indicadas por um galvanômetro que se encontrava junto dos experimentadores. Certo dia, quando o fantasma do Espírito de Katie King surgiu materializado, o Professor pediu-lhe, inesperadamente, que metesse as mãos numa tina com mercúrio onde havia um corante enérgico.

O galvanômetro que tinha indicado uma diminuição na resistência do circuito à medida que o fantasma se formava, não sofreu qualquer desvio pela imersão das mãos dêste na tina com mercúrio, nem nas mãos da médium haviam manchas do corante. Observou-se, depois, que em várias partes do corpo da sensitiva havia manchas do corante, o que mostra que a materialização do Espírito é feita também à custa da matéria da médium, hipótese esta perfeitamente confirmada pela diminuição do pêso da sensitiva durante a produção dêstes fenômenos e pela redução dos circuitos.

E enquanto não nos provarem que estamos em êrro, por argumentos outros que não sejam os apresentados até agora, temos o direito de afirmar que a existência do Espírito está provada experimentalmente pelos fatos do magnetismo e hipnotismo, impondo-se, sobretudo, nos fenômenos anímicos ou espíritos, pela exteriorização da sensibilidade e motricidade do sensitivo. O animismo é, por assim dizer, a propedêutica do Espiritismo.

Temos, nesse sentido, documentos positivos da existência da alma depois da morte; possuímos uma soberba coleção de fatos, que foram autenticados pelos mais respeitáveis experimentadores do mundo; e tudo isso por meio de observação rigorosas, porém simples e práticas, ao alcance do bom senso e para cuja exposição

(20) Schrenck-Notzing — *Les Phénomènes Physiques de la Médiumité*, pág. 152, edição Payot, Paris, 1925.

não é necessário ser-se um gênio transcendente, nem empolado e pedante como o Dr. Cesário Morey Hossri, Professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, nem tão hábil e "expert" pres-timano como o reverendo Padre Oscar Gonzalez Quevedo, servo de Jesus.

E é bom que saibam — tanto o Professor como o Padre — que há fases distintas sobre o movimento da Doutrina Espírita: a primeira corresponde até o ano de 1857, época do lançamento da primeira edição de "O Livro dos Espíritos", de Allan Kardec; a segunda corresponde aos anos de 1870 a 1873, fase inicial do movimento científico do Espiritismo, quando se apresentaram ao público inglês os resultados das célebres pesquisas do Professor William Crookes através do "Quartely Journal of Sciences", de Londres, em janeiro de 1874, e, posteriormente, ampliadas pelo ilustre Autor no livro — "Recherches Sur les Phénomènes du Spiritualisme" (21).

Daí em diante, multiplicaram-se as experiências psíquicas, e os observadores conscienciosos e honrados descobriram que os fatos novos eram produzidos por inteligências vivendo em um mundo diferente do nosso. A Inglaterra, a Alemanha, a América do Norte, a Rússia, a França, a Polônia, a Itália, enfim, quase tôdas as inteligências da época proclamaram, sonoramente, a realidade da fenomenologia espiritual, convictos de que poderiam abalar o "clássico academismo materialista da época".

\* \* \*

Para os que contraíram a incurável enfermidade de negar os fatos espíritos, metapsíquicos ou parapsicológicos, servindo-nos de exemplo os cinco inconfundíveis repórteres de "O Cruzeiro" e seus demais "associados" — o ilustre Professor Silva Mello, o reverendo Padre Oscar Gonzalez Quevedo e o distinto Professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Dr. Cesário Morey Hossri — para os quais todos os acontecimentos extra-sensórios são produtos da fraude, da farsa, ou da mistificação dos médiuns, a pior moléstia — segundo Sócrates — "é a que presume saber o que não sabe"...

Começamos por aconselhar, embora timidamente, que tais patrícios estudem o "mediunismo" com elevação de propósito e isen-

(21) A edição do citado livro, embora vertido para o francês, é uma obra rara. Foi editada pela Librairie des Sciences Psychologiques, de Paris. A Federação Espírita Brasileira publicou o mesmo volume com o seguinte título — "Fatos Espíritos".

ção de preceitos escolásticos, pois, no dizer do Dr. Gustavo Geley, "a experimentação metapsíquica é ocorrência delicada e que não se improvisa. Ela necessita, para ser frutuosa, de um conhecimento aprofundado da mediunidade e dos métodos que ela impõe".

E o Autor conclui:

"Mesmo muito poderosos, os sentidos isolados e, além disso, contrariados pelas vontades divergentes ou hostis de um júri, ficam reduzidos à impotência" (22).

Em matéria de *divergências psíquicas*, parece que vem a calhar o que escreveu James Balmes, em sua interessante obra "Cartas a Um Céptico":

"A incredulidade dos ignorantes, quando se trata de coisas extraordinárias — comenta Balmes — é sumamente curiosa. Se ouvem falar de um fenômeno pouco comum, logo aplicam o seu soberano critério: No mundo há muitos enganos; portanto, não me farão acreditar nessa loa — e sacodem a cabeça com ar de indizível satisfação".

Quando o ilustre Professor Sir William Crooks — o Sábio que os cientistas ainda admiram — precisou opinar sobre a fraude mediúnica pressuposta pelos adversários das experiências psíquicas, êle, então, em 1874 já, explicava que durante o período do desenvolvimento dos trabalhos de materialização de um Espírito, dadas as dificuldades, iniciais de se obter, prontamente a harmonia vibratória, fluídica psíquica e somática entre o fantasma e o medianeiro, às vêzes pode surgir uma ligeira semelhança entre ambos, mas que vão desaparecendo à medida que as experiências evoluem.

Nessas condições — esclarece William Crooks — eis o motivo porque um observador bisonho refuga, imediatamente, o resultado experimental da primeira comprovação psíquica. Depois êle — o sabichão — fantasiará a sua interpretação *de visu* e, provavelmente, sem outros exames, escreverá aos jornais e apontará a suposta fraude ou farsa do médium, e expandir-se-á em sentimentos de comiserção à vista do ridículo espetáculo de criaturas que, inteligentes em aparência, se deixam embair pelos mistificadores grosseiros, que êle e só êle descobriu ao primeiro golpe de vista.

Outro testemunho importante que desejamos reviver é do afa-mado homem de Ciências Sir William Barrett, Professor de Física do "Royal College of Science for Dublin" e membro da Sociedade Real de Londres, que em seu livro — "Nos Umbrais do Além" — declara:

(22) Gustavo Geley — "L'Ectoplasmie et la Clairvoyance", páginas 2 e 3.

“É necessário frisar que os fenômenos mediúnicos a que me vou referir não só foram produzidos *em pleno dia* ou com *iluminação* suficiente para se descobrir qualquer fraude, como nenhum sensitivo profissional estava presente, e as sessões se realizaram onde sempre me aprouve e até em minha residência”.

Certa vez, consultaram-no sobre as probabilidades de o médium regurgitar, durante os trabalhos, as matérias depositadas em seu estômago. Ele, prontamente, respondeu:

— Considero-a uma hipótese por demais estúpida...

Ora, os nossos cinco jeitosos repórteres de “O Cruzeiro”, já que muito *exploraram* o pensamento do Professor Charles Richet, deveriam êles saber que o ilustre Mestre da Sorbonne e autor do *Traité de Métapsychique*” jamais aceitou a possibilidade da regurgitação por ser impossível sobre todos os aspectos fisiológicos.

Opinando, favoravelmente, sobre as experiências extra-sensórias de Eva C..., realizadas em janeiro de 1922, assim se expressa o saudosos Professor da Universidade de Paris:

“Todavia, nossos sábios colegas da “Society for Psychical Research” não concluem. Reconhecem que o único truque seria a regurgitação. Mas que é a regurgitação? Como sair do esôfago ou do estômago massas de uma substância móvel, que vai organizar em forma de mãos, de desenhos, de figuras? Não há fisiologista que admita, em quem quer que seja; o poder extraordinário de contrair o esôfago e o estômago à vontade. Como seria possível com as mãos ligadas e mantidas, desdobrar papéis, fazê-los desaparecer, metê-los através de um véu? (23).

Sobre a hipotética *regurgitação* aventada contra a médium Otilia Diogo, temos aí mais outra mal-intencionada proposição dos cinco manhosos repórteres de “O Cruzeiro”. Gostaríamos de perguntar-lhes o que sabem êles quanto às dificuldades que tem a criatura para revessar, por vontade, o que lhe pesa no estômago?

E como os cinco ilustrados repórteres talvez não saibam quanto é doloroso expelir os alimentos excessivamente ingeridos, vejamos o que nos explica o Dr. Carlos Imbassahy:

“Quem vê as dificuldades de um médico para fazer sair do interior do indivíduo o que êle engoliu indevidamente, já por meios mecânicos já com o recurso das drogas, ficará abismado diante dessa facilidade da médium Otilia de regurgitar; à hora precisa, o imponente material jacente na víscera do abdome. E teríamos, então, a Otilia, a devolver, através dos vômitos, uma série

(23) Charles Richet — “*Traité de Métapsychique*”, página 682, segunda edição, Librairie Félix Alcan, Paris, 1923.

de indumentos, saias, véus, longas vestes, roupas femininas, roupas masculinas, a Cruz da Freira, as barbas do Veloso, as toalhas transformadas em faixas ectoplásmicas” (24).

\* \* \*

Ante os fastos da Doutrina dos Espíritos é forçoso reconhecer que tôdas as obscuridades se iluminam, tôdas as sombras se desvanecem diante das experiências psíquicas modernas, em que a *sensibilidade* se exterioriza, a *intelectualidade* abandona o cérebro, a *motricidade* se expande além dos órgãos e, enfim, o desdobramento se produz, dando-nos a irredutível prova de que o Espírito é alguma coisa de real e concreto, de que pode abandonar o corpo, sem quebra dos peculiares modos de ser, das suas faculdades de ação e de conhecimentos.

Em defesa de nossas idéias, sempre aceitamos a controvérsia, dos que levantam objeções dignas de fé, confessando-lhes, abertamente, a nossa ingorância sobre os pontos doutrinários que não soubemos ainda interpretar, e abtemo-nos, tanto quanto possível, de personalizar. Podemos, evidentemente, pensar de modo contrário a alguém sem diminuição da estima recíproca. Afinal, que buscamos todos nessa palpitante questão da espiritualidade? A luz, venha de onde vier. Nosso ardor é, apenas, fruto do entusiasmo. Mas demonstrado o erro, volveremos para atrás.

Todavia, enquanto a mentira, a calúnia ou falsidade prevalecerem para as distorções dos fatos extranaturais e se prestarem para deturpar os pensamentos do Professor Charles Richet, sempre nos hão de encontrar na outra margem do caminho, dispostos a desmascarar os aventureiros, os quais, aos olhos do público e dos incautos passam, sem maior exame, por ilibadas criaturas.

Esse desleal e pecaminoso recurso, todavia, não seria muito de se admirar entre fanáticos e pretensiosos. Cremos poder desculpá-lo aos religiosos de vários matizes, a quem a sobrevivência, com sua comunicabilidade ou manifestação, viria abalar preceitos, preconceitos, regras e interesses seculares. Fôra, infelizmente, indispensável rememorar tudo isso, porque os cinco vigilantes repórteres de “O Cruzeiro” voltam as armas contra *uma só experiência* que poderia, quando muito, ser passível de ligeiro insucesso.

Valemo-nos da opinião do Dr. Thomas J. Hudson, autor de “As Leis dos Fenômenos Psíquicos”, quando nos diz:

(24) Carlos Imbassahy — “Truques Fotográficos”, série de artigos publicados no jornal *Mundo Espírita*, órgão da Federação Espírita do Estado do Paraná, edições de janeiro e fevereiro de 1964, Curitiba.



“O homem que hoje negar os fenômenos do Espiritismo não deve ter o qualificativo de céptico, e, sim, simplesmente, o de ignorante”.

Afinal, hoje, ninguém desconhece que a Doutrina Espírita, há mais de um século, fez a sua aparição no mundo das ciências, das idéias e das religiões e, até o presente, está sendo submetida a críticas apaixonantes e ataques quase sempre desleais. Os adeptos são escarnecidos, vilipendiados, caluniados, ridicularizados, anatematizados, pois desejam fazer dêles os últimos representantes da estultícia, da patifaria, da mistificação, da escamoteação e da prestidigitação.

Dessa maneira, apesar das perseguições soezes e difamatórias, apesar dos interesses ocultos e das antipatias graciosas, apesar dos recursos e das maneiras canhestras, êles, os espíritas, são hoje mais numerosos; viscejam progressivamente, não só na massa dos simples, dos humildes, dos ignorantes e dos desgraçados, mas, sobretudo, entre os homens esclarecidos, distinguindo-se, entre êles, sábios e cientistas, experimentadores e observadores, artistas e escritores, filósofos e jornalistas, historiadores e juristas notáveis.

A Doutrina Espírita, contudo, nenhum caráter de misticismo apresenta. Ela é, apenas, o resultado das manifestações objetivas e subjetivas produzidas não só pelos vivos, como também pelos indevidamente denominados “mortos”, que se têm identificado a ponto de não deixar a menor dúvida aos mais exigentes perquiridores. Ela é decisiva e profícua no sentido de esclarecer os homens sobre o prolongamento da existência de além-túmulo, produzindo, assim, um golpe profundo nas idéias negativistas, que transmitem o desânimo às massas e lhes vedam o conhecimento das causas espirituais.

Como poderemos sentir, não é uma concepção pessoal, não é mero “artigo de fé” decretado por interesse oculto, sectarista ou ocasional, mas, como já afirmamos, é a conclusão lógica extraída de uma fenomenologia múltipla e vasta em sua gama de manifestações, concretizadas em tôdas as épocas da humanidade e que, ultimamente, se revestiu de um caráter científico, submetendo-se aos mais rigorosos inquéritos experimentais e oferecendo-se a um exame positivo, sem dispensar os mais aperfeiçoados métodos técnico-lógicos e moderna aparelhagem de fiscalização.

Mas, como sempre acontece, os *frívolos* jamais observam tais disciplinas, como no caso dos cinco insensíveis repórteres de “O Cruzeiro”; os *sectaristas* os repelem, segundo a exposição do articulista das “Crônicas que Não Foram Escritas”; os *néscios* os achincalam através dos “Desafios”; os *fotógrafos* os deturpam conforme o criador de “Eterno Fauno”; os *dogmáticos* os ironizam impondo indenizações a pêsos de “cruzeiros”...

Enquanto tudo isso acontece, “uma nuvem de gafanhotos, *travesti* de senhores do assunto, pagos para turvar as águas, apresenta-se ao lado dêles, repórteres, e, entufados com a companhia dão para robustecer as inverdades e perpetuar outras, ainda mais escabrosas, por conta própria”, comenta o Dr. Carlos Imbassahy.

Sempre prontos para destruir, arrasar ou inutilizar as riquezas das pesquisas psíquicas, acumuladas por uma equipe de experimentadores esclarecidos no assunto, a maioria formada entre médicos e professôres universitários, é com a mesma insciência dos vândalos que vão talando, assaltando, desonrando, incendiando, arruinando tudo diante de si. Êles entram no assunto com as patas de cavalo de Atila...

Às vêzes, porém, os cinco ardentes repórteres de “O Cruzeiro” tornam-se petulantes nas suas afirmativas, pois agem de tal modo dominados por um pedantismo tolo, que não podem sustar as manifestações de desagrado contra quem ousa opor-se à loquacidade vazia e sem significação, simples impostas por êles.

A realidade é que para confundir e arrasar o Espiritismo, os cinco malabaristas repórteres passam a jogar com um dos mais respeitáveis nomes do Metapsiquismo — o do Professor Charles Richet — estropiando o que êle disse, distorcendo o que êle escreveu e desfigurando o que sempre pensou o velho Mestre da Sorbonne. É, portanto, com êsse ruinoso malabarismo mental que os repórteres criticam, e discutem, e resolvem, e condenam a experiência de Uberaba, embora êles, sendo impolutos e intocáveis como apregoam, jamais tenham cuidado de legitimar as “suas transcrições”, citando o número de *tôdas* as páginas do “*Traité de Métapsychique*”, onde, realmente, estão asseguradas as *autênticas* “opiniões do cientista Charles Richet” (25).

Chegando a tal latitude, não importa que a vaidade balofa dos sonegadores recomendados, a bazófia dos incréus materialistas, o obscurecimento dos fanáticos apaixonados e a insidia dos repórteres interessados a levantar barricadas; a onda do progresso espiritual é mais forte do que elas. É inglória a tarefa em que insistem e persistem em ocultar ou destorcer a coleção dos fatos psíquicos.

Felizmente já se vai notando a desmoralização dos sistemas, a falência dos processos. A inteligência — observa o Dr. Carlos Imbassahy nem sempre é penhor da honestidade; homens ilustres se deixam arrastar na vasa das paixões; e o *mau uso das faculdades* pode causar grandes prejuízos nos terrenos do conhecimento, da moral, do bem e na honorabilidade.

(25) Consulte-se a página 61, dêste volume.

Quando a equipe profissional de "O Cruzeiro" compareceu à reunião experimental de Uberaba, já se poderia divisar os prelúdios intencionais e malfazejos dêles, em virtude do comportamento anormal de cada um dos cinco membros, pois logo se confirmou o *mau uso das suas faculdades* pelo incontido anseio de traumatizar, arrasar e pulverizar — moral e psiquicamente — a *honorabilidade* da médium Otilia Diogo, muito antes de se iniciar a malfadada sessão.

Sabiam, contudo os cinco inteligentes e bem informados repórteres, como também não desconhecia o ilustre Professor Silva Mello, autor dos "Mistérios e Realidades Dêste e do Outro Mundo", que se provocando um impacto emocional na médium, nessas condições o insucesso seria inevitável. . .

Então, ela Otilia Diogo — sensitiva analfabeta e humilde mulher do povo — ante as insídias dos repórteres e as bazófias de um Professor materialista, que circulavam em torno da sua honorabilidade, conduziram-na a cometer um desatino contra si mesma, tentando suicidar-se, logo depois da tumultuada experiência de Uberaba.

Dir-se-ia, enfim, que o programa executado pelos repórteres fôra estudado, decorado e ensaiado previamente. Então nunca se viu tão poucas criaturas dispenderem tantos esforços para provar que "o fio de um trapo", arrebanhado por alguém durante os trabalhos, seria a prova provada da "*mistificação da médium*" . . .

Mas a verdade, empanada pelos cinco repórteres de "O Cruzeiro", poderá sofrer ligeiros eclipses; todavia jamais se deterá. Prossegue sempre, como continua a prosseguir nesta hora, neste minuto, neste segundo. Assim tem sido, assim será.

Por quê? Porque ninguém, de boa fé, pode negar que os Espíritos voltam do Além para comprovar aos do "aquém" a existência de uma outra vida num outro mundo melhor. Afinal, os *revenants* provam com a sua presença e inteligência que seremos sempre eternos, e trazem a debate, sob nova luz, o problema da imortalidade, pois, Allan Kardec, no sentido de legar à humanidade os mais belos ensinamentos da Doutrina Espírita, realiza, em 1857, os mais amplos e meticulosos estudos sobre a matéria, na qual empenhou a glória de seu nome ilustre.

Todavia, as campanhas que visam difamar o Espiritismo, sem nunca atingir o alvo, tornam-se tão desprezíveis e são de tal maneira tórpidas e revoltantes, que nos forcem, por mais que não queiramos, a vir defendê-lo das investidas de certos elementos suspeitos, que vivem ansiosamente à espreita do menor descuido, do menor deslize, do menor motivo, para transformá-lo num insucesso, que não entendem e desconhecem, mas que lhes servem de combate e de escândalo. Ao menos *nisso* são consumados mestres.

A falta de melhores esclarecimentos sobre a matéria, os nossos opositores e patricios, ora apandilhados para desmoralizar as mais legítimas experiências do mediunismo, vivem a repetir as mesmas *cantarolas* para explicarem os mesmos fenômenos psíquicos.

É "fraude", é "farsa" e é "mistificação", sentenciam êles, apoiados, como sabe o leitor, nos seguintes livros: *O Espiritismo à Luz da Razão* — dos Padres Pascoal Lacroix e Bueno Siqueira (26); *O*

*Espiritismo no Brasil* — Drs. Leonídio e Murilo de Campos; *Espiritismo e Loucura* — Dr. Xavier de Oliveira; *Contribuição ao Estudo do Estado Mental do Médium* — Dr. Pedro Cavalcante; *Mistérios e Realidades Dêste e do Outro Mundo* — Professor Silva Mello (27).

Resta-lhes, enfim, aceitar que surgen os albores de um novo conhecimento científico que altera os estudos adquiridos e modifica as noções que possuímos a respeito da vida e da morte, pois, consoante o pensamento do Professor Charles Richet, "não é só a Biologia e a Fisiologia, senão principalmente a *Psicologia* que deve passar por uma transformação radical".

Ela, a Psicologia, deverá refazer a gênese dos conhecimentos humanos, segundo declaração oficial do Professor Hans Driesch, da Universidade de Leipzig, publicada no último "Relatório do Congresso Espírita Internacional", constituído em Londres. E pronunciando, finalmente, as últimas frases em defesa da tese, o Professor Driesch sustenta, então, diante dos congregados, que "o materialismo científico é impotente para explicar as atividades da vida, porque as manifestações psíquicas sempre contêm algo mais que guia e dirige a matéria: — o Espírito".

Em matéria tão complexa e em ocasião tão exigente, torna-se claro de que nada vale a tibieza de nossas palavras nem a insignificância de nosso pensamento. Se entramos em tamanha polémica foi a reclamação do dever de espírita. E sempre estaremos prontos a aceitar os riscos que cabem aos lutadores leais. Jamais recuaremos, quaisquer sejam os empecos, desde que nos convençamos estar ao lado da Verdade.

Eis a *garantia* dos acontecimentos: os fatos psíquicos foram autenticados por Francisco Xavier e o Dr. Waldo Vieira. Uma

(26) Vide o magnífico trabalho documentativo — "O Espiritismo à Luz dos Fatos" — réplica do Dr. Carlos Imbassahy aos respectivos Padres.

(27) Consulte, também, o leitor o livro — "Fantasmas, Fantasias e Fantoches" — do Dr. Carlos Imbassahy em parceria de outro, em resposta ao livro do ilustre Professor.

equipe de experimentadores, constituída entre *dezesseis médicos e três professores* de medicina, dão testemunho dos fatos psíquicos. Eles todos não poderiam mentir; e não permitiriam a marosca da médium, uma criatura simples e analfabeta. Jamais, jamais mesmo, eles poderiam aceitar a "farça", a "fraude", a "mistificação" nem "para salvar a Experiência de Uberaba". São limpos por demais. Os *farsantes* de Uberaba não foram eles...

Nesse sentido, nunca haverá ataque que nos desanime. Ontem, hoje ou amanhã combateremos francamente e sempre no terreno das idéias. Porém, de onde quer venham os golpes, jamais os temeremos, apoiados, como sempre estamos, pela Doutrina dos Espíritos. É certo que, por vêzes, são traiçoeiros: ferem, não sabemos a título de quê. Mas ferem e caluniam...

Cessada a disputa, volveremos, depois, à prece do trabalho e ao recolhimento do estudo, em busca da nossa reforma interior, única bagagem de livre franquia para lá dos caminhos da Outra Vida"...

## SEGUNDA PARTE

- I — EUSÁPIA PALADINO — DADOS BIOGRÁFICOS
- II — EUSÁPIA PALADINO E OS SÁBIOS
- III — EUSÁPIA PALADINO E AS COMISSÕES EXPERIMENTAIS
- IV — EUSÁPIA PALADINO E AS MATERIALIZAÇÕES DE ESPÍRITOS
- V — EUSÁPIA PALADINO E A ERRONIA DA CRÍTICA

EUSÁPIA  
PALADINO —  
DADOS  
BIOGRÁFICOS

*“Os jornalistas são criaturas que acomodam às palavras a mentira, compondo tais ladainhas que, ao se ler uma delas, a língua se resseca antes de a gente chegar ao fim”. (Palavras de EUSÁPIA PALADINO ditadas a Paola Lombroso).*

**E**USÁPIA PALADINO nasceu em Murge, Nápoles, no dia 31 de janeiro de 1854 e desencarnou em 1918 aos sessenta e quatro anos de idade. Era ainda muito criança, sem instrução alguma, quando passou a sentir os primeiros sintomas de sua sensibilidade mediúnica, surgida, por acaso, durante uma reunião espírita, realizada na residência de um casal amigo que a protegia.

E até hoje Eusápia Paladino ainda é considerada a mais famosa e a mais respeitada médium que espontou nos albores da Doutrina dos Espíritos. Seu nome está, indiscutivelmente, associado a uma fase das mais notáveis — a dos experimentadores espíritas, ainda bisonhos, e a dos cientistas empedernidos, por demais materialistas.

Durante meio século de experimentações contínuas, submeteu-se às rigorosas exigências dos maiores e ilustres Sábios da época, é verdade. Mas, sempre conseguiu, através de suas excepcionais faculdades de medianeira, demonstrar-lhes que o homem tem um Espírito Imortal e que em determinadas condições êle pode manifestar-se com os *vivos* da Terra.

Os cinco exímios repórteres de “O Cruzeiro” comentam, todavia, que “a jovem Eusápia Paladino (28) era uma espécie de fi-

(28) Em Milão, no ano de 1892, o Professor Charles Richet assinou, em penúltimo lugar, o célebre “Relatório da Comissão de Professores” que estudaram os fenômenos psíquicos de Eusápia Paladino. Nascida em 1854, é evidente que no ano de 1892, época da publicação do “Relatório”, a jovem Eusápia tinha, portanto, apenas trinta e oito de idade.

*gura sagrada* para o cientista Charles Richet, que nela depositava uma enorme confiança"...<sup>(29)</sup>. E nesse dizer mal ou maldizer eles acertaram, inconscientemente, pois que já existe um número tão elevado de *obras de cientistas* sobre a extraordinária sensitiva que até já se criou uma bibliografia especial — a "Bibliografia Paladiana".

Incansável em suas perquirições metapsíquistas, Charles Richet prosseguia estudando, observando e analisando sempre, até que em 1892 participou de uma série de experiências levadas a efeito em Milão, com a notável médium Eusápia Paladino, para o estudo dos fenômenos psíquicos. Ao término de dezessete sessões experimentais, das quais Richet somente assistiu cinco, êle foi um dos signatários do "Relatório" que confirma a obtenção de inúmeros fenômenos. O "Relatório" foi publicado no jornal "Popolo d'Italia", em 18 de novembro de 1892 e nos "Annales des Sciences Psychiques".

Sobre os inúmeros experimentos psíquicos demonstrados através de Eusápia Paladino, ouçamos agora, o que mais nos vai informar o eminente Fisiologista da Sorbonne:

"J'arrive maintemaret aux expériences faites avec Eusapia Paladino. Elles sont très nombreuses et je les décrirai avec quelques détails; car j'en ai été le témoin attentif, à Milan, à Rome, à Carqueiranne, à l'île Ribaud, à Paris. Je peux donc en parler en connaissance de cause, ayant assisté à plus d'une centaine de séances". (Traité de Métapsychique", página 540, segunda edição, Librairie Félix Alcan, 1923, Paris).

#### Tradução:

(Chegamos, agora, às experiências praticadas com Eusápia Paladino. São numerosíssimas e as descreverei com alguns detalhes; porque fui a testemunha atenta, em Milão, em Roma, em Carqueiranne, em a ilha Ribaud e em Paris. Posso, então, falar com conhecimento de causa, porque assisti para mais de uma centena de sessões).

Saibam os cinco repórteres citados, que Eusápia Paladino, em vida, foi heroína e mártir. Heroína, ante o rigoroso pensamento materialista dos grandes vultos da Ciência daquela época. Mártir, frente à terrível pressão caluniosa dos rotineiros, dos perversos, dos ignorantes, dos mentirosos, dos rancorosos, dos difamadores e dos maus, que a combateram, que a caluniaram e que a perseguiram, sem descanso, até o final da sua atribulada existência.

(29) Vide revista "O Cruzeiro", página 11, sexto período da segunda coluna da edição de fevereiro de 1964.

Possuidora de grande coração sentia, até as lágrimas, o sofrimento dos necessitados. Daí, então, os proventos que consegue amealhar de seu exaustivo *trabalho mediúnico*, serem distribuídos entre a pobreza desvalida e as crianças miseráveis de seu bairro.

Era só isso e apenas isso, o que aquela pobre e analfabeta Eusápia Paladino *podia fazer*...

O seu aspecto e a sua palavra se apresentam absolutamente verídicos e sinceros, confirma Paola Lombroso, filha do Professor César Lombroso, em seu trabalho "Eusápia Paladino — Dados Biográficos", publicado em "La Lettura", maio de 1907, páginas 389 a 394.

Jamais teve inclinação para enganar o próximo, nem para fingir, nem para fazer pose. Possuía a habilidade ou a virtude, bastante rara, de conservar-se tal como a natureza a fêz: franca, sincera, instintiva. Dessa maneira os fatos que ela descreve, por maravilhosos que pareçam, são todos, certamente, verdadeiros e confirmáveis.

Eusápia Paladino, embora plebéia, foi alçada nas asas da fama mundial sem jamais sair do limbo do analfabetismo, providencial analfabetismo que a salva da vaidade, porque de toda a enxurrada de tintas, espalhadas por sua causa, ela nada sabe.

Assim como se mostra loquaz quando fala sobre um assunto ventilado espontaneamente, ela se torna desconfiada quando é interrogada sobre matéria que desconhece, pois em cada pergunta suspeita a curiosidade jornalística, pela qual nutre violenta repulsa.

E explicava os seus temores:

— Os jornalistas são criaturas que acomodam, as palavras a mentira, compondo tais ladainhas que, ao se ler uma delas, a língua se resseca antes de a gente chegar ao fim.

Todavia, a uma ingênuo comensal que lhe pergunta "como teve a idéia de dedicar-se a esta carreira", prontamente protestou:

— Por caridade, senhora. Não diga "carreira". Carreira é aquela que se escolhe por vocação. Eu jamais desejei ser médium; e pelo que tenho ganho, nunca teria me deixado seduzir. Não é uma carreira, é um destino... De resto, a minha história é longa, e nela há muito de incrível. Apraz-me contá-la, se bem que haja muitos que pretendem conhecê-la — os jornalistas, compreende? — e que, nada sabendo dela, desenrolam sobre a minha vida uma porção de mentiras.

Eusápia Paladino, geralmente, sempre faz dos episódios, das suas recordações de viagem, das coisas e pessoas vistas, um comentário original, pleno de sábia e penetrante filosofia popular. Os seus juízos sobre os "grãos senhores" não são nada lisonjeiros. Pode ser

que em *transe*, Eusápia veja as coisas e as pessoas através de um nevoeiro. Mas, quando está desperta, os olhos bem abertos, observa e nota bem todos os fatos, e externa sua impressão pessoal com fina perspicácia.

Convidada a passar algum tempo em um palácio de Berlim, do Barão X... — Eusápia, contida pelo escrúpulo, nunca declinou o seu nome — o anfitrião a chama e lhe anuncia que, para apresentá-la à sociedade de Berlim, promoverá um jantar de gala, descrevendo-lhe a cena que irá ver, à noite:

— No jantar de gala, teremos príncipes, diplomatas, condes e barões, tudo gente que figura no “*catálogo*” de Gotha, uma coisa como jamais você viu, Eusápia.

E ela atalhou, simplesmente:

— Imagine!... Como se eu já não conhecesse reis, príncipes, arquiduques, duques, barões e condes!

O Barão X..., encabulado, a levou a dar uma volta pelos salões, descrevendo-lhe, então, as épocas e os estilos dos móveis, “não deixando escapar um prego”, informa Paola Lombroso.

Depois de ouvi-lo com impaciência mal dissimulada, Eusápia Paladino se voltou para o seu interlocutor, respondendo:

— Mais, “escute” Barão... Que valor o senhor acredita terem para mim estas coisas velhas e antiquadas? E o senhor, se já as possui há quatrocentos *saeculorum*, ainda não está acostumado a tê-las?

A sua impertinência e arrogância de plebéia, e de napolitana, sobretudo, assume às vezes uma forma de dignidade pessoal nada antipática.

Outra vez — é ainda Paola Lombroso que escreve — Eusápia Paladino estava hospedada na luxuosa mansão do grão-Duque da Rússia, em Petersburgo. A grã-Duquesa, freqüentemente, mandava chamá-la para conversar e fazer-lhe companhia em seus aposentos, mas quando se aproximava alguém fazia a ela um gesto imperioso, indicando-lhe a porta.

Por vezes, Eusápia, um tanto desorientada, obedeceu. Mas, depois, rebelou-se. E empertigando-se resolutamente diante da Princesa, disse-lhe claro e sem rodeios.

— Oh, senhora grã-Duquesa! Com certeza a senhora me julga uma cesta que, quando necessário se leva ao mercado, e, depois, se larga num canto, o resto do dia. Ou eu fico no salão com as demais pessoas, ou me vou embora desta casa...

E a Princesa de sangue, para não desagradar a Princesa do Espiritismo, consentiu que ela permanecesse no salão, à sua vontade, a bocejar. A arrogância, a soberba e sobretudo aquilo que se chama “falta de consideração”, irritam-na profundamente.

Em Turim, o Duque dos Abruzos solicitou-lhe e obteve uma sessão e a recompensou generosamente, mas Eusápia, descontente com a “falta de atenção” do Duque, no instante em que êle ia entregar-lhe a nota na presença dos demais convidados, ela “explodiu”:

— Enfim, “seu” Duque, que me vale uma nota de quinhentas liras? Se sou capaz de rasgar as cédulas de quinhentas liras em quatro pedaços. Presto meus serviços com gentileza e quero que me tratem da mesma forma.

Conta-se que, num momento impróprio, quiseram censurá-la porque cortava o pão com os dentes, sem parti-lo antes como manda a etiquêta:

— Chi, madame Eusápia — disseram-lhe em francês — a senhora come como as crianças!

— Pois saiba o senhor — respondeu no seu francês estropiado — que no meu país as crianças comem como os homens!...

A primeira vez que o Professor César Lombroso a convidou a almoçar, manifestou claramente suas condições:

— Bem, aceito, mas não como uma feiticeira, e sim como uma hóspede para conhecer a vossa família; e não desejo, ao meu redor, nem repórteres, nem jornalistas, nem fotógrafos.

As residências que Eusápia Paladino mais adora, admira e sente tanto o prazer de desfrutar o seu ambiente acolhedor, são “as casas com família”. A do Professor Charles Richet, por exemplo, é o seu ideal:

— Estar ali três meses me parece três dias! Porque ali não só são belas as paredes, como é boa a gente que está dentro! Richet é como um irmão! Uma vez pensou em regalar-me: presenteou-me com três galinhas, que botavam ôvo, só para que eu tivesse a ilusão de estar em minha casa, em Nápoles. Aquelas galinhas me deram maior prazer que um colar de brilhantes.

Até agora evitamos, deliberadamente, não falar sobre Eusápia Paladino na obscuridade do gabinete mediúnico, entre a obnubilção total de seus sentidos psíquicos, ou dos arquejos e os balbucios do *transe*, no mistério das mãos dos fantasmas que aparecem, das mesas que *bailam*, das pancadas que *ressoam*, misteriosamente, pelos quatro cantos das paredes, das vozes que *falam* inteligentemente e dos Espíritos que aparecem; porém de Eusápia tal como surge à luz do dia, aquela Eusápia que “come e dorme e veste roupa”, e que, livre da sombra protetora do Espírito John, recupera sua personalidade normal de mulher, de simples napolitana, sempre dona de insuperável loquacidade.

As suas feições não são grosseiras, embora o crítico Barzini o tenha discretamente, insinuado; a face larga, um pouco sofredora,

mostra, mais que os traços de quinquagenária, os das sessões espíritas, os da supercitição e exaustão que estas lhe causam.

— Se não fôsse este “maldito” Espiritismo, — costumava ela dizer nos momentos de azedume — eu estaria melhor que uma menina de dezesseis anos, bela e esbelta como uma espinha de peixe...

De sua beleza, ou pelo menos de uma certa feminilidade, conserva ainda alguns traços, acrescenta o mesmo Barzini. Tem olhos belíssimos, negros, agéis, diabólicos, comenta Demétrio Valleriani. E agora põe à mostra, com um quê de coqueteria, no meio dos cabelos negros, aquela sua célebre mecha branca, finaliza Giorgio Rizzo.

— Houve tempo em que eu me envergonhava dessa mecha — confessa ela — mas agora que todos a elogiam, já não a escondo mais...

Atentemos, agora, para o incidente que motivou aquela mecha branca entre os cabelos prêtos da célebre médium.

Poucos dias depois do nascimento de Eusápia Paladino, morre-lhe a mãe. O pai, rude campônio, ainda não refeito do golpe, entrega a órfãzinha aos cuidados de um casal amigo. E tão pouco interesse dedicam à criança que, antes dela completar o primeiro aniversário, a deixaram cair de mau jeito, rompendo-se uma brecha na cabeça da infeliz menina — e que é a famosa *fenda craniana* da qual, nos momentos de transe mediúnico, se percebe sair um ligeiro sopro frio.

Apesar do interesse científico demonstrado pelos principais especialistas da época, jamais se conseguiu descobrir ou explicar a causa desse “misterioso” ligeiro sopro frio, proveniente daquela fenda craniana, já cicatrizada há muitos anos. Liberta do estado de transe, o sopro desaparecia. Sobre a cicatriz, desde a infância, cresceu aquela mecha de cabelos brancos e que se distingue bem na fotografia do Dr. Herlitzka.

Aos oito anos perde o pai cruelmente assassinado por dois bandidos, em 1862. Um conterrâneo e amigo do seu genitor, residente em Nápoles, quando ciente das penúrias da infeliz órfã, conduziu-a dias depois, até a casa da avó da menina.

“A princípio, era maltratada pela avó — diz o Professor César Lombroso — depois é abandonada na rua e recolhida, quase por caridade, por pessoas da alta burguesia napolitana”. (Hipnotismo e Espiritismo”, pág. 49, Editôra Lake, 1960).

Contudo, meses depois, foi escorraçada, impiedosamente, daquela casa, “só porque era inábil, desatenciosa e imprestável”. A infeliz órfãzinha de mãe e pai, rejeitada pela avó, sem arrimo e sem pouso, desesperadamente só e na rua, lembrou-se, então, entre lá-

grimas aflitivas, de ir procurar a família amiga de seus pais, que lhe assegurou proteção e abrigo por alguns dias, até providenciar a internação da menina em um convento da cidade.

Havia poucos dias que Eusápia ali se encontrava, quando o casal recebeu a visita de alguns amigos. Durante o decorrer da conversa, um dos presentes começou a falar das mesas que batem e dançam, sobre as quais se faziam grandes comentários naquela época; e assim, por mero divertimento apenas, foi proposto fazer-se a prova de mover uma pequena mesa. Escolhida a menor, os adultos sentaram em torno dela, e aguardaram os acontecimentos. Passaram-se cinco minutos e a mesa continuava imóvel... Dez minutos, quinze minutos, e o pequeno móvel completamente imobilizado. Alguém, então, teve a lembrança de chamar a menina Eusápia para formar a corrente.

Decorridos alguns instantes, eis que a mesinha começou a levantar-se, as cadeiras repuseram a rodopiar, as cortinas e se inflarem, passeavam as garrafas, chocavam-se os copos, moviam-se os objetos e retiniam as campainhas, como quem invoca o capeta por brincadeira e o vê comparecer de verdade.

Fê-se a prova, entre os presentes, para se atestar por intermédio de quem os fenômenos foram produzidos. Através de testes eliminatórios, todos foram considerados negativos. Faltava, porém, o último, no qual ninguém confiava: o da menina Eusápia Paladino. Assim que a órfãzinha pousou as pontas dos dedinhos sobre a mesa, os movimentos se repetiram com maior intensidade e, desta feita, quando os objetos se aproximavam perto da médiunzinha, imobilizavam-se no ar para se curvarem, reverentemente, diante dela. Dir-se-ia que os Espíritos, ali presentes, através daquela solenidade, homenageavam a infeliz criaturinha e a saudavam, reverentemente, pela sua futura grandiosa e valorosa missão.

Daí em diante — comenta Paola Lombroso — os seus hospedeiros, “talvez desejosos de tê-la entre eles, a fazer bailar as mesas, a movimentar os objetos e as cadeiras”, jamais volveram a falar sobre a internação da menina num convento...

\* \* \*

Como a oliveira, Eusápia Paladino cresceu robusta e floruiu, durante cinquenta anos de trabalhos mediúnicos, na bonança e na tormenta, em tôdas as aventuras felizes e em tôdas as crises das pesquisas psíquicas, desatando-se abundantemente em belos frutos. Depois, nos últimos anos, a sorte foi-lhe inclemente, cortante. Exposta, continuamente, aos aspérrimos abalos dos experimentadores, varejada pelos ventos contrários da crítica assalariada, dava, apenas,

tênués sinais vegetalinos nuns pobres gomos venerando, numas melancólicas vergôntees desoladas de tudo aquilo que fôra da sua vigorosa mediunidade.

E nisto transluz a sua grandeza, a origem do seu mérito, o móbil de todos os valôres dos seus dotes extra-sensórios. Obrigada a sofrer com as inclemências das várias sensibilidades extrafísicas, com leis e causas ainda desconhecidas, com o rigor dos obstáculos variadíssimos engendrados por experimentadores inexperientes, distila o suor da sua frente e coroa a Ciência de flôres e de frutos, para que a criatura humana, sempre em profunda nostalgia, irrequieta, sofredora, porém anelante, tenha a certeza comprobatória de que o Espírito é imortal, e que êle não se perde como leves areias assopradas pelas revoltas dos vendais.

É bem dever, todavia, que não desejamos agora, aqui, ensaiar a biografia de Eusápia Paladino, ou, sequer, tentar a apologia de médium tão notável e de personagem de tal maneira contraditória. De maneira nenhuma. E nem nós saberíamos fazer isso, nem, ainda que soubéssemos, ousaríamos fazê-lo em tal ensejo. Esta recordação, esta homenagem simples, tenta, apenas, elevar o nome de Eusápia, acima de tôda expressão maligna e maldizente empregada pelos cinco singelos profissionais de "O Cruzeiro", quando insinuaram que "a jovem Eusápia Paladino era uma espécie de figura sagrada para o cientista Charles Richet, que nela depositava uma enorme confiança".

Nisto que afirmamos, provam-nos de todo o ponto insuspeito. Dizemos o que pensamos, honradamente, lisamente, imparcialmente em referência à "figura sagrada" e em homenagem ao Professor Charles Richet. E o fizemos sem alardes oratórios, pesquisando, apenas, os valôres reais, seguros de que o panegírico da verdade, provindo de qualquer fonte, jamais necessitou do colorido assoprado habilidosamente ou das tintas de ocasião para descrever os veros acontecimentos históricos.

Nunca haverá entre nós, espíritas, a necessidade de lançarmos mão de recursos excusos para a projeção de fatos psíquicos conhecidíssimos, sobretudo quando se estuda, quando se analisa, quando se observa ou quando se contempla a enorme e sadia documentação bibliográfica sôbre tal privilegiada sensitiva, que chegou a comover grandes sábios e ateus confessos, durante um largo período daquela época.

As excelências da virtude espiritual, as jóias do sofrimento secreto, as glórias do martírio psíquico de Eusápia e que ela os havia honrado, aquilatado e sublimado com o fulgor da sua missão nobilitante e o poder de suas lágrimas, então, dela, poder-se-ia repetir, com todo o direito, as palavras do Apóstolo:

"Combateu o bom combate e terminou a sua carreira conservando a mesma fé. Digna a supomos da coroa da Justiça... Curvamo-nos: porque trabalhou por ser valiosa, lidou e tentou em ser perfeita".

Nestas linhas, como já se percebe, apenas visamos desfazer uma grande injustiça, por demais explorada pela crítica sem quartel; sua carreira de médium profissional... Mas se desprezásemos tudo e que ela produziu através de seu *sexto sentido*, e se fizéssemos desaparecer tôda a documentação registrada na sua conduta de medianeira, ainda permaneceria a reputação oral constituída, autenticada, subsistente e perdurável de seus feitos medianímicos, que êstes, sim, até dispensam e repulsam as sonoridades das alocações retumbantes, das adjetivações bombásticas e poídas pelo uso e abuso dos críticos ignorantes.

Sensitiva íntegra e briosa, Eusápia Paladino era uma profissional equilibrada, dotada de uma paciência heróica e de uma vontade férrea de servir. Ela só, prova-se uma escrava do dever e da causa.

\* \* \*

Quinze anos após a publicação do célebre "Relatório" de Milão, Paola Lombroso, filha do Professor César Lombroso, favorecida com as descrições recordativas de Eusápia Paladino sôbre as atribuições de suas faculdades psíquicas, interrogou-a de chôfre:

— Como surgiu, afinal, no decurso de seu trabalho mediúnico, o Espírito de John King, entidade que se diz seu guia espiritual?

— Êste é o mais estranho fato da minha vida, ao qual tanta gente não quer dar crédito, respondeu-lhe Eusápia.

Fêz breve pausa... Parecia concentrar-se nas névoas de um passado muito ausente de sua memória. Depois, sacudindo ligeiramente a cabeça, prosseguiu:

— Na época em que comecei a participar de sessões espíritas, estava em Nápoles uma Senhora de origem inglêsa que havia desposado o Senhor Damiani, irmão do deputado, que ainda é vivo. Certa vez em que ela compartilhava de uma sessão espírita, foi-lhe dirigida uma mensagem escrita, afirmando que havia chegado a Nápoles um médium de nome Eusápia Paladino, residente à rua tal número tal, e possuidora de extraordinária sensibilidade mediúnica. O Espírito comunicante garantia, também, produzir fenômenos psíquicos maravilhosos através da citada médium, e assinou a mensagem com o nome de *John King*.

O Espírito — prossegue Paola Lombroso — não falou a um surdo, porque a Senhora Damiani quis verificar imediatamente a veracidade da mensagem psicografada e se encaminhou direto ao



enderêço indicado, subiu ao terceiro andar, bateu em uma porta e perguntou se ali morava a Senhora Eusápia. Em resposta, ouviu-a dizer:

— *Sono io, signora...*

De posse da mensagem espiritual *escrita*, solicitou-lhe entrar uns instantes, a fim de saber o que lhe pedia o Espírito, — *perchè io sono analfabeta...*

Só depois de ouvir a leitura, Eusápia tomou conhecimento de que o Espírito de John King desejava comunicar-se por seu intermédio, embora ela mesma, jamais havia imaginado que neste mundo no qual vivia, ou no outro, com o qual se comunicava, existisse alguém com o nome de John King. Mas, assim que se acomodou próximo da mesa, tendo por companhia a Senhora Damiani, o Espírito de John King imediatamente se “manifestou”. E, daí por diante, nunca mais a abandonou.

“Isto tudo, sim, eu juro — confessava Eusápia Paladino à filha do Professor César Lombroso — é a expressão pura da verdade, embora muita gente suponha tenha eu ajeitado os fatos. Aí está como entrei nesta ingrata profissão, que nunca desejei existisse! Dizem que só trabalho pelo dinheiro. Quem o diz não me conhece.

Meditou uns instantes. Olhou comovida, mais outra vez, para a interlocutora e amiga. A voz, silenciada pela emoção daqueles instantes recordativos, só se tornou audível quando as lágrimas começaram a pingar pingos de amarguradas recordações. Então, fitando-a tristemente, interrogou:

— Por que deverei ter avidez de ganhar, eu?

Ante o silêncio respeitoso de Paola Lombroso, justificou-se:

— Sou sózinha desde que ao mundo vim; solteira e sem filhos, e mulher de poucas necessidades... Mil liras por ano, e até mais, me rendia a quitanda que fui obrigada a fechar, por causa do Espiritismo. E tem mais: que ganho, agora, com tudo isso? Ser apenas considerada “*digna*” de me tornar conhecida por uma sociedade *ilustre*; e *escrava* de experimentadores, muitos dos quais desumanos e mal-intencionados, que eu nunca teria sonhado existirem se continuasse a ser a modesta quitandeira.

Porém, o que quer dizer *digna*? Expliquei-me- você, minha Paola, o que é ser *digna*... *Digna* me julgo eu por possuir o dom da mediunidade, favorecida que fui pela vontade do Pai... Mas *digna* sempre terei sido, porque, quando se nasce de pai e mãe honestos e se comporta corretamente como êles, essa criatura é *digna* de tudo. E creia você, *mia piccola* Paola, eu não me sinto inferior a ninguém, pois sempre tive prazer de viver no meio de gente do meu bairro e

da minha terra, vestida com uma simples saia e a comer macarrão. Não me causa, pròpriamente, nenhuma *dignidade* o haverem-me transformado na “famosa Eusápia” e ser assunto para todo mundo <sup>(30)</sup>.

E concluiu:

— Ganhei, sim, muitos bons e sinceros amigos, como Richet, Lombroso e Ruspoli, bem como os demais pesquisadores de Milão, signatários das experiências do “Relatório”... e isto foi o único e verdadeiro lucro de que me aproveitei de tudo isso.

\* \* \*

No meio dos esplendores de sua carreira mediúnica, Eusápia Paladino conserva, de sua origem humilde, aquela generosidade espontânea, aquêle prazer de ajudar e de agradar, que é bem mais dilatado nas classes menos favorecidas, porque só quem sentiu a miséria compreende, melhor, a necessidade alheia...

Portanto, Eusápia Paladino, tanto quanto ganha, gasta. Recebe, especialmente de seus conterrâneos, enorme número de pedidos de dinheiro, muitas vèzes injustificados, e, aos que a concitavam a indagar, a syndicar se os pedintes realmente tinham precisão, respondia:

— Querem saber de uma coisa? Vocês jamais passaram fome; eu sei o que é isso, e portanto não vou esmiuçar a necessidade de ninguém.

E concluiu:

— “*Se loro non hanno la miseria in casa, l'hanno alla porta*”... (Se êles não têm a miséria em casa, tem-na à porta...)

“Eu mesma — afirma Paola Lombroso em “La Lettura”, págs 389 a 394, edição de 1907 — fui testemunha ocular de um belo gesto de desinteressada delicadeza de Eusápia: enquanto de todos os lados chegavam ofertas tentadoras para realizar novas sessões, que sua saúde, abalada por um começo de diabete, não lhe permitia reiniciar, assim que conseguiu restabelecer-se foi atender os compromissos anteriormente assumidos, e de compensação pecuniária bem mais modestas”.

(30) Sobre a referida médium até se chegou a afirmar que ela fôra prostituta.

EUSÁPIA  
PALADINO  
E  
OS SÁBIOS

*“Para produzir êsses prodígios, por si só, teria sido necessário que ela (Eusápia Paladino) dispusesse dos cem braços de Briareu ou que, pelo menos, seus membros superiores pudessem, alternativamente, alongar-se e encolher-se, como os tentáculos de polvo”.*

GIUSEPPE LAPPONI

**O** MOTIVO por assim dizer, que projetou Eusápia Paladino no mundo científico como instrumento de experiências medianínicas foi uma carta do PROFESSOR ÉRCOLE CHIAIA, divulgada pelo jornal “Il Fanfulla dela Domenica” de Roma ao criminalista Professor César Lombroso da Faculdade de Medicina de Turim. Dizia a missiva datada de 1888:

“A doente (Eusápia Paladino) é uma mulher, de modestíssima condição social, com cerca de trinta anos, robusta, iletrada e cujo passado, porque vulgaríssimo, não merece esquadrinhado; que nada apresenta de notável, a não ser as pupilas de fascinante brilho e essa potencialidade, que os criminalistas diriam irresistível.”

O PROFESSOR CÉSAR LOMBROSO, que já era considerado autoridade em criminologia e antropologia, escrevera um artigo, pouco antes, intitulado — “A Influência da Civilização Sobre o Gênio” — tendo declarado o seguinte:

“Talvez que os meus amigos e eu, que ríamos do Espiritismo, estejamos em êrro e, a exemplo de muitos alienados, nos encontremos longe da verdade, a rir dos que se aproximam dela.”

Diante dêste período, o Professor Ercole Chiaia desafiou o Professor Lombroso, em 1889, para realizar algumas experiências com Eusápia Paladino, cujas faculdades medianínicas jamais foram devidamente observadas sob um rigoroso critério científico.

Assegurava-lhe, ainda, a carta do Professor Chiaia, da sensitiva, o seguinte:

“Quando o quiserdes, essa mulher será capaz de, encerrada numa sala, divertir durante horas, por meio de surpreendentes fenômenos todo um grupo de curiosos mais ou menos cépticos ou mais ou menos acomodaticios”.

De fato ocorriam com Eusápia Paladino os mais estranhos fenômenos para aquêle tempo: *levitação* de objetos e móveis, *pancadas* nas mesas e cadeiras, *transportes* sem contacto de utensílios e flôres, *toques* produzidos por mãos invisíveis, contactos de mão com uma figura misteriosa, e inúmeros outros acontecimentos extrafísicos.

A sessão experimental realizara-se no Hotel de Genebra, em Nápoles, com a presença dos Professôres universitários Tamburini, Ascensi, Vizioli e do engenheiro Gioffi. Apenas o último era religioso, os outros não tinham crença. O próprio Lombroso escolheu o local, tendo êle selecionado as pessoas que deveriam participar da reunião.

Após realizar outra série de pesquisas com Eusápia Paladino, em 1891 o ilustre Professor César Lombroso, na presença dos mencionados experimentadores, teve a coragem de penitenciar-se, voluntariamente, do seu êrro, escrevendo ao engenheiro Ernesto Gioffi, que lhe havia enviado uma relação das observações experimentais feitas no decorrer das sessões, a seguinte carta que foi publicada pela “Tribuna Giudiziaria”, de 5 de julho de 1891:

“Exmo. Sr. Dr. Ernesto Gioffi:

A relação em duplicata, que me enviou, está absolutamente exata; acrescente também que quando se achou voltado o vaso com a farinha, a médium tinha anunciado que atiraria a farinha à cara dos assistentes, e tal deveria ter sido a sua intenção, que só realizou em parte, o que para mim é uma prova de perfeita boa fé da paciente e do seu estado de semi-inconsciência.

Sinto-me envergonhado e condoído por ter atacado com tanta pertinácia a possibilidade dos fatos chamados espiritas; e digo os fatos, porque sou ainda contrário à teoria. Porém, os fatos existem e jacto-me de ser escravo dêles.

Cumprimente em meu nome o Professor Chiaia, e trate de fazer medir com Albini o campo visual e o fundo ocular da médium, pois penso em ocupar-me disso.

Seu afetuossíssimo.

Turim, 25 de julho de 1891.

CÉSAR LOMBROSO

Os fatos venceram, como se vê, a resistência de Lombroso. Graças, portanto, à mediunidade, hoje famosa, de Eusápia Paladino, os *fatos espiríticos* se impuseram ao respeito de uma das maiores figuras da ciência criminal: César Lombroso.

Em face do que se processava nas experiências de Lombroso, cujo testemunho não podia, como não pode deixar de ser dos mais categorizados, reuniu-se em Milão, Itália, em 1892, uma “Comissão”

de homens de ciência para estudar a mediunidade de Eusápia Paladino e os fenômenos anunciados. Eis, resumidamente, o seu “Relatório”:

“Tomando-se em consideração o testemunho do Professor César Lombroso, sôbre os fenômenos mediúnicos que se produzem com a Senhora Eusápia Paladino, os abaixo-assinados reuniram-se em Milão para fazer com ela uma série de estudos, tendentes a verificar êsses fenômenos, submetendo-a a experiências e a observações tão *rigorosas quanto passíveis*.”

Houve ao todo dezessete sessões, que se realizaram na residência do Professor Giorgio Finzi, à Rua do Monte de Piété, das nove horas à meia-noite. As observações contidas no “Relatório” de 1892 são as seguintes:

#### I — FENÔMENOS OBSERVADOS À LUZ

*Movimentos de objetos a distância, sem contacto:*

- a) movimentos espontâneos de objetos;
- b) movimentos de mesa sem contacto;
- c) movimento da alavanca de uma balança.

*Pancadas e reprodução de sons na mesa.*

#### FENÔMENOS OBSERVADOS NA OBSCURIDADE

- a) Pancadas na mesa sensivelmente mais fortes que as que se ouviam em plena luz e ruídos semelhantes ao de um murro ou de uma palmada em baixo ou em cima da mesa;
- b) Choques e pancadas nas cadeiras dos vizinhos do médium, por vezes bastante fortes para fazerem voltar a cadeira com a pessoa. Algumas vezes quando a pessoa se levantava, a cadeira era retirada;
- c) Transporte para cima da mesa de objetos diversos, tais como cadeiras, vestuários, e outros, *distanciados de vários metros e pesando vários quilos*;
- d) Transporte no ar de objetos diversos, de instrumentos de música, por exemplo; percussões e sons produzidos por êsses objetos;
- e) Levitação do médium para cima da mesa com a cadeira em que se achava sentado;
- f) Aparição de pontos fosforescentes de pouca duração e de claridade, notadamente de discos luminosos, que muitas vezes se desdobraram, porém de curta durabilidade;
- g) Ruído de duas mãos que se batiam no ar uma na outra (palmas);
- h) Sopros sensíveis, como uma ligeira aragem limitada a um pequeno espaço;
- i) Toques produzidos por mão misteriosa, ora nas partes vestidas do nosso corpo, ora nas partes descobertas (rosto e mãos), e, neste último caso, experimentava-se exatamente a sensação de contacto e de calor que produz a mão humana. Por vezes percebem-se realmente êsses toques, que produzem um ruído correspondente;

j) Visão de uma ou duas mãos projetadas sobre um papel fosforescente ou em janela fracamente iluminada;

k) Diversos trabalhos efetuados por essas mãos: nós feitos e desfeitos, traços da lápis (conforme toda a aparência) deixados sobre uma folha de papel ou em outro lugar. Impressões dessas mãos sobre uma folha de papel enegrecida;

l) Contacto das nossas mãos com uma "figura misteriosa", que não é certamente a do médium".

A comissão refutava outras manifestações, observadas na escuridão, por considerá-las insuficientes, pôsto que, na realidade, prováveis; expunha somente casos sobre os quais não podia ter nenhuma dúvida, seja por causa da certeza do exame feito, seja "pela impossibilidade manifesta de terem êles sido obra do médium":

"a) Transportes de diferentes objetos enquanto as mãos e os pés do médium estavam amarrados aos dos seus vizinhos;

b) Impressão de dedos obtidos sobre um papel enfumaçado;

c) Aparição de mãos sobre um fundo ligeiramente iluminado;

d) Levitação do médium sobre a mesa;

e) Contactos;

f) Contactos com uma figura humana;

g) Experiências de Zöllner sobre a penetração de um sólido através de outro sólido", (passagem da matéria através da matéria).

### III — OS FENÔMENOS PRECEDENTEMENTE OBSERVADOS NA ESCURIDÃO, SÃO OBTIDOS, ENFIM, A LUZ E COM O MÉDIUM À VISTA

"Restava-nos, afirmam os membros da Comissão, para chegarmos a uma inteira convicção, experimentar obter os fenômenos em plena claridade.

Enfim, o aposento estava iluminado por uma lanterna de vidros encarnados, colocada sobre outra mesa. Imediatamente todos os fenômenos, precedentemente observados, começaram a se reproduzir".

### IV — CONCLUSÃO

1.º) Que, nas circunstâncias dadas, nenhum dos fenômenos obtidos à luz mais ou menos intensa se poderia produzir com o auxílio de um artifício qualquer;

2.º) Que a mesma opinião pode ser mantida em grande parte para os fenômenos da escuridão completa.

aa.) ALEXANDRE AKSAKOFF — Lente da Academia de Leipzig, diretor do jornal "Psychische Studien", Conselheiro particular de S. M. o Imperador da Rússia.

GIOVANNI SCHIAPARELLI — Diretor do Observatório Astronômico de Milão.

KARL DU PREL — Doutor em filosofia, de Munich.

ANGELO BROFFERIO — Professor de Filosofia.

GIUSEPPE CEROSA — Professor de Física da Escola Real Superior de Agricultura de Portici.

G. B. ERMACORA — Professor de Física.

GIORGIO FINZI — Professor de Física.

Professor ERCOLE CHIAIA.

CHARLES RICHEL — Professor da Faculdade de Medicina de Paris, diretor da "Revista Científica."

CESARE LOMBROSO — Professor da Faculdade de Medicina de Turim".

Certa vez, depois do transporte de um objeto muito pesado sem contacto, o Espírito, aproveitando-se do estado de transe de Eusápia, disse ao Professor Lombroso:

— Por que estás a perder o tempo com bagatelas? Sou capaz de fazer que vejas tua mãe; mas mas é necessário que penses nisso com veemência.

"Impulsionado por essa promessa, — descreve o Professor — no fim de meia hora de sessão tomou-me o desejo intenso de vê-la, e a mesa, levantando-se com seus movimentos habituais e sucessivos, parecia dar a sua anuência ao meu pensamento íntimo. De repente, em meia obscuridade, à luz vermelha, vi sair dentre as cortinas uma forma um tanto curvada, como era a da minha mãe, coberta com um véu. Deu a volta da mesa para chegar até a mim, murmurando palavras que muitos ouviram, mas que a minha meia surdez não me permitiu escutar.

Como, sob a influência de uma viva emoção, eu lhe suplicava que as repetisse, ela me disse: — "*Cesare, fiol mio!*" — o que, confesso, não era costume seu, visto que, sendo de Veneza, dizia *mio fiol*; depois, afastando o véu, deu-me um longo beijo.

Menos distintamente, isto é, encoberta pelo véu ela me aparece beijando-me e falando-me em oito sessões sucessivas, nas cidades de Milão e Turim, em 1906 e 1907". ("Hipnotismo e Espiritismo", pág. 66, Editora Lake, 1960, São Paulo).

Descrever uma a uma todas as demais experiências repetidas no "Círculo Científico Minerva" de Gênova, no "Instituto Psicológico" de Paris, ou testemunhados em Roma, em Nápoles, em Varsóvia, em Cambridge, nos Estados Unidos, na Ilha Ribaud e em várias localidades da França durante o decorrer da sua carreira mediúnica, tomariam as páginas deste volume.

Contudo, vale repetir, por exemplo, as opiniões de alguns cientistas, sobre os trabalhos psíquicos da célebre médium:

A do DR. ENRICO MORSELLI, professor da Universidade de Gênova, especialista de enfermidades nervosas e mentais, que fôra céptico e obstinado materialista, após longos estudos atinentes à manifestação do Espírito e sua Doutrina, escreveu uma obra inti-

tulada "Psicologia e Spiritismo", relatando os fenômenos por êle observados com o médium Eusápia Paladino. E sustenta, resolutamente, a realidade dos mesmos, dizendo:

"Al più, porto com me un piccolo corredo di convinzioni metapsichico guadagnatemi coll'esperienza". Publicou, também, sobre o assunto mais dois trabalhos: "La Psicanalisi" e "Hipótese Espírita e Teoria Científica", versão em português.

A do DR. GIOVANNI SCHIAPARELLI, diretor do Observatório Astronômico de Milão, reputado sábio da Itália, foi um dos membros da comissão que estudou os fenômenos espíritas provocados pela mediunidade de Eusápia Paladino, e não vacilou em assinar a resenha publicada pela "Italia del Popolo", número extraordinário de novembro de 1892.

A do DR. ERNESTO VOLPI, diretor do "Vessillo Spiritista", entusiasta defensor da teoria reencarnacionista, sem nenhuma reserva declara: "Devido a fatos ligados ao Espiritismo e a outras circunstâncias de minha vida, é que cheguei à inabalável convicção de que Eusápia Paladino possui elevados poderes mediúnicos".

A do PROFESSOR MASUCCI, outra sumidade italiana, escreveu: "Fui forçado a demolir todo o edifício de minhas idéias e observações filosóficas, às quais tinha consagrado toda a minha vida, em face dos fatos espíritas, demonstrados por intermédio de Eusápia Paladino".

A do PROFESSOR DE AMICIS, da Universidade de Nápoles, através da imprensa, assim divulgou o seu testemunho: "Após diversas experiências com Eusápia Paladino, afirmo, sem reticências, a realidade dos fatos observados".

A do DR. GUSTAVO LE BON, rigoroso experimentador, presente às sessões de Eusápia Paladino realizadas em Paris, afirmava depois: "*Eusapia est, sans contredit, un merveilleux sujet*". Ele fez parte dos fiscalizadores e comentava: "Não vejo aqui possibilidade de truque, assim como não a vejo para o movimento da mesa. Eu tinha presa uma de suas mãos, via-lhe o antebraço. Um compadrio também não era provável".

A do PROFESSOR FILIPPO BOTTAZZI, diretor do "Istituto de Fisiologia de Nápoles" — citado no "Traité de Métapsychique", de Charles Richet, "como sábio fisiologista cujo testemunho é o de um observador habituado à mais delicada análise de todas as condições experimentais", leu o relato das experiências de Gênova e tentou verificar os fenômenos provocados através da sensibilidade

medianímica por meio de mecanismo complicado e cuidadosamente estabelecido, que permitia registrar a força psíquica exercida pela célebre médium. Tal registro devia afastar qualquer hipótese de alucinação ou de má observação.

Estas importantes experiências, em colaboração com diversos Professores eminentes da mesma Universidade, foram bem sucedidas, e o Professor Bottazzi conclui com as seguintes palavras:

"Destruía-se até a mais leve suspeita ou incerteza, no tocante à realidade dos fenômenos. Obtivemos certeza tão exata, como a que nos dão os fenômenos físicos, químicos ou fisiológicos. Os cépticos já não podem negar os fatos, a não ser que nos acusem de fraude e de charlatanismo". (Cf. "Annales des Sciences Psychiques", setembro de 1907, pág. 149; outubro, pág. 260 e dezembro, pág. 377).

Sobre a poderosa exteriorização da motricidade de Eusápia Paladino, o Professor Bottazzi comenta, então, que inúmeras vezes certa mão ectoplasmática pousou sobre a sua cabeça e se desfez ou evaporou-se quando êle a segurava com toda força que possuía, segundo o livro "Fenomeni Medianici", do citado Professor.

A do PROFESSOR DAMIANI que viu desaparecer entre as suas, as mãos fluidicamente condensadas do Espírito de John King. "Ces mains fondaient et se dissolvaient dans les miemes. J'ai souvent vu les mains. Elles sont généralement de forme élégante, avec des doigts effiles". A sensitiva era Eusápia Paladino... (Cf. "Rapport Sur le Spiritisme", pág. 217).

A do PROFESSOR GIUSEPPE VENZANO, que publicou nos "Annales des Sciences Psychiques", de agosto e setembro de 1907, o "Relatório" pormenorizado e a análise crítica de suas experiências com Eusápia Paladino, em condições de rigoroso exame e à luz de uma lâmpada elétrica de dezessete velas. Observando a manifestação de idênticos fenômenos, descreve-os assim: "*Os membros (do fantasma) são inteiramente análogos aos membros humanos, mas se dissolvem se os apertamos, sem deixar traços*"....

O DR. BARFINI, advogado e jornalista do "Corriere della Sera", depois de assistir os mesmos fenômenos, declarou: "*Suas mãos (as do fantasma) me escaparam; elas, por assim dizer, fundiram-se. Faltaram-me entre os dedos, com por um esvaziamento*".

A do PROFESSOR CHARLES RICHEL, o ilustre membro da Comissão Especial organizada pelo Instituto Geral Psicológico, de Paris, que se manifestou através destes tópicos, publicados em as páginas 182 e 183 de "A Grande Esperança":

“Com uma penumbra que permite ver bem os fenômenos, Eusápia encontra-se diante de uma cortina. Uma pequena mesa acha-se em sua frente. Diante dessa mesa está Courtier. Madame Curie acha-se à esquerda de Eusápia e eu (Charles Richet) à sua direita.

Então, enquanto Eusápia está em transe, do meu lado a cortina se infla. Divisamos como que um pedaço de membro que parece repontar por detrás da cortina. Com minha mão direita, que está livre, pois com a esquerda seguro a de Eusápia, tento tomar a mão do dito John King que se acha atrás da cortina. Seguro firmemente essa mão, — prossegue “o cientista Charles Richet”, usando-se da expressão dos cinco magníficos repórteres de “O Cruzeiro” — passeando meus dedos através da cortina sobre os dedos dessa *grande mão*, e conto exatamente vinte e oito segundos, isto é, o tempo suficiente para poder observar tudo e verificar que tenho a mão direita de Eusápia presa em minha mão esquerda e que Madame Curie continua a segurar-lhe a mão esquerda.

Essas duas experiências seriam suficientes para provar que há ectoplasma e para explicar a telecinesia pela ectoplasma. A médium? Eusápia Paladino...

Eis mais outra interessante experiência realizada na residência de Camilo Flammarion e descrita pelo saudoso Professor da Sorbonne, na página 194 do seu excelente livro “A Grande Esperança”:

...“Eu (Richet) segurava a mão direita da médium e Flammarion a esquerda. Digo então: “*Dê-me um alfinete*, quero ver se John é sensível”, e com o alfinete espeto o pretense membro de John, através da cortina. Mas não continuei, porque à medida que eu espetava, parecia que um alfinete entrava no alto do meu braço, magoando-me bastante, o que fez a sensitiva rir muito”. A médium era Eusápia Paladino...

Que Eusápia Paladino pudesse usar as suas mãos para os truques era impossível, porque os experimentadores as tinham seguras nas suas. O grande Fisiologista refere, ainda, que eles não faziam outra coisa senão repetir — *ad nauseam* — “eu estou com a mão direita segura”, e o outro respondia: “eu estou com a mão esquerda”. Não havia outra preocupação, entre eles, que não fosse deixar livres as mãos da sensitiva. Isto durante três meses seguidos. E Charles Richet conclui:

...“Dix fois, cent fois dans le cours d'une séance, da manière à en être insupportables, *ad nauseam* nous répétions: *je tiens bien la main droite, je tiens bien la main gauche*. Nous n'avons pas d'autre préoccupation que d'empêcher une des mains de Eusapia de nous échapper. Eh bien! sans nous croire plus perspicaces et plus habiles qu'il me convient, il me semble qu'après trois mois

d'exercice et de meditation, on peut arriver à la certitude qu'on tient bien une main humaine”. (“*Traité de Métapsichique*”, página 543, segunda edição).

Versão:

(Dez vezes, com vezes durante o curso de uma sessão, de maneira até ser insuportável, *ad nauseam* repetíamos: *eu seguro bem a mão direita, eu seguro bem a mão esquerda*. Nós não tínhamos outra preocupação senão impedir que uma das mãos de Eusápia nos fugisse. Pois bem, sem nos crer mais perspicazes e mais hábeis que convém, parece-me que depois de três meses de exercício e de meditação, pode-se ter a ceteza de estar com uma mão humana segura).

A do DR. GIUSEPPE LAPPONI, professor de Antropologia, escritor, clínico de nomeada e médico dos Papas Leão XIII e Pio X, afirmava que jamais a sensitiva poderia provocar todos êsses fenômenos, argumentando que:

Para produzir êsses prodígios, por si só, teria sido necessário que ela dispusesse dos cem braços de Briareu ou que, pelo menos, seus membros superiores pudessem, alternativamente, alongar-se e encolher-se, como os tentáculos de polvo”. A médium continua sendo Eusápia Paladino... (Consulte-se o livro “*Ipnatismo e Spiritismo*”, de Zapponi).

A do PROFESSOR ERCOLE CHIAIA que descreve, pitorescamente, os fenômenos incríveis por êle observados ao Professor César Lombroso:

“Atada a uma cadeira, ou com as mãos fortemente seguras por dois assistentes, atraí a si móveis que a rodeiam, *levanta-os, mantém-nos suspensos no ar* e faz que eles voltem aos seus lugares com movimentos ondulatórios, como se as coisas obedecessem à sua vontade. Aumenta ou diminui o peso dos objetos a seu gosto; produz ruídos e pancadas nas paredes e no chão, com cadência e ritmo sutis.

...Se colocardes em qualquer lugar da habitação uma vasilha contendo cêra ou parafina líquidas, ao cabo de pouco minutos notareis nela a impressão de mãos ou imagem de um rosto, tanto de frente como de perfil.

E essa senhora *eleva-se no ar*, apesar de tôdas as ligaduras que lhe atarem. Repousa no espaço como em um leito, *contra tôdas as leis da gravidade*. E toca instrumentos musicais — órgãos, tambores, campainhas — sem que suas mãos pousem nêles, como se fôs-

sem acionados pela vontade de gnomos invisíveis. Às vêzes, *augmenta a estatura*, chegando a crescer mais de quatro polegadas”.

A do DR. HENNALDO VASSALO, notável escritor e jornalista afa-  
mado que, em companhia do Professor Lombroso, numa dessas experi-  
ências, também viu a materialização do Espírito do seu filho; e o ressur-  
gido para melhor se identificar, levou-lhe a mão a uma cicatriz que tinha na face esquerda. Impossível supor que Eusá-  
pia Paladino conseguisse *fabricar* dois fantasmas vivos que fôsem a  
reprodução exata da mãe de Lombroso e o jovem filho de Vassalo.

A de SIR ARTUR CONAN DOYLE — Presidente de Honra da Fe-  
deração Espírita Internacional, Presidente da Aliança Espírita de  
Londres e Presidente do Colégio Britânico de Ciência Psíquica —  
que examinou, rigorosamente, a vida de Eusápia Paladino, afirma  
ser difícil, mas não de todo impossível, descobrir as origens que  
nos levam a duvidar da poderosa médium! E fêz o que hoje já  
não se cuida mais: restabelecer os reais acontecimentos históricos  
das pesquisas psíquicas, porque Eusápia Paladino foi a *primeira*  
dos médiuns de efeitos físicos a ser examinada, controlada e estu-  
dada por um grande número de cientistas de projeção internacio-  
nal, tomando-se, por exemplo, os nomes dos comissionados e as  
datas que foram constituídas as “Comissões”:

As sessões experimentais iniciada em 1891, em Nápoles, pelo Pro-  
fessor César Lombroso, foram seguidas pela “Comissão de Milão”  
em 1892, que contava com o Professor Alexandre Aksakoff, com o  
astrônomo Giovanni Schiaparelli com o Dr. Karl Du Prel doutor  
em Filosofia, com o Professor Ângelo Brofferio, com o Professor  
Giuseppe Gerosa, com o Professor G. B. Ermacora, com o Profes-  
sor Giorgio Finzi, com o Professor Ércole Chiaia e com o Pro-  
fessor Charles Richet.

A do PROFESSOR SIR OLIVER LODGE, cujas sessões experimentais  
com o médium Eusápia Paladino foram observadas na residência  
do Professor Charles Richet, na Ilha Ribaud, em seu “Relatório”  
apresentado à Sociedade de Pesquisas Psíquicas, da Inglaterra e  
divulgado pelo “Journal S. P. R.”, vol. VI, págs. 334-360, cha-  
mando a atenção para a semelhança entre os fenômenos que ocor-  
riam com Eusápia e os que se davam em presença de Daniel  
Dunglas Home, declara o seguinte:

“Conquanto tais fatos devam ser explicados, sou forçado a  
admitir a sua possibilidade. Em minha mente não há mais lugar  
para dúvidas. Qualquer pessoa, sem irrevencível preconceito que te-  
nha tido a mesma experiência, terá chegado à mesma larga con-

clusão, isto é, que atualmente acontecem coisas consideradas impos-  
síveis... O resultado de minha experiência é convencer-me de que  
certos fenômenos, geralmente considerados anormais, pertencem à  
ordem natural e, como um corolário disto, que êsses fenômenos  
devem ser investigados e verificados por pessoas e sociedades inte-  
ressadas no conhecimento da natureza”.

O “Relatório” de Sir Oliver Lodge — descreve Sir Arthur  
Conan Doyle — foi combatido, acirradamente, pelo Dr. Richard  
Hodgson, então *ausente* nos Estados Unidos... E, como conse-  
quência imediata e honesta, tanto o Dr. Hodgson como Eusápia  
Paladino foram convidados para uma série de sessões experimen-  
tais na Inglaterra, em Cambridge, as quais se realizaram em agosto  
e setembro de 1895, em casa do Professor Frederico W. Myers, da  
Universidade de Cambridge.

As célebres “Experiências de Cambridge”, como foram deno-  
minadas, na sua maioria foram mal sucedidas e alegou-se que a  
médium foi pilhada em fraude. Escreveu-se muito pró e contra,  
na acesa controvérsia que se seguiu. Basta dizer que observadores  
competentes recusaram êsse veredito contra Eusápia Paladino, e  
condenaram formalmente os métodos empregados em Cambridge  
pelo grupo de experimentadores. Afinal as suas faculdades supra-  
normais ficaram definitivamente demonstradas nos trabalhos orga-  
nizados por Charles Richet, Frederico Myers e vários outros. De-  
pois, Lombroso, Morselli, Bozzano, Porro, etc., confirmaram os  
resultados positivos em experiências posteriores. Diz o Professor  
Ernesto Bozzano, em seu irrefutável livro “A Hipótese Espírita e  
as Teorias Científicas”, o que vamos ler:

Seguiram-se as longas experiências com Eusápia Paladino —  
(depois do seu insucesso considerado pelos “observadores cam-  
bridgeanos”) — nas quais conosco participavam os Professores Hen-  
rique Morselli e Francisco Porro e *mais setenta membros do “Cí-  
culo Científico de Minerva”*, no decorrer das quais obtivemos, em  
*onze meses*, o que de melhor o médium poderia oferecer em tôda  
a sua vida de sensitiva, inclusive materializações de Espíritos, ob-  
*servadas à plena luz*, conforme vêm citadas”.

Muitos fenômenos — convém frisar — ocorreram à luz de velas  
ou lâmpadas de óleo e as mesmas ocorrências foram testemunha-  
das em plena luz natural quando a médium estava em transe. O  
Professor Julien Ochorowicz, em 1894, persuadiu Eusápia a visitar  
Varsóvia e as experiências aí foram feitas em presença de homens  
e senhoras e eminentes nos círculos científicos e filosóficos. O *rela-  
tório* desses experimentos foi publicado pelo “Correio de Varsóvia”  
e, depois, pela “Gazeta Semanal Ilustrada”.

As descrições sobre as sessões de Varsóvia asseguram que as levitações parciais ou completas, sem contacto físico aparente, da mesa e muitos outros fenômenos físicos foram conseguidos. Os soerguimentos se deram quando os pés da médium eram vistos à luz ou quando eram amarrados e seguros por um assistente ajoelhado debaixo da mesa.

Depõe, a seguir, o PROFESSOR FILIPPO BOTTAZZI:

“De outra feita, mais tarde, a mesma mão se colocou sobre o meu antebraço direito, sem fazer pressão. Nessa ocasião não só levei a mão esquerda para o lugar, como olhei, de modo que podia ver e sentir ao mesmo tempo: e vi uma linda mão humana, de côr natural, e com os meus dedos senti os dedos e as costas de uma tépida mão nervosa e áspera. A mão se dissolveu — eu vi com os próprios olhos — retraindo-se para dentro do corpo da Senhora Eusápia, descrevendo uma curva.

Confesso que tive dúvidas — diz o Professor Bottazzi — se a mão esquerda da Senhora Paladino se tinha libertado da minha direita, para alcançar o meu antebraço, mas no mesmo instante fui capaz de provar a mim mesmo que tal dúvida não tinha fundamento, porque nossas duas mãos permaneciam em contacto, como de costume. Se todos os fenômenos observados nessas sete sessões desaparecessem da minha memória, eu jamais esqueceria este”.

Convém recordar, agora, as próprias palavras de Eusápia Paladino como esclarecimento às mistificações que lhe eram imputadas. Interrogada por um jornalista americano, especialmente enviado à Inglaterra, sem poder ocultar o sentimento de tristeza que lhe embargava a voz, respondeu:

“Muitas pessoas daqui também já me perguntaram porque eu fraudo... E eu não lhes sei explicar. Todavia, há criaturas que ao sentar-se em tórno à mesa das sessões, sinto que elas *pensam* e *vibram* sempre mistificações. Por quê? Não sei... Apenas sei que aguardam e desejam isso. Para quê? Também não sei...”

Eu me encontro em transe — prossegue Eusápia Paladino — e, como nada ocorre, os assistentes mostram-se impacientes, pensando em fraudes, nada mais que em fraudes, com todo o poder mental concentrado nessa idéa fixa. Pensam em truques, e eu — Eu — automaticamente respondo. Mas não é freqüente. Apenas querem que eu os pratique. E eis tudo”.

Na simplicidade de sua ignorância, eis, em síntese, aí explicado por Eusápia Paladino como se comportam os assistentes leigos e mal-intencionados nas sessões experimentais espíritas, apontando-se,

como exemplo, a incitação planificada pelos cinco notáveis repórteres de “O Cruzeiro”, em desfavor dos estudos realizados em Uberaba por uma ilustre equipe de médicos e professores universitários.

Em relação aos acontecimentos de Cambridge, podemos avocar o depoimento do Dr. HEWARD CARRINGTON, um dos membros que constituía a célebre “Comissão”. Depõe êle:

“Ainda em plena efervescência de seus debates, as experiências foram, imediatamente, recapituladas conforme as anotações colhidas pelo secretário, repetindo-se, então, à risca, tôdas as rigorosas condições impostas à Eusápia Paladino, com o intuito exclusivo de se reproduzirem os fenômenos por meios fraudulentos. É desnecessário afirmar que as tentativas sempre redundaram em frágil e insucesso.

Conforme transparece do relato de Sir Arthur Conan Doyle, os assistentes de Cambridge eram completamente ignorantes da existência daquela *força psíquica* que se expande do médium e serve como uma espécie de “alavanca ectoplásmica” para os fenômenos de levitação, sem contacto visível do sensitivo. O autor, evidentemente, apoiou-se no magnífico estudo experimental “The Reality of Psychic Phenomena”, do ilustre Professor W. J. Crawford, da Universidade de Belfast, ora vertido para o nosso idioma sob o título “Mecânica Psíquica”, edição Lake.

As infundadas objeções apresentadas pelo Dr. Sidgwick, em Cambridge, podem ser resolvidas se admitirmos a *alavanca psíquica* de Crawford como forma de um *terceiro* braço ectoplásmico, que produz êsses fenômenos de levitação e que se recolhe — cessada a ação — ao corpo do sensitivo, devemos, também, aceitar as experiências do Professor Albert de Rochas, diretor da Escola Politécnica de Paris, sobre a “exteriorização da sensibilidade e da motricidade” dos médiuns de efeitos físicos. Presentemente, por mais incompreensível ao leigo, essa é a conclusão final a que nos conduzem os abundantes resultados experimentais modernos.

Quem observou e anotou pela vez primeira o *fenômeno do terceiro braço ectoplásmico* foi o Professor Sir Oliver Lodge, pois, em 1884, o descreve “como uma *aparência de membros extras, em continuação do corpo de Eusápia Paladino ou muito junto a este*”. Todavia, com todo o desembaraço que muitas vezes a ignorância se permite, o comentário do “Journal of Society for Psychological Research”, no qual foi publicado o relato de Oliver Lodge, apenas diz:

“É absolutamente necessário observar que a *continuidade dos membros do “Espírito”* com o corpo do médium é, *prima facie*, uma circunstância altamente sugestiva de fraude”...

Os vários fenômenos de telecinesia e os de ectoplasmia observava-se com Eusápia Paladino eram reproduzidos muitas vezes *por*



mãos ou espécie de tentáculos que flutuavam no espaço, com formas mais ou menos definidas, parecendo emergir do corpo do médium e sendo reabsorvidos por ela depois de executados os movimentos. O Dr. J. Maxwell observou repetidas vezes aparições de membros humanos, quer nas suas sessões com Eusápia, quer com outro médium de elevada posição social e assegura não poderem ser atribuídas a alucinação nem fraudes. E o ilustre Charles Richet “afirma que foram inúmeros os casos em que se tem visto hastes rígidas, resistentes, saírem do corpo de Eusápia Paladino”. (Cf. “Traité de Métapsychique”, livro terceiro, cap. II, pág. 574).

Durante o transcurso dos “debates de Cambridge”, Charles Richet e outros pesquisadores realizam duas experiências com Eusápia Paladino, que foram resumidas no seu magnífico livro “A Grande Esperança”, págs. 183 e 184, na qual êle neutralizava a fonte daqueles disparates, com êste enérgico revide:

“Eusápia Paladino muitas vezes pôde mover objetos pesados. Vi-a mover, sem contacto aparente, um grande melão de cerca de três quilos. Com Eusápia, os eminentes fisiologistas das Universidades italianas viram uma pesada e sólida mesa ser levitada e depois ficar completamente quebrada; e o célebre Lombroso viu um móvel enorme colocado a dois metros de Eusápia, aproximar-se dela, imitando a progressão de um gigantesco paquiderme”.

E, num outro lance, prosseguiu:

“Pude assistir bem de perto, em condições irrepreensíveis, a um fenómeno singular — análogo a um transporte. Na Ilha Ribaud, seguro entre a minha, a pequena mão direita de Eusápia, e, em plena luz, nós todos vimos (isto é, Ochorowicz, Oliver Lodge, Myers e eu) a mão esquerda de Eusápia erguida no ar, segurando um lápis. Eusápia, então, diz que vai fazer passar a substância azul do lápis para meu dedo indicador. E passou...”

A do DR. JULIEN OCHROWICZ, Professor de Psicologia da Universidade de Lemberg, que durante a sua estada na Itália teve a oportunidade de presenciar, em companhia de seus colegas italianos, os fenómenos espíritos produzidos pela mediunidade de Eusápia Paladino, imediatamente divulgou o seu parecer favorável através dos órgãos “Correio de Varsóvia” e “Gazeta Semanal Ilustrada”, concluindo-o desta maneira:

“Quando me recordo de que, numa certa época, eu me admirava da coragem de William Crookes em sustentar a realidade dos fenómenos espíritos; quando reflito, sobretudo, que li as suas obras com o sorriso estúpido que iluminava a fisionomia dos seus colegas, ao simples enunciado destas coisas, eu coro de vergonha por mim próprio e pelos outros”.

A do BARÃO KARL DU PREL, doutor em filosofia pela Universidade de Tubingen e considerado como um dos maiores pensadores da época, participou, também, das memoráveis experiências realizadas em Milão, em 1892, tendo por medianeira Eusápia Paladino. As conclusões do ilustre filósofo insinuavam, racionalmente, o aspecto de encarar os fenómenos espíritos ou do mundo transcendental. Dizia êle, então, no seu livro “O Outro Lado da Vida”:

“Enquanto o homem permanecer na dúvida se é uma criatura física e mortal ou um ser metafísico e imortal, não terá o direito de gabar-se da sua consciência pessoal, nem de limitar-se a ter a morte como um salto nas trevas. Isso não convém a uma criatura, cujo primeiro dever, segundo Sócrates, é o de conhecer-se a si mesmo”.

A do notável astrónomo CAMILO FLAMMARION, autor de treze trabalhos primorosos, entre os quais vamos destacar os dois tomos da obra “Les Forces Naturelles Inconnues”, onde pondera êle o extraordinário avanço experimental atingido pelos cientistas italianos com a médium Eusápia Paladino, servindo-se destas palavras.

“Os sábios franceses estão um tanto em atraso com relação aos seus vizinhos, mas já apontamos alguns no decorrer dêste livro. Hoje podemos acrescentar os nomes do saudoso Pierre Curie, do Professor d’Ansoval, de Brandy, de Krebs, conforme o relatório publicado pelo “Instituto Geral Psicológico”, em dezembro de 1908, sobre as experiências com Eusápia, de 1905 a 1907.

Em uma conferência realizada na Festa do Sol, a 22 de Junho de 1907, d’ANSORVAL declarou públicamente, a propósito desta obra, que tais fenómenos estarão de agora em diante inscritos no quadro da ciência experimental”. (Obra citada, tomo II, página 485, edição de 1921).

E com efeito, com o meu dedo sobre um papel branco, posso traçar linhas como se tivesse um lápis azul, na mão. Vejo ainda, nessa experiência extraordinária, diante de uma vela colocada sobre a mesa, a alguns centímetros de distância, Ochorowicz e Myers (Myers com seu Iorgnon) olhando de muito perto os traços azuis que meu dedo indicador fazia ao passar por sobre o papel”.

Acresce, porém, que posteriores cientistas investigadores confirmam, amplamente, as experiências de Sir Oliver Lodge, sobre o terceiro membro ectoplásmico, pois, como sabemos, o Professor César Lombroso, também interessado nas mesmas pesquisas, assim as expõe no seu relato:

“É impossível dizer o número de vezes que uma terceira mão apareceu e foi tocada por um de nós. Basta esclarecer que a dúvida já não era mais possível. Realmente era uma viva mão que víamos e tocávamos, enquanto, ao mesmo tempo, o busto e os bra-

ços do médium Eusápia Paladino estavam visíveis e suas mãos eram seguras pelos que se achavam ao seu lado”.

O PROFESSOR GALEOTTI viu um fenômeno a que denominou “o duplo do braço esquerdo da médium Eusápia. E exclamou:

— “Olhem! . . . Eu vejo dois braços esquerdos, de idêntica aparência! Um está sôbre a mesinha e é tocado pelo Professor Bottazzi e outro parece que sai do seu ombro — para se aproximar dela, tocá-la e voltar a fundir-se novamente em seu corpo. Isto não é uma alucinação”.

Numa outra sessão, agora na casa do Dr. Berisso, quando as mãos de Eusápia eram perfeitamente controladas e visíveis a todos, o Professor Giuseppe Venzano e outros presentes “viram distintamente um antebraço e uma e uma perfeita mão, coberto por uma manga escura que saía da frente e da parte superior do ombro esquerdo da médium.

Pelos resumos do próprio “Relatório de Cambridge”, o Dr. Gabriel Delanne comprova que as experiências realizadas com a médium Eusápia Paladino tiveram êxito, ainda quando as excessivas precauções foram tomadas, tais como usar lâmpada escura para verificar, realmente, se a célebre sensitiva tocava os objetos ou os móveis que se moviam ou que se levitavam. O “Relatório”, deliberadamente, desconta e neutraliza as observações *diretas e positivas*, com suposições e exemplos de casos “ocorridos em outras ocasiões e outros lugares, nos quais *se dizia* ou *se pensava* que Eusápia tivesse, indevidamente, *influenciado* a manifestação do fenômeno.

O relatório do DR. COURTIER, por exemplo, provará cada vez mais aos estudiosos espíritas, metapsiquistas e parapsicólogos, “ser um monumento de inépcia”, pois, ante a realidade das manifestações extra-sensórias de Eusápia Paladino, já não se deve e nem se pode aceitar, honestamente, “as frases sem sentido, com as quais o relatório de Cambridge foi enfeitado com liberalidade escandalosa, fato êsse que nos permite desprezar, também, o reforço opinativo dos cinco extraordinários repórtes de “O Cruzeiro” e o de seu ilustre colaborador Professor Silva Mello, quando êles discorrem sôbre os “mistérios e realidades dêste e do outro mundo”, decorridos em Cambridge. . . (Vide: “Relatório” do Dr. Coutier, in “Light”, página 536, ano de 1896).

Nota-se, por fim, na leitura do relatório do Dr. Coutier, que as divergências sôbre os resultados mediúnicos de Eusápia Paladino, apenas são de *análises* e nunca de detalhes *essenciais*. Os argumentos essenciais, úteis, portanto, às análises das ocorrências psíquicas, estavam de tal modo desfigurados pelo “relator” das Experiências

de Cambridge realizadas no decorrer de 1895, que induzia no leitor incauto a suspeitação de fraude da médium, conforme o esvoaçar da própria tineta.

Volvendo-se ao insucesso das “Experiências de Cambridge”, recordamos que o Dr. Courtier, então *relator* dos fenômenos psíquicos de Eusápia Paladino, apesar das suas *exposições* reticenciosas, apesar dos seus *relatos* contraditórios e apesar das suas inabilidades para conduzir as pesquisas, foi êle forçado pelas injunções dos acontecimentos e concluir “que existem movimentos que *parecem* produzir-se ao simples contacto das mãos da médium, ou mesmo sem contacto, e que se pode verificar, a distância, vibrações moleculares (pancadas) nos objetos”.

Acresce, porém, que o *relator* Courtier, no decurso dos debates revelou, sem o desejar, um detalhe experimental preciosíssimo e de enorme valia para a reabilitação moral de Eusápia Paladino, quando, no ardor do seu libelo, afirmava, êle, então, “que os objetos levitados, em sua trajetória, não descrevem um trajeto retilíneo, mas parecem mover-se voluntariamente imprimindo sinuosidades como se fôsem dirigidas por força mecânica inteligente” (31).

Então, os mais destacados experimentadores europeus iniciaram uma campanha de debates, mantendo-se na vanguarda dêsse movimento esclarecedor o ilustre Professor Charles Richet e — como se diz em gíria — “sentaram a pua” na turma de Cambridge . . .

Findos os embates intelectivos, o velho e querido Mestre da Sarbonne ainda ponderava:

“No entanto, as dúvidas da *Society for Psychical Research* a propósito das experiências de Cambridge, podem presentemente ser consideradas como não tendo ocorrido. Myers, em uma sessão tida em minha casa, havia formalmente reconhecido a autenticidade dos fenômenos. Mais tarde, em 1909, Everard Fielding, secretário honorário da S. P. R., vendo e segurando as mãos de Eusápia, foi tocado por trás da cortina por uma viva mão, três dedos embaixo e o polegar em cima e apertado de modo que sentiu as unhas em sua carne. Essas mãos tornavam-se algumas vezes visíveis. O Sr. W. W. Baggally, exímio prestidigitador, enquanto via e pegava as mãos da médium, foi tocado nas costas da própria mão pela mão que lhe acaricia o braço e caminha por êle”. (*Relatório* da Comissão da S. P. R. encarregada de fazer experiências com Eusápia Paladino) (32).

(31) Consulte-se o “Bulletin de l’Institute Général de Psychologie”, de 1909.

(32) Vide: “Annals of Psychical Science”, abril de 1909, páginas 247-267.

O DR. GUSTAVO GELEY, diretor do "Instituto Metapsíquico de Paris", que se aprofundou na recapitulação das pesquisas de Cambridge "tanto quanto quem mais o fez no psiquismo, proclama que as *experiências* — e não o *relatório* — constituem valiosa contribuição para o assunto". (Cf. "Ectoplasmie et la Clairvoyance", pág. 402, edição de 1924).

Comentando a fragilidade dos argumentos apresentados pelos observadores de Cambridge, satirizava então GABRIEL DELANNE:

"O *Relatório* insiste em dizer "*parece*" e "dá a impressão de uma criatura que não está segura daquilo que descreve. Os que realizaram quarenta e três sessões, com bons olhos e aparelhos de verificação devem ter uma opinião firmada — ou, pelo menos, ser capazes de dizer, se consideram determinado fenômeno como fraudulento; que numa determinada sessão tenham visto o médium em ato de fraude. Mas não há nada disso, O leitor é deixado na incerteza — uma vaga suspeita pairando sobre tudo, muito embora sem qualquer base séria".

\* \* \*

Vamos, mais outra vez, nos favorecer das páginas de "O Espiritismo à Luz dos Fatos", e delas extrair as palavras do DR. CARLOS IMBASSAHY, incontestavelmente reconhecido como o mais hábil pesquisador espírita do Brasil, sobre os fenômenos mediúnicos de origem física. Analisando, então, a realidade dos fatos extra-humanos da magnífica sensitiva que sempre foi Eusápia Paladino antes de Cambridge em 1895 e depois de Cambridge até o ano de 1918, esclarece o ilustre Autor:

"Em vinte e três anos de experiência a célebre médium Eusápia Paladino foi acusada de fraude numas sessões em Cambridge, sendo que noutras, nos Estados Unidos, por se achar esgotada e doente, nada pôde produzir. Contra ela é só o que há, afora pareceres particulares, frágilmente documentados".

Sobre umas tantas acusações até então tidas por fraudulentas e que agravavam o insucesso da médium Eusápia Paladino, ficou perfeitamente demonstrado pelo Professor Sir Oliver Lodge, após vigoroso reexame das atas experimentais, a *materialização de um terceiro membro ectoplásmico*, que se expandia do corpo da sensitiva até tocar objetos a distância, fenômeno psíquico ainda ignorado pelos ilustres Comissionados de Cambridge.

Quanto às "Experiências de Cambridge", os nossos suspeitos opositores tentam, ainda agora, as vias ilegais, onde a difamação graciosa e a verrina contumeliosa se aliam ao *vale-tudo* da mentira para afetar os escrúpulos sadios do seu próximo, segundo a

imagem configurada neste precioso período do Dr. Carlos Imbassahy:

"Quando, porém, se ataca o Espiritismo, são sempre as dúvidas que vêm à baila; são sempre as sessões inquinadas de fraude que aparecem; o que se trata é do embuste e das acusações. A reabilitação fica inteiramente esquecida; esta some-se, por completo, da memória dos eméritos oponentes. Se há que citar médiuns, procuram-se os velhacos ou os tipos suspeitos. O resto não vem à tona. A erudição lhes gira unicamente em torno da banda estragada. É como se alguém, por mal-dizer do mundo, só lhe visse os pauis, os insetos mortíferos, as bestas feras, os cataclismos, a perversidade.

Antes de Cambridge e depois de Cambridge — prossegue o Autor — houve as mais sensacionais experiências e os mais impressionantes relatórios, mas os opositores, quando entram a discorrer sobre Eusápia, olvidam tudo o que é verdadeiro, de devidamente autenticado, de absolutamente testemunhado existe sobre aquela médium; afastam enérgicamente, para um lado os vinte anos de meticolosas observações; eliminam toda a vultosa bibliografia Paladina. Só o que lhes cai sob a retina, quando não falam das sessões negativas da América, são as sessões de Cambridge. Tratando-se de Eusápia, para eles só há Cambridge. Não sabem de mais nada!" (Obra citada, págs. 166 e 167, segunda edição).

A feliz expressão do Dr. Carlos Imbassahy — "antes de Cambridge e depois de Cambridge" autentica a maliciosa e manhosa posição dos que desejam confundir os espíritas. A favor destes, apresenta-se uma Doutrina inatacável; a favor de Eusápia Paladino possuímos uma barreira intransponível de fatos sobre fatos, concretizados pelos mais eminentes Sábios da época e immortalizados nas páginas de revistas especializadas, nas colunas de jornais profanos e nos textos de centenas de livros e tratados, a documentar a esplendorosa gama dos dotes sensíveis daquela soberana médium.

A guisa de lembrete e com o mais sadio intuito de demonstrar aos cinco ousados repórteres de "O Cruzeiro" que Eusápia Paladino nunca foi nem poderia ser "uma espécie de figura sagrada para o Professor Charles Richet", vejamos outros notáveis exemplos contrários à manhosa, maldosa ou maliciosa opinião deles e à de seu ilustre colaborador "ad hoc" Professor Silva Mello, autor immortalizado pelos "Mistérios e Realidades Dêste e do Outro Mundo", conforme vamos prosseguir na página que segue.

EUSÁPIA  
PALADINO  
E  
AS COMISSÕES  
EXPERIMENTAIS

*Eis, em suma, a caricatura da mentalidade da-  
quela época: homens supostos experimentadores e  
observadores supostos cientistas, sobre os quais  
nossos opositores, quando deles falam, ainda enchem  
as bochechas...*

COM o desejo único de melhor informar nossos apaixonados opositores, vamos relacionar os *locais* e as datas em que se sucediam, umas após outras, as *celebérrimas* "Comissões de Sábios", especialmente reunidos para estudarem, analisarem e observarem as manifestações extra-somáticas de Eusápia Paladino, sem contar, na maioria das vezes, com a presença honrosa do saudoso professor Charles Richet, consoante os documentos que temos à mão:

A de Turim, em 1888, conforme "carta relatório" do Professor Ercole Chiaia ao Professor César Lombroso; a de Turim, 1889, segundo "carta desafio" do Professor Chiaia ao Professor Lombroso; a de Nápoles, em 1891; a de Milão, em 1892; a de Nápoles, em 1893; as de Roma, em 1893 e em 1894, a de Varsóvia, em 1894; a de Carqueirane, Paris, em 1894; a de Ilha Ribaud, Paris, em 1894; a de *Cambridge*, em 1895; a de Nápoles, em 1895; a de Castelo de l'Agnelas, Paris, em 1895; a de Paris, no "Institute Général Psychologique", em 1896; a de Tremezzo, em 1896; a de Auteil, em 1896; a de Choisy Yvrac, em 1896; a de Montfort-l'Amauri, em 1897; a de Nápoles; em 1897; a de Roma, em 1897; a de Paris, no "I. G. P.", em 1897; a de Bordéus, em 1897; a de Gênova, em 1901; a de Genebra, no "Clube Minerva", em 1901; a de Gênova, em 1902; a de Roma, em 1903; a de Paris, no "I. G. P.", em 1905; a de Turim, em 1906; a de Paris, no

(\*) A sigla I.G.P. equivale a palavra "Institute Général de Psychologique".

"I. G. P.", em 1906; a de Roma, sob a direção dos Professores Galleoti e Venzano, em 1907; a de Paris, no "I. G. P.", em 1907; a de Nápoles, em 1907; a de *Cambridge*, na "Society for Psychological Researches", em 1908, conseguindo grandes êxitos; e, finalmente, a de Nova Iorque, em 1909, Eusápia Paladino, durante as últimas semanas do ano foi, injustamente, desclassificada.

No ano seguinte — 1910 — somando, então, *cinquenta e seis anos* de idade agravados por *vinte e dois anos* de exaustivos embates medianímicos, desatendendo os preceitos de seu médico e pondo em risco a própria saúde, ora cortada pela doença que a matou, Eusápia Paladino rompe destimadamente o tratamento recomendado para enfrentar, pela derradeira vez, a *trigéssima sexta* "Comissão" de experimentadores reunidos em Nova Iorque — "solo per dimostrarse alla Scienza umana — justificava ela — che lo spirito liberato dalla materia continua imortale e ad usufruire la conoscenza accumulata durante la sua permanenza sulla terra".

Quando de sua visita aos Estados Unidos, os excepcionais dons mediúnicos de Eusápia Paladino já começavam a declinar. Mas apesar de velha, enfêrma e diabética, considerada já no ocaso da vida pelo seu pequeno grupo de amigos, corajosamente ela responde aos experimentadores americanos "que aceita o convite apesar de seu tratamento médico e dos seus *cinquenta e seis anos de idade*".

Esgotada pelos excessos de *vinte e dois anos* contínuos de experiências psíquicas, sob o jugo constante das exigências rigorosas de *trinta e cinco* "Comissões de Sábios", sendo a primeira em 1888 e a última em 1909, embora com a saúde abalada, lá se ia ela — a valorosa Eusápia Paladino — a Nova Iorque, arrastando consigo a cruz de suas *quarenta e quatro* modalidades de seus dotes extra-sensórios, referendados pelo Professor Enrico Morselli da Universidade de Gênova, e publicados no seu livro "Psicologia e Spiritismo".

Contudo, se em Nova Iorque o seu descompassado organismo somático, até então de uma dutibilidade psíquica assombiante, pudesse ter ficado longe das idéias neutralizantes e ao abrigo das tormentas humanas, que sempre nos perseguem pelas veredas da *ignorância* e só nos libertam pelas avenidas do *saber*, então sim, num tal ambiente acolhedor, embora severo quanto às pesquisas, a sensibilidade psíquica de Eusápia Paladino ainda poderia vegetar e florir...

O fato, porém, é que até nisso ela foi infeliz.

Para confirmar a desventura de Eusápia Paladino, vamos transcrever a primeira decisão aprovada pelos comissionados:

"Constituída e empossada a Comissão dos Experimentadores, seus membros resolveram só dedicar uma pequena parte de seu tempo para investigar *essas coisas*" — (o grifo é nosso) — conforme as declarações do relator-secretário, colhidas pelas reportagens do "New York Tribune" e "Scientific American" — 1910.

Acresce, porém, que no decorrer do ano de 1884 o Professor Sir Oliver Lodge, depois de estudar e investigar sobre *essas coisas*, descobria êle que do corpo de Eusápia Paladino se expandiam formas de membros extras e que, independente da vontade da sensitiva, agiam sobre as coisas, sobre os objetos, sobre os instrumentos musicais, sobre os móveis, sobre as pessoas, etc.

Eis, em suma, a caricatura da mentalidade daquela época: homens supostos experimentadores e observadores supostos cientistas, sobre os quais nossos opositores, quando dêles falam, ainda encham as bochechas...

O Professor Charles Richet, no seu "Traité", à página 542 referindo-se aos fenômenos psíquicos de Eusápia Paladino, imprime êste período que conviria ser decorado pelos cinco inteligentes repórteres de "O Cruzeiro" e também pelo ilustre Professor Silva Mello:

"Au moment de l'expérience qui doit déterminer un mouvement d'objet sans contact, Eusápia prévient qu'un *phenomène* va se produire, de sorte qu'il n'y a pas de surprise. L'attention des observateurs redouble, et toutes précautions à ce moment fatidique peuvent être prises pour que nulle supercherie ne soit possible. C'est le contraire de ce que font les prestidigitateurs de profession, qui exécutent leurs tours au moment même où ils essaient de distraire l'attention des assistants".

#### Tradução:

"No momento da experiência que deve determinar um movimento de objeto sem contacto, Eusápia previne que um *fenômeno* se vai produzir, de sorte que não há surpresa. A atenção dos observadores aumenta e tôdas as precauções nesse momento fatídico podem ser tomadas para que nenhuma trapaça seja possível. É o contrário do que fazem os prestidigitadores profissionais, que executam suas mágicas no mesmo momento em que tentam distrair a atenção dos assistentes".

E noutra página, a de número 546, o Professor Charles Richet acrescenta que no decorrer dos fenômenos psíquicos, o dinamômetro sempre registra uma força muito superior a de Eusápia Paladino e mais poderosa que a dos assistentes, fenômeno que o saudoso Mestre acompanhava *de visu*, a fim de impossibilitar qualquer interpretação de erro ou fraude.

“Les expériences — diz o Professor da Universidade de Paris — que je vais rapporter ont été faites chez moi, à l’île Ribaud, et a Carqueiranne.

L’île Ribaud, où j’ai une petit villa, est un îlot méditerranéen désert, qui n’est habitée que par le gardien du phare et sa femme. J’y fis venir Eusápia. Puis je priaí J. Ochorowicz de venir avec moi pour suivre de près l’experimentation. De fait, pendant trois mois en parfaite intimité, nous avons expérimenté, Ochrowicz et moi, trois fois par semaine, et nous avons un très grand nombre de fois constaté en toute évidence des mouvements d’objets sans contact, ainsi que beaucoup d’autres phénomènes sur lesquels je reviendrai.

Après avoir constaté les succès de nos expériences, je priaí mes amis Frederic Myers, Oliver Lodge et Schrenck-Notzing, ainsi que M. et Mad. H. Sidgwuk, de venir à l’île Ribaud por *juger de visu* (33).

Et je donnerai seulement des extraits du récit d’Oliver Lodge:

“Une chaise placée pres de la fenêtre, à plusieurs pieds de distance du médium, glissa, se leva et frappa le parquet. Le médium était tenu et personne n’était près de la chaise. J’ai entendu quelques notes d’un accordéon placé non loin de nous. Un chalet à musique a été promené dans l’air et remonté au-dessus de la tête; une clé a été tournée dans la serrure de la porte; une lourde

(33) No pé da página 546, da segunda edição do livro “Traité de Métapsychique”, vamos encontrar a nota de número 1, na qual o Professor Charles Richet busca esclarecer, definitivamente, o *sucesso das experiências* por ele observadas, tendo por medianeira a sensibilidade prodigiosa de Eusápia Paladino. Dizia, então, o saudoso Ausente:

“Je n’ai pas publié ces notes, et je ne les publierai pas; elles sont d’une monotonie effarante: *“Les mains sont bien tenues, je suis touché à droit, je sui touché à gauche”*. Pour avoir un protocole exact, je dictais, au fur et à mesure de l’experimentation, les résultats à mon secrétaire; Bellier, qui écrivai dans la salle voisine, et notait les heures, les minutes et tous les détails. Investigation minutieuse, longue, peut-être exagérée dans sa minutie, et dans sa lougueur, mais qui établit — sauf les cas d’une erreur systématique que je ne puis soupçonner — le fait du mouvement d’objets sans contact”.

#### Tradução:

Não publiquei estas notas, e não as publicarei. São de uma monotonia pavorosa: “As mãos estão bem seguras, sou tocado à direita, fui tocado à esquerda (o grifo é de Richet). Para ter um protocolo exato, eu ditava, à medida que ia fazendo a experimentação, os resultados ao meu secretário, Bellier, que escrevia na sala vizinha, e anotava as horas, os minutos e todos os detalhes. Minuciosa investigação, longa, talvez exagerada na sua minúcia e no seu prolongamento, mas que estabelece — salvo o caso de um erro sistemático de que não posso suspeitar — o fato do movimento de objetos sem contacto.”

table (de 22 kilogrammes) a été soulevée-en l’air à 20 centimètres du sol, alors que le médium était debout, et que ses deux mains n’appuyaient que légèrement sur le dessus de la table, dans un angle”.

#### Tradução:

As experiências — diz o Professor da Universidade de Paris — que vou relatar foram feitas em minha casa, na Ilha Ribaud e em Carqueiranne.

A Ilha Ribaud, onde possuo uma pequena vivenda, é uma ilhota mediterrânea deserta, apenas habitada pelo guarda do farol e sua mulher. Mandeí trazer Eusápia. Depois pedi a J. Ochrowicz para que viesse ter comigo, a fim de seguir de perto as experimentações. De fato, durante *três meses*, em perfeita intimidade, Ochrowicz e eu, três vêzes por semana, experimentamos e num grande número de vêzes constatamos com tóda a evidência movimentos de objetos sem contacto como muitos outros fenômenos a respeito dos quais voltarei a falar.

Após haver verificado o sucesso de nossas experiências, solicitei a presença dos meus amigos Frederic Myers, Oliver Lodge e Schrenck-Notzing, bem como o Sr. e Sra. H. Sidgwick, para virem à Ilha Ribaud para *julgar de visu*.

Darei somente os extratos do relato de Oliver Lodge:

“Uma cadeira colocada junto da janela, a muitos pés de distância da médium, escorregou, levantou-se e bateu no soalho. A médium estava segura e ninguém se achava junto de sua cadeira. Ouvi algumas notas de um acordeão colocado não distante de nós. Uma caixinha de música passou no ar e subiu acima da cabeça; uma chave foi virada na fechadura; uma pesada mesa (de vinte e dois quilos) foi levantada no ar a vinte centímetros do solo, quando a médium estava de pé e as suas duas mãos levemente se apoiavam na mesa, num ângulo”.

E na página 547 do “Traité de Métaphychique”, o Professor Charles Richet, concluindo o pensamento dos demais experimentadores, categoricamente afirma:

“En résumé, disent les observateurs, Eusápia *peut agir sur les corps matériels à distance, et sans contact*. Le contrôle a été aussi parfait que puisse l’être le contrôle résultant de la vue claire et directe d’un fait expérimental.

Voici ce que dit le professeur E. Morselli, qui, d’abord, avait été très sceptique, qui a été ensuite, comme tous ceux qui ont expérimenté avec Eusapia, convaincu. Dans un livre qui est un

modèle d'erudition <sup>(34)</sup>, il raconte avec détails les faits qu'il a observés. Je ne rapporterai ici que ce qui concerne les mouvements d'objets sans contact (télékinésie). Ne pouvant tout citer, je me contenterai de la citation suivante <sup>(35)</sup>:

“Dans les deux premières heures de la séance, mouvements et oscillation de la table: bruits formidables (à l'obscurité ou à une lumière faible)... raps correspondant à des contractions musculaires ou à des gestes, déplacements d'objets, fonctionnements d'appareils musicaux, passage d'une règle qui sort du cabinet, s'élève dans l'air, touche le bras et l'épaule des assistants. Tout cela se répète à satiété. Un guéridon placé à un mètre d'Eusapia a été attiré; pendant ce temps, je tenais sa main droite et ses jambes, Mad. Ferrero tenait sa main gauche. La table s'est élevée du sol deux fois à une hauteur de 15 à 30 centimètres <sup>(36)</sup>.”

Cette expérience, ajoute Morselli, a été contrôlée avec la plus grande rigueur: tout était visible à la lumière rouge, et je suis certain que le phénomène est authentique”.

Dans une autre expérience — dit Richet — Eusapia étant tenue à gauche par Porro, à droite par Morselli. Morselli dit à haute voix:

— “J'ai soif”...

Alors est transportée sur la table une bouteille d'eau avec un verre, et aux lèvres de chacun des assistants s'approcha successivement un verre rempli d'eau” <sup>(37)</sup>.

En no período terceiro da página 548, o Professor Charles Richet expõe, então, o magnífico resultado alcançado durante as sessões experimentais realizadas na Universidade de Turim, ora trasladado, diretamente do “Traite de Métapsychique”, segunda edição:

(34) Enrico Morselli — “Psicologia e Spiritismo”, I e II volumes; in oitavo, Torino, 1908.

(35) Idem, idem, volume I, página 361.

(36) Une très bonne photographie en a été donnée (t. II; p. 363). On voit les deux pieds, les deux mains et les genoux d'Eusapia sans contact avec la table, alors que la table est complètement soulevée.

(37) Si l'on veut se rendre compte de tout ce qui a été écrit sur les phénomènes produits par Eusapia, on devra consulter la “Bibliografia Paladina” de Morselli, t. I, p. 134-170. On verra qu'à part Ev. Filding et Alice Johnson, de 1889 à 1907, tous les expérimentateurs ont été pleinement convaincus. Je ne sais ce que pense actuellement Alice Johnson, mais Filding est revenu de ses négations, fondées uniquement sur les résultats défectueux des expériences de Cambridge. D'Arsonval disait qu'il ne pouvait se faire une opinion, et demeurait incertain. Mais je crois bien qu'aujourd'hui son incertitude a disparu.

“Trois éminents physiologistes, médecins de l'Université de Turin, Carlo Foa, Herlitzka, E. Aggazotti, élèves éminents de l'illustre physiologiste Ângelo Mosso, ont étudié les phénomènes produits par Eusapia, dans une série de séances qui ont eu lieu au laboratoire de Psychiatrie de l'Université de Turin, et ils ont été décidément convaincus de l'absolue réalité des phénomènes objectifs produits par Eusapia. Des objets hors de la portée de sa main ont été à maintes reprises apportés sur la table. Des appareils graphiques de contrôle, placés hors de la portée des ses pieds et de ses mains, ont donné des inscriptions. Une table lourde et solide, sans être touchée par personne, a été complètement brisée. Une plaque photographique mise dans une enveloppe de papier noir a donné l'image de plusieurs doigts”.

Tradução do quinto, sexto e sétimo períodos da página 547, do “Traité de Métapsychique”, de Charles Richet:

“Em resumo, dizem os observadores, Eusápia *pode agir sobre corpos materiais a distância e sem contacto*”. O controle foi tão perfeito como pode ser o controle que resulta da vista clara e direita de um fato experimental.

Eis o que diz o Professor Enrico Morselli, que, de início, havia sido muito cético, mas que em seguida, como todos os que experimentam com Eusápia, se convenceu. Em um livro que é modelo de erudição <sup>(38)</sup> narra com minúcias os fatos observados. Não relaterei aqui senão o que se refere aos movimentos de objetos sem contacto (telecinesia). Não podendo citar tudo, contenter-me-ei com a seguinte citação <sup>(39)</sup>.

“Nas duas primeiras horas de sessão, movimentos e oscilações da mesa: ruídos formidáveis (na obscuridade ou com luz fraca)... raps correspondendo a contrações musculares ou a gestos, mudança de objetos, funcionamento de aparelhos musicais, passagem de uma régua que sai do escritório, levanta-se no ar, toca o braço e o ombro dos assistentes. Tudo isto repetido fartamente. Uma mesinha redonda, colocada a um metro de distância de Eusapia, foi jogada; durante esse tempo, eu lhe segurava a mão direita e as pernas, a Sra. Ferrero lhe segurava a esquerda. A mesa levantou-se do solo duas vezes a uma altura de quinze a trinta centímetros <sup>(40)</sup>.”

(38) Enrico Morselli — “Psicologia e Spiritismo”, I e II volumes, in oitavo, Torino, 1903.

(39) Idem, idem — volume I, página 361.

(40) Uma ótima fotografia foi tirada (tomo II, página 363). Veem-se os pés, as mãos e os joelhos de Eusápia sem contacto com a mesa quando o móvel estava completamente levantado.

Esta experiência, ajunta Morselli, foi controlada com o maior rigor: tudo estava visível à claridade vermelha e estou certo de que o fenômeno é autêntico.

Em outra experiência — diz Richet — Eusápia foi segurada à esquerda por Porro, à direita por Morselli; êste disse em voz alta:

—“Tenho sede”...

Então é transportada sôbre a mesa uma garrafa de água com um copo, e aos lábios de cada um dos assistentes aproxima-se sucessivamente um copo cheio de água” (41).

Com Eusápia Paladino têm-se tôdas as formas de transição entre o movimento produzido por uma espécie de mão materializada e o movimento efetuado a distância sem que a mão seja vista. Quando, na *semi-obscuridade*, se ouve uma pancada formidável, batida na mesa, é quase impossível supor não é um sóco.

No entanto, durante as sessões experimentais o *punho está invisível* — anota o Professor Charles Richet — e na mesma ocasião se *sentem as apalpadelas*, ainda que nada se possa ver. Assim, também, quando uma *garrafa é segura*, a água despejada num copo, e o copo levado aos *lábios dos assistentes*, como compreender êsses movimentos de objetos se não foram efetuados por mãos?

E no período terceiro da página 648, o Professor Charles Richet expõe, então, o magnífico resultado alcançado durante as sessões experimentais realizadas na Universidade de Turim, ora trasladado, diretamente, do “*Traité de Métapsychique*”, segunda edição:

“Três eminentes fisiologistas, médicos da Universidade de Turim, Carlos Foá, Herlitzka, E. Aggazotti, eminentes discípulos do ilustre fisiologista Ângelo Mosso, estudaram os fenômenos produzidos por Eusápia, em uma série de sessões que se realizaram no laboratório de Psiquiatria da Universidade de Turim e ficaram decididamente convencidos da absoluta realidade dos fenômenos objetivos produzidos por Eusápia.

Objetos que não podiam ser seguros por suas mãos foram inúmeras vezes trazidos à mesa. Aparelhos gráficos de contrôle, co-

(41) Se desejam tomar conhecimento de tudo o que foi escrito sôbre os fenômenos produzidos por Eusápia, deverão consultar a “*Bibliografia Paladiniana*”, de Henrico Morselli, volume I, páginas 134-170. Verão que com exceção de Ev. Felding e Alice Johnson, de 1889 a 1907 (todos os experimentadores ficaram completamente convencidos. Não sei o que atualmente pensa Alice Johnson, mas Felding revogou sôbre suas negações, unicamente fundadas nos resultados defeituosos das experiências de Cambridge. Arsonval dizia que não podia firmar opinião e permanecia incerto. Mas, hoje, creio bem que sua incerteza desapareceu.

locados longe de seus pés e de suas mãos, deram inscrições. Uma sólida e pesada mesa, sem ser tocada por ninguém, foi completamente quebrada. Uma chapa fotográfica posta num envelope de papel preto deu a imagem de diversos dedos (42).

E o Professor Charles Richet então repete com justa razão — como muitas vezes êle o disse — que “se os fenômenos parecem estranhos é devido à sua relativa raridade. Em suma, não são mais maravilhosos do que os fenômenos biológicos que observamos a cada dia”.

E acrescenta:

“Outra experiência feita pelo Professor Lombroso, os Drs. Audenino, Noblenzki o editor Bocca, e outras pessoas eminentes, os resultados sempre foram os mesmos. Aparelhos registradores colocados num gabinete *bastante afastado* para que a mão de Eusápia não pudesse atingi-los, deram indicações diversas. Um bandolim tocou sozinho. Uma forma de cabeça foi vista. Parece que, nessas condições, a dúvida é impossível”.

*Trinta e três anos depois* — Precisamente no dia 24 de junho de 1925 — em sessão solene da Faculdade de Medicina de Paris e diante dêsse augusto plenário o velho e querido Mestre Charles Richet, desasombradamente se põe a rememorar, então, o célebre *Relatório* apresentado pela “Comissão de Sábios”, instituída em Milão no ano de 1892 para estudar os fenômenos da poderosa sensitiva napolitana. Comentando, enfim, a hipotética possibilidade de que diante das *severas e rigorosas experiências* pudesse ela liberar uma das suas mãos — o que seria um absurdo — êle confessa o seguinte:

“Desde o início de nossas experiências, pensamos todos na possibilidade dessa fraude. Admitir que durante um quarto de século, os cinquenta eminentes observadores, que operaram cinquenta vezes com Eusápia, não se assegurassem de que ambas as mãos estavam bem seguras; é verdadeiramente uma asnice incomensurável. E não creio que a tenhamos merecido.

Notai que Eusápia em nada se assemelhava a um prestidigitador de profissão. Não tinha nem varinha, nem mesa, nem cofrezinho, nem cúmplice, nem espelho. Ela chegava vestida com uma pequena túnica preta colante; podia-se verificar que não ocultava nada sob as vestes.

Dizer, portanto, que nem Morselli; nem Botazzi, nem Foá, nem Ochorowicz, nem Londge, nem eu e demais companheiros

(42) Vide: “*Annals of Psychical*”, volume XVII, páginas 212-218 e 294, ano de 1908.



jamais tivéssemos percebido que ela conservava uma das mãos livres, para poder executar fenômenos telecinésicos, é mil vezes absurdo.

Aliás Senhores, se tiverdes curiosidade dêsse fenômeno, lede o livro de Morselli, Professor do Instituto de Psiquiatria de Gênova e ficareis edificadas" (43).

\* \* \*

A multiplicidade medianímica de Eusápia Palladino, como sabe o leitor, contém, em si, uma variedade assombiante de manifestações psíquicas a provar que em nós existe alguma coisa que sobrevive à morte; que há entes que viveram aqui na terra; que conservam a sua consciência e com elas as recordações, afetos, ansiedades e esperanças que acalentaram em vida; que essas entidades espirituais podem manifestar-se; e que finalmente quando lhes é possível trazem aos encarnados a certeza da imortalidade da alma, para tanto revestindo-se das mesmas condições físicas e fisiológicas, como eram na Terra.

Satisfeita, portanto, essa humana ambição da imortalidade, latente em todos os indivíduos, será deveras consolador e tonificante chegar-se à certeza pelo caminho seguro da convicção experimental, em vez de nos embrenharmos pelas veredas da crítica especulativa, quase sempre a sôlido de interesses inconfessáveis.

O estudo ponderado do "Traité de Métapsychique" — se é que, realmente, o estudaram os cinco impacientes repórteres de "O Cruzeiro" — demove os maiores opositores do ponto de vista falso das inventivas intolerantes contra os fatos que por ausência de conhecimento, não lograram interpretar através da verificação direta e pessoal.

A obra de Richet, como sabem os intolerantes cinco repórteres de "O Cruzeiro", neste particular ela constitui o que de mais notável se pode imaginar como sistematização e classificação de *fatos sobre fatos*, colhidos pelos métodos mais severos da experimentação, observação e denominação, aliás quase tudo idêntico à moderna parapsicologia do ilustre Professor Joseph Banks Rhine.

Já naquela época ponderava, então, o saudoso Fisiologista da Universidade de Paris, que a história das ciências ensina que as descobertas, as mais simples, foram rejeitadas *à priori* pelos Sábios sob pretexto de estarem em contradição com a ciência. E isso porque, quando "declaram que tal ou tal fenômeno é impossível eles confundem lamentavelmente o que é *contraditório* para a experiência com o que é *novo* para a ciência. Os Sábios sempre pen-

(43) Vide: "La Presse Medicale", número 51 de 25 de julho de 1925.

saram que poderiam traçar os limites que à ciência futura não seria dado transpor".

Teve razão Camille Flammarion, quando dêles falou jocosamente: "passés à l'état de bornes, ils jalonnent la route du progrès"...

A ciência metapsíquica, os acontecimentos parapsíquicos e a demonstração da Doutrina dos Espíritos — a denominação não importa — conduzirão os investigadores à certeza de uma nova disciplina que se deve incorporar ao quadro das ciências oficiais, quer entre as classificadas por Augusto Comte, quer entre as da classificação de Herbert Spencer. Poderá ser hoje ou amanhã.

A "Doutrina Espírita" codificada por Allan Kardec, a "Metapsíquica" de Charles Richet e a "Parapsicologia" de Joseph Banks Rhine, consubstanciadas nesse monumento da "Imortalidade Humana", adquiriu foros de Ciência e cidadania irrecusável de conhecimentos positivos sob o prisma das realidades das coisas concretas, que existem e que, em determinadas condições psíquicas, se podem *ver, tocar, medir, pesar, agarrar, situar, sentir e conduzir* no plano concreto das manifestações exteriores peculiares aos fenômenos de conseqüências físicas e biológicas.

Para crer que todo êsse atributo psíquico é uma ilusão, seria preciso supor que os grandes Sábios e experimentadores fôssem, todos êles, sem exceção, mentirosos ou imbecis. Seria necessário ainda, que mais de mil observadores eminentes, em tôdas as partes do mundo, talvez menos ilustres do que êsses, mas, como êles, de alta e sagaz inteligência, foram, também, mentirosos e imbecis.

Tomamos, por exemplo, "A Grande Esperança", um dos últimos trabalhos de Charles Richet. É uma obra de profundo senso de verdades e de edificação moral. A esta altura do seu pensamento, já Richet tocara as belezas de uma convicção em *alguma coisa* acima da matéria perecível, capaz de transformar e melhorar o homem. Por isso, foi inspiradíssimo quando pontificou:

"Tenhamos contra a ignorância e o ódio o culto da Verdade, da Justiça e do Amor. Saibamos amar o bem e detestar o mal".

\* \* \*

As faculdades supranormais de Eusápia Paladino foram comprovadas e cientificamente repetidas, malgrado o pêso da enorme repugnância dos Sábios em admitir a realidade dos fenômenos psíquicos da grande e sempre injustiçada sensitiva napolitana.

Em 1872, quando ainda Eusápia Paladino era um tanto mais de menina e um pouco menos de mulher, contando cêrca de dezoito anos de idade, seus excepcionais dotes extra-sensórios pela vez

primeira foram atestados, criteriosamente, pelo Sr. Damiani. Inteligente, culto e possuidor de um discernimento incomum, tornou-se êle, merecidamente, o primeiro grande investigador das manifestações psíquicas daquela médium, cujos fenômenos eram sempre renovados de uma sessão para outra.

Compreendendo que não poderia transportar sozinho o peso das responsabilidades do presente e temerosos quanto ao futuro delas, resolveu, então, aliviar a carga, indo ao encontro do seu ilustre amigo Professor de física G. B. Ermacora, fundador e coeditor, com o Professor de física Giorgio Finzi, da "Revista di Studi Psichici", tomando parte desse movimento o Professor de física Giuseppe Gerosa.

Sobre o assunto, é interessante a descrição do Professor Francesco Porro, da Universidade de Gênova.

"Lombroso encontrou-se em Milão com três jovens físicos, inteiramente libertos de preconceitos — Ermacora, Finzi e Gerosa; com dois pensadores profundos, que havia esgotado o lado filosófico da questão — o alemão Du Prel e o russo Aksakoff; e com um outro filósofo de inteligência penetrante e de vasto saber, Brofferio; e, finalmente, com o grande astrônomo Schiaparelli e com o fisiologista Richet".

E acrescenta:

"Seria difícil reunir um melhor grupo de homens de ciência, que oferecesse as necessárias garantias de seriedade, de variada competência, de habilidade técnica na experimentação, de sagacidade e prudência no desfecho das conclusões".

O Professor de filosofia Ângelo Brofferio, enquanto com o seu livro magnífico "Per lo Spiritismo", editado em Milão durante o ano de 1892, destrói um a um os argumentos dos opositores de Eusápia Paladino, coligindo, coordenando e classificando com incomparável habilidade dialética as provas em favor da sua tese, o Professor de Física G. B. Ermacora aplicou na sua demonstração todos os recursos de cérebro robusto e treinado no emprêgo do método experimental; e sentiu tanto prazer nesse estudo fértil e novo, que abandonou inteiramente as pesquisas sobre a eletricidade, que já o tinham colocado entre os sucessores de Faraday e de Maxwell.

EUSÁPIA  
PALADINO E  
AS  
MATERIALIZAÇÕES  
DE  
ESPÍRITOS

A MÃE DO PROFESSOR ENRICO MORSELLI — A IRMÃ DO DR. BOCAIN — O PARENTE DO GIUSEPPE VENZANO — O FILHO DO DR. MASSARO — A IRMÃ DO DR. HENRIQUE CARRERAS — A MÃE DO MAJOR F... O... — O PAI DO PRINCEPE RUSPOLI — O FILHO DO DR. HENNALDO VASSALO — O ESPÍRITO DO AMIGO DO DR. GIORGIO FINZI — A MATERIALIZAÇÃO ANÍMICA DO ESPÍRITO DA AMANTE DE M... R... — AS MATERIALIZAÇÕES DO ESPÍRITO DE JOHN KING — A MÃE DO PROFESSOR CÉSAR LOMBRÓSO — A MÃE DO DR. EVARISTO TESTA.

"A hipótese que deve servir a uns. (fenômenos) cabe a outros; e se não se aplica a todos é preciso procurar outra, a de que o fantasma do Espírito seja algo mais que a exteriorização do pensamento da médium ou dos presentes".

CÉSAR LOMBRÓSO

EM 1908 o Professor Enrico Morselli realizou trinta sessões experimentais com Eusápia Paladino, e ficou inteiramente convencido dos fatos, publicando-os no livro "Psicologia e Spiritismo", que o Professor Charles Richet descreve como "um modelo de erudição".

Quando o *Espírito materializado* da mãe do Professor Morselli surgia pela primeira vez diante do filho, exuberante de seios e com gestos menos delicados que os seus, mordendo-lhe levemente o queixo como o fazia em vida, tal era a rigorosidade do erudito Professor, que êste lhe exigiu uma prova de identidade...

E porque ela tocasse com a mão o lado direito da testa do filho e depois o lado esquerdo, onde tinha um pequeno condilo-

ma, Morselli não quis aceitar a prova da presença de sua mãe, embora ela mantivesse um colóquio de gestos, apontando-lhe, com pesar os óculos e a semi-calvíce, como fazendo compreender o tempo que o deixara forte e jovem.

“A verdade — comenta Sir Arthur Conan Doyle — é que Morselli tinha, por estranho que pareça, a maior repugnância pelo aparecimento de sua mãe através de uma médium e contra a sua vontade” (44).

Muito antes de publicar em Turim, no ano de 1908, os dois tomos de “Psicologia e Spiritismo”, o Professor Morselli, no seu antiespiritismo, cuidando dos fantasmas materializados do filho do Dr. Hennaldo Vassalo e da filha do Professor Francesco Porro, da Universidade de Génova, apresentava, então, a ridícula “hipótese de que Eusápia apanhe os informes sôbre caracteres físicos na família do defunto; ou que atinja o *inconsciente dos presentes* e lhes obedeça aos desejos”.

Em prevalecendo, todavia, a *hipótese ridícula* de que a médium pudesse apanhar os informes através do *inconsciente* dos familiares, em que ficaríamos quando comparecem Espíritos conhecidos apenas de pessoas vindas de longe, de outras cidades ou países e que chegaram no mesmo dia? Por que Eusápia não obedeceu o *inconsciente* de Morselli, que não queria fôsse evocado o Espírito de sua mãe?

E como pôde essa Napolitana analfabeta *reviver* o Espírito da espôsa, que tanto fêz sofrer o Professor Ernesto Bozzano, e a quem *ele não desejava ver*? Ela lhe falou em dialeto genovês, que Eusápia não conhecia.

A ser exata a hipótese, por que a médium não reconstituiu a imagem da figura de Giacosa — comenta o Professor César Lombroso — que não só podia ler no *pensamento dos presentes* à sessão, especialmente do seu genro, como por que ela vira o *retrato* dêle em todos os cantos da rua e em todos os jornais, depois da sua morte?

E concluía o Professor ilustre:

“A hipótese que deve servir a uns, cabe a outros; e se não se aplica a todos é preciso procurar outra, a de que o fantasma do Espírito seja algo mais que a exteriorização do pensamento da médium ou dos presentes”.

Outro exemplo, que daremos a seguir, ocorreu em Paris, du-

(44) Confronte-se o livro de Arthur Conan Doyle. “História do Espiritismo”, página 410, tradução magnífica do Professor Dr. Júlio de Abreu Filho, edição da Editora O Pensamento”, ano de 1960.

rante uma sessão experimental com a médium Eusápia Paladino, realizado sob a fiscalização de Camille Flammarion, quando então o Dr. Le Bocain se dirigiu ao Espírito materializado de Rosália e lhe pediu em árabe:

— “Rosália, se és tu que te encontras entre nós, puxa-me três vêzes o cabelo na parte posterior da cabeça”.

Cêrca de dez minutos depois e quando o Dr. Le Bocain quase havia esquecido o pedido, sentiu que lhe puxavam o cabelo três vêzes, exatamente como havia desejado. Ele, depois, declarou por escrito:

“Certifico êste fato que, além disso, constituiu para mim a mais convincente prova da presença de um Espírito familiar junto de mim. E finalizava — Eusápia não sabe o árabe”.

Merece ser destacado, agora, a seguinte ocorrência havida entre êles:

Apreciando os fatos extra-sensórios de Eusápia Paladino, o Dr. Le Bocain falava de uma “*teoria dinâmica da matéria*”; outro afirmava que não, porque parecia ser uma “*fôrça ectênica*”; enquanto um terceiro achava que era uma “*consciência coletiva*” e, por fim, até já se admitia a “*ação da mente subconsciente*”. Mas a idéia de que fôsse a manifestação póstuma de um Espírito imortal, liberto da matéria, essa seria a última hipótese admitida por alguns dos presentes, apesar de aceitar a manifestação do fenômeno...

Ora, todos os fatos até aqui relacionados e melhor autenticados pelos Sábios, onde a operação de uma inteligência espiritual e independente sempre se mostra continuamente, tornou insustentáveis as tentativas explicatórias dos ilustres experimentadores.

Senão, vejamos mais êstes casos emocionantes:

Vamos acompanhar o relato de uma convincente materialização de Espírito assistida pelo Dr. Giuseppe Venzano, publicado no “Annals of Psychical Science”, volume VI, página 164, de Setembro de 1907. Nessa sessão havia a luz de uma vela, que permitia e visse a figura da médium Eusápia Paladino.

“A despeito da pouca luz, eu podia ver distintamente a Senhora Eusápia e meus companheiros”, diz o Autor. “De súbito, percebi que detrás de mim havia uma *forma humana*, bastante alta, que estava inclinando a cabeça sôbre o meu ombro esquerdo e soluçando profundamente, tanto que os presentes ouviam os soluços; beijava-me repetidas vêzes. Percebi claramente os traços fisionômicos, que me tocavam o rosto e senti os seus cabelos finos e abundantes em contacto com a minha face esquerda, de modo que tinha a certeza de ser uma mulher.

Então a mesa começou a mover-se e pela tiptologia deu o nome de uma ligação de família, de todos desconhecida excepto por mim. Tinha morrido algum tempo antes e, devido a uma incompatibilidade temperamental, houve sérios desacordos com ela.

... A princípio julguei que fôsse mera coincidência de nome; mas enquanto *mentalmente* eu fazia tal reflexão, senti uma bôca, com o sôpro quente, tocar-me a orelha esquerda e sussurar, em voz baixa, em dialeto genovês, uma porção de frases que os assistentes podiam ouvir. Essas sentenças foram interrompidas por um soluço e o tema era, repetidamente, o pedido de perdão de injúrias feitas a mim, com uma riqueza de detalhes ligados a assuntos familiares que só poderiam ser conhecidos da pessoa em questão.

O fenómeno era tão real que me vi obrigado a responder aos pedidos de desculpas com frases afetuosas e, por meu turno, pedir perdão se qualquer ressentimento pelos mal-entendidos tinham sido excessivos. Mal eu tinha pronunciado as primeiras sílabas e duas mãos, com excessiva delicadeza, se aplicaram sôbre os meus lábios, evitando que eu continuasse. Então a forma me disse: — “Muito obrigado — abraçou-me, beijou-me e se desmaterializou” (45).

Chegando à conclusão de que vários experimentadores foram forçados a aceitar a hipótese espirita como a única que explicava todos os fatos de maneira mais razoável, dizia, então o Dr. Giuseppe Venzano:

“E realmente o é, porque no maior número das formas materializadas por nós percebidas, quer pela vista, quer pelo tato, ou pela audição, foi-nos possível reconhecer as semelhanças com as pessoas mortas, geralmente nossos parentes, desconhecidos da médium e apenas conhecidos dos presentes relacionados com os fenómenos”.

Análoga aparição obteve o Dr. Massaro, de Palermo, na sessão experimental realizada pela “Sociedade de Estudos Psíquicos”, de Milão, em 1906.

Tempos antes, o Dr. Massaro evocara o Espírito do filho desencarnado recentemente, e obtera de John King, guia espiritual da sensitiva Eusápia Paladino, a promessa de que em breve vê-lo-ia materializado no mesmo local. Quinze dias depois, iniciada a sessão, a médium, ainda em vigília, descreve a seguinte visão extra-sensorial.

— Vejo um jovenzinho, vindo de longe, e precisou — de Palermo...

(45) Consulte-se o livro do Dr. Gabriel Delanne — “Les Apparitions Matérialisées” volume II, páginas 567 e 568, edição de 1911.

Depois acrescentou:

— *Ritrato viventi al sole* — (retrato vivo feito de dia — frase que não se compreendeu.

A estas palavras, o Dr. Massaro, porém, lembrou-se que tinha na carteira uma fotografia do filho, tirada em pleno campo; ao mesmo tempo, os demais membros da Sociedade perceberam que êle — o filho — tocava precisamente no lado do bôlso interno da roupa, onde estava a carteira com o retrato. Repetiram-se os toques intencionais, com mão que se insinuava, em movimentos vivos, apontando o local.

Por demais comovente foi o reencontro entre ambos. O pai, emocionado, olhava para o fantasma *redivivo* com os olhos marejados de lágrimas, enquanto o filho lhe sorria tranqüilamente... Aos beijos, seguiam-se as comoventes carícias manifestas, se bem que muito delicadas. Depois, o Dr. Massaro foi atraído próximo da cabina mediúnica e beijado repetidamente. Eram as despedidas...

Enfim, entre a cabina ainda surgiu a cabeça do morto, envolvida por uma faixa ectoplásmica, reconhecida pelo pai como a de seu saudoso filho.

O Dr. Barzini, em seu “Nel Mondo dei Misteri”, depois da descrição pormenorizada de como a Eusápia Paladino ficou imobilizada numa cama que se usa em campanha, assim se exprime:

A cortina se infla e depois se esvazia; de uma parte parece ver-se o relêvo de um corpo humano que se move. Toco a saliência: sôbre o tecido reconheço o rosto, o nariz, a fronte, a cabeça; quando toco o lábio sinto morderem-me o polegar e logo a cortina murcha. Olho dentro da cabina, a médium está imobilizada pelas cordas e em transe.

Na residência do Príncipe Ruspoli, em Roma, realizava-se outra sessão do grupo experimental com a sensitiva Eusápia Paladino, sob a orientação do Dr. Carreras, considerado como um dos melhores observadores psíquicos, diversas entidades espirituais apareceram consolidadas.

Iniciados os trabalhos, um parente do Dr. Carreras comunicase pela tiptologia, declinando o seu nome: — *Maria*.

Instantes depois, um Espírito materializado sai da cabina mediúnica e vai ao seu encontro. Dois braços, delicadamente, se apóiam nos seus ombros e uma voz o chama pelo prenome:

— Henrique...

— É realmente você Maria?

— Sim, meu irmão Henriquel

E a rediviva, sua irmã, afetuosamente, estreita-o ao seu corpo...

Passados alguns segundos, o Major F... O..., que estava meio oculto ao lado de uma cortina, ouve chamá-lo pelo nome de batismo e uma voz, um tanto débil, fala-lhe ao ouvido. A seguir, o Espírito acaricia-lhe o rosto, passa a mão sobre os cabelos dele e o envolve num estreitado abraço. Singular e emocionante a cena desse reencontro. Lágrimas escorriam dos olhos dos assistentes...

... Por fim, o Major F... O..., comovidíssimo, comunicou aos companheiros que o Espírito, surgido fora da cabina e que se havia comportado como uma criatura, fôra a sua querida Mãe, falecida alguns anos.

E concluiu, declarando:

As palavras que foram ditas próximas de minha orelha, os diálogos mantidos à meia voz entre nós dois, certas particularidades tão familiares e só por nós conhecidas, enfim, as carícias de minha Mãe, por tudo isso, portanto, empenho o meu testemunho.

Depois das declarações do Major F... O..., houve o transporte do retrato-miniatura da Mãe do Príncipe Ruspoli, que se encontrava sobre uma pequena mesa da sala de visita, próxima da que se realizava a sessão. Incontinenti, algo como uma grossa mão fria pousou nas costas do Príncipe, e a voz de um homem, um pouco rouca, chama-o pelo nome.

— É você *John*? — pergunta o Príncipe.

— Não...

— Quem é você, então?

— Enrico!

— Meu pai?

— Quem poderia ser, meu filho...

... E rompe pela cabina mediúnica afora um Espírito de bigodes fartos, que abraça o filho e dá-lhe um beijo na bôca. Depois, abraça o Dr. Carreras que se achava junto do Príncipe...

... Encerrada a sessão, o Príncipe explicou, então, que seu falecido Pai, quando encarnado, usava um bigode cheio e retorcido à la Vitorio Emmanuele <sup>(46)</sup>.

O afamado escritor e notável jornalista Dr. Hennaldo Vassalo, em companhia do Professor Giuseppe Venzano, do Professor Francesco Porro, do Professor Ernesto Bozzano e demais membros do *Circolo de Minerva*, numa dessas experiências ali realizadas em dezembro de 1901, viram o Espírito do jovem filho do escritor completamente materializado.

(46) Gabriel Delanne — "Les Apparitions Matérialisées", tomo II, páginas 571 e 572.

Por falta de espaço, lamentamos resumir os fatos, mas ao leitor desejoso de penetrar nesses estudos, podemos recomendar os artigos do Dr. Vassalo, impressos na "Revue Scientifique et Morale du Spiritisme", números de abril e maio de 1901; ou então ler o livro do Professor Giuseppe Venzano, "Nel Mondo degli Invisibili", de 1902.

— Todavia, merece recordar o seguinte:

Solicitado pelo pai a identificar-se pelo nome, prontamente o Espírito respondeu-lhe: — *Romano*. Era um dos prenomes do falecido, "*ignoré même des ses parents plus proches, car on l'appelait toujours Naldino*".

Apoiou-se, depois, sobre o ombro esquerdo do pai; acariciou-o e, em seguida, deu-lhe beijos estalados, ouvidos pelos presentes... A seguir um outro beijo, recomendado:

— Este é para a mamãe... (Celui ci est pour la mamann)...

Impossível, portanto, supor que a médium Eusápia Paladino conseguisse fabricar um fantasma vivo e que fôsse a reprodução exata do filho morto de Vassalo e que ela nunca conheceu.

Numa sessão em Milão, observa o Professor de física Giorgio Finzi, quando Eusápia Paladino estava no máximo do transe, apareceu à minha direita e de alguns vizinhos, uma figura de mulher *constituída*, que falou algo muito interessante para mim. Ao centro, quase rente comigo, estava a médium adormecida, e acima de mim a cortina entufava; ao mesmo tempo, à esquerda, uma pequena mesa se movia no gabinete medianímico e outro objeto é colocado na mesa ao lado esquerdo.

Um dia — a descrição é de Gabriel Delanne — disse Eusápia Paladino ao Sr. R. E.:

— Este fantasma vem para você... E cai em profunda letargia.

Apareceu, com efeito, uma bela mulher, perfeitamente materializada quanto à cabeça e ao rosto, tendo os braços e o corpo coberto com as bordas da cortina, mas que deixavam entrever as formas. Na cabeça tinha um véu muito fino; ela soprou um hálito quente no dorso da mão do Sr. R. M..., levou-lhe a mão aos cabelos e mordeu-lhe levemente os dedos.

Pediram que se deixasse fotografar. Eusápia e John, o guia do médium, consentem; mas o fantasma recusa com a cabeça e as mãos, e quebra por duas vezes a chapa fotográfica. Solicitam que deixe, ao menos, a impressão das mãos, que ela nega <sup>(47)</sup>

(47) Gabriel Delanne — "Les apparitions Matérialisées", tomo II, página 226 (edição da Librairie Spirite, Paris, 1909).

“Soubemos depois — acrescenta o Professor César Lombroso — que se tratava do Espírito de uma *Senhora viva*, adormecida, amante do Sr. R. M. . . , que morava na mesma cidade, e tinha grande interesse em não deixar provas de sua identidade. . .

E concluía o ilustre Professor:

“É, pois, evidente que nos fenômenos espíritos pode intervir uma vontade que não a de John, nem de Eusápia, nem dos presentes, antes contraria à de todos” (48).

Sobre o rigoroso controle de fiscalização, adotado pelos membros do “Círculo Científico de Minerva”, onde já se realizavam experiências psíquicas com a médium Eusápia Paladino há cerca de onze meses, vamos, mais outra vez, nos favorecer da magnífica obra “O Espiritismo à Luz dos Fatos”, do renomado polígrafo Dr. Carlos Imbassahy, transcrevendo, apenas, alguns trechos das páginas 215 e 216:

“... Entretanto, como (Eusápia) se queixava de que os pulsos lhe causassem mal, muito apertados, eu (Professor Enrico Morselli) desfiz, não sem dificuldade, os nós numerosos com que a atara; assim lhe tendo libertado as mãos, *deixei-a unicamente ligada pelos pés e pelo busto* . . . (O grifo é nosso).

“... Quando me aproximei, o fantasma não se mexeu, ainda que pudesse pensar que ia tocá-lo; não manifestou nenhum temor, apesar de me haver eu aproximado d'ele duas vezes . . . Retirou-se, por fim. Precipitei-me para a médium; ela gemia lamentosamente . . .

“... Não a achei livre dos pulsos, como a tinha deixado, mas com um aumento considerável de laços: os pulsos estavam rodeados de diferentes nós, muito estreitos, e a corda, em suas duas extremidades, interior e exterior, fixada de novo, às bordas da cama. Isto ocasionou o estupor dos assistentes.

“Com efeito — comenta o Professor Ernesto Bozzano — ficamos literalmente estupefatos pelo fenômeno inesperado da ligadura dos punhos da médium, às bordas da cama. Não era, certamente, Eusápia que poderia ter-se ligado daquela forma; é preciso admitir a intervenção de John, que quis demonstrar, assim, o seu descontentamento para com o Professor Enrico Morselli, por haver este liberado a médium, no curso de uma fiscalização severa, por ele próprio — John King — ordenada.

“O Professor Morselli de tal modo se impressionou que não cessava de repetir na rua:

(48) César Lombroso — “Hipnotismo e Espiritismo”, páginas 156 e 157, edição Lake, São Paulo, 1960. Tradução de Carlos Imbassahy.

“— Ah! Aquela *autoligadura!* Aquela *autoligadura!* Como explicá-la? . . .” (49).

Estamos, portanto, de pleno acôrdo com o nosso companheiro e velho amigo Professor Herculano Pires, quando nos assegura êle que “a obra de Morselli se fundamenta nas experiências que realizou com a famosa médium Eusápia Paladino. Depois de verificar a realidade dos fenômenos espíritos, de curvar-se ante a evidência dos fatos, como Lombroso, o psiquiatra não quis, entretanto, aceitar a explicação espírita dos mesmos. Fêz como Richet, que só bem mais tarde daria a mão à palmatória. Considerou simplista e apresada a teoria espírita, mas sustentou com ênfase a realidade da fenomenologia supranormal e propôs a criação de “espiritismo sem espíritos”, à maneira da “psicologia sem alma” que Watsom proporia mais tarde.”

E, no período seguinte, o ilustre Professor Herculano Pires prossegue afirmando que:

“Psicologia e Espiritismo”, entretanto, — como “The Human Personality”, de Frederic Myers, e “L'Extériorisation de la Motricité”, de De Rochas, — representa um marco na elaboração da psicologia espírita. Muito se falou, depois desses pioneiros, em metapsíquica, metapsicologia e parapsicologia. Tanto Richet, no passado, como Rhine, na atualidade, tentaram avançar, através dos fenômenos espíritos, além do campo imediato dos estudos psicológicos. Mas a verdade é que, antes desse avanço, é indispensável a criação de uma disciplina preparatória, que seria exatamente a psicologia espírita, cujos princípios já se encontram na obra de Kardec” (50).

\* \* \*

Existem, como veremos mais adiante, fatos contrários à vontade da médium Eusápia Paladino e do Espírito de John King, seu guia e protetor.

Conta-nos, por exemplo, o Professor Ernesto Bozzano que propuseram a Eusápia Paladino uma sessão para o dia seguinte; esta se opôs, sabendo que a frequência das sessões a exauriam; John, entretanto, protestou, e porque ela persistisse, chegou a usar de violência.

(49) Especialista em enfermidades nervosas e mentais, o Professor Morselli, em virtude de suas funções no “Asilo de Alienados de Gênova”, sabia imobilizar totalmente uma criatura, amarrando-a fortemente ao leito pelas mãos, pelas pernas e pelo busto, com duas cordas, aplicando em cada laço nós especiais.

(50) Herculano Pires — “Os Três Caminhos de Hécate”, páginas 175 e 176, edição Edicel, São Paulo.

Sabendo que numa reunião com o Duque de Ambruzzos, a mesa tinha marcado pelo movimento dos seus quatro pés o ritmo da marcha imperial, o Professor César Lombroso disse, gracejando, que em Turim a mesa e John King eram monarquistas. Não tinha terminado de falar e a mesa pôs-se a protestar com movimentos expressivos, claros até a um profano em linguagem tiptológica.

Perguntou-lhe o Professor:

— Então, *John*, não és monárquico?

A mesa negou fortemente com duas pancadas, e isso aconteceu em outras sessões. Supunha o Professor Lombroso que a idéia era de Eusápia, pôsto que em Nápoles o povo seja devotado à monarquia. Com a intimidade que tinha, interroguei-a sobre o assunto, e a pobrezinha que, em sua vida, nem sempre teve alegres contactos com a nobreza, “afirmou-me que não possuía nenhuma idéia política, que não se interessava pelos reis, e o seu govêrno preferido seria aquele que *pensasse nos pobres e não* contradiscesse seus discursos.

E o Duque de Ambruzzos, que a tinha lautamente remunerado, não ficou contente; não lhe deu seu cartão de visita, nem houve para com ela as amabilidades que os outros costumavam ter.

As manifestações monárquicas não podiam, portanto, partir de Eusápia, nem de John e estavam em contraste com seus sentimentos” (51).

Na noite precedente à sua desclassificação em Cambridge, apareceu-lhe John que abanava, tristemente, a cabeça... E em Paris, quando enfêrma e confiada a uma enfermeira descuidosa, que dormia em vez de velar-lhe à cabeceira, John, para despertá-la, aplicou-lhe sonoros bofetões, que a despertaram e a fizeram fugir.

De outra feita, os experimentadores vêem uma grande forma humana, ligeiramente luminosa, sair da cabina, dirigir-se ao Coronel Malvolti que recebe um sóco no peito. Ele tinha desobedecido uma ordem de John King.

Sobre o furto de suas jóias, o engenheiro Grauss conta que ela foi censurada pelo questor porque acusando a porteira, tornara inútil qualquer investigações em sua casa. Eusápia ficou tão abalada, que teve um delíquio. A mesa começou, então, a agitar-se e a exprimir o pensamento de John:

— Salve a minha filha para que não enlouqueça, salve-a com a sugestão...

(51) César Lombroso — “Hipnotismo e Espiritismo”, página 155, tradução do Dr. Carlos Imbassahy”, edição Lake, São Paulo, 1960.

E tendo o engenheiro respondido que John era mais forte do que ele, apareceu, em pleno dia, um velho alto e forte, de longas barbas, que, sem falar, pôs-lhe a palma da mão na cabeça, depois na de Eusápia, deixando-o em profundo exaurimento. Eusápia despertou e esqueceu tôdas as dores.

Numa sessão experimental no “Círculo Minerva”, o Cavalheiro Erba entrou em contacto com um Espírito materializado de um homem muito robusto, que lhe afirmou ser John King, guia e protetor da médium.

O Professor Ernesto Bozzano afirma, igualmente, a existência real dêsse personagem espiritual, de proporções atléticas que sempre intervêm nas manifestações da sensitiva Eusápia Paladino. E o descreve:

Contra meu ombro esquerdo se apóia um dorso masculino de proporções hercúlineas e uma perna se une entre a minha em tôda sua altitude. Eu *compreendi, então, que John quis me colocar numa posição favorável*, a fim de que pudesse ter uma exata idéia da sua pessoa: um pigmeu ao lado do gigante.

O pensamento de *John King*, por exemplo, sempre foi inspirado por uma inteligência inteiramente superior à de Eusápia Paladino. Caso contrário, como se explicaria o fato de que em Milão, Nápoles, Turim e Roma, *John* respondesse de maneira fluente em inglês, em alemão e em árabe, ignorados pela médium e só compreendido pelas pessoas originárias daqueles países, ali presentes. Madame Singer, convidada especial do Dr. Chiaia, sensibiliza-se até as lágrimas quando inicia um assunto por demais doloroso para ela e ouve *John* responder-lhe em alemão, a fim de que ninguém, ali presente, tomasse conhecimento de certas particularidades íntimas.

Todavia, o acontecimento primordial, aquêle que deveria neutralizar definitivamente as restrições do célebre Professor César Lombroso e assombrar o mundo acadêmico, foi quando ele assistiu à *materialização* do Espírito de sua falecida Mãe, em Turim, e em oito sessões sucessivas em Gênova e Milão.

Vejamos como o ilustre Professor descreve “*a comoção mais suave*” de sua vida:

“Quando ho riveduto mia madre ho sentito nell’animo una delle commozioni piú soavi della mia vita, un piacere che giungeva allo spasimo, innanzi al quale, non mi sorgeva un senso di risentimento, ma di gratitudine per chi me la gettava dopo tanti anni fra le braccia; ed innanzi al gran avvenimento avrei dimenticato, non una, ma mille volte la posizione non certa nobiliare dell’Eusápia, che aveva fatto per me, sia pure automaticamente, ciò che nessun gigante della forza e del pensiero avrebbe potuto fare”. (Cf. “Luce e Ombra”, junho de 1908).

## Tradução:

Quando pude rever minha mãe, senti na alma uma das comoções mais suaves da minha vida, um prazer que chegava ao espasmo, não me despertando a sensação de ressentimento, mas de gratidão à médium que a lançava depois de tantos anos entre os meus braços; e diante do acontecimento esqueci-me, não uma, mas mil vezes a posição humilde de Eusápia, que havia feito por mim, embora automaticamente, aquilo que nenhum gigante da força e do pensamento poderia fazer.

Na conceituada revista italiana "Arena", em o número de julho de 1910, o Professor César Lombroso transmite-nos pormenores de algumas experiências que realizou com Eusápia Paladino. E êle interroga:

"O leitor vai interpelar-me com ar de compaixão e perguntará:

— Não se deixou simplesmente ludibriar por *farsantes vulgares*? ...

Eis a minha resposta:

O *fato indiscutível* é que com Eusápia tomaram-se medidas de precaução absolutamente rigorosa contra a possibilidade de qualquer fraude, porque se lhe ligavam as mãos e os pés, ficando uns e outros cercados por um *fio elétrico* que, ao menor movimento, punha em ação uma campainha ... e, não obstante, *os fenômenos produziram-se*.

Depois de tudo isso assisti ainda a sessões em que Eusápia em transe, dava respostas certas e muito sensatas em *línguas que ela não conhecia*, como por exemplo, o inglês".

Vamos extrair do magnífico estudo "Ipotesi Spiritica e Teoriche Scientifiche", do Professor Ernesto Bozzano, mais um fato verificado por êle e que decorreu durante uma das experiências com a médium Eusápia Paladino, organizados pelo "Círculo Científico Minerva", em Gênova.

Na sessão, além do Professor Bozzano, estavam presentes os seguintes membros do "Círculo": o Professor Enrico Morselli, o Professor Poro, os Drs. Giuseppe Venzano, Hennaldo Vassalo, diretor do "Século XIX", Félix Avelino, Evaristo Testa, Jerônimo Pastorino e Jocondo Faggioni.

Da ata da sessão redigida pelo Professor Bozzano, e publicada no referido livro, extraímos êstes trechos essenciais:

"À esquerda do médium toma lugar Evaristo Testa e à direita Jocondo Faggioni. A sala está escassamente iluminada pela luz de uma vela colocada na antecâmara.

... De súbito percebemos movimentos na cortina do gabinete medianímico, à frente de Evaristo. Em seguida uma linda mão, cuja forma se delineava visível para todos nós, emerge dêsse lugar e atinge Evaristo, tocando-o e acariciando-o, para logo se retirar. Novamente a cortina se agita, infla-se e adere ao rosto de Evaristo, que declara sentir o contacto de uma cabeça completamente materializada. Mal terminava a frase e todos ouvimos o ruído de um beijo, que alguém lhe deu no rosto. Evaristo pede à personalidade que decline o nome.

Ouvem-se, então, atrás da cortina, sons inarticulados, todavia com o timbre de voz humana, como se ali alguém fizesse esforços ináuditos para conseguir articular palavras. Êsses sons acabaram por se pronunciarem e a voz fraca, áfona soletrando por assim dizer as sílabas, diz em italiano:

— "Sou a tua mãe, meu filho"!

Seguem-se outros beijos, outras carícias, longas e afetuosas, através da cortina. Evaristo, ansioso por obter a prova decisiva da identidade, pede à personalidade materializada que se mostre a êle de modo bem visível. A cortina abre-se a meio, cêrca de quarenta centímetros, e se vê um busto de mulher, ora adiantando-se, ora afastando-se em movimentos lentos e alternados.

Na posição por mim (Bozzano) ocupada em relação à porta donde vinha a luz, não consigo discernir senão de modo confuso a forma materializada; o mesmo acontece a Evaristo e Avelino. Faggioni e Pastorino, porém, melhor colocados e próximos à forma materializada, declaram perceber distintamente o perfil de um rosto de mulher, cujos traços perfeitamente distinguem; as observações de ambos concordam entre si de modo perfeito.

Evaristo, baseando-se nos informes dêles, convence-se de que a descrição dos traços do Espírito eram os de sua mãe; insiste então com calor, suplica e exorta à forma materializada a aproximar-se para que consiga vê-la. Diante de tanta insistência e ternura, Faggioni, em tom de quem só a custo se resolve a destruir uma ilusão querida, exclama:

— Mas não, mas não, meu caro Dr. Testa! A forma que percebo não pode ser a de vossa mãe; distingo-lhe nitidamente os traços e posso garantir-vos que se trata de uma pessoa muito jovem.

— Perfeitamente — responde-lhe Evaristo — minha pobre mãe morreu com a idade de vinte anos apenas ...

Esta coincidência, tão surpreendente e inesperada, não deixou de causar funda impressão em todos os assistentes. Nenhum de



nós poderia calcular que a mãe de Evaristo Testa morrera tão jovem. Aliás, êle era nosso recém-conhecido; fôra admitido no "Círculo" apenas alguns dias antes".

Termina aqui a ata da sessão. Mas Ernesto Bozzano em sua obra prossegue "que Evaristo Testa resolveu tudo tentar para obter provas ultteriores da autenticidade do incidente que muito o havia impressionado. Com essa intenção tomou no dia seguinte uma fotografia de sua mãe, reuniu-a a outras de diversas môças, tendo o cuidado de escolhê-las dentre as pessoas da mesma época".

Dirigiu-se, então, à residência de Faggioni e pediu-lhe que "indicasse qual daqueles retratos mais se parecia com a forma que havia visto. Êste examinou atentamente as fotografias; chegando, porém, à última, declarou ser a que havia visto. Realmente era o retrato da falecida mãe de Evaristo Testa".

E Bozzano conclui:

"Êste fato, fôrça é convir, constitui excelente prova de identificação pessoal de mortos, tanto mais que o retrato da progenitora de Evaristo, *que tive ocasião de ver*, não oferecia a menor semelhança com o filho e, na coleção de fotografias apresentada a Faggioni, *havia a de uma das tias de Evaristo, de traços semelhantes aos dêste último*".

\* \* \*

A história da vida da grande e poderosa sensitiva napolitana Eusápia Paladino é profundamente instrutiva, porque nela se reúnem quase todos os gêneros e graus das manifestações psíquicas, verificadas, documentadas e descritas pelos experimentadores e pelos espíritas há mais de *setenta anos*. Desde os mais singelos *rapes* invisíveis até as *materializações completas* dos Espíritos, num total de *quarenta e quatro ordens de manifestações extra-sensórias* foram analisadas e observadas pelos Professôres César Lombroso e Enrico Morselli, sendo publicadas nos prodigiosos trabalhos "Fenomeni Ipnóticos e Espiritíci", do primeiro, e "Psicologia e Spiritismo", do segundo.

Mais de uma centena de autênticos Sábios e de experimentadores, desfilaram perante as "célebres experiências paladinianas"... E êles nos garantem a autenticidade de todos êsses  *fatos*. Torna-se necessária, agora, outra interpretação dos fatos, pois, hoje, êles já se encontram mais além das denegações vagas, das injúrias infamantes, das soezices ultrajantes, das estúpidas ironias dos ignorantes, dos sorrisos zombeteiros dos cretinos ou dos *desafios-indenizáveis*, propostos por alguns íncios...

Ante os minuciosos relatos autenticados pelos *grandes pesquisadores* sôbre a mediunidade de Eusápia Paladino, daqui para a

frente a ressurgência de qualquer inventiva sofismática, projetada pelos cinco manhosos repórteres de "O Cruzeiro" ou pelo ilustre coadjutor Professor Silva Mello, ficará neutralizada, porque na ampla galeria do medianismo — por mais que se busque *distorcer os fatos*, por mais que se tente denegrir os acontecimentos, por mais que se deseje descolorir as experiências — não damos um só passo nesse sentido, sem descobrir um traço e sem denotar um vestígio perfeito da presença de Eusápia Paladino, embora no dizer dos cinco irônicos repórteres de "O Cruzeiro", ela apenas "*era uma espécie de figura sagrada para o Professor Charles Richet*".

Aliás, a ironia dos mencionados jornalistas apenas serve para disfarçar um amontoado de ignorância, de preconceitos e de malevolências. Não nos interessa discutir ou contradizer. Seria inútil fazê-lo por amor aos malévolos, aos ignorantes e aos preconcebidos; e é desnecessário aos que o sabem.

Então, por mais que se ironize a sensitiva Eusápia Paladino, e por mais que a insultem, e por que mais que a difamem, e por mais que a acusem e por mais que a caluniem, sempre ressurtem as envelhecidas páginas dos feitos psíquicos da extraordinária Napolitana, redivivos pelos noticiários dos jornais, engrandecidos pelas colunas especializadas e imortalizadas por centenas de livros.

EUSÁPIA  
PALADINO E  
A ERRONIA  
DA  
CRÍTICA

*Então, por mais áspera e severa que seja a rigorosa opinião de um crítico, mais se lhe implica o nobre dever de honestidade mental, especialmente quando avoca, em defesa de sua idéia, o pensamento de terceiros.*

**N**UNCA, em tempo algum, da história dos acontecimentos extra-sensórios uma sensitiva submeteu-se a uma crítica, a um exame e a uma tão exaustiva série de experiências como Eusápia Paladino. Instituíram-se sociedades de investigações psíquicas. Criaram-se círculos, centros e institutos experimentais. Organizaram-se “Comissões de Sábios”. E tantos foram os trabalhos, tantas as investigações que, finalmente, exauriram a infeliz médium...

Embora inabitual, o fato psíquico jamais contraditou as experiências anteriores da nossa Ciência. Apresenta-se sob um aspecto nôvo. Eis tudo... E o cientista — por demais considerado — em se negando a examinar um *fato* porque aparenta uma contradição com os *fatos clássicos*, segundo a interpretação do Professor Charles Richet, “não passaria de um pobre de Espírito”.

E o velho Professor de Fisiologia da Faculdade de Medicina de Paris assim concluía a sua exposição:

“Todavia, quando se ataca *a priori* o Espiritismo, não é por nenhuma outra razão, no fundo, do que pela sua novidade, pois não se pode encontrar nos *fatos* do Espiritismo nada que contradiga formalmente as leis estabelecidas pela Ciência” (52).

(52) Charles Richet — “Deve Estudar-se o Espiritismo?”, páginas 7 e 8, edição da Federação Espírita Portuguesa, Lisboa.

Escolhamos, entre os inúmeros fatos apresentados pela médium Eusápia Paladino, o mais extraordinariamente emocionante, por exemplo, a aparição ou a materialização de um ser humano, que arrancou do Professor Charles Richet esta exclamação:

— “Certamente, há aqui um fenômeno estranho, prodigioso, inverossímil”!

Contudo, buscando-se epítetos, a imaginação não os encontrará para denominar este fenômeno que consiste na aparição de um fantasma, de um ser que tem um péso, uma circulação, uma inteligência, uma vontade, enquanto que a médium Eusápia Paladino está ali ao lado deste ser novo, conservando, ela também, o seu péso, a sua circulação, a sua inteligência e a sua vontade.

Na ordem natural das coisas — vamos gravar este princípio — “não há produção de fenômenos materiais sem um substrato material”. Porém, esta lei não é lei; é a generalização de fatos. O substrato material é o fenômeno habitual. No dia em que se provar o contrário, ficaremos admirados de ter negado a possibilidade de manifestações diferentes da ordem comum, não em contradição com ela, mas justaposta nela.

De uma vez e para sempre, urge desaparecer a controvérsia interpretativa que ainda separa os homens de boa-fé. Mas, para tanto, seria necessário que eles aceitassem os testemunhos imparciais dos experimentadores mais habilitados, porquanto, a cômoda e simplista fórmula de negar os fatos, já não serve mais, a não ser para encobrir a cegueira mental desses sistemáticos negadores.

Já que os cinco exímios repórteres de “O Cruzeiro” souberam enfeitar a coluna da revista — “*única tribuna deles*” — com o nome do Professor H. Sidgwick, transcrevendo-lhe algumas palavras antigas e contrárias à médium Eusápia Paladino *por ouvir dizer*, saibam, também, o que êle declarou pela última vez, a respeito da grande Napolitana, segundo a transcrição do Dr. Hereward Carrington, membro da “Comissão de Experimentadores”, que se reuniram na cidade de Nova Iorque, em 1909:

“Minhas próprias sessões — diz o Professor Sidgwick — me convenceram finalmente e do modo conclusivo de que *os fenômenos são verdadeiros* e devem ocorrer, que, neste caso, a questão de sua *interpretação* se esclarece à minha frente. Penso que não só a hipótese espírita se justifica como uma teoria aceitável, mas que é, de fato a *única* capaz de uma explicação racional dos fatos”<sup>(53)</sup>.

Durante o extenso período de tempo, que abrange os anos de 1888 até 1909, num total de vinte e um anos contínuos, as sucessi-

(53) Hereward Carrington — “Eusápia Paladino e os Seus Fenômenos”, páginas 250 e 251, edição de 1910.

vas “Comissões de Experimentadores” multiplicaram até o infinito “as provas das provas experimentais”, nunca dantes exigidas para as demais perquirições científicas.

Apontada, levemente, de empregar truques para ocultar a mistificação de supostos fenômenos, a descarada acusação fez surgir nela a velha Napolitana destrambelhada, atrevida e malcriada; e de tal modo destemperou os assistentes, que parte deles se afastaram. Serenados os ânimos, o famoso ilusionista Toward Thurston em companhia dos demais resolveram, então, pôr tudo de lado e continuar a sessão, cujo resultado — afiança-nos Sir Arthur Conan Doyle — foi uma autêntica *materialização*, enquanto outro conhecido assistente depõe que no próprio instante em que censuravam delicadamente Eusápia Paladino por mover um objeto com a mão, outro objeto, bastante longe dela, movimentou-se ao longo da mesa, impulsionado por um *terceiro braço ectoplásmico*.

Esboçar uma bibliografia, ainda que abreviada, de tudo o que já se escreveu e ainda se escreve sobre os quarenta e quatro dotes mediúnicos de Eusápia Paladino, seria um documentário impossível quanto à sua realização. Para ter uma idéia dessa dificuldade, basta consultar os “Catálogos de C. Siegismund”, Berlim, Mauers-trass 68; e o precioso catálogo da “Biblioteca Stanilas de Guaita”, de 1896; e, finalmente, veja-se o trabalho do professor Enrico Morselli, Bibliografia Paladiniana.

Nessa situação, compete a nós — meros compiladores desses acontecimentos psíquicos — apenas reavivá-los na memória do nosso povo, diluindo a plástica dos hipócritas, desintegrando o perfil dos ignóbeis, destruindo a esfinge dos mentirosos, desfrizando a inteligência dos caluniadores, que tentam enlamear a memória de Eusápia Paladino.

É, profundamente, lastimável que tanto os cinco turbulentos repórteres de “O Cruzeiro”, como o ilustre e douto imortal acadêmico Professor Silva Mello, aliás, o brilhante Autor dos “Mistérios e Realidades Deste e do Outro Mundo”, não nos tivessem trazido algum exemplo, não só para nos comprovarem as suas lições sobre a *farsa* ou *fraude*, como para que pudéssemos atestar a distinção entre a *farsa* das coisas que afirmam e as realidades da *fraude* que positivam.

Dessa maneira, apenas apresentando uma *hipótese* baseada em determinado caso, que outros casos congêneres destroem, isso jamais constituirá *prova*, pois, quando muito, é apenas um ardil, que só poderá engazopar outros inscios...

As sessões experimentais de Eusápia Paladino, os Sábios, para impedir qualquer fraude ou farsa, sempre se cercaram de aparelhos de alta precisão, que impossibilitava qualquer ação direta da própria

médium. O acatado escritor Dr. Carlos Imbassahy tem um magnífico período sobre o assunto. Vejamos o que êle nos diz:

“Mas, eis que surgem os Sábios; dizem o que observaram, o que experimentaram; apresentam a aparelhagem de que se serviram: o biômetro de Baraduc, o dinamistógrafo de Matla e Zaaraberg, a balança de Price, o galvanômetro de Deprez e D’Arsonval, o magnetômetro de Fortin, o estenômetro de Joire, o sensitivômetro de Durville, o psicômetro de Hipp, o pêndulo de Briche, os cilindros de Thore, a máquina fotográfica, o termômetro, a balança comum, o pesa-cartas, a maquinaria elétrica, os aparelhos registradores de vária espécie, e mais a impressão em filmes, a análise química, e todos os minuciosos processos de investigação postos em prática pela arte e perícia dos inventores. Há ainda a colaboração dos mágicos, a fim de verificarem onde estaria o truque” (54).

Nesse sentido, os ilustres Sábios observaram os fenômenos psíquicos com tamanha inteligência e destreza moral tão alevantada, que os seus nomes — desde o Professor Ercole Chiaia ao Professor Ernesto Bozzano — devem todos figurar não só entre os maiores beneméritos da Ciência, mas, também, entre os máximos benfeitores da humanidade.

Cabe recordar, em especial, que as observações psíquicas dos experimentadores italianos e franceses jamais foram entravadas por uma desconfiança de tal maneira injuriosa, que terminasse por neutralizar a sensibilidade de Eusápia Paladino. Eram rigorosos, sim; mas demonstravam, também, ser cavalheiros.

Sir Arthur Conan Doyle, autor da “História do Espiritismo”, assegura que nenhum médium, em todo mundo, foi mais duramente examinado do que a iletrada médium Eusápia Paladino. E desde que foi capaz de convencer a grande maioria dos Sábios e experimentadores, é claro que a sua mediunidade não era do tipo comum.

Desnecessário é dizer que nenhum experimentador, apesar de Sábio, poderia ser admitido à sala das sessões sem, pelo menos, um conhecimento elementar do *mediunismo* e das *corretas condições* para a sua manifestação, ou, por exemplo, sem compreensão da verdade básica de que não é o *médium só*, mas igualmente os *assistentes*, que são fatores no êxito da experiência. Todavia, nem um só homem de ciência em cem reconhece isto; e o fato de ter Eusápia Paladino triunfado, a despeito dessa tremenda desvantagem, é um eloqüente tributo à sua força psíquica, mas que comprovada pelas *trinta e seis* comissões de Sábios, através das *quarenta e quatro* modalidades mediúnicas que ela possuía.

(54) Carlos Imbassahy -- “Fantasmas, Fantasias e Fantoques”, página 69, edição de 1950.

Graças, portanto, à magnífica sensibilidade psíquica de Eusápia Paladino, humilde filha de uma província italiana, provas e mais provas, fatos sobre fatos, venceram, como se vê, a resistência dos Sábios. Com essa arma ofensiva, as muralhas da ignorância, da descrença e do antagonismo foram derruídas, pois não há instrumento mais eficaz para lhes completar a destruição do que a irrecusável demonstração da sobrevivência humana, alcançada pela fenomenologia dos Espíritos, na plena e exuberante vivência da sua imortalidade.

As provas, provas cumulativas sobre provas; fatos repetindo-se em outros fatos; acontecimentos reproduzidos em outros acontecimentos; demonstrações mil vezes bisadas sobre outras demonstrações, em todos os países, Estados, cidades e vilas, acabarão, fatalmente, um dia, por persuadir. O Espírito sopra onde quer. “*Spiritus flat ubi vult*”...

\* \* \*

Referindo-se a Eusápia Paladino, Sir Arthur Conan Doyle em seu imparcial estudo “História do Espiritismo”, à página 276, diz o seguinte:

“A carreira mediúnica dessa napolitana humilde e iletrada, de tão grande interesse e de extrema importância quanto aos resultados, ainda oferece outro exemplo de humildade empregada como instrumento para esmagar os sofismas dos Sábios... Sua mediunidade começou a manifestar-se quando tinha cerca de *quatorze anos*. A mãe morrera quando ela nasceu e o pai quando tinha doze anos” (55).

Desde a infância teve, sem que o pudesse explicar, manifestações medianímicas ou aparições extra-sensórias. Era, podemos classificar, *mediunata*: ouvia pancadas que repercutiam sobre os móveis, as paredes e os objetos; campainhas tocavam, os relógios paravam, outras vezes os ponteiros disparavam. Mãos invisíveis rasgam-lhe as vestes, via os Espíritos e ouvia vozes.

Em 1863, numa sessão em *Londres*, assistida pelo Dr. Damiani e sua esposa — a Sra. Damiani nasceu em Londres — informou-lhes o Espírito de John King que existia, em *Nápoles*, uma poderosa médium, ainda menina, e que ela, na encarnação anterior, fora sua filha”. Deu-lhe o nome: Eusápia Paladino.

(55) Houve, evidentemente, um equívoco do famoso historiador, pois o Dr. Damiani, em “Rapport Sur le Spiritisme”, página 217, e o professor César Lombroso, em “Hipnotismo e Espiritismo”, página 49, assinalam que a menina Eusápia nasceu em Murge, Nápoles, em 1854, “e viu, aos oito anos, o pai assassinado por bandidos”, no ano de 1862. Quanto à versão das primeiras manifestações da sensibilidade mediúnica de Eusápia, há controvérsias: uns afirmam que se iniciou logo a seguir da morte do pai; outros asseguram que foi aos dez anos de idade; alguns dizem que foi aos doze; e Sir Arthur Conan Doyle registra aos quatorze anos.

Interessada em autenticar a revelação espiritual, em chegando a Nápoles, depois de várias buscas, a Sra. Damiani conseguiu localizar a residência do casal, que abrigava, caridosamente, a menina. Lida a mensagem psicografada do Espírito de John King pela Sra. Damiani, foi convidada pelo casal a participar da reunião que iam realizar.

Daí em diante, o Dr. Damiani, contando com a colaboração do Professor Ercole Chiaia, fez o que se poderia classificar como um curso de aprendizado medianímico; e a pobre e abandonada órfã, "que aguardava uma vaga para ser internada num *abrigo de caridade*", encontrando nisso um emprêgo, que lhe garantia a subsistência e a livrava do pesadelo da internação, submeteu-se sempre às sessões, até que elas se tornaram sua ocupação única.

O Professor Ercole Chiaia, desde 1863, sempre foi um devotado experimentador e propagador dos feitos psíquicos de Eusápia Paladino, a quem muitos homens notáveis da Europa e América do Norte devem os seus primeiros conhecimentos sobre os *quarenta e quatro* fenômenos extra-sensórios da poderosa médium.

Falecido em 1905, sobre êle escreveu o ilustre Professor César Lombroso ao famoso Professor Eugène August de Rochas d'Aiglum, metucioso investigador metapsiquista e Diretor da "Escola Politécnica de Paris", declarando textualmente o seguinte:

"Consideramos um dever exprimir, publicamente, o nosso reconhecimento ao Professor Ercole Chiaia, que prosseguiu durante os longos anos de 1863 até a presente data 1891 — num período de vinte e oito anos — com tanto zêlo e paciência, a despeito dos *clamores e difamações*, no desenvolvimento da faculdade mediúnica dessa *excepcional sensitiva*, atraindo sobre ela a atenção dos homens de estudos, tendo em vista um intuito nobre: a vitória de uma Verdade impopular".

E noutro período, o Professor César Lombroso concluiu:

"Tendes razão para venerar, profundamente, a memória de Ercole Chiaia. Num país onde há tamanho horror ao que é nôvo, é necessária uma grande coragem e uma nobre alma para se tornar apóstolo de uma teoria que defronta o ridículo; e o fazer com aquela tenacidade, aquela energia que sempre caracterizaram Chiaia. É a êle que muitos devem — inclusive eu — o privilégio de ver um mundo nôvo, aberto à investigação psíquica, e isto pelo único meio que existe para convencer homens de cultura, isto é, pela observação direta".

No campo de investigação psíquica, seríamos injustos com os experimentadores italianos se deixássemos, por exemplo, de assinalar

especialmente os estudos do Professor Visani Scozzi, "La Mdiunità", do Professor Ernesto Bozzano, "Hipotesi Spiriti e Teoriche Scientifici"; do Professor César Lombroso, "Fenomeni Ipnocici e Spiritici"; Professor Arulani, "Sulla Mediunità de Eusápia Paladino", do Professor Enrico Morselli, "Psicologia e Spiritismo", dois tomos; do Professor Filipp Botazzi, "Fenomeni Midianichi"; do Dr. Henaldo Vassalo, "Neil Mondo degli Invisibili"; do Dr. Barzini, "Il Mondo dei Misteri"; do Dr. Angelo Brofferio, "Per lo Spiritismo"; do Professor Giuseppi Costa, "Di Lá della Vita"; e inúmeros outros que também cuidaram dos extraordinários fenômenos extracarnais de Eusápia Paladino.

Então, ante a nominata dêses ilustres Sábios e pioneiros das pesquisas, quedamos extáticos, porque êles tiveram a coragem de desmentir tôdas as acusações, desfazer tôdas as calúnias e deslindar tôda a trama de impostura que recaíam sobre ela apenas para encobrir a tradição de um período científico e tradicionalmente ateísta.

E por tudo isso que ela concretizou, sempre achamos que a verdadeira individualidade de Eusápia Paladino é tão curiosa quanto a sua personalidade subliminal, quer como criatura ou espécime dos estranhos produtos da raça humana, porque a vida material da grande sensitiva sempre foi, em suma, constituída pela têmpera de seu caráter, pela inteireza de seus costumes, pela bondade espontânea de seu coração e pela firmeza de seus dotes espirituais.

Aliás, os deveres para o espírito cristão e consciente sempre vão além, porque o obriga a ser puro; e ser puro obriga a ser descente; e ser descente obriga a ser honesto; e ser honesto obriga a ser justo; e ser justo obriga a ser perfeito; e ser perfeito é o início celestial para a aproximação da Sabedoria Maior.

\* \* \*

Sem instrução alguma, o conhecimento de Eusápia Paladino é o da mulher do povo. Mas, apesar de analfabeta, possui uma intuição e acuidade intelectual, que contrastam com a sua incultura material e que lhe permitem apreciar o verdadeiro mérito das criaturas, com a qual entra em contacto, sem se deixar conduzir pelo falso prestígio da riqueza e da autoridade.

Durante o transe — assinalam o Professor César Lombroso e outros — o rosto da médium contorce-se, as mãos se contraem, ela geme, parecendo sofrer, o que acontece, em regra, quando está para produzir-se algum fenômeno. Não raras vêzes é tomada de crises visuais e alucinatórias, mas só lhe acontece quando ainda não se encontra em transe completo, e então vê, apavorada, a exteriorização do seu duplo etéreo.

No transe, descreve a maioria dos experimentadores, assim como exterioriza a sua sensibilidade e motricidade, tem sensações visuais e táteis, sem a intervenção dos órgãos ordinários *dos sentidos espectícos*; percebe o que se passa em torno de nós, longe de sua vista, ou a de qualquer outro, o que depois se verifica. Mostra conhecimentos que não possui em estado normal; conserva-se durante a sessão em contínua relação com os presentes, exprime suas opiniões e a sua vontade, ou à viva voz, ou pronunciando mal as palavras, como um paralítico progressivo, ou com pancadas provenientes da mesa ou de outros objetos ou em língua italiana ou em estrangeira.

Depois do transe — terminada a sessão — nota-se-lhe sensibilidade mórbida, hiperestesia, fotofóbia, muitas vezes alucinações e delírio, informam os experimentadores. Suplica-lhes que a vigiem e amparem para que não lhe causem mal e sofre de graves distúrbios digestivos; vomita se comeu antes da sessão, tem paresia das pernas, precisando que a levem e dispam.

Segundo a observação do Professor Jourevitch a paralisia também se localiza na falange, no osso da mão, na omoplata, ao lado esquerdo da cabeça. No final dos trabalhos, quando sucedem os fenômenos mais importantes, a médium sente uma grande sede (fenômeno de polidipsia), e da célebre fenda parietal se lhe evapora um fluido quente ao tacto <sup>(56)</sup>.

Extremamente emotiva como os demais médiuns, Eusápia Paladino sente uma profunda e amarga tristeza quando é acusada de fraudar durante a sessão. Permanece dois ou três dias em profunda melancolia. Interrogada, responde por monossílabos. Acusada, injustamente, na maioria das vezes, de trapacear, força é confessar, agora que temos certeza de que *membros fantásticos* são ajustados ao seu corpo e atuam como substitutos, quando foram sempre tomados como sendo os seus *próprios membros, apanhados* no momento de realizar uma *farsa*, opinam todos os experimentadores, que observaram e lidaram durante anos seguidos com os fenômenos extraordinários da grande e poderosa sensitiva.

Como contribuição para o estudo das complexidades da mediunidade, principalmente a de Eusápia, o caso seguinte merece severa meditação, antes de se julgar qualquer médium, sobretudo quando as vibrações negativas começam a influir o pensamento dos assistentes.

Vejamos mais este específico acontecimento:

Numa sessão com o Professor Morselli, o *sensitivômetro de Durville* começou a regredir, assinalando que as vibrações e os pensa-

(56) Chamamos a atenção do leitor para a seguinte ocorrência: durante o transe de Eusápia, da célebre fenda parietal evola um ligeiro *sopro frio*; após o transe, dali se evapora um fluido quente.

mentos dos assistentes estavam a impedir a expansão ectoplásmica da sensitiva. Então, em poucos segundos, num *automatismo inconsciente*, a mão de Eusápia tentava libertar-se da mão de Morselli para alcançar a corneta que estava sobre a mesa e na presença de todos, sendo impedida de o fazer.

“Nesse momento — conforme acentua o relato do Professor Morselli — quando mais rigoroso se fez o contrôle, a corneta foi erguida da mesa e desapareceu dentro da cabina, passando entre a médium e eu. A sensitiva, por um automatismo inconsciente, tentou fazer com a própria mão o que alcançou, em seguida, mediunicamente. Não há dúvidas a respeito. Desta vez a médium não tocou, nem podia tocar na corneta; e, mesmo que a tivesse alcançado, não a poderia levar para a cabina, que fica às suas costas”.

E finalizou a exposição do relato, dizendo:

— “Um esforço tão fútil e tão inútil para fraudar, é inexplicável”...

Humilde, paciente e tolerante, Eusápia Paladino só se perturba e fica encolerizada quando a ofendem na sua reputação de médium. Nesse estado de alma é impulsiva e malcriada, sendo capaz de maltratar os adversários. Mas essa tendência de sua personalidade contrasta com a sua singular bondade... Dois minutos depois, e já esqueceu e perdoou o ofensor, dizem Lombroso, Conan Doyle, Richet, Bozzano, e outros.

Aquêles que procuram justificar a mediunidade de Eusápia Paladino só por meio do hábito de enganar, consciente ou inconscientemente os assistentes, apenas procuram ludibriar-se a si mesmos. Que houve essas falhas é fora de dúvida. E o ilustre Professor César Lombroso, que endossa a legitimidade de sua mediunidade, assim os descreve:

“Muitos são os engenhosos truques que ela tenta empregar, quer no estado de transe, isto é, inconscientemente, quer não. Por exemplo, libertando uma das mãos, seguras pelos controladores, com o objetivo de mover objetos próximos; imitando toques; levantando devagarinho as pernas da mesa, quer com os joelhos, quer com os pés. Certa vez foi vista, pelo Dr. Faihofer, antes da sessão, colhendo flôres num jardim, para imitar um transporte sobrenatural”.

Mas, durante a reunião não houve o falso transporte suspeitado pelo Dr. Faihofer, embora a médium não ter sequer desconfiado da presença oculta do citado autor no local, enquanto ela colhia, despreocupadamente, algumas flôres. Todavia, no decurso da sessão, o Dr. Fontenays, alertado pelo companheiro sobre o acontecimento suspeito, *apenas* “fotografou várias mãos que apareciam sobre a cabeça de Eusápia e numa das fotografias as mãos da sensitiva apa-

recem bem seguras pelos investigadores". As fotos foram reproduzidas nos "Annals of Psychical Science", página 181 e seguintes, abril de 1908.

Com referência a Eusápia Paladino, que fôra injustamente apontada como mistificadora pelos experimentadores inglêses, outras comissões de cientistas, depois de aclamar unânimemente a exatidão dos fenômenos psíquicos da inesquecível sensitiva, declaram textualmente o seguinte:

"Sôbre os fenômenos paranormais de Eusápia Paladino não há exemplo de um único observador que tenha negado, conscienciosamente, as suas virtudes extra-sensórias, depois de estudo um tanto aprofundado. Numerosos são os que, partindo de completo cepticismo, chegam à afirmação mais entusiástica, pois os fenômenos medianímicos, muitos fixos e muitos nítidos, sempre foram fiscalizados com todo o rigor dos métodos experimentais, por homens que não se deixariam ludibriar nem saberiam enganar os outros (57).

Então, desde os movimentos de diversos objetos sem contacto aparente (telecinesia) até as materializações de Espíritos (ectoplasma), centenas de vêzes autenticados pelos mais credenciados experimentadores europeus, eis o comentário do Professor Charles Richet:

"Même s'il n'y avait, en fait de médium, qu'Eusápia Paladino dans le monde, ce serait assez pour que la télékinésie et l'ectoplasmie fussent scientifiquement établies" (58).

#### Tradução:

"Mesmo que não houvesse, como médium, senão Eusápia Paladino no mundo, seria bastante para que a telecinesia e a ectoplasma estivessem cientificamente estabelecidas".

Por intermédio da mediunidade de Eusápia Paladino foram possibilitadas as condições necessárias para a expansão do intercâmbio entre encarnados e desencarnados, em vários países. E irônico acaso, ou não, o fato é que nenhum sensitivo jamais foi duramente examinado do que essa inofensiva mulher, que sem se abismar nas transcendentais experimentações de que era objeto, demonstra-se uma autêntica missionária do Além e possuidora das intuições dos Espíritos. E prova-se a si mesma, escrava do dever e uma paladina da Grande Causa.

(57) L. W. Paton — "Spiritism and the Cult of the Dead in the Antiquity", página 165, edição de 1920.

(58) Charles Richet — "Traité de Métapsychique", página 39, segunda edição, Librairie Félix Alcan, Paris, 1923.

Dispensa o que ganha — como médium profissional — aliviando a miséria dos velhos e das crianças, liberalidade que nós ainda, não sabemos praticar. E tamanha a bondade em seu coração que a impelia sentir uma ilimitada piedade pelos velhos e pelos órfãos, a ponto de passar noites em claro, pensando nêles. A mesma bondade de coração a leva a proteger os animais que estão sendo maltratados, advertindo àasperamente o cruel opressor.

Eusápia Paladino narra como em sua infância brincava com os Espíritos de crianças, que lhe eram tão reais quanto as vivas. Essa força de clarividência só principiou a declinar quando começou a surgir um dom mais raro: as manifestações físicas dos Espíritos. Esses fenômenos anormais tiveram, contudo, uma luta árdua a fim de serem reconhecidos pela psicologia ortodoxa e pela ciência acadêmica. Afinal, os fatos venceram a resistência extrema dos Sábios materialistas...

O problema das relações entre o Espírito e a Natureza já não se assenta na eterna fórmula do "fiat lux et facta est lux". Há entre a esfera do cérebro e a do Espírito um consórcio sublime, a ligar a matéria ponderável e a imponderável à outra dimensão psíquica da Vida, pois todos os observadores e psicólogos modernos já aceitam e lançaram as bases da anatomia e fisiologia da alma humana, fazendo-a descer das concepções abstratas e imateriais à realidade objetiva da análise comparada.

Provou-se, enfim, entre o plástico e o psíquico uma consonância sublime, porque todos os entes invisíveis, que ora *vivem* no espaço, que *vibram* no espaço e que se *movimentam* no espaço, fazem adejar na mente dos homens outras tantas idéias vivas, a entoar uma interminável sinfonia do Infinito, cintilante de estrêlas, de sóis e de mundos, onde se immortaliza o lábaro da Vida.

Nunca, como a presente hora, houve tanta cultura espiritual através das academias e das universidades, a divulgar com o expressivo título — *Parapsicologia* — a realidade de que somos *imortais* pelo Espírito. Há sombras, ainda, nesses ensinamentos, bem o sabemos; mas quem nega a pesquisa psíquica porque tem sombras é capaz de negar o Sol porque tem manchas. Pura caturrice ou redonda parvulez de quem nunca desejou saber.

Sejamos mais explícitos:

O Mundo Espiritual é, ainda, um novo campo de observação extrafísica, cujas profundezas seria presunção suporem-se exploradas, quando incessantemente se estão demonstrando aos nossos olhos as novas maravilhas celestiais, preciosos frutos da cultura moderna.

Mais além de nosso singelo pensamento, sempre se alevantaram as opiniões dos Mestres e dos Sábios — os eméritos experimentadores

espíritas e metapsiquistas — a transmitir-nos os conceitos acadêmicos acêrca de Eusápia Paladino, esclarecendo as múltiplas virtudes da formidável sensitiva e dos seus exaustivos e rigorosos trabalhos psíquicos, ora trasladados por nós, embora saibamos empobrecidos no seu vigor real, tendo por causa única as deficiências de quem não os soubera compilar nem transportar, devidamente, para as páginas dêste volume.

Todavia, quando pensamos nesta pobre e iletrada criatura, apontada e difamada por uns tantos inscientes, porém sempre respeitada e admirada pela maioria dos experimentadores mais eminentes, quando pensamos em Eusápia Paladino esmagando a acadêmica opinião materialista dos Sábios; quando pensamos nos seus sacrifícios “diante da severa e rigorosa ciência”, como dizia o Professor Charles Richet no “*Traité de Métapsychique*”, a sua estu-penda e multiforme sensibilidade-psíquica deve ser considerada genial, principalmente quando já se somam aos louvores que agora lhe envolvem o memorável nome, a enaltecer os elevados valores de seus feitos medianímicos, jamais, então poderia faltar a voz dos espíritas para exaltar os méritos de Eusápia Paladino.

Diz velho refrão que os acontecimentos históricos sempre se repetem... E os vemos, de fato, a se repetirem hoje, especialmente quando das tradicionais universidades surgem as cátedras da Parapsicologia, até então trancadas para o estudo dos fenômenos psíquicos, antes de surgir, em 1935, as experiências do Professor Joseph Banks Rhine, da Universidade de Duke e ilustre criador da Parapsicologia.

Embora sem diminuir um ponto sobre o aprêço que de nós merece tão renomado Professor, assinalamos, até o presente momento, que “as tão decantadas *percepções extra-sensórias*” (PES) e a “*psicocinesia*” (PK) ambas, em seu singelo índice experimental, ainda permanecem nas letras *a-e-i-o-u* da escala dos fenômenos psíquicos, tomando-se por exemplo as numerosas realizações já concretizadas pelos espíritas e metapsiquistas, sem registrarmos as *quarenta e quatro* sensibilidades medianímicas observadas com uma só sensitiva: Eusápia Paladino...

Em tais assuntos, portanto, os nossos patrícios e ultramodernos parapsicólogos — desde o Dr. Cesário Morey Hossri, com o seu “*Ácido Lisérgico e Lucidez*” (59) até o mais pedante “parapsicólogo Padre Oscar Gonzalez Quevedo, S. J., que sempre distorce “a oculta face da mente” — conviria que se calassem, estudassem mais e falassem sobre o assunto muito menos...

(59) Consulte-se a série de seis artigos, publicados no jornal “Fôlha de São Paulo”, de 12, 13, 14, 15, 16 e 18 de maio de 1965.

Envaidecidos de sua capacidade intelectual, infelizmente os nossos parapsicólogos, que poderiam ser os herdeiros de duas tradições — a dos espíritas e a dos metapsiquistas — apenas fingem ignorar, ou talvez ignorem mesmo, tão valioso documentário histórico, quando sentimos esvair-se as sombras dos mistérios que envolvem o nosso Espírito imortal, sempre indelével como a Verdade Absoluta, sempre esplêndido como a suma beleza e o sumo Bem.

Quanto a todos nós, espíritas, urge, agora, mais que nunca, cerrar fileira em tôrno das divagações exageradamente estridulosas de alguns supostos críticos desinteressados e que jamais se preocuparam em estudar a natureza dos fenômenos extra-sensórios de Eusápia Paladino, quer observando-lhes as causas ou participando dos efeitos perturbadores que podem surgir em qualquer experimento, pois, como é sabido, o êrro e o insucesso são, para o investigador leal, companheiros inseparáveis.

Então, por mais áspera ou severa que seja a rigorosa opinião de um crítico, mais se lhe implica o nobre dever de honestidade mental, especialmente quando avoca, em defesa de sua idéia, o pensamento de terceiros.

Para refôrço de nosso argumento, o Dr. Carlos Imbassahy, no seu magnífico estudo “*O Espiritismo à Luz dos Fatos*”, ora em segunda edição ampliada, à página 363, depois do subtítulo — *Sábios e Experimentadores* — compôs êle três períodos, preciosos e precisos, sobre o que vimos de dizer no parágrafo anterior.

“Na descrição da fenomenologia — diz o Dr. Carlos Imbassahy — vão logo assegurando que Eusápia foi apanhada em fraude nas experiências de Cambridge. Poderíamos remeter o leitor às nossas páginas anteriores, para a elucidação do caso; poderíamos, ainda, mostrar que, entre a presunção da fraude e o ser apanhada em fraude, a distância é imensa. Preferimos, porém, aconselhar a própria leitura da página 36 dos Autores”.

Os Autores, neste caso, são os Padres Pascoal Lacroix e Bueno Siqueira que, seis anos depois, em parceria, publicaram um livro intitulado — “*O Espiritismo à Luz da Razão*”... (60).

(60) Esta nota reproduz, fielmente, o texto da página 350 do citado livro do Dr. Carlos Imbassahy, que nos esclarece o seguinte:

“A primeira edição de “*O Espiritismo à Luz dos Fatos*” data de 1935. Em 1941 apareceu o livro dos Padres Pascoal Lacroix e Bueno de Siqueira, denominado “*O Espiritismo à Luz da Razão*”.

A obra, no tamanho, no formato, na impressão, na capa, na apresentação enfim, parece-se com o nosso trabalho. Dir-se-ia uma resposta disfarçada ao que escrevemos. A não ser, porém, no aspecto, na semelhança do título e nas diversas citações do nosso nome, não vimos ali resposta nenhuma.

Foi o que dissemos a vários amigos que insistiam pelo nosso revide. O nosso trabalho tinha por fim demonstrar a realidade do fato psíquico, sobre



Identificados os Autores, podemos prosseguir o traslado da página 363 do livro do Dr. Carlos Imbassahy, segundo o pequeno trecho, colhido por êle, da página 36 dos mencionados Sacerdotes:

"A S. P. R. (*Society for Psychical Research*), segundo afirmam (os Autores) chegou a restabelecer a realidade de muitos fenômenos". As palavras entre parênteses são nossas:

"Apenas se esqueceram — diz o Dr. Carlos Imbassahy — de ampliar a frase: segundo afirmam e provam".

Com referência a Eusápia Paladino, que havia sido injustamente apontada como embusteira, vítima dos experimentadores de Cambridge, outras comissões de cientistas, depois de proclamar a exatidão dos fenômenos da inesquecível sensitiva napolitana, declaram o seguinte:

A imitação das quarenta e quatro classes dos fenômenos mediúnicos de Eusápia Paladino não é igualmente fácil. Alguns há, todavia, que desafiam a habilidade da prestidigitação, sobretudo o movimento dos objetos sem contacto, a suspensão de corpos pesados no ar, as pancadas de diferentes lados, os transportes de utensílios e flôres, as aparições, as transfigurações, as materializações de Espíritos, as desmaterializações, os pontos luminosos, as mudanças de temperatura, as alterações da gravidade dos corpos, escrita direta, impressões em parafina, membros suplementares, ação direta sobre placas fotográficas, a compreensão de línguas desconhecidas, etc., excluindo-se, evidentemente os empregos das tramóias e do compadrio.

Digamos, antes de concluir êste capítulo, algumas palavras mais sobre Eusápia Paladino. Foi uma criatura de grande simplicidade espiritual, ingenuidade que não excluía certa agudeza. De outra parte, sabemos que não possuía cultura intelectual de nenhuma classe. Mulher do povo, não sabia ler e no início de sua vida de experimentações falava somente o dialeto napolitano. Depois, como era muito esforçada, conseguiu compreender e falar o francês, embora muito mal. Era baixa, mais cheia que delgada, as mãos diminutas.

Desde que veio ao mundo da forma, a infelicidade acompanhou seus passos. Órfã de mãe ao nascer, o pai, rude lavrador das

o qual é edificada a Doutrina Espírita. Ora os Padres, apesar da grande brecha que procuraram abrir nos fastos da fenomenologia, acabaram declarando que existe o sobrenatural, isto é, o fato metapsíquico. Não puderam vencer, apesar de grande pugnacidade, o acervo das demonstrações. Mas, se o fato é autêntico, se há na obra dos Reverendos grande cópia de textos que atestam essa autenticidade, temos que ela confirma a nossa, em vez de destruí-la.

campinas napolitanas, morre assassinado por uns ladrões, quando ela não contava ainda oito anos de idade. O marido a explorou brutalmente até desaparecer. Sendo generosa, dava aos pobres o que possuía. Tudo nela era coração. Nunca guardou um real do que ganhava. Morreu na miséria e no abandono...

Todavia, essa humilde e iletrada missionária, prestando-se às mais diversas experiências psíquicas, foi uma notável sensitiva. Sua projeção, no grande mundo científico, deve-se, exclusivamente, ao ilustre e liberal Professor Ercole Chiaia. Depois, vieram os demais...

\* \* \*

Penaliza-nos a carência de espaço para estampar, a tôda a luz, os notórios feitos psíquicos da grandiosa sensitiva Eusápia Paladino, singularíssima entre nós pela maneira de se opor à esterilidade de uma psicologia científica, puramente objetiva e exterior, segundo o conceito tradicional dos mais eminentes Sábios daquela época.

Pouca valia, portanto, apresenta o ligeiro escôrço que vimos de fazer, em homenagem à memória de tão prestimosa criatura. Serve êle, apenas, mais para admirar-se e sentir-se, que, pròpriamente, para informar-se e descrever o fruto colhido e a colhêr desta vergôntea da mediunidade, ora, felizmente, melhor interpretada pela crítica espontânea entre espiritualistas, metapsíquistas e psicólogos.

Triste o destino dos grandes Missionários do Bem... Eusápia Paladino, por exemplo, vem à luz entre lágrimas e suspiros qual a mais débil criatura, e desaparece nas voragens do sepulcro qual sombra efêmera rodeada por alguns amigos.

Eis, em síntese, a vida dessa médium notável, que superou a maldade. Eusápia Paladino, sensitiva excepcional, é, pois, uma figura inolvidável na história do Espiritismo.

TERCEIRA PARTE

- I — O ESPIRITISMO SEGUNDO MONTEIRO  
LOBATO
- II — O ESPIRITISMO SEGUNDO RUI BAR-  
BOSA
- III — O ESPIRITISMO SEGUNDO COELHO  
NETO
- IV — O ESPIRITISMO SEGUNDO VIRIATO  
CORRÊA

O ESPIRITISMO  
SEGUNDO  
MONTEIRO  
LOBATO

Homem livre, Monteiro Lobato não se perturbava. Seu único defeito sempre foi contradizer a mentira opressiva — falada ou escrita — dos cultos formais. Tinha, por constituição espiritual, respeito à Verdade. E nunca a encontrou na religião Católica.

Todos nós sabemos que o mundo invisível é o reino das causas, e o mundo visível é o reino dos efeitos, sendo que a natureza do efeito sempre está determinada pela natureza da causa.

Relacionar nestes princípios o “choque de uma religião velha como uma religião nascente”, dizia Monteiro Lobato em seu livro — “Na Antevéspera” — quando nem sequer a ciência positiva nega, as leis fundamentais a que estão sujeitas tôdas as pesquisas das manifestações *espiríticas* codificadas por Allan Kardec, classificadas por Charles Richet de *metapsíquicas* e, modernamente, denominadas *parapsicológicas* por Joseph Banks Rhine, expondo-as, contudo, de modo simples e claro, a fim de que possam compreender as mais singelas criaturas, é o propósito da Doutrina Espírita.

E expô-las de sorte a que todos possam abarcá-las e infundi-las em seu “eu” até o ápice, de conformidade com o que elas encerram e significam, é, realmente, o seu máximo designio, porque suas leis não são puramente teóricas ou especulativas, mas, sim, de conhecimentos experimentais, além de práticos e positivos.

As afirmações negativas enunciadas da cátedra ou do púlpito, já é sabido que o homem atual há de preferir sempre as demonstrações positivas, as experiências sempre fiscalizáveis de um estudo classificativo, pois, as manifestações dos Espíritos *dos vivos e dos mortos* abrem brechas nas disciplinas acadêmicas catalogadas pela ciência e derruem todos os obstáculos criados pela imaginação da escolástica religiosa.

Os métodos ou os processos espíritas de divulgação diferem essencialmente das demais disciplinas de conversão. O Espiritismo estuda, examina e observa; depois, analisa e raciocina; e, finalmente, discute. Em relação aos fenômenos medianímicos ou parapsíquicos, ou, melhor, às expansões físicas das almas dos mortos através dos médiuns, incidem em contradições os que, religiosamente, os consideram impossíveis, e os que o proíbem em nome das legislações coibitórias, ou ainda, a impedem em nome da ciência.

Todavia, no esforço empregado para dar às manifestações dos Espíritos explicações consentâneas com os interesses da religião e da ciência, grandes sábios e eminentes figuras clericais se alinham na negação e contestação das múltiplas e reais fenomenologias espíriticas. Poderemos, porém, avaliar a importância dessas reações pelas contravérsias negativas dos negadores entre si, provando-se os erros de cada qual.

Enquanto a ousadia incomum ainda discute e comenta, entre si, o que desconhece sobre a Doutrina Espírita, e prossegue a freima galopante dos extraordinários repórteres de "O Cruzeiro" em derruir os experimentadores espíritas de Uberaba, já se vão felizmente, desanuviando os horizontes daquele propugnáculo espiritual, ao passo que cada vez mais se implica a posição parcial dos cinco profissionais da mencionada revista, pois eles mesmos, ludibriando os seus leitores, ora afirmam e negam o fato; ora contradizem e contendem a observação; ora divergem e polemizam a resultante experimental; ora embaralham e tumultuam os trabalhos; ora questionam e desafiam os experientes; ora impõem condições e ditam "repto de honra a uma equipe de médicos" alicerçados entre médicos e professores universitários de várias cidades e Estados, cujos cidadãos "reptados se comprometerão, em documento firmado em cartório, a declarar falsas tôdas as suas declarações anteriores em testemunho do dito fenômeno, ou indenizar em NCr\$ 3.000,00 (três mil cruzeiros novos) cada um dos repórteres que acusaram de falsear os fatos". (Vide "O Cruzeiro", pág. 96, de 21-3-1964).

Se, no caso específico, de um lado campeia a "exigência sonante", no outro lado sempre vamos encontrar a exuberante, e a honesta afirmativa *desinteressada* de grandes nomes da ciência positiva, celeberrimos pelas memoráveis pesquisas em torno da manifestação extraterrena do Espírito, cujos pareceres, divulgados pelo mundo, são acordes em afirmar que a Doutrina Espírita *não produz o fato*, pois a obediência da mais complexa teoria *jamaiz destruírá o fato*, desde o mais circunstanciado até o mais transcendental, porquanto, no Espiritismo, a fenomenologia do Espírito é o *fato inabitual*, criando a *teoria*.

Em suma: O fundo da obra mortal dos Espíritos não é novidade. Conheciam-no os filósofos e os sábios que viveram muito

antes de Jesus Cristo. O que surpreende, porém, porque é novo, é o modo fácil pelo qual vem exposto na codificação Kardequiana, cuja simplicidade leva ao fundo o espírito de quem a lê, decifrando e revelando-o à medida que vai penetrando no âmago geratriz daquelas conseqüências, onde as coisas existem invisíveis antes que se manifestem ou se realizem no que é *visível*.

E os homens serão puros — diz o Evangelho — e tomarão seus "corpos invisíveis" para verem com os sentidos do Espírito o que a alma viu com a inteligência, pois "nascer é contrair um empréstimo e morrer é saldar um débito".

Preferimos, portanto, o belo sonho da vida invisível, essa poesia mística do Além-Túmulo, que nos seduz e nos consola sobre a questão de nossa origem *visível* e do nosso destino *invisível*, pois nossa alma é um beijo da eternidade, cuja retribuição se opera pela morte que é a restituição integral de todo o nosso *tesouro invisível*.

Seria impossível, completamente impossível, não fixar, nessas linhas, as preciosas palavras do Professor Herculano Pires, lutador reflexivo e sereno, porém brilhante como as estrêlas e conceituado, sobretudo, pelo seu poderoso bom senso, pois durante trinta e cinco anos fomenta e impulsiona, continuamente, a Doutrina dos Espíritos, nesta amarga fase de um materialismo científicador.

Recapitulando o interesse experimental de Monteiro Lobato sobre o Espiritismo, que, abrangeu a razão e o sentimento do inesquecível Autor de "Urupês", processo natural de sua evolução espiritual, esclarece, então, o ilustre Professor Herculano Pires:

"Quanto à posição de Lobato, impregnada de interesse científico, está de pleno acôrdo com o próprio sentido do Espiritismo. Ne seu livro "A Gênese", logo no primeiro capítulo, Kardec esclarece o motivo porque o Espiritismo só apareceu em meados do século passado: porque era necessário o desenvolvimento das ciências, para lhe preparar condições. Kardec faz mais: afirma, no próprio "Livro dos Espíritos" aquilo mesmo que Lobato afirmava, ou seja, que o Espiritismo é o desenvolvimento natural da ciência. Mas, precisamente por ser um desenvolvimento, não é simples prolongamento do materialismo científico. É, pelo contrário, o rompimento desse materialismo, para que a ciência se espiritualize.

"As comparações de Kardec correspondem bem às de Lobato. O problema espiritual, envolto nas névoas do mágico e do mitológico, deve racionalizar-se, na era nova que surge a partir do Renascimento. Racionalizar não é materializar, mas espiritualizar. A razão se sobrepõe à matéria, e a ação do Espírito sobre a matéria. Basta nos lembrarmos de Hege, para compreendermos isso. Racio-

nalizar o problema espiritual é depurá-lo da ganga grosseira da superstição primitiva. É libertá-lo das formas materiais da magia e da idolatria, desembaraçá-lo do misticismo alegórico, em que as alegorias, formas de comparação do espiritual com o material, impedem a verdadeira compreensão espiritual" (61).

Vejamos, enfim, nesse ponto, o que nos diz, analisa e comenta Monteiro Lobato nas páginas do livro — Na Antevéspera":

"Assistimos hoje no mundo ao belo fenômeno do choque de uma religião velha com uma religião nascente, em estado de nebulosa ainda, muito vaga e tateante, mas perfeitamente perceptível em suas linhas gerais. Essa religião nova é o Espiritismo.

Ninguém mais de boa-fé, nem sequer a ciência positiva, nega as manifestações metapsíquicas. E como tudo leva a crer que o metapsiquismo cresce na humanidade e cada dia que passa mais amplia as suas manifestações, o homem volta-se para êle e inconscientemente o vai ordenando em religião.

Surgem "verdades", cristalizam-se dogmas, uma moral viva e praticante vai se codificando, enquanto cresce prodigiosamente o número dos adeptos. Inútilmente a religião velha guerreia a nova, e de todos os seus baluartes lhe despeja em cima obuses anatematizantes. Inútilmente a ciência positiva, cansada de negar os fenômenos, resolve-se a estudá-los, declarando de antemão que nada há de sobrenatural nesse metapsiquismo. A religião nova, em estado cósmico, segue o seu curso, indiferente à negação ou à análise. Já tem fanáticos, e terá mártires se a antagonista conseguir reacender suas fogueiras depuradoras.

Depois do espantoso abalo mental que sofreu o mundo com a guerra, e por influxo da formidável injeção de espíritos frescos com que a hecatombe enriqueceu o intermúndio astral, o Espiritismo ganhou um avanço enorme. E reflexo disso temos na imprensa. Todos os jornais abrem secções permanentes às coisas do Espiritismo, ao lado das secções consagradas à religião velha. E os que o não fizeram ainda fá-lo-ão amanhã por injunções da clientela. Editôres surgem, especializados em livros espíritas — e prosperam grandemente, num país de editôres falidos ou queixosos. Grandes nomes nas letras e nas ciências passam-se com estrondo para os novos arraiais. O Espiritismo já não é um riacho. Tem tudo da onda que rola.

Para os sectários da religião anciã é isso um mal horrível. Para o filósofo não é nem bem nem mal. É um fato muito lógico do espírito humano.

(61) Herculano Pires — "Os Três Caminhos de Hécate", páginas 85 e 86, edição Edicel Ltda., São Paulo.

Que é que determina o surto de uma religião? A aflição humana. A pobre humanidade, para o alívio de seus males, apela para o céu. As formas dêsse apêlo chamam-se religiões, e perduram enquanto funcionam como um bálsamo minorador da humana angústia. Quando deixam de o fazer, os sofreadores, cheios de inquietação, agitam-se em procura de uma forma nova. E esta mata aquela.

Estamos em pleno período de entrechoque de duas formas de apêlo ao incognoscível. Quanto tempo durará a luta? Cem, duzentos anos? O futuro o dirá. O presente só diz que a luta está travada.

E que diz o passado, por meio de suas férreas lições? Diz que sempre vence a forma que "promete ou dá mais". Ora, uma nos deu a imortalidade da alma, com o paraíso para as almas legalistas e o inferno para a oposição. A outra suprime o inferno e nos dá o paraíso aqui mesmo; deixa-nos as almas dos entes queridos ao alcance do nosso espírito; podemos ouvi-las, receber seus conselhos, vê-las em certos casos. Não é isso o "mais" que vai decidir a vitória? Foi muito sabermos que as almas dos mortos não acabam com o corpo; mas é muitíssimo tê-las à mão, consultáveis e maneáveis.

O homem não se conforma com a morte. Teima em não morrer. Aferra-se a todos os meios de sobrevivência, inclusive a imortalidade acadêmica. Mas já não se contenta com a imortalidade dogmática, sem prova provada. O Espiritismo será a religião de amanhã porque "prova" a sobrevivência". (Monteiro Lobato — "Na Antevéspera", págs. 202 a 205, vol. 6, Editôra Brasiliense Ltda., 1946).

\* \* \*

No excelente prefácio ao livro "Nós e o Universo", do Dr. Urbano Pereira, é possível que Monteiro Lobato, sempre arredio às escolásticas deformativas, que ainda hoje adulteram o sentimento do povo, revivesse êle, na profundidade de sua imaginação, a velha figura do batalhador incansável e simpatizante pelos anseios da humanidade sofredora, cuja tranqüilidade psíquica e somática, acentua-se, perigosamente, em épocas como as de agora, em que as conquistadas de um mundo melhor se multiplicam em ritmos acelerados, no supremo esforço de devassar, por meios humanos e extra-humanos, os "mistérios do Céu".

Tudo isso, porém, é verdade... Verdade sempre presente no testemunho da História, divulgada pelos antigos depoimentos orais e confirmada pelas revelações modernas. É pura e demonstrável Verdade! E que nos devia transformar em Jeremias, se não houvesse indícios seguros e preciosos de que a alma humana é um

*Espírito imortal*, cuja demonstração se avoluma, todos os dias, à corrente dos que documentam e reagem contra essa nefasta divulgação negativa quanto à sobrevivência e manifestação espiritual entre encarnados e desencarnados.

Nesse sentir, Monteiro Lobato foi, sem a menor dúvida, um ser à parte na galeria dos escritores patricios: pelo influxo de sua formação educacional e espiritual; pelo estranho poder de imantar os pensamentos mais diversos, gerando entusiasmos e esperanças; pela segurança das idéias e das decisões adequadas e oportunas; e, finalmente, por ter amadurecido a sensibilidade idealística e humanitária, que, longe de o ter acomodado na vida, depurou e sublimou as profundas raízes de seu "ego", como crisol ao ouro.

É que o Espírito de Monteiro Lobato, rudemente experimentado pelas desilusões da vida, sempre mantinha a mesma disposição generosa e humanística, a mesma capacidade de sentir e de vibrar, de amar e de se inflamar pelas idéias renovadoras em benefício da coletividade e de aderir, se necessário, a uma cruzada, pela justa vitória da própria causa.

Tal a índole, tal a têmpera, tal o coração, tal o sentir de Monteiro Lobato. Não usufruiu jamais os privilégios de seus ideais nem desfrutou para sempre os cabedais da fortuna, mas possuiu as grandes qualidades humanas e alcançou as lúcidas intuições da vida. Em verdade não foi um gênio, mas foi justo e bom. Teve o inflexo sentido do dever e lutou, tenazmente, com o coração, vibrando as desventuras alheias na proteção dos humildes; e, sentindo as necessidades públicas, foi o mais útil dos homens.

Sua vida é um modelo. Modelo de franqueza no convívio entre amigos; modelo de altruísmo entre os poderosos; modelo de simplicidade entre os desfavorecidos; modelo de solidariedade entre os necessitados; modelo de esperança entre os aflitos; modelo de bondade entre a compaixão humana e a espiritual.

A verdade fundamental, contudo, é que somos o produto das nossas encarnações passadas, e seremos amanhã, numa outra vida, a consequência de nossas ações e atividades do presente. Os outros nunca respondem por nós, como nada pagamos pelos débitos de ninguém. A influência de terceiros em nosso destino póstumo é relativa e secundária. Aliás, é muito expressivo o ensinamento de Jesus, quando sentenciou:

— "A cada um segundo suas obras"...

Se a lógica indestrutível do conhecimento humano conduziu o archote de seu saber até os recônditos do espaço e comprovou que a Terra não é mais o eixo planetário, porém um dos menores satélites que giram na imensidade; se o próprio Sol mais não é do que o centro de um turbilhão planetário; se as estrelas são ou-

tros tantos e inumeráveis sóis, em tórno dos quais circulam mundos sem conta; e se nesse grandioso conjunto universal, sempre regido por leis eternas, reveladoras da sabedoria e onipresença do Criador, não seria lícito indagar porque faria Deus da Terra a única sede da Vida, e nela degradaria as suas criaturas, segundo rezam as Escrituras antigas?

\* \* \*

Só depois de ler e reler a enfiada de asserções do ilustre Autor, de quem Monteiro Lobato sentiu as pegadas imprescionantes e o "testemunho estritamente racional de uma síntese das mais avançadas conclusões da ciência moderna", é que nos transfere a mais exata e fiel imagem sobre a constituição do livro "Nós e o Universo".

Ouçamos, então, o que nos vai dizer Monteiro Lobato:

"O caso impressionou-nos e *relemos* a obra com maior atenção. Esta segunda leitura ainda mais nos confirmou no primeiro juízo: era positivamente a primeira visão geral, panorâmica, das últimas conclusões da ciência e da "filosofia científica" que se nos deparava em nossa tão pobre literatura de pensamento puro — conclusões de quem se penetra do que está dizendo e só o diz depois de perfeita assimilação. O capítulo sobre a teoria da relatividade irá decifrar para muitos leitores esse bicho de sete cabeças.

Na última parte, Urbano Pereira, intrêpidamente, passa da Física e da Biologia para a Metpsíquica. A superioridade com que aborda esse campo ainda tão cheio de perigos nos lembra Oliver Lodge (62). E por fim chega ao ponto terrível, onde quase

(62) Os estudos de Sir Oliver Joseph Lodge, sobre o Espiritismo, devem ser merecedores da máxima atenção, pois além de Espírita fervoroso e mundialmente conhecido pelo desassombro de suas inumeráveis obras e conferências, fôra um dos mais reputados físicos do nosso século — *world famous physicist*, como era considerado.

Doutor em Ciências, professor de Física da Universidade de Londres, professor de Filosofia Natural do Colégio de Bedford, professor catedrático de Física da Universidade de Liverpool, reitor da Universidade de Birmingham, membro efetivo da Academia Real de Londres e agraciado com o título de Cavalheiro, foi por largos anos presidente da "Associação Britânica de Cientistas", da "Sociedade de Física" e da "Sociedade de Pesquisas Psíquicas", de Londres.

Sir Oliver Joseph Lodge enriqueceu a literatura científica com muitas obras notáveis, dentre as quais podemos mencionar:

- 1 — The Modern Views of Eletricit;
- 2 — School Teaching and School Reform;
- 3 — Essay Mathematic, Arithmetic, etc;

todos os sintetizadores tropeçam, caem e naufragam — as conclusões últimas — as conclusões das conclusões.

Mas Urbano Pereira não naufraga”.

Depois de na Conclusão I aceitar a evolução como a grande lei geral, diz na II:

“O nosso mundo sensorial é um aspecto particular de um Universo muito mais complexo e muito mais amplo. Uma vida humana representa uma parcela extremamente pequena dentro da

- 
- 4 — Elementary Mechanics;
  - 5 — Signalling Without Wires Through Space;
  - 6 — Modern Views on Matter;
  - 7 — Electrons;
  - 8 — Atoms and Rays;
  - 9 — Ether and Reality ;
  - 10 — Relativity;
  - 11 — Talk About Wireless;
  - 12 — Modern Scientific Ideas;
  - 13 — Science and Human Progress;
  - 14 — Past Years;
  - 15 — y Philosophy, Containing Final Views on the Ether of Space;
  - 16 — A Very Elementary Exposition of Relativity;
  - 17 — The Substance of Faith Allied With Science;
  - 18 — The Ether of Space;
  - 19 — Reason and Bilief;
  - 20 — Beyond Physics;
  - 21 — Pioneers of Science;
  - 22 — Life and Matter, e
  - 23 — The War and After.
- O Professor Sir Oliver Joseph publicou, finalmente, mais êstes importantes estudos, de fundo espirita:
- 24 — Man and the Universe;
  - 25 — Phanton Walls;
  - 26 — The Survival of Man;
  - 27 — Raymond, or Life and Death;
  - 28 — Stud in Human Personality;
  - 29 — The Making of the Man;
  - 30 — Why I Biliev in Personal Immortality, e
  - 31 — Evolution and Creation.

imensidade do Todo; pequena no espaço entre os dois infinitos dos astros e dos átomos; pequena no tempo — instante fugaz dentro da eternidade; pequena na capacidade de ação e de conhecimento, prês a ao mundo fenomênico da matéria e da energia. Não conseguimos apreender inteiramente nem mesmo essa parte limitadíssima do Todo na qual estamos imersos”.

E, finalmente, na Conclusão III declara:

“Nossa individualidade não é função do corpo que nasce, cresce e morre. Sabemos da sobrevivência do nosso eu após a desagregação dêsse corpo e da continuidade das faculdades intelectuais e morais que o individualizam. Ultrapassamos nossos sentidos corporais, mesmo quando imersos no mundo material e limitado por êle; podemos apreender certos aspectos do Universo completamente diversos dos fixados pelos nossos sentidos normais”.

“Está perfeito”, apenas comenta Monteiro Lobato. (Vide: “Prefácios e Entrevista”, págs. 93 e 94, vol. Editora Brasiliense Ltda., 1946).

No magnífico estudo do Dr. Renato Kehl, intitulado “Bioperspectiva”, Monteiro Lobato, em seu prefácio, recorda-nos o elegante estilo polemístico de Carlos Imbassahy quando, discorrendo sobre as faculdades psíquicas extra-sensórias, pondera o seguinte:

“Esse mistério sempre tonteou o homem, forçando-o a desvairar em hipótese. A inteligência clássica formulou-as a quase tôdas naquela manhã de sol chamada Grécia. A inteligência moderna uma a uma as reformula hoje, ajudada pelos avanços devastadores do laboratório. Mas todo êsse esforço apenas um conhecimento nos resultou, e é que a vida evolui. Evoluir talvez seja a essência do que vive. Mas evolui em que sentido? Com que fim? Movida de que força? Mistério. Nossa grande pequenina descoberta se resume em saber que a vida evolui...”

E temos já aqui o comêço das tonteiras biológicas. Evoluir implica a idéia de continuidade ilimitada. Ora, feixe de limitações que é o homem, como poderá compreender algo que se não limita?

Nossa inteligência não passa de um pobre moinho de observar, deduzir e concluir — mas um moinho pauperrimamente apetrechado. Só dispõe de cinco instrumentos, todos bastantes rudimentares: os nossos sentidos, essas cinco janelinhas através das quais percebemos o mundo exterior. Tão rudimentares ainda êses sentidos, que por meio de ajustes mecânicos conseguimos crescer-lhes o poder. O telescópio nos alonga a visão. O microfone nos multiplica a audição.

Os sentidos foram aparecendo gradual e evolutivamente. Antes de cinco seriam quatro; antes de quatro seriam três; antes de três seriam dois; antes de dois seriam um. A ameba — o pipilo da Vida

— só tem um, o sentido táctil, e presumivelmente foi êsse o primeiro a aparecer em tôdas as formas de vida na fase do seu “período améxico”.

Se os sentidos foram surgindo até o constituir o quinteto de hoje, seria absurdo fixarmos em cinco a nossa potencialidade sensorial. Teremos um dia seis. Mais tarde sete. A seguir, vinte, cem. E cada sentido nôvo que se desenvolve nos abre à percepção um mundo inédito. Antes de nos virem os olhos, não existia (para nós) o mundo da luz. Antes de nos vir a audição, não existiam sons. Antes de nos vir o olfato, não existiam perfumes.

Evoluir é, talvez, na essência, adquirir sentidos novos. A observação revela entre os homens de hoje o bruxoleio de um sexto sentido, que poderemos denominar “metapsíquico”. Essa coisa incompreensível a que chamamos vulgarmente “mediunidade” e que em grau maior ou menor se revela em certas criaturas: que poderá ser senão o surto de um sentido nôvo, ainda tacteante, ainda instável, mas que se irá firmando e universalizando como sucedeu aos seus cinco irmãos mais velhos? E êsse sexto sentido claro que nos porá em contacto com aspectos novos da natureza — novos para nós, como a velhíssima luz é nova para o cego que de subito adquire visão.

A evolução nos deu o tacto; nos deu o olfato; nos deu o paladar; nos deu os ouvidos; nos deu os olhos. Essa mesma evolução nos começa a dar a *mediunidade* — e em remoto futuro nos dará... Que nos dará ela no futuro? Como poderemos hoje imaginar sequer qual possa ser o sétimo, o vigésimo, o centésimo sentido que nos espera?

A cada nôvo sentido nosso alcance cresce em progressão geométrica. O mundo do tacto se limita ao contacto. O mundo do som já se amplia a um raio de muitos quilômetros de distância. Com a visão alcançamos estrêlas a milhões de anos-luz da terra. Qual o nosso raio de alcance quando o *sexto sentido*, ora em germe, attingir a plenitude?” (Monteiro Lobato — “Prefácios e Entrevistas”, págs. 98, 99 e 100, vol. 13, Editora Brasiliense Ltda., 1946).

\* \* \*

Em nosso país, quando os doutos e os teólogos, com algumas felizes exceções, se propõem tratar de Psiquismo ou de Espiritismo, é para dizerem mal. E nesse maldizer, como é bem de ver, cometem os maiores disparates, pois confundem a Doutrina Espírita com as demais religiões, que sempre se basearam na crença e no dogmatismo para espoliar a ignorância do povo.

Ora, o Espiritismo veio alterar êsse tabu, firmando-se em fatos, que não podem ser negados, exatamente por isso — por serem fatos.

Daí, então, a necessidade de uma revisão nas questões espirituais estabelecidas. E isso porque o Espiritismo, no campo das religiões, foi um inovador. E inovador revolucionário, pois alterou o próprio sentido do termo “espiritual”, demonstrando o abstrato da idéia com provas positivas, palpáveis, materiais.

Outrossim, não há negar que uma certa dificuldade embarça o chamado “homem de bom senso”, quando, sem conhecimentos prévios, se põe a discorrer sobre o que o Espiritismo é ou o que não é. Para aquêles que assim pensam, a Doutrina dos Espíritos apenas expõem os fatos, evitando as polémicas, precisamente porque elas nada elucidarão. Quem puder os desminta. Mas no íntimo de cada um, isso garantimos, permanecerá a dúvida. E se não houvesse incerteza não haveria discussão...

Desejamos, todavia, que um homem aceite, sem relutância oposta pelo comodismo ou pelo próprio peso da idade, idéias novas é um grande esforço, pois se a estratificação de conceitos leva anos para formar-se, não menos certo é que se deve contar o mesmo tempo para que ela se dilua. Daí a condescendência com que devemos receber a crítica acerba, violenta, daqueles que aceitando o avanço da ciência, em todos os sentidos negam-lhe a interferência na ordem espiritual.

São, pois a êstes patricios que vimos, com especialidade responder. Trata-se de vultos eminentes da ciência, da literatura, do jornalismo, das artes, etc. São todos, ou quase todos, membros das mais altas agremiações intelectuais do país; pertencem às academias; são pessoas laureadas aqui e no estrangeiro.

Suas opiniões, dadas a fama de que gozam e o prestígio que os aureola, podem influir e de certo influem na opinião pública e, até, no conceito universal, que lhes confiam no saber, que lhes admira a inteligência, que lhe respeita a autoridade, que os segue nos conselhos...

É, pois, imprescindível demonstrar aos cinco inteligentes profissionais de “O Cruzeiro” que não obstante aquêles predicados, o equívoco é dêles; êles é que desconhecem o assunto, apesar de mestres em muitos outros. É preciso fazer ver que a Doutrina Espírita repousa em bases sólidas contra as quais seriam inúteis os mais gigantescos esforços, quer os titãs empenhados na pugna manejem a pena, usem da palavra, ou da imprensa; ou, ainda, que êsses titãs sejam os afamados homens de saber a quem temos a ousadia de contraditar nestas despreziosas linhas.

É mister, em suma, mostrar que firmado nos alicerces inderrocáveis dos fatos, o que o Espiritismo pretende é encaminhar o mundo a destinos melhores; a sua Doutrina tem por escopo o bem, a paz e fraternidade; a que ela procura, com seu cortejo de le-



nômenos extrafísicos, é descerrar aos olhos da humanidade a cortina que lhe veda os horizontes da vida para que saibam os homens que a iniquidade praticada por eles só se redime à custa de longos e penosos sacrifícios.

A nossa peleja sempre foi, é e será, tôda ela, apenas no terreno dialético. Bem sabemos da pobreza dos nossos recursos em comparação com o brilho, o talento e a erudição dos nossos adversários. E só nos abalancamos à temerária empreza de refutá-los, pela certeza em que nos achamos de que eles laboram em êrro.

Mas a nossa discordância não significa que lhes malqueiramos ou lhes maldigamos. E por maiores que sêjam os enganos seus, neste caso especial, nunca deixaremos de fazer-lhes justiça, jamais olvidaremos o muito que têm contribuído em outros setores.

Que nos relevem a linguagem, por vêzes mais ligeira e menos grave do que requer o nosso estudo. Daí, não vai em nós a presunção de resolver as incógnitas do Universo, nem derogar os decretos da ciência, que nos merece a mais sublime de tôdas as afirmações.

É verdade, porém, que entre a ciência humana e a sabedoria espiritual sempre existiu considerável distância. A primeira é filha do labor inquieto e transitório dos homens. A segunda é filha das grandes e abençoadas revelações das almas. Na primeira, sobram as dúvidas amargas e as hipóteses falíveis. Na segunda, vibram as grandes e eternas esperanças do coração no iluminado ideal da vida superior em mundo melhor.

\* \* \*

Monteiro Lobato quando prefaciou o belo livro de Maurice Maeterlinck — “Sabedoria e o Destino” — foi inspirado em classificar o Autor como sendo “o poeta do indizível”, pois a irradiante emotividade de tamanho sentir jamais poderia apagar-se no mísero casulo, sempre tábido e sempre repugnante, que permanece aqui entregue às solidões do Cemitério, embora na renovação contínua de sua *tragetória imortal*, cada Espírito tem o seu destino póstumo providencial e ingente, traçado por uma Sabedoria maior, onde cada ser é atraído às inúmeras moradas Celetiais.

“Os fisiógrafos — inicia Monteiro Lobato — dividem a camada de ar que envolve o nosso Planeta em atmosfera e estratosfera. A primeira é perceptível a todos os seres vivos. A segunda é adivinhada apenas pelos sábios.

Igual divisão observamos na camada de pensamento em que todos nós vivemos, como vivem os peixes na água; e há uma estratosfera *mental, psíquica e metapsíquica*, de que todos os seres participam inconscientemente, mas só algumas criaturas eleitas

*presentem, sentem ou mesmo “sabem”*. É a zona por momentos atingida por certos poetas místicos (ou vaticinadores), por certos filósofos quase incompreensíveis pelo vulgo, pelos Santos em êxtase, pelas crituras sujeitas a certos estados do que a ciência chama alucinação. (Os grifos são nossos).

Maurice Maeterlinck — prossegue Monteiro Lobato — pertence ao grupo de seres que “transcendem” — que passou além — que mergulham, com *visões* ou *intuições*, na estratosfera do nosso mundo mental. E traduz essas visões e essas intuições ora sob a forma poética, ora sob a forma filosófica. A “Sabedoria e o Destino”, entretanto, não é das obras mais características da feição peculiar dêsse grande... como dizer? dêsse grande receptor, dêsse grande captador. Porque muito mais que um poeta ou filósofo ao tipo comum, Maeterlinck funciona como *aparelho de altíssima sensibilidade* na captação do “indizível” — como em “Le Trésor des Humbles” ao estudar Novalis, Ruysbroeck e outros”. (Vide: “Prefácios e Entrevistas”, págs. 119 e 120, vol. 13, Editôra Brasiliense Ltda., 1946).

Nos três períodos finais da página seguinte, Monteiro Lobato concluía o seu pensamento afirmando que “Maeterlinck é um escritor para ser “ouvido”, “sentido”, “entrecompreendido”, como uma coisa que nos vem da quarta dimensão.

Que é a quarta dimensão? Não sei. Ninguém sabe. Mas quem não sente a quarta dimensão? Sobretudo em certos momentos estratosféricos da vida — como os em que as almas amantes se percebem como em estado de levitação — fora da atmosfera de todo mundo — mergulhadas no seio do Indizível...

Se me pedissem uma definição de Maeterlinck, eu respondia: é o poeta-filósofo que tenta dizer o Indizível”.

\* \* \*

O pensamento de Monteiro Lobato, desde a juventude até a maturidade foi assinalado pela mais apurada cultura literária e pela mais esmerada firmeza moral, que lhe desenvolveu uma vontade firme, uma franqueza límpida, uma lucidez penetrante, uma lealdade perfeita, uma razão sã, uma bondade intuitiva e uma dedicação contagiante, sempre demonstrada quer no viver íntimo, quer no trato público, sùmula, enfim, do magnífico dote imortal de seu Espírito.

Foi, em suma, um homem bom, e soube ser benevolente. Em seu gabinete de trabalho, vêzes sem conto, atendia os aflitos e os necessitados, às ocultas. Bondade inata, espiritual, que dispensa e até repulsa a sonoridade bombástica dos elogios, sempre poídos pelo uso.

O prestígio dominante do imortal criador de "Jeca Tatu" apurou-se depois de morto ante o préstito popular, interminável, em tórno de seu corpo. Daí, então, a consagração singela e respeitosa dos humildes; e daí também, as lágrimas comoventes dos que o amavam...

E quando a homenagem pública assume tais quilates, já é de si um poder; e quando o mérito assenta em tais virtudes, já é de si uma autoridade; e quando a glorificação rompe espontânea entre as massas, já é de si uma apoteose divinal.

Não é cabível, enfim, nestas singelas linhas de recordações idas e vividas apreciar, analisar ou mesmo devassar, devidamente, o pensamento íntimo de Monteiro Lobato sobre as manifestações anímicas e espíriticas enfeixadas na Doutrina Espírita, porquanto as provas da *sobrevivência humana* cada vez mais crescem de valor à medida que ela avança, no *terreno experimental*, a grande experiência da vida imortal numa outra estrutura dimensória.

Numa palavra, tôdas as manifestações dos Espíritos encarnados ou desencarnados decorrem, digamos assim, de uma *física transcendental*, que se estabeleceu desde a mais longínqua antigüidade, onde podemos verificar que os fenômenos produzidos entre *vivos e mortos* sempre obedecem a um *princípio exato*, pois, de outra forma, surgiriam quando a mente humana tivesse alcançado nível mais elevado.

De fato, foram as aparições espontâneas dos fantasmas dos mortos e dos vivos que impuseram, às raças primitivas, a crença do eu imortal.

Nas lendas mais primitivas e selvagens dos diferentes povos, que compõem as tradições de suas histórias religiosas, superabundam as referências dos fenômenos extrafísicos e sua universalidade já é, no mínimo, a comprovação cabal, incontestável e segura de realidade universal.

Acresce, ainda, que também em tôdas as correntes religiosas, a par das obras literárias e filosóficas que, pela sua anciandade, foram integradas nos livros sagrados, outras há ainda de eras mais remotas, cujas características indicam tratar-se de revelações dos Espíritos, em grande parte verbais, tradicionalmente transmitidas de geração a geração até que a escrita as permitiu fixar.

Os próprios profetas a quem se atribuem a autoridade dessas obras sacras, as apresentam como obtidas por revelações medianímicas, atribuindo-lhes a autoridade divina.

Para demonstrar que se não cuida de simplória credence sem bases positivas, mas de uma verdade que a História a apresenta e o saber moderno o confirma, não iremos em busca das convicções religiosas nem das superstições amortecidas, impostas pelas passivas

virtudes teolôgicas, mais nos princípios deduzidos diretamente dos estudos experimentais que todos podem testemunhar, pois, "se a fé remove montanhas", o saber e o crer podem, também, ir mais longe: "criá-las e destruí-las".

Apelamos, dêsse modo, para o raciocínio frio, porém brilhante, dos academistas, sempre prestos "a pesquisar a verdade pelo amor da verdade", expondo-lhes os nossos pensamentos anteriores, acrescidos, agora, pela consubstanciação dessas fenomenologias medianímicas codificadas na Doutrina dos Espíritos, tendo-se em mira que jamais poderemos justificar qualquer outra asserção, sobretudo em assuntos de tamanha monta, se ela não satisfizer plenamente à boa lógica de razão clara e, amplamente, desempoeirada.

Não tivemos, assim como se vê, a pretensão de doutrinar os que já têm fé lúcida e inabalável, sentimento vivo que não necessita do auxílio do raciocínio para impor a convicção das realidades extraplanetárias.

Falamos, apenas, para os que hesitam, para os cépticos, para os materialistas, para os indiferentes ou para os parapsicólogos de hoje, porque ainda recusam um apreciável índice de experiências e realizações, já firmadas na Doutrina Espírita e assentadas em sólidos alicerces pelas comprovações dos fatos, desconsiderando-se a explicação lógica e evidente da ciência dos fatos, o conhecimento mais completo da natureza dos Espíritos, do papel que desempenham e da maneira por que atuam.

Solicitamos aos parapsicólogos que nos expliquem de outro modo as manifestações, para eles estranhas, relatadas na vida extra-sensória de seus sensitivos, pois num exame mais atento, mais aprofundado, nada entra nessa "manifestação extrapsíquica" que já não esteja, fartamente, documentado, experimentado analisado, observado, visto e revisto através das fenomenologias anímicas e espíriticas, consoantes os cânones da Terceira Revelação.

Sobre o assunto, há quem tenha a pretensão de nos impor as suas fantasias, por vèzes ridículas, outras vèzes burlescas, como realidade dos fatos. Atribuir-se aos nossos fenômenos espíritas as resultantes que se fixam na psiquiatria e que se estendem na psicanálise e se complementam, modernamente, na parapsicologia, apesar de tôdas as argúcias e de todos os sofismas desonestos, jamais se chegará a conciliar a noção exata dessas manifestações.

Se, porém, na cegueira de sua rigidez acadêmica, continuar a mesma atitude hostil e a mesma qualificação de "anticientífico" o que é de ordem estritamente espiritual; se persistir a freima inglória em repelir a mão amiga que lhes estendem os espíritas, então os estudos parapsíquicos à semelhança dos metapsíquicos, de Charles Richet se condenam à morte lenta, à ruína integral.

E aos seus representantes falidos, aos seus defensores desonestos se poderão aplicar estas palavras das Escrituras: — “Eles têm olhos para não ver e ouvidos para não ouvir”...

Fiéis a esses princípios, que sempre coordenaram nossos longos anos de estudos e aprendizado, somos dos que nunca sofreram desmentidos formais nesses conhecimentos, embora, no julgamento dos homens, não empunhamos a lanterna de Diógenes.

\* \* \*

Sobre tais assuntos o que se infere e importa destacar é que Monteiro Lobato nunca foi jejuno. Seu conhecimento quanto à manifestação extrafísica dos Espíritos teve início em 1909 através da leitura do livro “Recherches Sur le, Phénomènes du Spiritualisme”, do Professor Sir William Crookes (63), Autor que, além de membro da Sociedade Real de Londres, era considerado, entre seus pares, “o maior físico da época”.

Transcrevemos, no período seguinte, de Monteiro Lobato, a carta remetida de Areias no dia 27 de junho de 1909 a Godofredo Rangel, de acôrdo com a contextura final:

“Quanto ao Espiritismo, — escreve Monteiro Lobato — não me preocupo. William Crookes, aquêlê inglês dos raios catódicos, fêz experiências rigorosas e concluiu pela existência de uma fôrça mal conhecida que atua de várias formas, e a que êle, por comodidade, dá o nome de *fôrça psíquica*. Foi do que li o que mais me satisfaz — e nisso fiquei, como em filosofia física fiquei na Evolução e na filosofia estética fiquei naquele maravilhoso “*Vade mecum? Vade tecum!*” do Nietzsche. Essa fôrça psíquica só agora começa a ser estudada pelos homens de educação científica; antes negavam-na.

Outro físico inglês, Oliver Lodge, tem coisas ótimas a respeito, e estuda tais fenômenos com o mesmo rigor com que estuda os fatos físicos. A palavra “sobrenatural” empregada em relação a essas coisas me parece imprópria. O fato de não sabermos uma coisa não a exclui da natureza ou não a põe sobre a natureza. É apenas um aspecto da natureza que ainda desconhecemos. Um dia êsses fatos psíquicos, hoje considerados sobrenaturais, estarão conhecidos e fichados, como tantos da química. A “ação da presença”, por exemplo, sempre existiu e era um mistério — algo sobrenatural; hoje a ciência dá-lhe o nome de catálise e utiliza-a para efeitos práticos.

(63) A obra citada foi traduzida, posteriormente, pelo Or. Oscar D'Argonne e editada pela Federação Espírita Brasileira sob o título “Fatos Espíritos”.

O feiticismo da Idade Média, o ocultismo, o espiritismo, o esoterismo, o eterno pendor do homem para o Mistério, tudo isso implica na existência de qualquer coisa que coexiste ao nosso lado, que certas pessoas presentem, etc. É o *au-delà*, o “outro mundo” para o cego, apesar de ser apenas um aspecto dêste nosso mundo para os que enxergamos. Um *sexto sentido* (64) parece que vem vindo, como foram vindo os nossos atuais cinco sentidos — e virá um sétimo, um oitavo, etc. A evolução. E cada nôvo sentido nos descortinará um “outro mundo”.

O médium, que é senão uma criatura em que o sexto sentido está se denunciando? Um dia todos teremos êsse sexto sentido — e adeus sobrenatural! Um dia os compêndios de física trarão o capítulo nôvo da metapsíquica, como os compêndios de hoje trazem o capítulo da termodinâmica.

O radium, por exemplo. Não nos desvendou todo um “outro mundo”? Há agora o quarto estado da matéria — o radiante. Haverá o quinto — o metapsíquico”... (Monteiro Lobato — “A Barca de Gleyre”, vol. 11, 1.º tomo, págs. 245, 246 e 247, Editôra Brasileira, São Paulo).

Há, certamente, no Brasil, muitas criaturas adultas que jamais leram as obras literárias de José Bento Monteiro Lobato. Poucas, porém muito poucas são as crianças que desconhecem os dezessete volumes da “coleção infantil”. Esta foi a qualidade do “grande avô”: ser amigo das crianças sem fronteiras de idiomas nem distâncias.

Monteiro Lobato escreveu os mais belos e alados contos de fantasia que surgiram na América do Sul entre as duas guerras mundiais. Embora publicado em português, sua linguagem era universal, e às crianças que presenteou com narrativas transbordantes de encantos, cheias de luz e de céus, e a quem propiciou viagens fabulosas compreenderam-no perfeitamente. E sentiram-se gratas ao seu “grande avô do país encantado”.

Pode-se dizer, então, que nenhum homem, em nenhuma época, em nenhuma circunstância, recebeu como êle tantas cartas infantis. Sômente em 1940, quando, por defender a liberdade, que é o mesmo que defender as crianças, foi condenado a um ano de prisão, mais de cem mil cartas lhe foram enviadas pelos seus pequenos amigos de tôda a América latina. Essa foi a sua grande recompensa.

(64) A expressão — “sexto sentido” — usada por Monteiro Lobato numa de suas epístolas a Godofredo Rangel, surgiu dezessete anos antes de ser publicado o magnífico trabalho do Professor Charles Richet. “Notre Sixième Sens”, editado em Paris, no ano de 1926. Traduzido por Yolanda Vieira Martins sob o título “O Sexto Sentido”, foi editado pela Sociedade Metapsíquica de São Paulo, em 1940.

Quando estêve na Argentina, Monteiro Lobato, entre um rol de amizades íntimas, confessou:

— Escrevo para as crianças, porque, depois de amanhã, elas construirão o mundo com o qual sonhamos.

\* \* \*

A figura de Emília, personalidade tão querida da petizada, Monteiro Lobato transmitia-lhe a irrequieta e marcante vivência de seu Espírito.

“Quando escrevo um desses livros — informa a Rangel — ela me entra nos dois dedos que batem as teclas e diz o que quer, não o que quero. Cada vez mais, Emília é o que quer ser, e não o que eu quero que ela seja. Fêz de mim um “*aparelho*”, como se diz em linguagem espírita”. (“A Barca de Gleyre”, 2.º tomo, volume 12, pág. 341)

A buliçosa e intrometida Emília, dessa maneira, passou a ser a amiga íntima das crianças brasileiras. Para elas o mago de Taubaté, cheio de ternura e imensa bondade, brandia a sua varinha de condão e punha a falar espigas de milho, bonecas de pano, bichos e peixes, ou ensinava, divertindo a petizada, geografia, aritmética, história e gramática numa linguagem original, pitoresca, genuinamente brasileira e, no fundo, tão humana, que não admira fazer-se universal e levar aos meninos e meninas de outros países — todos da mesma pátria da imaginação e inocência — os primores da fantasia e os mimos de um coração de autêntico filho dos trópicos.

*Homem livre*, Monteiro Lobato não se perturbava. Seu “único defeito” sempre foi contradizer a mentira opressiva — falada ou escrita — dos conluios formais. Tinha, por constituição espiritual, respeito à Verdade. E nunca a encontrou na religião Católica.

Sendo, portanto, um “Homem Livre” (65), jamais se manteve *parado* na verdade ornamentada do ilustre líder católico Dr. Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde). Ultrapassou-a, porém, sem embriagar-se com os seus ouropéis, evoluindo para uma melhor, *mais cristã* e mais verdadeira Verdade: a verdade dos Espíritos. Sempre fiel a essa tradição, desencarnou espírita. Ornavam-lhe a câmara mortuária apenas quatro círios a tremeluzir sobre a imagem singela do Crucificado...

Presumimos, enfim, que o consagrado Mestre Dr. Alceu Amoroso Lima, sobre tais assuntos, deva saber mais e melhor do que nós,

(65) Vide o artigo de Tristão de Ataíde, ilustre líder Católico, publicado no jornal “Estado de Minas”, de 11 de julho de 1948, sob o título “Homem Livre”.

meros estudiosos da Doutrina Espírita. Assim sendo, não pode nem deve êle desconhecer que o homem é, em sua essência psíquica, uma criatura em perpétua renovação íntima a conquistar a própria libertação do seu pretérito, ora transitando pelo mundo da forma física, ora volitando pelas províncias do mundo imaterial em busca “das verdades eternas que emanam do Pai”, porque a Verdade, meu caro Professor Alceu Amoroso Lima, não é uma criação humana, nem o resultado de conchavo de teólogos e sabidos, mas a manifestação da Luz Divina a conduzir o homem para os seus destinos superiores.

Acresce, porém, que o distinto líder Católico encontrou, “*um belo dia*”, segundo afirma, a sua verdade, emoldurou-a e continua adorando-a até hoje. E é provável mesmo que, nesta vida atual, permaneça *sempre na sua verdade*, embora em seus livros e escritos a gente descubra, às vezes, anseios ou prenúncios de evolução, de liberdade, de ascensão para novas verdades espirituais, convicto de que a existência terrestre é um estado anormal da Vida material. E sendo um *estado anormal* que o “eu” atravessa, a morte não é mais que uma modificação, uma transformação para o *estado normal* e definitivo da própria vivência extrafísica.

Característico do Espírita ou do Cristão, é de fato ser livre, e livre justamente porque encontrou a Verdade libertadora; livre no sentido exato da expressão evangélica:

— “E conhecereis a Verdade e a Verdade vos fará livre”. (João, 8:32).

O Dr. Amoroso Lima, todavia, estacionou nas suas verdades dogmáticas, embora hoje ampliadas um pouco para o lado do filósofo Maritain, o que lhe custou algumas imputações de “heterodoxia e infidelidade à Igreja”, de seus confrades Católicos, menos liberais.

Tentado pelo anseio de ser também um “homem livre”, quem sabe se o Dr. Alceu Amoroso Lima ainda seguirá, em sua atual existência, não só o roteiro espiritual de Monteiro Lobato, mas o de seu outro preclaro companheiro de credo, de letras e de cultura românica, que agora recomenda:

— Vamos libertar as almas de tôdas as gaiolas, mesmo que estas sejam de ouro e restituir-lhes “a gloriosa liberdade dos filhos de Deus”, como São Paulo conclama. Felizmente, essa obra libertadora está em franco progresso.

Inquirindo e estudando o Espiritismo havemos de encontrar nêle a luz que aclara, o bálsamo que consola, a verdade que ilustra e o amor que salva. Erguido sobre a rocha de fatos imortalistas, que comprovam a sobrevivência do homem, após transe denominado morte, a sua Doutrina veio resolver os problemas que tanto preo-

cupam a mente humana, enquanto a Ciência, sem a menor dúvida, orientada pelo cunho transcendental dos fatos póstumos, tem o caminho desatravancado para novas e vitoriosas conquistas, que muito facilitarão o desenvolvimento desses inconfundíveis estudos.

Discorrendo sobre a intrepidez do saudoso autor de "Urupês", dizia, então, o nosso confrade e amigo Dr. J. Corrêa Veiga, que a existência de Monteiro Lobato, intelectual e espiritualmente foi, de fato, vida, foi movimento, foi dinamismo, foi liberdade.

Por isso mesmo, tocado pelo problema da sobrevivência humana, movimentou-se, lendo, estudando e traduzindo obras de caráter metapsíquico; depois, passou-se ao campo das pesquisas, observando e experimentando, analisando e comparando os fenômenos ascendentes da libertação espiritual.

Na elegante crônica de Berilo Neves — "O Além" — divulgada pela "Noite", do Rio de Janeiro, destaca êle que "viu, nos jornais, a entrevista dada *post-mortem* de Monteiro Lobato e autenticada pela assinatura, igualmente defunta, do grande escritor de "Urupês". Manifestação estranha — aparentemente inexplicável — acrescenta o cronista — que parece indicar, entre nós, a presença de fenômenos extraterrenos".

Os problemas do Além, na realidade, metem-se-nos, agora, pela vida dentro, qualquer que seja a nossa atitude filosófica ou crença religiosa. Entre o entusiasmo efervescente dos partidários da Doutrina Espírita e a gélida descrença dos que se proclamam materialistas, há um espaço imenso que cabe à Ciência preencher, na vã tentativa de satisfazer a sede da verdade que persiste enraizada no sentimento do povo.

Vale assinalar que a transmissão de mensagens — conclui o aclamado comentarista de "O Além" — vindas do outro mundo e escritas, muitas vezes, com o estilo próprio ou a letra mesma dos mortos, é uma realidade inegável. Senão, vejamos:

"Esta assinatura de Monteiro Lobato — afirma Berilo Neves — que vejo reproduzida num diário carioca é — salvante a tremura vizinha da eternidade — a mesma que usava em vida o grande escritor". (Os grifos são nossos).

Quanto ao processo operatório da intercomunicabilidade de mortos e vivos, assinalou, finalmente, o atraente articulista, "que para lá do rio Estige, existem realidades fulgurantes, que nos deixam estonteados e, porventura, mais cegos do que nunca".

Nessa desapoderada carreira de revelações póstumas, sempre foram êles — os Espíritos desencarnados — que desde as mais recuadas civilizações nos impuseram "a prova provada" da imortalidade da alma. E tamanho cometimento, depois de estudado e refletido,

analisado e pautado, além de seguro e progressivo, vero e quase inverossímil, é, agora, preciso e inconfiável na sua documentação comprobatória, porquanto, durante mais de um século, fixaram-se sobre, os arriscadíssimos *empenhos* dos grandes sábios e experimentadores, sem precedentes e equivalentes históricos, apesar de tôdas as irrisórias negativas *impulsionadas* pela mais atrabiliosa falta de conhecimento dos cinco inexperientes repórteres de "O Cruzeiro"...

\* \* \*

Monteiro Lobato foi algo mais, muito mais, do que apenas o grande escritor contemporâneo das crianças. Antes de produzir obras como "As Reinações de Narizinho", comparável às belas produções de Andersen e Grimm no campo da literatura infantil, o ilustre literato escreveu, para os adultos, livros que condensam toda uma época e todo o drama do País. Seu livro "Urupês", que se acha traduzido na maioria dos idiomas cultos, figura entre as obras culminantes do conto.

Como escritor vigoroso, deixou-nos páginas em que sobressaem a natureza e o homem, entre as quais se destacam "Negrinha", "Cidades Mortas", "Idéias de Jeca Tatu", "Na Antevéspera" e "O Escândalo do Petróleo e Ferro".

Discutido, caluniado, afirma Armando de Carvalho, duvidaram de seus propósitos honestos e do valor da sua obra. Prenderam-no, abalaram-lhe a saúde e levaram-no, talvez, a uma morte prematura.

E já na velhice — enfêrmo, exausto, desiludido da vida — lamentava, então, com pungitivo remorso, não ter escrito unicamente para os pequeninos:

— "Agora é tarde para recuar o tempo perdido. Estou no fim..."

Mas nunca temeu a morte, acentua o seu magnífico biógrafo e amigo Edgard Cavalheiro:

"Jamais teve medo do que quer que fôsse. Quando falava sobre o assunto, seus olhos vivos, buliçosos, bailavam no ar com inquieta curiosidade e, entre blagues, afirmava estar ansioso por verificar pessoalmente se a morte era vírgula, ponto e vírgula ou ponto final".

\* \* \*

Embora sabotado, caluniado, perseguido e ameaçado de morte, Monteiro Lobato jamais arrefeceu a campanha nacionalista em favor do petróleo. Atira-se ao mais acesso dos embates, denunciando os traidores à Nação. Abrasa-se na luta diária. É o condor arrojado, que rasga as nuvens e se arremessa, intrépido, às regiões petrolíferas.

Defende-as patriôticamente. Enfrenta o "Conselho Nacional de Petróleo", generais, ministros, políticos assalariados, embaixadores, governadores e o Presidente da República, que não conseguem deslocar o herói solitário do pôsto em que se firmou.

Em resposta à "Carta-Denúncia" remetida ao Presidente da Nação em maio de 1940, no dia 20 de março de 1941 — dez meses depois — às duas e meia da tarde, "nos escritórios da União Jornalista Brasileira, à Rua Filipe de Oliveira, o escritor é procurado por dois investigadores da Polícia, que lhe entregaram em mãos um mandado de prisão preventiva. Dali saiu escoltado como um criminoso vulgar, para o velho casarão da Avenida Tiradentes, casa de detenção e presidio político". (Edgard Cavalheiro — "Monteiro Lobato — Vida e Obra", vol. 2.º, pág. 65, segunda edição).

Além de prêso, incomunicável...

\* \* \*

Arrebatam-lhe o coração e estremeçam-lhe o peito as últimas amarguras do inacreditável. Assim que pode escrever, confessa-se à espôsa:

"Depois de pensar e repensar em você, e de convencer-me que apesar de tôdas as aparências, e da nossa eterna divergência, é você a *única pessoa* que eu amo no mundo pulo para outra estação. Há a *estação da morte, penso na sobrevivência, no Além, em promessas do Espiritismo*, etc. Penso em Guilherme e Heitor, e acho-os tremendamente felizes de já terem morrido isto é, feito uma coisa que nós ainda vamos fazer".

E a Godofredo Rangel transmite o que lhe agustia o espírito acabrunhado:

"Depois que me vi condenado a seis meses de prisão, e pôsto numa cadeia de assassinos e ladrões só porque teimei em dar petróleo à minha terra, morri um bom pedaço na alma. Espero que seja êsse o meu último desapontamento".

A 13 de fevereiro de 1943, perde o Edgard, seu último filho. Sete dias depois, escreveu a Rangel:

"Pois é. Perdi o meu segundo filho, o Edgard, um menino de ouro, tal qual o Guilherme. Impossível filhos melhores que os meus, e talvez porisso foram chamados tão cedo. O Guilherme se foi aos vinte e quatro anos e agora o Edgard com trinta e um.

Eu não me desespero com mortes porque tenho a morte como um alvará de soltura. Solta-nos dêste estúpido estado sólido para o gasoso — dá-nos invisibilidade e expansão, exatamente o que acontece ao bloco de gelo que se passa a vapor. Mas Purezinha não

se conforma. Impossível maior desespêro. E do ponto de vista humano, tem razão. Foram dois filhos perfeitos. Creia, Rangel, que não lembro de nenhuma coisa má, ou levemente má, que êies hajam feito em vida. Quantos pais podem dizer isto?

O Guilherme era caladão, metido consigo, como êsses que vivem em eterno monólogo interior — e morreu a mais linda das mortes. *Passou em pleno sono*. Dormiu e não acordou para êste mundo. Já o pobrezinho do Edgard sofreu muito — e com que estoicismo, Rangel! Com que filosofia de grande filósofo!

E assim vamos também nós morrendo. Morrendo nos filhos, pedaços de nós mesmos que seguem na frente. Morrendo nas tremendas desilusões em que desfecham nossos sonhos. E morrendo fisiologicamente no torpor das glândulas, no decair da vista, no desinterêsse cada vez maior por coisas que na mocidade nos eram de tremenda importância.

Se estamos aqui como numa escola de aperfeiçoamento, meus filhos acabaram o curso mais depressa do que eu — prova de que eram melhores alunos do que eu. E tive de assistir à morte dos dois e ficar no maior desapontamento — "sobrando"... ("A Barca de Gleyre", 2.º tomo, págs. 344 e 345).

Em resposta à carta de condolências de um amigo expõe-lhe idêntico sentimento, embora com outros vocábulos:

"O Edgard era muito bom para permanecer por mais tempo neste "mare magnum" de sordícia que é o nosso mundo. Foi mobilizado na grande mobilização do Destino. Como nas pequenas mobilizações humanas, os mais capazes são chamados primeiro. Os cacos velhos, como eu, ficam para o fim..."

E à Gulnara, nora e sobrinha do saudoso escritor, buscando conformar o inconformável, tenta consolá-la, recomendando-lhe:

"Não cultive tristezas, porque não vale a pena. *Edgard não morreu*. (O grifo é nosso). Foi promovido do estado sólido, que é estúpido, para o gasoso, muito mais interessante — e a estas horas há de estar lamentando a tolice dos que o choram".

Ao confrade e amigo Antônio Olavo Pereira, Monteiro Lobato, após concordar sôbre os estudos experimentais da Doutrina Espírita, afirma-lhe categórico:

"Bem faz você de interessar-se mais pelo Padre Zabeu (66) que por êstes indecentíssimos vivos. Estou curioso de ler a carta

(66) Refere-se Monteiro Lobato às experiências de materialização da entidade espiritual do Padre Zabeu Kauffman, realizadas sob o contrôle de Antônio Olavo Pereira, Dr. Urbano Pereira, Professor Dr. C. G. Shalders e outros, em Pindamonhangaba, Estado de São Paulo.

que a Gulnara — ou você — vai-me escrever dando conta do que viram. Dêsse modo assistirei à demonstração através de vocês.

E num outro tópico da carta, comenta “que precisa saber direito como é o lado de lá, onde já tenho um pé”...

Edgard Cavalheiro, companheiro de recordações amoráveis, afirma que Monteiro Lobato “encarara o fenômeno espírita sempre nesse tom impessoal. Mas agora, depois de velho, ao interessar-se experimentalmente pelo assunto, frequênta sessões, conversa com médiuns, lê traduz obras especializadas, enfim, integra-se por algum tempo nos problemas ainda algo complexos da fenomenologia espírita”.

A Teófilo Siqueira, exclama Monteiro Lobato:

“Como me encantou saber que és espírita. Estou maravilhado com o Espiritismo, em lua de mel, no estado de êxtase, dos neófitos”!

Frequênta, semanalmente, às reuniões doutrinárias, entra em contacto com alguns intelectuais que sabe ligados aos principais centros de estudos. Nas reuniões do “Clube dos Jornalistas Espíritas”, de São Paulo, mantém longas palestras com o Dr. Júlio de Abreu Filho, uma das mais brilhantes inteligências da Doutrina Espírita, que lhe proporciona inúmeros esclarecimentos e favorece-lhe oportunidade para observar de perto as mais estranhas ocorrências espirituais, embora acentue Wandick de Freitas, sempre colocado numa pequena área do imenso campo de pesquisas que o Espiritismo lhe oferecia, Lobato não desdenhou do que lhe foi dado ver.

“Não só não desdenhou: adiantou-se muito nesse caminho — acrescenta Edgard Cavalheiro. *As pessoas que o conheceram mais de perto* continua êle — sabem que, homem irreverente, com muito de Gavroche e saci-pererê, *jamais brincou com o assunto, em momento algum desviou-se para a ironia no que dizia respeito aos fenômenos por êle presenciados*”. (Os grifos são nossos). — Vide “Monteiro Lobato — Vida e obra”, pág. 107, segundo volume, 2.<sup>a</sup> edição.

É evidente, nesta ordem de investigações, o que mais pode impressionar, persuadir e convencer sempre, são as conversas íntimas travadas com os espíritos de nossos pais, filhos, parentes e amigos que nos precederam na vida do Espaço. Então, quando as provas incontestáveis de identidade nos têm garantido a certeza da sua presença, e quando a intimidade de outrora, a confiança e a familiaridade reinam de nôvo entre êles e nós, as revelações que nestas condições se obtêm, tomam um caráter dos mais sugestivos. Diante delas, as últimas hesitações do cepticismo dissipam-se forçosamente, dando lugar aos impulsos do coração.

Foi o que aconteceu também a Edgard Cavalheiro... Convidado por Antônio Olavo Pereira e Diaulas Riedel, teve êle a oportunidade de assistir, em Pedro Leopoldo, singela cidadezinha de Minas Gerais, pela vez primeira, às interessantes e ilustrativas demonstrações de esclarecimentos evangélicos, sob a égide diretiva do Espírito de Emmanuel, tendo por mediano a sensibilidade de Francisco Cândido Xavier.

Terminada a sessão, eis que se manifesta ao médium — primeiro pela clarividência, depois pela clariaudiência e, finalmente, pela psicografia — o Espírito da irmã mais idosa de Edgard Cavalheiro, pois, consoante o que dêle ouvimos mais de uma vez, fôra ela quem impôs as condições de identificar-se pelo nome e apelido familiar antes de haver outro qualquer esclarecimento. Credenciada perante o irmão, então ambos conversaram longos minutos sobre vários assuntos íntimos, mais inesquecíveis, para o magnífico biógrafo de Monteiro Lobato.

É possível, na realidade, resistir às vozes, aos chamamentos daqueles que compartilhavam a nossa vida, cercaram os nossos primeiros passos de terna solicitude?

É possível, na realidade, deixar sem resposta os apelos dos companheiros da nossa infância, da nossa juventude, da nossa virilidade que, um por um, se sumiram na morte, deixando, ao partir, mais solitário, mais desolado o nosso caminho?

Pois, então, ouça-nos bem:

No transe mediúnico, conforme a Doutrina Espírita preceitua, êles, os Espíritos desencarnados, voltam com as mesmas atitudes, inflexões de voz, evocações e lembranças, com milhares e milhares de provas de identidade, banais nas suas particularidades para os estranhos, tão comovedoras, entretanto, para os interessados.

Dão-nos instruções relativas aos problemas do Além, dizem alguns autores; exortam-nos e consolam-nos, garantem outros. E os homens mais fleugmáticos como Sir Oliver Lodge, ou os mais doutos experimentadores como o Professor James Hervey Hyslop, da Universidade de Colúmbia, jamais puderam resistir às influências da campa, ao ouvir as comunicações póstumas de filhos, pais, tios e demais parentes falecidos.

\* \* \*

Devendo tôda criatura ser julgada, não pelo que os outros dizem ou escrevem mas pelo que ela fôra em vida, há de ficar para sempre bem patente e transluzir bem definida a correta posição de Monteiro Lobato, quanto de seu respeito e interesse pela Doutrina Espírita.

E o Tempo, a certa altura da vida, como desanda a virar as fôlhas das recordações idas e vividas... Parece-nos, então, que nos longes dessas saudades, ainda ontem estávamos no escritório do saudoso Ausente, a ouvir-lhe, embevecidos, discorrer sôbre os problemas do lado de lá da vida imortal, saboreando os felizes conceitos que êle fazia em tórno das manifestações inteligentes ou físicas dos Espíritos, no seu duplo aspecto: anímicas e espiríticas.

Fôra, com efeito, em tertúlias como estas, despreocupadas e de almas libertas, que direta ou indiretamente desnudávamos o próprio eu, embora não houvesse ninguém mais exigente e *biqueiro* do que êle na prolongação destas palestras quase diárias.

Desejar, portanto, bistorizar com a palavra "ironia", as lágrimas de um amoroso pai que perde o último filho, seria tentar penetrar no impenetrável, pois as lágrimas se lhe transformam em mágoa, a mágoa em angustia, a angustia em agonia eterna, porque, nesse sentir, as lágrimas que assomam aos olhos refluem no mesmo instante, e não conseguindo refrigerar-lhe as faces nem evaporar-se nos ares, represam-se-lhe no peito, empedram-se-lhe no coração e granizam-se, eternamente, pelo Espírito, que também é imortal...

Não podemos, infelizmente, por isso, aplaudir as quatro linhas iniciais da página 188 do magnífico e, sobretudo, bem concatenado estudo "Minhas Memórias dos Monteiros Lobatos", de autoria do ilustre escritor Nelson Palma Travassos. Fôra êle, sem o querer, — vale a pena assinalar — injusto, transmitindo aos seus leitores a mais inexata e infiel imagem sôbre a exagerada timidez de Monteiro Lobato, passível de chocar os melindrismos de seus leitores.

Gostariamos, que o talentoso autor de "Nos Bastidores da Literatura", concluísse a transcrição da carta de Monteiro Lobato, de 20 de fevereiro de 1943 (67) sem a neutralizar com êste comentário infeliz:

"Mesmo nesta carta — acrescenta o Autor — onde um brado de desespero transpõe sua norma de conduta, ainda procura salvar as aparências, tentando terminá-la com um pingo de ironia". (*Obra citada*, página 188).

Mas por quê? — indagará o leitor.

Porque Monteiro Lobato, embora por índole inconformado e rebelde, jamais cuidou de *salvar as aparências* a fim de acomodar qualquer situação de seus atos. Sendo nobre demais não poderia, nunca, ser tão pusilânime...

\* \* \*

(67) Vide em "A Barca de Gleyre", página 344, 2.º tomo, a carta de Monteiro Lobato a Godofredo Rangel, de 20 de fevereiro de 1944, sete dias após a morte de seu filho Edgard.

O seu Espírito, contudo, navega à vontade na velha "Barca de Gleyre". E nas suas páginas, em várias cartas vamos encontrar Monteiro Lobato desabafando-se com seu íntimo amigo, desligado, completamente, da censura opinativa de estranhos. Insiste, então, repetidas vêzes, sôbre o assunto que mais lhe atrai no final da vida: a sobrevivência provada da imortalidade do Espírito.

E conclui, galhofeiro:

"Tenho medo de que, depois de morto, me ponha como Humberto de Campos a escrever com a mão de Chico Xavier. E só então mudarei de estilo. Parece que lá no Além há qualquer polícia que capa nas manifestações tudo que é brôto de roseira enfeitado com pulgõezinhos verdes. A censura astral não admite pulgões verdes.

Contudo, em "Monteiro Lobato Fala da Academia, Dêle Mesmo e de Outros Assuntos", entrevista realizada pelo repórter Celestino Silveira, extraímos dois períodos que devem configurar entre os pareceres de Matos de Campos, Zeferino Brasil, Mário Matos, Agripino Grieco e Humberto de Campos, a propósito da notável sensibilidade psicográfica de Francisco Cândido Xavier.

Por fim, comenta o jornalista, até o caso palpitante de Chico Xavier, psicografando as obras de Humberto de Campos, veio ao tabuleiro da discussão. Estamos vendo a fisionomia curiosa de quem nos lê, indagando a opinião de Monteiro Lobato sôbre as obras psicografadas. Aí vai. O escritor não pertence à categoria dos que dão de ombros com indiferença, e não esconde o seu interesse pelo assunto, antes o estuda, o examina, o disseca.

"Aquêles versos de Augusto dos Anjos — afirma Monteiro Lobato — são tudo quanto pode existir de mais Augusto dos Anjos... Se o homem realmente produziu por conta própria tudo que vem no "Parnaso", então êle pode estar em qualquer Academia, ocupando quantas cadeiras quiser" (68).

No dia 4 de julho de 1948, onze dias antes de seu decesso, Monteiro Lobato redigiu a última carta a Godofredo Rangel, velho companheiro e amigo de quarenta anos de intercâmbio epistolar. Descrevendo-lhe o precário estado de saúde, sentia-se que êle já possuía "aquela paz de Espírito e suave resignação" descritas pelo Padre Vieira, e que só nos advem pela certeza da sobrevivência da alma.

Dizia-lhe, então:

"Rangel.

Chegou afinal o dia de te escrever, e vai a lápis porque a pena me sai mal. Ainda estou com uma perturbação na vista. Uma

(68) Vide "Parnaso de Além-Túmulo", obra psicografada por Francisco Cândido Xavier, edição da Federação Espirita Brasileira.



perturbação que se vai deslocando no meu corpo visual, e que num mês deve estar desaparecida. Só então voltarei a ler corretamente. Tenho estado, êste tempo, privado da leitura — e que falta me faz! A civilização me fez um “animal que lê”, como o porco é um animal que come — e dois meses já sem leitura me vem deixando estranhamente faminto. Imagine Rabicó sem casca de abóbora por trinta dias.

Tive a 21 de abril último [1947] um “espasmo vascular”, perturbação no cérebro da qual a gente sai sempre seriamente lesado de uma ou outra maneira. Depois de horas de inconsciência voltei a mim, mais lesado. A principal lesão foi a vista que no começo me impedia de ler sequer uma frase. As outras perturbações ando eu agora a percebê-las: lerdeza mental, fraqueza de memória e outras “diminuições”. Não sou o mesmo: descí uns pontos.

Não é impunemente que chegamos aos sessenta e seis anos de idade. O que eu tive foi uma demonstração convincente de que estou próximo do fim — foi um aviso, um preparativo. E de agora em diante o que tenho a fazer é arrumar a quitanda para a “grande viagem”, coisa que para mim perdeu a importância depois que aceitei a sobrevivência. (O grifo é nosso).

Se morrer é apenas “passar” do estado vivo para o não-vivo, que venha a morte, que será muito bem recebida. *Estou com uma curiosidade imensa de mergulhar no Além!* Isto aqui, o corporal, já está mais do que sabido e já não me interessa. *A morte me parece a maior das maravilhas: isto mesmo que tenho aqui mas sem corpo!* Maravilha, sim. Não mais tosse, nem pigarros, nem (ilegível), da coisa orgânica! (Os grifos são nossos).

— E senão fôr assim? — dirá você. E se em vez de continuação da vida a morte trazer extinção total do ser?

— Nesse caso, bis-ótimo! Entro já de cara no Nirvana, nas delícias do Não-ser! De modo que me agrada muito o que vem aí: ou a continuação da vida, mas sem êstes órgãos já velhos e perros, cada dia com pior funcionamento, ou o NADA!...

Você sempre lidou com doenças, a que prestava atenção. Porque de doenças só dói na gente. Agora que também me tornei um doente, quero que contes o ponto em que está a tua saúde, e as belezas patológicas que enriquecem o teu patrimônio. Como está o coração? Conheces a Digitalis? o Estrofantó?

Adeus, Rangel! Nossa viagem a dois está chegando ao fim. *Continuaremos no Além.* Tenho planos, logo que lá chegar, de contratar o Chico Xavier para psicógrafo particular, só meu — e a primeira comunicação vai ser dirigida a você. Quero remover tôdas dúvidas.

Do — Lobato”.

Exulta-nos reverenciar, nestas linhas, a independência espiritual de Godofredo Rangel, apesar de sua convicção católica por tradição familiar. E é, então com indizível satisfação, que recordamos o seu derradeiro artigo sobre “O Fim da Barca de Gleyre”, divulgado pelo jornal “O Estado de Minas”, de Belo Horizonte, em 11 de julho de 1948, por ocasião do desenlace de Monteiro Lobato.

Dêle, artigo, apenas extraímos os principais períodos da carta de Monteiro Lobato, e ante as suas palavras, transcritas por Godofredo Rangel, silenciámos qualquer comentário sobre o pensamento espiritual positivo do autor de “Urupês”.

Leiamos, pois, o que êle escreveu:

“Rangel, Rangel!

Estamos na realidade sobrando neste mundo e muito na bica, os dois, para o pulo final. Temos pois de deixar as coisinhas dêste mundo, que até aqui nos interessavam, e pensar nas coisas do outro — porque há outro mundo, disso estou certo.

Em certa etapa de nosso perpétuo desenvolvimento surgimos neste planêta montados num cavalo chamado corpo, e sofremos a ilusão de que somos cavalos. E pensamos que envelhecemos, que adoecemos, que morremos, quando quem envelhece, adocece e morre é o cavalo. Nós, como seres eternos, não adoecemos, nem envelhecemos, nem morremos.

Vou te mandar um livro sobre assunto, com as belas conclusões científicas do Urbano Pereira, de Taubaté. Notável. Mas para mim, Rangel, nada vale aquela *coleção de notas* por mim mesmo tomadas diante do copo. Não as mostro a ninguém, porque ninguém lhes dará o valor que eu dou”.

E mais adiante, em outro parágrafo do citado artigo, prosseguia:

“Aí vai a carta, muito interessante do Veiga. Convenci-me da sobrevivência e basta-me — não ando procurando provas”.

Seguro de reativar o eternal préterito à retentriz do presente, reformulou, então, a Godofredo Rangel, “a curiosidade imensa de mergulhar no Além”, através dêste período:

“Quanto ao Além, eu já não tenho dúvida nenhuma e minhas idéias aparecem no Prefácio de um livro de Pedro Granja, que vai sair. Se morrer é apenas “passar” do estado vivo para o não-vivo, que venha a morte que será bem recebida. Estou com uma curiosidade imensa de mergulhar no Além”. (Godofredo Rangel, “O Estado de Minas”, jornal de 11/7/48).

Edgard Cavalheiro acentua que “a correspondência com Rangel, após a publicação de “A Barca de Gleyre”, particularmente nos

dois últimos anos de vida, deixa-nos a impressão de que o escritor não faz outra coisa senão preparar-se para a morte”.

É embalde, que ouve os conselhos dos amigos íntimos para deixar o fumo e poupar a saúde, já profundamente comprometida, pois, à noite, “sente aflições, o coração dispara e percebe que o “sôpro vital”, animador da matéria perecível, tenta os primeiros passos da libertação final.

Pressentindo que a “magra” já lhe controla os últimos passos da vida, narra a Godofredo Rangel as aflições que lhe perturbam o descanso noturno:

“... A vida que anima o meu corpo percebe as manobras do prisioneiro — a alma — para fugir, e em desespero agarra-o pelo rabo e puxa-o frenética e desesperadamente para dentro da prisão — o corpo. O corpo tem sua alma física (69) que não se confunde com a nossa alma metafísica ou espiritual. É a alma física do corpo que faz as células uns sêrezinhos autônomos e sábios como as abelhas, hábeis em dirigir-se perfeitamente para si mesmos.

Ora, essa alma física tem um mêdo horrível de que a alma metafísica abandone a colmeia-corpo, da qual é a Rainha. Sabe que “morre” quando a Rainha abandona a colmeia e essa entra a desorganizar-se. E, como tem horror a essa morte, se apanha a Rainha em tentativa de fuga, ferra-a pelo rabo ou por uma perninha e força-a a voltar para o seu trono da colmeia. Um rabo ou uma perninha ectoplásmica.

De uns tempos para cá o Ego que sou tenta à morte, sub-repticiamente, “fugir”, como o Piantadino da historieta gráfica de Mazzoni; sempre à noite que é quando o corpo ou a colmeia está mais descuidada porque dorme. Até agora tôdas as fugas fracassaram, como também têm fracassado tôdas as tentativas de fuga do Piantadino; mas de repente o conseqeue e os jornalistas no dia seguinte virão com aquêl trololô fúnebre:

“Faleceu ontem de síncope cardíaca o ilustre escritor Monteiro Lobato, um dos mais, etc. e etc. e lá vem a tropa dos lugares comuns dos necrológicos”.

Mas eu, o Ego que não morre, porque não pode morrer, porque nada morre, nem o mais miserável átomo, estarei a rir-me da inópia dos formalistas; e “na rua”, livre da casa velha que já estava inabitável, assistirei a sua demolição lenta pelos pequeninos obreiros chamados Vermes, a fim de que com o material velho, o mestre-de-obras vida construa suas casas novas”.

(69) Alusão do Perispírito.

Seu melhor biógrafo, o escritor Edgard Cavalheiro, analisando a carta, afirma que “embora tão íntimo da morte, e espiritualmente já desligado da vida, a verdade é que Monteiro Lobato abdica das funções de ser pensante e atuante”.

Nos dois últimos anos de vida mantinha, êle, o ritmo e a serenidade do viajor experimentado, pois a morte havia perdido, para êle, o aspecto sombrio, terminando por vesti-la de luz e esperança. Seu pensamento tinha anseio pelas coisas do Infinito e seu Espírito se punha em contacto com o invisível e com a eternidade da alma humana. Seus mortos adorados viviam a seu lado, ocultos em seu coração.

Abandonou as coisas que não mais o deleitavam. Estava bem próximo da morte, é verdade; mas sempre viveu junto da morte, porque jamais a afastou da vida. Sabia que a morte podia separá-lo da vida material num segundo, mas não lhe rogaria prorrogação.

Entre amigos, rememorava o pensamento filosófico de Maurice Maeterlinck, publicado por “Bref”:

“Nada tenho a mudar no que fiz, no que pensei; sempre agi como se minha partida para o outro lado da vida fôsse amanhã. Não tenho injustiças a reparar. Não acredito que, por efeito da morte, me transforme num outro homem”...

\* \* \*

Estava tranqüilo, quase feliz, todo absorvido em nôvo trabalho, quando, a 21 de abril de 1947, sobrevém-lhe um espasmo vascular. “Depois de três horas de inconsciência — descreve Edgard Cavalheiro — volta a si, abrem-se-lhe as pálpebras e por entre a floresta das sobranceiras dois olhos vivos, brilhantes de curiosidade, procuram se orientar e descobrir, na semi-obscuridade do ambiente, o significado daquela situação:

— Quando foi que morri? — pergunta calmamente.

Procuro conta o Dr. Antônio Branco Lefèvre, responder, enquanto coloco o aparelho para tomar a tensão arterial, mas êle continua observando a presença não reconhecida.

— A única coisa que não estou entendendo é esta sua cara aí. Afinal, estou morto ou não?

E quando lhe informam que o perigo passara, responde amuado:

— Que pena ter que repetir isto. Pensei que já estivesse tudo acabado. Agora terei que recommençar”...

Pela primeira vez em todo o seu passado de lutas e reações, Monteiro Lobato se conforma, intuitivamente, com a idéia de sua

próxima partida para o Além. E tal premonição, aterradora para os demais, a expõe com naturalidade jocosa:

— A Emília já disse que não presto mais, que estou uma porcaria, que ela vai procurar “outro aparelho”...

Cercado pelas crianças, repetia, feliz, Monteiro Lobato:

— Sou como a árvore velha, quando à tarde vêm cantar à sua sombra os passarinhos...

Lamentava, então, com pungente sinceridade — acentua Armando de Carvalho — “não ter pensado e não ter escrito, unicamente, para os pequeninos”.

E entre amigos, penitenciava-se:

— Agora é tarde demais para recuar o tempo perdido. Estou no fim...

A seu neto Rodrigo escreve a última carta, a lápis:

“Aqui vou indo eu, auxiliado pela Digitalis, uma droga que em tempo próprio você saberá o que é. O meu coração já cansado de fazer tique-taque como um relógio, exige Digitales, quando me esqueço de lhe dar a dose diária. Isso quer dizer que não vou ficar muito tempo neste mundo. Breve me mudarei para o Outro, onde a vida deve ser mais agradável, porque não há Corpo a carregar. E então me divertirei muito a puxar a perna e fazer outras reações com os vivos. E terei longas conversas com Edgard e o Guilherme e outros que tiverem a bela idéia de ir à frente, e nos deixarem sòzinhos atrás.

Contaram-me que você já sarou da tosse-comprida, a qual se passou para a Gulnara. A mim também me aconteceu ter sarampo fora do tempo — aos trinta e seis anos. Coisa muito sem graça. Continuo sem poder ler correntemente, o que me deixa a vida muito vazia. Pois que pode fazer um velho como eu, senão ler? Adeus, caro neto. Cresça e apareça.

No outro dia, em companhia de amigos, almoça na casa de Yan de Almeida Prado. A um confrade, que desejava visitá-lo na manhã seguinte, responde-lhe:

— Amanhã, em minha casa? Não pode ser. Encontrará, apenas, um cadáver...

E sempre facecioso, repetiu-lhe o que afirmara dias atrás a um repórter:

— Meu cavalo está cansado, querendo cova, e o cavaleiro tem muita curiosidade em verificar, pessoalmente, se a morte é vírgula, ponto e vírgula ou ponto final...

Esse velho, cansado, enfêrmo, desiludido e imenso homem de Taubaté, que fôra advogado, promotor público, escritor, jornalista,

lavrador, industrial economista, adido comercial, editor, tradutor e explorador do petróleo brasileiro, na trajetória de sua agitada vida, “só encontrava satisfação e recompensa no carinho das crianças”.

Chegavam-lhe cartas de enternecedora intimidade, de meninos e meninas de todos os recantos do país. Outras crianças o visitavam como se êle fôsse o Embaixador do “reino da petizada”, na terra do país da ilusão.

A noitinha ainda é visto na Livraria Brasiliense, rodeado pelos admiradores. Na madrugada do dia 4 de julho de 1948 dormia, tranqüilamente, quando a morte o transportou para o *outro lado da Vida*. Não a aguardou de pé, a espada nua, como Cyrano. Ela tinha de vir, cautelosamente, para que José Bento Monteiro Lobato não a percebesse. De outra maneira, haveria de compor, para aguardá-la, um *sorriso de alegria*...

O ESPIRITISMO  
SEGUNDO  
RUI  
BARBOSA

*“Quantas outras, não somos nós os que vamos chamar esses leais companheiros de além-túmulo, e com eles renovar a prática interrompida, ou instar com eles por alvitre, em vão buscado, uma palavra, um movimento do rosto, um gesto, uma réstia de luz, em traço do que lá se sabe, e aqui se ignora.”*

RUI BARBOSA

MUITO antes de receber o honroso encargo de prefaciar a primeira edição da excelente obra do Dr. Sérgio Valle — “Silva Mello e os Seus Mistérios” — em um de nossos encontros, então quase diários, nas oficinas da Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, na qual deixamos trinta anos de trabalhos e de recordações amigas, onde foi composto, revisto e impresso o mencionado livro, fomos interrogado pelo saudoso Autor sobre a precisão e a autenticidade da “célebre carta” do Professor Charles Richet remetida, confidencialmente, ao seu colega e opositor amigo Professor Ernesto Bozzano, traduzida e publicada em um de nossos trabalhos, impresso em 1947.

Ante o escrúpulo do Dr. Sérgio Valle, aliás sempre rigoroso e severo quanto à precisão documental, antes dele manifestar o interesse de examinar *de visu* a importante peça declaratória de Charles Richet, prontamente respondemos:

— A *carta* foi publicada pela revista inglesa “Psychic News”, de 30 de maio de 1936, página 7.

— Poderei ver a revista...

E sem aguardar a conclusão do seu pensamento, atalhamos:

— Claro! E mais: desde que o documento possa interessar-lhe, poderemos reproduzi-lo em *fac-símile*, no texto do seu trabalho, se você quiser...

No decurso da palestra êle nos expôs, também, o desejo de citar algum eminente autor brasileiro, afim de ilustrar a parte bibliográfica do seu estudo, citando dois vultos importantes da Doutrina, porém por demais conhecidos entre os espíritas.

Expusemos, então, a Sérgio Valle, a antiga vontade nossa de visitar a "Biblioteca de Rui Barbosa, pois segundo os informes do editor José Simões dos Reis, o ilustre Conselheiro possuira inúmeras obras originais — inglêsas e americanas — dos "Pioneiros do Espiritualismo Moderno" — *lidas, anotadas e marcadas a traços vermelhos*, por êle, as passagens mais interessantes do texto, em cada volume.

E encerramos o assunto com esta sugestiva interrogação:

— Por que você não se encarrega da pesquisa?

Sérgio Valle não titubeou. Foi até à antiga Capital Federal e, uma semana depois, de lá voltou satisfeitiíssimo, trazendo consigo a seguinte lista:

1.º — *Sir William Crookes*, da Real Sociedade de Londres: — "Les Nouvelles Expériences sur la Force Psychique", tendo por subtítulo: "Recherches Sur les Phénomènes du Spiritualisme", cujo fichário registra duas edições: G-10-1 .28 n.º 1 (sem data) e B-10, 3, 29 (de 1897).

2.º — *Professor Sir Oliver Lodge*, catedrático de Física da Universidade de Liverpool:

- "Raymond or Life and Death", (B, 2, 5, 17);
- "Survival of Man", (B-2, 4, 23);
- "The Proofs of Life After Death", (L-8, 4, 27);
- "La Vie et la Matière", tradução J. Maxwell, (L-5, 2, 6).

3.º — *Professor Alexandre Aksakoff*, catedrático da Universidade de São Petersburgo: — "Animisme et Spiritisme", tradução de Berchold Sandow, (B-2, 3, 21).

4.º — *Professor Ernesto Bozzano*, catedrático da Universidade de Turin: — "Les Phénomènes de Hantisis", tradução de César de Vesme, (E-10, h, 42).

5.º — *Professor Frederico Myers*, catedrático da Universidade de Cambridge: — "Les Hallucinations Télépatiques", (B-2, 3, 20).

6.º — *Sir Arthur Conan Doyle*: — "The New Revelation", (L-9, 3, 31).

7.º — *Léon Denis*: — "Le Problème de l'Être, du Destinée et de la Douleur", (B-7, 2, 7).

8.º — *Sir Alfred Russel Wallace*, presidente da Sociedade Inglêsa de Antropologia: "La Place de l'homme dans l'Univers", (L-8, 5, 22).

9.º — *Camille Flammarion*, astrônomo francês:

- "Dieu dans la Nature";
- "L'Homme et les Problèmes Psychiques";
- "La Mort e Son Mistère";
- "Recits de l'Infini";
- "Uranie";

— "Autour de la Mort", (I-4, 1, 25).

*Nota do autor:* o Dr Sérgio Valle ainda encontrou assinalados, com tinta vermelha, os seguintes trechos de "Autour de la Mort", (I-4, 1, 25):

"Tous ces faits sont constatés aujourd'hui avec certitude irrecusable". (Capítulo — "Les Doubles de Vivants", pág. 41). E, mais além, na página 55, quando fala Madame Milman, a respeito das bilocações:

"Je suis affligée d'un autre moi-même, qu'on reconte ou je ne suis pas."

10.º) — *Professor Charles Richet*, catedrático da Universidade de Paris: — "Traité de Métapsychique", edição de 1922, (G-1, f, 16).

Onde vamos encontrar, diz Sérgio Valle, "suas pegadas até a página 401 e nas Conclusões, páginas 757 a 793. Tendo falecido a 1 de março de 1923, podemos deduzir que o livro de Charles Richet foi um dos últimos que Rui Barbosa saboreou na sua atividade de leitor onívoro." (Sérgio Valle — "Silva Mello e os Seus Mistérios", primeira edição, páginas 391 e 392).

\* \* \*

Na "Oração aos Moços" — criação imortalizada pelos jovens bacharéis da Faculdade de Direito de São Francisco — o Conselheiro Rui Barbosa, inspirado pelas recordações idas e vividas de seus egrégios extintos, enaltecia a sensibilidade do coração, único órgão compassível aos sofrimentos afetivos e donde se faz sentir as harmonias das preces improvisadas, ou das súplicas pientíssimas quando imploram as amáveis magnificências do Pai aos seus mortos queridos.

Referindo-se ao coração, ouvia-se, então, o orador a dizer:

"Há nêle [coração], mais que um assombro fisiológico, um prodígio moral. É o órgão da fé, o órgão da esperança, o órgão do ideal. Vê, por isso com os olhos da alma, o que não vêem os do corpo. Vê ao longe, vê em ausência, vê no invisível, e até no infinito vê. Onde pára o cérebro de ver, outorgou-lhe o Senhor que ainda veja, e não se sabe até onde. Até onde chegam as vibrações do sentimento, até onde se perdem os surtos da poesia, até onde se somem os vãos da crença: até Deus mesmo, invisível como os panoramas íntimos do coração, mas no seio o músculo da vida e da nobreza e da bondade humana".

O seletto auditório da Faculdade ouvia, atentamente, as derra-deiras palavras do saudoso Mestre de Direito, agora envôltas pelos crepes da tristeza e transmitidas, brilhantemente, pela vibrante emoção do Professor Reinaldo Porchat. Dir-se-ia que naquele instante algo estranho se assenhoreava da sensível emotividade do grande tribuno, fazendo ressurgir nêle um orador estranho aos presentes, insondável como o mar e misterioso como os astros, em cuja voz floriavam as viçosas palavras de um *Intérprete invisível*, que fascinava e deslumbrava, apregoava e fixava a crença imortal do Espírito, enquanto o eco dos vocábulos, a vibrar pelas pedras, a repercutir pelas abóbadas, a duplicar pelos espaços, volviam a repetir-se pelo auditório.

Envolvido por uma força dominadora, poderosa e incontrolável como os vendavais, a voz do magnífico orador, cuja emotividade atingira o Infinito na exaltação daquele órgão sensível às comoções do Espírito, falava aos mortos pelas vias de seu coração.

E, vagarosamente, o Professor Reinaldo Porchat ia acentuando as palavras do texto:

“Dêle, do coração, se retirou a centelha divina. Até onde lhe banhava ela todo êsse espaço que nos distancia do incomensurável desconhecido, e lançava entre êste e nós uma ponte de astros. Agora, apagados êsses luzeiros, que o inundavam de radiosa claridade, lá se foram, com o extinto cintilar das estrêlas, as entreabertas do dia eterno, deixando-nos, tão-sómente entre o longínquo mistério daquele têrmo e o aniquilamento de nossa miséria desamparada, as trevas de outro éter, como êsse que se diz encher o vago mistério do espaço”.

A “Oração”, escrita nas antevésperas da morte de Rui Barbosa, como sabem os repórteres de “O Cruzeiro”, foi lida pelo saudoso Professor Reinaldo Porchat, em cerimônia pública das “Arcadas”. Há, nela, uma passagem em que a eloquência indefectível de Rui dá conselhos ao auditório, aos colegas e aos afilhados em vocabulos inequívocos de quem tomou, direta ou indiretamente, conhecimento da sobrevivência humana, de acôrdo com a versão da Doutrina Espírita, pois, vibrante em entusiasmo, o Professor Reinaldo Porchat, encarnando o pensamento do Mestre enfêrmo, contritamente não lia, orava:

“A maior de quantas distâncias logre a imaginação conceber, é a morte; e nem esta separa entre si os que a terrível afastadora de homens arrebatou aos braços uns dos outros.

Quantas vêzes não entrevemos, nesse fundo obscuro e remotíssimo, uma imagem cara? Quantas vêzes não a vemos assomar nos longes da saudade, sorridente ou melancólica, alvoroçada ou inquieta, severa ou carinhosa, trazendo-nos o bálsamo ou conselho, a promessa ou o desengano, a recompensa ou o castigo, o aviso da fatalidade, ou os presságios do bom agoiro?

Quantas nos não vem conversar afável e tranqüila, ou pressurosa e sobressaltada, com o afago nas mãos, a doçura na bôca, a meiguice no semblante, o pensamento na fronte, límpida ou carregada, e lhe saímos do contato, ora seguros e robustecidos, ora transidos de cuidado e pesadume, ora cheios de novas inspirações, e cismando, para a vida, novos rumos?

Quantas outras, não somos nós os que vamos chamar êsses leais companheiros de além-túmulo, (o grifo é nosso) e com êles renovar a prática interrompida, ou instar com êles por alvitre, em vão buscado

uma palavra, um movimento do rosto, um gesto, uma réstia de luz, um traço do que lá se sabe, e aqui se ignora?”

O Professor Ataliba Nogueira, na brilhante conferência intitulada “Ruy Barbosa em Campinas”, publicada no “Jornal do Comércio”, de 8 de novembro de 1949, extraímos o seguinte fato:

*“Ainda na aprazível estância hidromineral, ocorreu fato curioso recordado pelos intimos com acento de graça. Estava em voga, àquele tempo, uma espécie de distração, à noite, de modo algum consoante com as leis religiosas, porém que as Senhoras praticavam como se fôsse inocente jôgo de damas.*

*Consistia em colocar sôbre uma mesinha de três pés um grande círculo de papelão com as lêtras do alfabeto escritas, uma a uma, em recorte dentado. Lalá, Úrsula, Carlota, Baby, Ruy Barbosa e a filha dum redator do “Jornal do Comércio”, do Rio, sentavam-se em redor da mesa e colocavam a ponta dos dedos sôbre um cálice que, por ação misteriosa — segundo diziam — parava ante esta e aquela lêtra. Alguém ia anotando as lêtras num papel. Formavam-se, assim, palavras e frases, avidamente lidas pelos circunstantes.*

*Resta lembrar que tudo correspondia às perguntas formuladas por alguma das môças presentes, quase tôdas versando sôbre qual delas se casaria primeiro, as iniciais do noivo, seus traços fisionômicos, se era louro ou moreno, se era solteiro ou viúvo, fazendeiro ou não. No geral as respostas provocavam mais que risos, gargalhadas e comentários alegres.*

*Certa noite, porém, Batista Pereira, que assistia à “sessão”, de pé, disse que o cálice estava denotando alguma inquietação, manifestando com isto ter que revelar algum segredo. Sentou-se à mesa e também colocou a ponta do dedo sôbre o cálice de cristal, o qual, de maneira rápida, começou a percorrer o alfabeto, com algo de nervosismo por parte das môças e senhoras que participavam da operação. Ao lado, outra môça apontava lêtra por lêtra, dizendo nada entender, porém várias vêzes havia o nome de Ruy, no apanhado gráfico.*

*O Conselheiro já se havia recolhido muito cedo, feita a leitura dos jornais de São Paulo, que chegavam após o jantar.*

*Terminado o escrito, verificou-se que era uma mensagem em inglês, dirigida por algum “espírito” ao ilustre hóspede. Ficaram todos estarelecidos e, diante da indecisão geral, Batista Pereira opinou que deviam levá-la incontinenti a Ruy.*

*Batem à porta, o Conselheiro de pijama recebe o papel e fica emocionado:*

—“É o estilo dêle, o estilo perfeito. E o assunto! O mesmo que conversamos em nossa despedida em Haia. Mas, é possível... tratar-se de William Stead — explica Ruy — o meu amigo e grande jornalista inglês, cuja morte os periódicos noticiam, hoje, no afundamento do navio “Titanic”. E ele acreditava nestas histórias de Espiritismo!”

\* \* \*

Não fôra pela economia de páginas e imprimiríamos a exuberante nominata dos nossos ilustres patricios, ora inscritos no Espiritismo. E aí, então, poderiam caber algumas *surpresas* aos extraordinários repórteres de “O Cruzeiro”, que, pelo visto e apreciado em suas exposições, sempre *bem ilustradas*, se percebe não desejam nem querem êles perder tempo com “tais coisas”...

E é aí, também, que vamos encontrar um cabedal rico de emoções espirituais, despertadas pelo contacto ambiental da Doutrina Espírita. E é daí, então, que irrompem as obras de sentimentos religioso, filosófico e científico sobre os graves problemas da vida, a pulsar no prato da positividade, livre do teologismo dogmático e ilusório, e liberto, sobretudo, do apriorismo tecedor de abstrações.

Algumas *surpresas*, dissemos... Ei-las que seguem na outra página.

O ESPIRITISMO  
SEGUNDO  
COELHO  
NETO

*“Ainda que eu duvidasse, com toda a minha incredulidade, havia de convencer-me tais eram as referências, as alusões que a pequenina voz do Além fazia a fatos, incidentes da vida que conosco vivera o corpo da qual ela fôra o som.”*

COELHO NETO

VAMOS cuidar, agora, da surpreendente conversão do saudoso *imortal* Henrique Coelho Neto ao Espiritismo, segundo a entrevista que fêz época, divulgada pelo “Jornal do Brasil”, de 7 de junho de 1923, conforme vamos transcrever:

“Sim, tem razão — respondeu Coelho Neto ao repórter. Combati, com todas as minhas forças, o que sempre considerei a mais ridícula das superstições. Essa Doutrina, hoje triunfante em todo o mundo, não teve, entre nós, adversário mais intransigente, mais cruel do que eu.

Em casa, onde a propaganda, habilmente insinuada, conseguira fazer prosélitos, todos temiam-me, apesar da minha conhecida tolerância em matéria de fé, porque eu não deixava passar um só dos livros de preparação e opunha-me, com energia, às tais sessões reveladoras. Mas que queres?

Não tiveram os cristãos inimigos mais acirrado do que Saulo até o momento em que, na estrada de Damasco, por onde ia para a sua campanha de perseguição, o céu abriu-se em luz e uma voz do Alto o chamava à fé. E de inimigo que era tornou-se, desde logo, o tapeceiro de Tarso, o mais fervente e abnegado apóstolo do Cristianismo, saindo a pregar a Palavra suave ao gentio pagão? Pois, meu caro, a minha estrada de Damasco foi o meu escritório e, se nêle não irradiou a luz celestial, que deslumbrou São Paulo, soou uma voz do Além, voz amada, cujo éco não morre em meu coração.

Sabes, que, depois da morte da pequenina Ester, que era o nosso enlêvo, a vida tornou-se sombria. A casa, dantes alegre com o riso cristalino da criança, mudou-se em jazigo melancólico de saudade. Passei a viver entre sombras lamentosas.

Minha mulher, para quem a netinha era tudo, não fazia outra coisa senão evocá-la, reunindo lembranças: roupas que ela vestira, brinquedos que a acompanharam até à última hora, entre as quais a boneca, que foi com ela para a cova, porque a pobrezinha não a deixou até expirar.

Júlia... coitada! Nem sei como resistiu a tão fundos desgostos; seis meses depois do marido, a filha.

Pensei perdê-la. Tôdas as manhãs lá ia ela para o cemitério cobrir o pequenino túmulo de flôres, e lá ficava horas e horas, conversando com a terra, com o mesmo carinho com que conversava com a filha. Ia depois ao túmulo do marido e assim vivia entre mortos, alheia ao mais, indiferente a tudo.

Propus mudarmo-nos para Copacabana. Opôs-se. Insistiu em ficar na casa em que fôra feliz e desgraçada, mas onde perduravam recordações do seu tempo de ventura. Temi que a seduzissem para o Espiritismo, que a lançassem ao turbilhão do mistério em que se agitam as almas do nosso tempo, como endemoninhados da Idade Média corriam ao *Sabbat*, nos desfiladeiros sinistros. No estado de abatimento moral em que ela se achava, seria arriscado perturbar-lhe a razão com práticas nigromânticas.

As minhas ordens, dadas em tom severo, foram obedecidas. Júlia passava os dias no quarto, que fôra da pequena, e de fora ouviamos-la falar, rir, contar história de fadas, exatamente como fazia durante a vida da criança.

Tais ilusões dolorosas eram bálsamos que mitigavam o sofrimento da alma, como a morfina alivia as dores. Cessada a ilusão, o desespêro irrompia mais acerbo. Era assim.

Uma manhã, porém, com surpresa de todos, Júlia apareceu-nos risonha, pôsto que os olhos ainda conservassem lágrimas como as rosas conservam orvalho na corola, ao Sol.

Interroguei-a, sorriu. Interroguei minha mulher. Nada. Confesso-te que cheguei a pensar na... volta da primavera.

Lucílio tornara-se mais assíduo nas visitas, aparecendo-nos duas e três vêzes por semana e o amor, bem sabes renova; o amor é como o Sol que abre flôres nas próprias covas.

Já começava a fazer-me a tal idéia quando uma noite, minha mulher entrou-me pelo escritório, lavada em lágrimas, e disse-me, abraçando-se comigo, que a filha enloquecera.

— Por quê?! — perguntei.

— Está lá em baixo, ao telefone, falando com Ester.

— Que Ester?

— A filha...

Encarei-a demoradamente, — prossegue Coelho Neto — certo que a louca era ela não Júlia.

Como se compreendesse o meu pensamento, ela insistiu:

— Lá está. Se queres convencer-te, vem até a escada. Poderás ouvi-la. Fui.

Como sabes tenho dois aparelhos: um no "hall", outro, em extensão no meu escritório. Ficamos os dois, minha mulher e eu, junto à balaustrada do primeiro andar. Júlia falava baixo, no escuro.

Por mais esforço que fizéssemos não conseguíamos ouvir uma palavra. Era um sussuro meigo, cortado de risinhos. O que me pareceu, por que não dizê-lo? Foi que a conversa era de amor.

Tive ímpetos de violar o segredo de minha filha, mas o escrúpulo do meu cavalheirismo conteve-me.

— *Por que dizes que ela fala com Ester?*

Perguntei à minha mulher.

— Por quê? Porque ela mesmo mo confessou e não imaginas com que alegria.

Fiquei estatelado, sem compreender o que ouvia. De repente, numa decisão, entrei no escritório, desmontei lentamente o fone do aparelho, apliquei-o ao ouvido e ouvi.

Ouvi, meu amigo. Ouvi minha neta. *Reconheci-lhe a voz, a doce voz, que era a música da minha casa... Mas não foi a voz que me impressionou, que me fêz sorrir e chorar, senão o que ela dizia. (O grifo é nosso).*

Ainda que eu duvidasse, com tôda a minha incredulidade, havia de convercer-me tais eram as referências, as alusões que a pequenina voz do Além fazia, a fatos incidentes da vida que conosco vivera o corpo da qual ela fôra o som (o grifo é nosso).

Mistificação? E que mistificador seria êsse que conhecia episódios ignorados de nós mesmos, passados na mais estreita intimidade entre mãe e filha. Não! Era ela, a minha neta, ou antes: a sua alma visitadora que se comunicava daquele modo com o coração materno, levantando-o da dor em que jazia para a consolação suprema.

Ouvi tôda a conversa e compreendi que nos estamos aproximando da grande era, que os tempos se atraem — o finito defronta o infinito, e das fronteiras que os separam, as almas já comunicam.



E eis como me converti, eis porque te disse que a minha estrada de Damasco foi o escritório onde se não fui deslumbrado pelo fogo celestial, ouvi a voz do Céu, a voz do Além, da outra Vida, do mundo da Perfeição...

— Ouviste-a ao telefone... E porque não a ouves no ar, como a ouviu... São Paulo, por exemplo?

Por quê? Porque o espírito precisa de um meio em que se demonstre. Para viver conosco, encarna-se. O próprio Espírito de Jesus encarnou-se. O lume precisa de um combustível para arder e o lume é luz, eternidade: o som precisa de um órgão para vibrar. Todo o imaterial carece de um veículo para agir.

— Uma pergunta apenas: Como consegue D. Júlia pôr-se em comunicação com o espírito da filha? Não me consta que a "Companhia Telefônica" tenha ligação com o Além.

— Respondo-te. Quando Júlia — disse-me ela própria — deseja comunicar-se com a filha, invoca-a, chama-a com o coração, ou melhor: com amor e ouve-lhe imediatamente a voz. Falam, entretêm-se, continuam a vida espiritual. A que lá está em cima é feliz na Bem-aventurança e a que ficou na orfandade já não sofre porque o que era esperança tornou-se certeza...

— Certeza de quê? — interrogou o repórter.

— De uma vida melhor e maior, de vida puramente espiritual, como a claridade, vida sem dores, sem os tormentos próprios da carne, que não é mais do que um cadinho em que nos depuramos em sofrimento para alcançarmos a Perfeição". Assinado: — COELHO NETO.

\* \* \*

Como sabe o leitor Henrique Coelho Neto, membro da Academia Brasileira de Letras, foi um Espírito de escol, cujo talento lhe confirmou, muito cedo, "que a verdadeira sabedoria consiste em saber que na Terra tudo passa", conforme tópico de um hino védico.

Para êle, portanto, as disputas religiosas, as lutas políticas, as colisões de interesses, os choques de ideais, as proposições de convênios, os tratados das nações e as cartas magnas autografadas pelos representantes do povo, serviriam um dia de documentos curiosos, exumados do olvido pelos estudiosos dos acontecimentos sagrados, donde se há de deparar a luta insana para a derrubada final dessas crenças, dessas místicas, desses dogmas e desses tabus que hoje travancam a evolução espiritual dos homens, de acôrdo com que já assinala a Doutrina Espírita, através de fulgurantes vultos do saber.

Além de Professor de literatura, Coelho Neto foi romancista, contista, teatrólogo, poeta, jornalista, orador fabuloso e embaixador

plenipotenciário. Todavia, não é o escritor imortal que desejamos exaltar, mas, acima de tudo — e êste é o termo próprio para a geração de hoje — relembrar a sua imagem de orador espírita, cujo poder de oratória poucos o igualaram.

Assim, os períodos que seguem, *data vênica*, traslados do folheto "A Vida Além do Véu", publicado pela "Editôra Lake", 1940, São Paulo, testemunha a histórica conferência pública, realizada no dia 24 de Setembro de 1924, no auditório da instituição espírita "Abrigo Tereza de Jesus", na cidade do Rio de Janeiro, antiga, Capital do País.

Ouçamos, portanto, a constituição do terceiro, quarto e quinto períodos da página 7, onde o Acadêmico imortal, depois dos agradecimentos, inicia a leitura da célebre conferência:

"Assim, pois, rendidas as nossas graças ao Céu começo, não entrando logo no assunto, porque não tenho ainda direito de falar-vos como adepto, senão, primeiro, fazendo para que me aceiteis convosco, à maneira de profissão de fé uma declaração que possa correr mundo apregoando a minha crença nova, nascida da maior das fecundidades, de onde sai a Vida e que só se esteriliza na morte: a Dor. (O grifo é nosso).

Não venho abjurar a essência da doutrina que me trouxe desde o berço até a velhice, porque nunca me senti mais perto de Cristo do que agora; venho, sim, dizer-vos da revelação que me iluminou o espírito fazendo-o sentir bem, em tôda a sua Bondade e em tôda a sua onipotência. Aquêle que se encarnou como a maior Graça celestial para surgir no mundo, entre os homens, não como algoz, anunciando tormentos, mas como Amor sublime, como Perdão, passando pela morte para torná-la o caminho da Perfeição.

Nunca fui céptico, nem tampouco fanático: tive sempre o coração a ouro fio na Verdade, considerando os Evangelhos puros como os quatros pontos cardeais da Crença".

Salientamos, logo de imediato, que a palavra Fé, mais que uma idéia sempre altíssima e preponderante, é um ideal insubstituível nos lábios de Coelho Neto, porquanto em cada um de seus vocábulos, sempre vamos encontrar o alimento necessário e precioso às necessidades legítimas do coração, que se distende sobre o Espírito e se estancia entre o alfa e ômega das iluminuras primitivas da Fé Cristã.

Destacaremos, então, da página 9, os trechos magníficos do imortal orador, que sempre cintilam como o disco dos astros:

"Homem de fé — acentua Coelho Neto — o Livro de minha alma, aqui o tenho: é a Bíblia. Não o encerro na biblioteca, entre os de estudo, conservo-o sempre à minha cabeceira, à mão.

É dêle que tiro a água para a sede de verdades; é dêle que tiro o pão para a minha fome de consôlo; é dêle que tiro a luz nas trevas das minhas dúvidas; é dêle que tiro o bálsamo para as dores das minhas agonias. É o vaso em que, semeando a Caridade, vejo sempre verde a Esperança, abrindo-se na Flor celestial, que é a Fé.

Eis o livro que é a valisa com que ando em perigrinação pelo mundo. Tenho nêle tudo.

O Deus que trago no coração é Cristo. Tenho-o diante de mim, como orago, no meu gabinete de trabalho, cercado de flôres, turibulos perenes, que o embalsamam com o seu aroma e, mais que a imagem, tenho-o em culto no oratório do meu coração.

Os pontos cardeais da minha religião são os quatro Evangelhos. Lendo-os, conforto-me e, quanto mais os medito, mais me sinto aproximar de Deus.

Se deixei o caminho que trilhava tortuoso, sombrio, sempre eriçado de espinhos, a pique sôbre êsse abismo flamejante, o Inferno, com que a Igreja ameaça aos que se atrevem a discordar de um só dos seus imperativos férreos, foi guiado por êsses quatro esplendores.

Tive a minha estrada de Damasco e da cegueira em que jazia levantei-me em deslumbrante claridade, e vi! Vi a Verdade e, seguindo-a, achei-me entre vós. Aqui estou!

Agora, em vossa companhia, vendo como vos portais, convenço-me de que os vossos adversários combatem com armas insidiosas, usam de falcídia para tornar-vos antipáticos e detestados dos simples, denunciando-vos como pactuados com o Demônio — sempre o Demônio! — trunfo máximo na grande cartada que estão jogando”.

Nos dois últimos parágrafos que antecedem a página dez do folheto “A Vida Além da Morte”, Coelho Neto critica e comenta, discretamente, a posição atual da Igreja Católica que, ante a figura de Deus — Nosso Pai — se restringe às mesmas adorações estatúarias, recamadas, facetadas e multicoloridas em seus templos, porém sem a vivência pura dos cristãos antigos, que constituía a plástica de Jesus, o sagrado Lírio da nossa tradição religiosa.

Daí surgiram os dogmas, os credos, os homilários, as bulas, as promessas falgozeiras de um Céu eterno e beatífico para os “eleitos”. Daí romperam as condicionais de um Purgatório comercializável pelos velhos afortunados, cujas penas podem ser amortizadas através das missas — sétimo dia, trigésimo dia e comemorativas anualmente. Daí irromperam os tributos que sobrepesam na economia do povo cristão. Daí o castigo eterno do precito infeliz e miserável, jamais bafejado pelo sorriso da fortuna, que entreabre o portal do Paraíso. Daí, enfim, a desvalia das preces pagas, engroladas pelos Padres,

durante as exéquias fúnebres, a fim de afastar “a alma penada” das garras demoníacas.

Sigamos, portanto, o pensamento de Coelho Neto através destas linhas:

“O Catolicismo transformou a Cruz, símbolo da Redenção, em clava de combate para rechaçar demônios. Para a Igreja o Espírito de Deus, que está em tôda a parte, como a Luz, não tem poder sôbre a Sombra, e tem-no um Padre com o hissope e a caldeirinha. O que não consegue o Sol eterno conjura o círio; onde a Claridade Suprema não logra vitória, triunfa a chama tibia de uma lamparina de óleo. Absurdo.

Não podendo impor-se pela Bondade quer a Igreja dominar pelo terror e polui a obra divina enxameando-a de demônios como uma carniça a refervilhar de vermina.

Não! Deus não quer ser procurado por espavoridos senão por amorosos que o busquem, de coração, por Êle; que se lhe acheguem sorrindo, como se acochegam aos pais, os filhos extremosos. Não se erija a cruz como espantallo de demônios, mas como símbolo da Fé, tronco da misericórdia.

No início das vossas reuniões consentai-vos em prece invocando a assistência divina de Jesus e, sob tal auspício, realizais o que os vossos inimigos comparam às missas negras. Se o Demônio com que viveis aparceirados é êsse que invocai, réprobos são os que vos caluniam porque se, nas legiões satânicas, aparecesse tal demônio os expulsos do Céu, só com o contemplarem, ficariam redimidos como ficavam curados da lepra ou da cegueira, da paralisia ou da mudez os que se aproximavam do suave Missionário.

Outro demônio, que também invocais, é Aquela criatura meiga que foi o veículo escolhido por Deus para entrar na Humanidade na pessoa de Jesus: Maria.

Assim é caso de bendizermos o nosso Inferno. Se as suas chamas queimam, nelas quero eu inflamar-me, porque sobem de uma fogueira que dá Vida e ilumina eternamente os Tempos — o coração de Jesus e espadanam em sete labaredas partidas das cicatrizes abertas no coração maternal da Virgem pelas sete espadas de Martírio.

Senhores, a perseguição que vos movem é natural, é até necessário para maior glória do triunfo, que vem perto. Sofreram-na longamente os primeiros cristãos, quando ainda a Fé se não havia turvado com o que nela espalharam os que tanto têm comprometido a pureza do Cristianismo”. (*Ibidem*, págs. 9 e 10).

Sem desequilíbrio oratório, nem distorção da disciplina, nem tibieza de convicção, nem torcimento dos fatos reais, a exposição de Coelho Neto prosseguia aquecida pela fé, e penetrava e alargava

a vida dos mundos siderais pela razão, onde resplende, em justa medida, a espiral do amor do Pai a todos os séres e em plena expansão para a Vida Imortal, onde temos por templo o Universo e por altar — Deus!

Impressas na página onze do citado trabalho, eis que seguem as preciosas palavras de Coelho Neto, sempre comendatícias ao assunto:

“Passemos, porém, adiante. Cuidemos da obra que está a reclamar a atenção de todos os verdadeiros cristãos — o expurgo dos livros evangélicos. Restituamos à Bíblia a douçura que lhe tiraram, expunjamos-lhe os enxertos, tornando-a verdadeiramente apostólica, tal como foi ditada pelo Pregador Supremo. Exegeses são chicanas. A Verdade é uma só.

O doutrinador espírita procede como Jesus que não cobrava as suas parábolas exemplares nem os seus sermões edificantes e nunca pôs preço aos milagres que realizou.

O sacerdote católico — tão diferente do antigo antiste — é um profissional da Fé. O espírita ama a Deus onde quer que se ache e, em tôdas as coisas que se lhe apresentam reconhece-lhe a onipotência: na vida dos mundos siderais, que esplendem no espaço infinito, e no pequeno gomo que rebenta na haste de uma planta. Para senti-lo e comunicar-se com Ele não precisa procurar catedrais ou basílicas, igrejas ou capelas — sente-o presente, ama-o e glorifica-o na liberdade plena da natureza: na terra, no mar no céu; no cimo da mais alta montanha e no vale mais fundo, no campo, ao sol, e na caverna obscura, porque estando Deus em tôda parte, tôda a parte é o seu templo”.

Já na página doze, quinto período da mencionada conferência, o ilustre escritor conclui a exposição de seu pensamento, através destes períodos:

“Achando-se Deus em tôda a parte, é certo que aqui o temos conosco. Sursun corda! Louvemo-lo e glorifiquemo-lo!

Para que buscar outros intermediários para Jesus se Ele próprio deixou três ancilas fiéis para serviço da nossa alma? A primeira, de mais largo vôo, a Fé, leva-nos à sua presença; a segunda consola-nos em tôdas as aflições com a promessa do céu — a Esperança; a terceira recebe as demonstrações do nosso amor piedoso e com elas obtém o prêmio celestial das graças — a Caridade.

Se temos as três virtudes a nosso serviço por que havemos de recorrer a outrem para comunicar com Deus?

Para que havemos de buscar fiscais que nos devassem a alma se temos conosco a consciência sempre vigilante? Por que haveremos de transmitir a outros ouvidos o que só Deus pôde julgar e perdoar,

Deus, que tudo vê e ouve, sente, adivinha, porque Ele é tôda a Sabedoria? Onde, nos Evangelhos, Jesus nos aparece como confessor? Sempre o vemos desde logo perdoando. Para Deus as palavras são inúteis porque Ele as lê, antes de nascidas, no pensamento de quem as há de proferir. Se Jesus falava, era para que todos o ouvissem. Confessor, homem de sussurros, nunca foi! A confissão é uma violação da alma. Cristão confesso não sou, entretanto, dos que negam aos crentes de outras religiões o que Deus lhes assegura com a sua infinita misericórdia. O que dá ao Cristianismo incontestável supremacia sobre os demais credos é a pureza da sua essência, a Moral em que assenta e a Bondade que emana.”

Assim, no dizer de Coelho Neto, para o espírita a verdadeira religião é lume do coração; nêle se encontra a melhor imagem da Presença Eterna, e nunca nas exteriorizações mundanas. A sua religião expansionista não poderia encerrar-se nas regras e ritos acanhados; por isso não necessita de medianeiros, nem de fórmulas ou imagens. Tendo por culto a Cruz, por espelho a Consciência e por lei suprema a Caridade, *sabe* que “fora da caridade não há salvação”, conforme a sublime legenda dos Espíritos do Senhor, escriturada na codificação de Allan Kardec.

O seu Deus é, antes de tudo, a Sabedoria justa e eterna, e lei suprema no Cosmos; é a manifestação integral da Vida — vida universal, onisciente e onipresente. E ninguém o burla, ninguém o compra, ninguém o corrompe. São inúteis as promessas vagas, nebulosidades.

O auditório, sempre prêso às palavras de Coelho Neto, sentia que o ilustre confrade, embora sereno no decorrer da oração, agora elevava o tom da voz para acentuar:

“Religiões não se discutem. Nem eu as discutirei, senão quando mas quiserem impor. Cada qual se comunica com Deus conforme o ensino da sua crença. Discutir religiões seria o mesmo que discutir linguagens condenando, por exemplo, a inglesa por pobre em verbos, a alemã por abstrusa na sintaxe, a portuguesa por inflada nos ditongos e etc.

As religiões primitivas, com cerimônias bárbaras, sanguinolentas, foram os primeiros tartareios da Fé. Os idiomas transmitem o pensamento, as religiões traduzem a crença: uns servem para a comunicação dos homens entre si, a vida; outras entendem com o destino da alma além da morte.

O lume é um e o mesmo, qualquer que seja a lenha; tanto calor dá o tronco do cedro como o do pinheiro, do álamo, do carvalho ou do jequitibá e com um pouco de folhas secas o pastor, na montanha aquece-se e ilumina-se. O necessário é ter lume — Fé.

Deus é um só em vários símbolos e altares, e esse Deus é a bondade ou como lhe chamamos nós: Jesus.

A Crença equilibra o homem entre o Céu e a terra e, nos dois extremos em que êle se apóia, o péso deve ser o mesmo — Amor; amor a Deus sôbre tôdas as coisas, amor ao próximo, como a nós mesmos.

Viador, como todos vós, acho-me diante de uma cidade maravilhosa, cingida de muralhas altas, cujas portas resistem fechadas e seladas inviolavelmente com sêlo de arcano. A vida, que nela se movimenta, e que eu sinto, que todos vós sentis, é ainda mistério.

Que é habitada, não há negá-lo. Mas que população estranha é essa que se agita em silêncio, como os atômos nos raios de sol, que se comunica sociavelmente conosco, mas desaparece, arisca, se a buscamos com insistência, com a mesma esquivança com que a sombra refoge à luz? São essências que andam errantes no ar como o aroma exalado das flôres.

Os materialistas taxam-nos de insanos porque afirmamos a existência do que não vemos e são êles mesmos que demonstram, com experiências e provas irrefutáveis, que o ar está enxameado de vidas microscópicas; que uma gôta de água é um mundo oceânico de infusórios; que na antena de uma borboleta ou na pata de uma abelha emigra a vida vegetal em sementeira, ou pólen; que o micróbio infesto está em tôda a parte e em tudo vário e múltiplo.

E por que, se perdura e perpetua-se em germens a vida material, a vida espiritual, a vida da alma, eterna, não há de ter continuidade?" (*Ibidem*, págs. 13 e 14).

Vale salientar, agora da página seguinte o parágrafo sexto, no qual, em breve síntese, Coelho Neto expõe o seu pensamento sôbre a continuidade da vida imortal, segundo êste curto período:

"E que é o túmulo senão um território antípodo? Que é a morte senão uma noite oposta a um dia, a Vida? E assim como os dias e as noites, sucedendo-se, formam a cadeia infinita do tempo, assim a Vida e a Morte, reproduzindo-se no aperfeiçoamento, formam a eternidade."

Mais avante prossegue o orador:

"Impugnam, os que nos combatem, a única Doutrina compatível com a Misericórdia Divina, doutrina anunciada e até demonstrada por Jesus Cristo, a da reencarnação, em estágios ou graus de aperfeiçoamento, desde o Inferno até o Paríso. Inferno!...

Por mais que se exalte a imaginação dêsses cultivadores do Mal nunca engendrará flagícios como os que nos excruciam neste vale de lágrimas.

Fornalhas as mais ardentes, crateras as mais flâmivomas, rios ígneos, solfataras borbulhantes, fojos de pez fervente não atormentariam tanto as almas como o fazem as sete labaredas que a Igreja denominou — Pecados mortais.

Monstros... Que valem os cerebrinos: grifo e basiliscos, serpes e escolopendros, tarântulas e salamandras, tôda a fauna imaginária do Báratro comparada à que se alaparda na Consciência: o Desespêro, o Remorso, o Mêdo e tôdas as âncias que nos constringem e remordem peçonhentemente a alma?

Demônios? Temo-los, às legiões, nos sentidos que nos ferroteam; temo-los nas dores que nos lancinam; nas úlceras, que nos dilaceram e apodrecem a carne em vida; têmo-las nas enfermidades que nos febrecitam, envolvendo-nos nas chamas de tûnicas moléstias; temo-los na cegueira, na mudez e na surdez que nos travam a palavra e trancam-nos os ouvidos; têmo-los na paralisia que nos entrava, nos aleijões que nos deformam, na loucura que nos desvaria e não cito as torturas morais que nos correm por dentro." (Obra citada, pág. 16).

Apesar de avolumar-se as transcrições de Coelho Neto, nelas ainda há tanta coisa de aproveitável à inciência humana, que merece reproduzida nestas páginas, pois ante as revelações dos Espíritos Superiores, somos induzidos a raciocinar de acôrdo com a Doutrina Espírita, báculo seguro de nossas esperanças diante da grandeza de Deus.

"Aí estão, — dizia Coelho Neto — patentes, os prodígios da mecânica, os milagres da física e da química e, pelo que se tem obtido com o auxílio da Ciência, já ninguém duvida de que, em breve, nos possamos comunicar com os astros, conversar de mundo a mundo, como entre vizinhos.

Tais são, senhores, as evidências do mundo físico que a Igreja, anquilosada em dogmas, não pode contestar. Nega, entretanto, e tenazmente, as revelações constantes que nos vem da vida psíquica; nega, não por certeza, senão por contumácia e, quando a chamam à prova, recusa-se e põe-se a vociferar do púlpito injúrias contra os que trata como inimigos, pôsto que os veja com o mesmo lábaro que ela desfralda como sendo o Pavilhão da cidade de Deus: a bandeira cristã.

Que vale negar? Isso na Igreja é mal de origem: três vêzes Pedro negou a Cristo e Pedro é a pedra fundamental da Igreja. A negação obstinada não é prova, é teima." (Obra, citada, pág. 23).

E no quarto período da mesma página, o ilustre conferencista dava relêvo às seguintes palavras:

“Fulminam-nos os padres com o anátema porque prestamos culto de amor, pela saudade ao que eles chamam a Morte e que nós consideramos tanto como a própria Vida. Se acham que procedemos mal buscando pelo amor, pela saudade, pela crença na sobrevivência dos espíritos comunicar-nos com eles, sem outro interesse senão o de os sentirmos, por que celebram cerimônias de remissão?

Por que confessam e ungem a moribundos? Por que encomendam mortos? Por que rezam missas e celebram exéquias? Certamente ó vaidade! porque se julgam os únicos capazes de obter o perdão do Senhor! É crível que mereça mais aos olhos de Deus, toda Bondade, que as lágrimas de uma mãe um pouco de latim? Não!

Ninguém pode falar de Deus com mais ternura, reunam-se embora tôdas as colegiadas sacerdotais de Roma, do que um coração materno. Ninguém pode bater às portas do Paraíso com mais força do que o amor de um pai. Não há oração que se compare a um soluço.” (Vide pág. 23).

Enquanto nós, os espíritas, saibam os leitores, é com entusiasmo que sentimos e é com nobre carinho que recordamos mais êstes tópicos de Coelho Neto, imortalizados nas páginas de “A Vida Além da Morte”, quando o escritor nos recorda os grandes vultos que ornamentam a Doutrina Espírita, ora assinalados em seu trabalho.

“Serão mistificadores — interrogava o orador desaparecido — todos os homens, de autoridade incontestável, que dão testemunho de casos misteriosos relativos à vida de Além-tumulo?

Os nigromantes de hoje não andam a profanar covas invocando mortos, como as feiticeiras da Tessália, a pitonisa de Endor, os bruxos caledônios e outros; eles estudam a essência da Vida, ou a alma, como lhe chamam, com a mesma honestidade com que os psicologistas estudam no cadáver o invólucro dessa mesma essência.

Enquanto uns destrinçam o cortiço, outros procuram a abelha e o segrêdo misterioso da cêra e do favo — da Inteligência, que é luz, e da Bondade, que é mel.

E os espiritualistas de hoje, que estão para os nigromates como os químicos para os alquimistas, chamam-se Crookes, de Rochas, Wallace, Oliver Lodge, Paul Gibier, Bourdin, de Guldenstubbé, Sinnet, Eugène Nus, Vigeniéri, Lombroso, Conan Doyle, Chevreuil, Dale Owen, Gabriel Dellane, Vander Naillem, Laendbeater, Geley, Leon Denis, Flammarion, Girard, Boirac e tantos outros cujos nomes, todos respeitáveis, alongariam demasiadamente a lista. E para que mais? Quando se está de posse da Verdade para impô-la ao mundo não são necessários mais do que doze apóstolos.” (Obra citada, pág. 25).

Transcreveremos logo adiante, extraída do mesmo trabalho, a página de “*reminiscências*” de Coelho Neto, a de número vinte e sete. Nela o conferencista não se refere apenas à vida do corpo, refere-se principalmente à *vivência* do “eu imortal”, sem a qual não haveria beleza nem justiça na Doutrina Espírita — a reencarnação do Espírito e a multiplicidade dos mundos — tema precípuo na composição destes períodos.

“Permite — solicitava o consagrado orador — que vos leia uma página sincera que escrevi, há tempo, sobre o mesmo assunto à qual dei o título de: *Reminiscências*.

De quando em quando ressurgem-me na memória lembranças de outras vidas, como em vasos que contiveram essências, servindo a outras posteriormente, aparece, por vêzes, o aroma das primitivas.

Se a saudade é vestígio do que foi, essas recordações que se levantam em nós são como poeira de caminhos percorridos.

E quem não a traz em si? Quem não sente, de vez em quando, reminiscências de um passado, que não é o mesmo de onde viemos pelos anos atuais, mas muito mais remoto, um passado de além do evo em que transitamos?

Essas saudades não jazem no coração, são livres, voam em volta de nós como as nuvens no espaço.

Quem nos diz que elas não são o que já fomos, como as nuvens já foram rios, pântanos, oceanos?

Quem nos afirma que não são lembranças de eras transcorridas, sobre as quais adormecemos quando nos soou a hora noturna, acordando com a madrugada para viver, de nôvo, ao sol e, de nôvo, dormir?

Se me recordo do que foi outrora é natural que, mais tarde, me lembre do que sou.

E os dias passarão continuamente e eu voltarei com eles como os minutos voltam com as horas, as horas com os dias, os dias com as semanas, as semanas com os meses, os meses com os anos, os anos com os séculos, em quanto girarem na Eternidade, que é o mostrador do Tempo, infinito, impassível, parado, espelhando a Vida, que é o movimento.” (*Ibidem*, pág. 27).

Por não instruir do alheio, destacamos de “A Vida Além da Morte”, as palavras derradeiras do inesquecível acadêmico, lavradas sob a pressão de acontecimentos tristes e que feneceram o fardel esperançoso de suas mais íntimas ilusões.

Permita-nos o leitor, portanto, que esbatendo essas lembranças possamos acentuar e avivar, nestas linhas, as figuras saudosas de seu jovem filho e a da pequenina neta Ester, “a doce voz que era a música da minha casa” — no dizer de Coelho Neto — e ilôres

saudáveis metamorfoseadas em vergôntes ressequidas de suas amargas desilusões, agora consubstanciadas em hinos de Fé, de Esperança e de Consolação aos tristes e sofreadores pela palavra do ilustre orador.

Dizia-nos, êle, então, encerrando a conferência:

“Senhores.

Eis-me chegado ao fim, antes, porém, de despedir-me de vós, agradecendo a generosa atenção com que me honrastes, quero e devo dizer-vos como cheguei até vós, falando-vos daquele que aqui me trouxe.

Que apóstolo foi êsse que pregou à minha alma a Doutrina, tôda de consôlo e esperança, que é hoje a base de minha Fé? De onde veio o missionário suave? Não veio: foi!

Na pobreza honesta do meu lar de trabalho, casa pequenina e risonha, onde tudo que existe foi adquirido à custa de sonhos — porque de sonhos vivo — a Felicidade era um dos nunes tutelares, a Honra outro e ao centro, que é o lugar do coração, completando e presidindo à trindade — o Amor. Ventura: a espôsa e os filhos; cabedais, os livros. Para confôrto, o bastante e sempre uma pequena sobra que era a parte da Caridade. Deus, sempre conosco, manifestando-se na misericórdia com que nos assistia.

Os filhos, meigos; a espôsa... não encontro na língua adjetivo para louvá-la como merece. Digo apenas que é a Mulher como a quis para desabotoar-se na Humanidade o Missionário do Céu. Amigos, poucos, mais leais; amigos que me foram fiéis na hora adversa, cujo bem-querer provei no amargo sabor das lágrimas.

Nesse lar, sempre feliz, entraram dez dias lúgubres — Decálogo que recebi de Deus no sarçal da agonia que, quanto mais arde em desespêro, mais revija em esperança.

Mancebo, não conheci outro mais forte, nem mais puro, de ânimo tão enérgico, de coração tão meigo.

Belo, não na beleza que transluz em traços, mas da que espande em gestos e atitudes da alma.

Êsse exemplar da Virtude enfermou a súbita, de pé, como um tronco ferido pelo raio. Tanta era nêle, porém, a robustez, tão fortes eram as duas muralhas de amor que o cercavam que nunca pensei na possibilidade da sua queda.

Uma manhã, porém — manhã que o sol não quis iluminar — a casa encheu-se de presságios. Os passos ensurdecaram no soalho, as vozes tornaram-se sussuros e os olhos que se fitavam reviam lágrimas uns nos outros.

Êle arquejava cansado de lutar com o sofrimento, agravado pelo martírio que lhe havia exaurido as veias que fizeram do leito

uma verônica, não sòmente da face, mas de todo o seu corpo, medindo-o em estalão de sangue.

O atleta ali jazia traiçoeiramente derrubado, de olhos muito abertos, fitos em um horizonte inatigível à nossa visão mesquinha, horizonte de luz, limiar do Infinito, porta da Eternidade.

Nesse momento quis agarrar-me àquela vida que vasquejava, prendê-la a mim ou ir-me com ela, para não ficar no suplício da Saudade, que é a margem de um rio que ninguém transpõe e de onde, através do curso melancólico das lágrimas, se avista a outra margem misteriosa.

Não foi possível!

Aquêle que nunca me desobedecera desatendeu-me pela primeira vez, não se voltando ao meu chamado. E foi-se! Eu fiquei! Fiquei, envelhecendo em minutos, eu, que resistira, végeto, a sessenta anos, árduos e trabalhosos.

Foi êle, com sua alma límpida, sublime na morte heróica, que me fêz antever a vida superior, estratificada em escaleira que sobe do mais rude ao divino, desde o rasteiro até à Perfeição absoluta reintegrando-se em Deus.

Senhores, eu estava cego e, assim como Édipo, guiado por Antigone chegou aos vergéis de Cólonos, assim que êle me guiou até vós e me há de guiar até à presença do Deus, por me haver pôsto no caminho liso e claro da Verdade.

Por que chorá-lo se o sei feliz. Tenho saudade da sua presença material, como a árvore chora, em latejo de seiva, o galho que o vendaval partiu; tenho saudade, é o sentimento do coração.

A alma, porém, essa sorri feliz e abençoa-o da terra, acena-lhe com êsse gesto de amor antes de reencontrá-lo.

Parta daqui a minha bênção e todos vós, comigo, pedi a Deus pelo que foi meigo e bom, honesto e justo e a êle próprio, o Espírito de meu filho, que nos guie, que nos aconselhe nas dores e amarguras desta vida.

Que a minha bênção o acompanhe como a sua presença não me abandona porque, assim como o Sol, de longe, nos aquece, e alumia, por que é lume, assim o espírito dos mortos nos conforta e dirige, porque é Alma, pura essência, essência eterna, divina essência da Vida.” (“A Vida Além da Morte”, pág. 29 e 30).

O ESPIRITISMO  
SEGUNDO  
VIRIATO  
CORRÊA

*"Ser espírita é ter fraternidade. É ver em cada criatura, em cada homem, um irmão de dor, em cada irmão um companheiro que precisa de apoio e amparo. É ver nos humildes, nos que nos parecem inferiores, a nossa própria inferioridade".*

VIRIATO CORRÊA

A O REMIRAR o cenário da Doutrina Espírita, onde fulgem os seus grandes vultos, volta-nos à lembrança, em breves momentos, a comovente imagem da conversão espiritual do Dr. Viriato Corrêa, jubilosamente realizada no salão nobre da Federação Espírita Brasileira, a veneranda instituição de todos os espíritas brasileiros.

Evitamos, de propósito, tracejar a biografia do *homem de letras* para exaltar, apenas a *sinceridade* do confrade amigo, que, no dizer de Manoel Quintão — o inesquecível Autor de "Cinzas do Meu Cinzeiro" — o novel orador "sacudiu para bem longe o trapo do seu orgulho de materialista balofo" para proclamar os maravilhosos horizontes encontrados na Doutrina dos Espíritos.

Então, o ilustre convertido, enquanto arremessava aos ares as derradeiras palavras de sua "profissão de Fé", o Espírito, que emergia das dulçorosas chamas de uma esperança renovada, emotivamente confessava:

"E, por este exemplo e por outros e pela observação de fatos da minha vida e da vida alheia, em dois longos anos de meditação, caldeou-se em minha alma a mudança que hoje publicamente vos venho dizer, atendendo ao honroso convite da diretoria desta casa.

O que aqui vim fazer, meus senhores, não é mais do que a minha "profissão de fé."

De qual fé? Fé espírita? E serei um espírita? Não, não sou... Alguém poderá considerar-me espírita? Não, não pode. Faltam-me as qualidades substanciais, as virtudes básicas do qualificativo.

Ser espírita não é só dizer que o é. É preciso sê-lo na essência. Ninguém é espírita pela boca e sim pela alma.

Ser espírita é ter a fé acesa como o sol e ter a fé maior que o próprio mundo. É ter o apostolado do bem, é ter o sacerdócio da dor.

Ser espírita é perdoar. É receber a ofensa com humildade, porque em cada humilhação que se recebe está a graça de Deus para nos exaltar.

Ser espírita é ter fraternidade. É ver em cada criatura, em cada homem, um irmão de dor, em cada irmão um companheiro que precisa de apoio e de amparo. É ver nos humildes, nos que nos parecem inferiores, a nossa própria inferioridade.

Ser espírita é renunciar. É renunciar aos gozos terrenos em bem da ventura que está acima, nas esferas iluminadas. É renunciar ao gozo próprio, em bem do alívio alheio. É ter a volúpia da dor, por saber que em cada sofrimento, está o desconto de uma dívida. É ver na dor um bem, é ver no infortúnio uma graça, é ver na desventura um prêmio. É sorrir quando sofre, porque quem sofre caminha para Deus. É agradecer a amargura, como se agradece o mimo de uma flor. É sair para a rua, sufocando gemidos próprios, para consolar o gemido alheio.

Ah! são virtudes muito altas, virtudes augustas e quase inatingíveis.

Tenho-as? Eu próprio reconheço que não.

Sou espírita? Não sou. Tudo me falta, em essência, para sê-lo.

Sou apenas uma alma pecadora, deslumbrada pela beleza divina, tonta de luz, que vive a bater as asas tontas na imensidade, a pedir, a suplicar à Providência que lhe faça crescer infinitamente a fé, que lhe dê amor para perdoar, que lhe dê ternura para praticar a fraternidade, que lhe dê coragem, muita coragem, para renunciar, a fim de seguir o caminho da luz, o caminho da verdade, o caminho da perfeição, aquele caminho que leva a Deus." (Vide folheto "Conferência", de Viriato Corrêa, pág. 29, Federação Espírita Brasileira).

Em sua natureza, essencialmente distinta, o que vem a ser o nosso Espírito e o que vem a ser o nosso corpo? O nosso Espírito é um sopro de Deus, o nosso corpo um punhado de terra, mas, ambos, participando da natureza dos dois mundos — material e espiritual.

Esse todo harmonioso do Espírito e matéria, ligados em suas relações e confundidos em sua existência, constitui o segrêdo de

Deus, pois, a vida atual de duplo funcionalismo consiste na concordância destas duas ordens de fenômenos, até que a morte venha romper essa união necessária pela separação inevitável.

Sabemos que o Homem — êsse ser complexo — dotado dos dois elementos da criação, foi pôsto na Terra para descer à sua natureza e ser visto e compreendido pelos dois mundos, porquanto, nessa longa viagem, o Espírito, descendo à matéria, demonstra que o Homem começa no berço da vida corpórea e vai continuar em pleno dia da Eternidade.

O objetivo do Espírito encarnado é voltar regenerado à grande Pátria Espiritual onde a felicidade não se ajusta pelos brilhos falazes da matéria, mas pela tranqüilidade do próprio Espírito, nessa luminosidade da consciência que desconhece o rigor das tempestades da Terra, nem a noite dos tempos, nem a injustiça humana.

Esses planêtas ignotos, êsses astros afundados no infinito, êsses mundos inacessíveis à luneta investigadora da ciência, ora desvendados pelas revelações dos Espíritos e, especialmente, pelas obras de André Luís e Emmanuel, psicografadas pelos médiuns Francisco Cândido Xavier e Dr. Waldo Vieira, oferecem às nossas esperanças em escala sideral de aperfeiçoamentos, vidas mais suaves, conhecimentos mais avançados em Pátrias mais belas.

Dilatam-se, então, os horizontes da Vida, abrangendo os horizontes da Morte, nessa rasgada imensidão, sem limites no espaço e sem fronteiras no tempo em continuidade incessante, alternando-se as existências renovadas, como os panoramas das mesmas regiões.

E na grandeza dessas magnitudes que se multiplicam no infinito das criações nascentes e renascentes por onde se espraia a glória de Deus, somos a pedra que leva ao fundo da ribeira as impurezas da superfície e, embutida nas areias do leito, fica a lavar-se sob o arrulo trêmulo das águas, permitindo que sobre as nossas imperfeições escurram as claras águas lustrais, em que hoje, nesta encarnação, inudamos-nos e nos lavamos.

Não chegamos a Ti, Senhor, às praias da fé, como um naufrago envolto na espuma da tempestade, agarrado a um destroço de nau, sob os tufões da desgraça. Levaram-nos, a Ti, Jesus, o estudo sereno, em horas tranqüilas, o raciocínio, em período frios de análise e, na normalidade regular da vida de lutas e de entrechoques, a demonstração anormal dos fatos extrafísicos através de inteligências extraterrenas.

E, hoje, por essas mesmas escalas meditativas, em lógica progressão, chegamos, ao Espiritismo, às puras convicções que nos irmanam aos Teus princípios, Senhor!



QUARTA PARTE

- I — PRESTIDIGITAÇÃO, ILUSIONISMO E  
MAGIA...
- II — ESTUDOS SÔBRE O ECTOPLASMA
- III — CIENTISTAS E EXPERIMENTADORES
- IV — O ESTADO PSICOLÓGICO DOS ASSIS-  
TENTES E CONCLUSÃO

PRESTIDIGITAÇÃO,  
ILUSIONISMO  
E  
MAGIA ...

*É difícil, portanto, admitir que hábil prestidigitador, ilusionista, prestimano, mágico ou escamoteador, consigam eles reproduzir os fenômenos psíquicos que temos transcritos.*

Os prestidigitadores, ilusionistas, prestimanos, mágicos, escamoteadores que se prezam, estão inscritos na "Associação Internacional dos Mágicos", sindicato que lhes "assegura, além de uma aposentadoria para a velhice, uma espessa rede de informações sobre as últimas novidades no extenso campo da magia", informa-nos o Dr. Dante Constantini.

Os ilusionistas são, hoje, técnicos bem preparados, que estudam e ensaiam durante meses para renovar o seu repertório. Existem, inclusive, escolas onde se aprende a serrar uma mulher ao meio ou alçar mágicamente um corpo do solo.

Os discípulos são submetidos a testes e fazem as suas lições em casa, como todos os estudantes do mundo. Mas, quando se exibem no palco, envergando aparatosos trajes, todos os espectadores voltam a ser crianças e deixam-se docilmente seduzir pelos bem engendrados truques.

O Padre Salvatore Cimo, jesuíta siciliano, abandonou os livros de grego e latim e a cátedra do ginásio para se transformar no grande teórico do ilusionismo italiano: reuniu em dez volumes, cada um com mil páginas, milhares de "números", explicando os respectivos truques e a maneira de impressionar o público.

A princípio, foi um "hobby" secreto, mas certo dia viu-se obrigado a revelá-lo.

Durante uma aula, enquanto dissertava sobre os missionários, começou a perguntar aos alunos se gostariam de ir à África para converter os povos pagãos. Todos responderam afirmativamente, menos um.

— “Você não gostaria — perguntou-lhe o religioso.

O garoto, olhos marejados de lágrimas, explicou então que sua família, muito pobre, não poderia mantê-lo no seminário. O Padre Salvatore aproximou-se dele, e apertou-lhe o nariz, de onde fez cair diversas moedas, acrescentando jovialmente:

— “Por que escondeu esse dinheiro?”

Difundiram-se os rumores de um milagre, e para evitar que a imaginação dos meninos tomasse as rédeas, esclareceu tudo aos superiores”; conclui o ilustre escritor Dr. Dante Constantini.

O que, porém, jamais alcançarão os dois opositores do Espiritismo — Padre Oscar Gonzalez Quevedo, S. J., e o Professor Cesário Morey Hossri — o primeiro com a sua *pregação* milagrosa da *hiperrestesia* ou *telestesia* e o segundo com a sua *aplicação* da miraculosa droga LSD (Ácido Lisérgico) ou da ultramoderna TA (Treinamento Autógeno) — é de se apresentarem nos centros e nas sociedades presididas por Sábios, onde a mediunidade sempre foi e continua sendo rigorosamente fiscalizada através da mais variada aparelhagem, pois “quando se fala nas experiências de um Sábio — acentua o Dr. Carlos Imbassahy — é que esse Sábio, além da sua especialidade, é também um psiquista; é que também se especializou no Psiquismo.

Nos palcos, onde se mostram os ilusionistas — prossegue o Dr. Carlos Imbassahy — há toda uma engrenagem preparada para a encenação: há ali cortinas, e panos, e sanefas, e tabiques, e arames, e espelhos, e cordas, e alçapões, e subterrâneos, e aparelhos, e luzes especiais, e compadres, e certa distância do público. A ninguém é dado examinar o palco. Nem mesmo nos bastidores se entra. O mágico trabalha livremente, como quer. Faz a manobra que entende e usa das precauções que lhe apraz.

Compare-se esta situação com a do médium, nas sessões científicas e calcule-se a incomensurável distância que existe entre os dois casos.

Ali, a mais completa liberdade e toda uma aparelhagem para o favorecimento da ilusão; aqui o mais rigoroso “contrôle” e uma aparelhagem mais complicada para impedir a ilusão.

Em cena, o prestidigitador livre e rodeado de auxiliares; na sessão, o médium, inteiramente prêsso, fiscalizado, seguro pelas mãos, pelos pés, amarrado, enovelado, ensacado, rodeado de campainhas, de luzes fosforescentes, de fios elétricos...

Avaliam-se as condições de um palco, onde o prestidigitador é quem manda, com as do gabinete de experiências, escolhido pelo experimentador, examinado pelos peritos, selados, lacrado...

Tenham-se, ainda, em conta, os recursos com que pode contar um profissional, afeito à sua arte, e um médium ingênuo, ignorante, como muitas vezes sucede, como sucedeu em Vila Carmem, onde a intermediária dos fenômenos era, então, uma jovem receosa, tímida, inconsciente do grande papel que representava no cenário da vida, do grande concurso que prestava ao progresso da Humanidade” (70)

\* \* \*

O Professor César Lombroso no seu livro “Hipnotismo e Espiritismo”, afirma que os prestidigitadores, os prestimamos, os ilusionistas e os falsários por profissão, pululam por aí. Mas não conseguem imitar os fenômenos espíritas quando se lhes impõem as precauções adotadas com os médiuns. O mais afamado ilusionista ou prestidigitador sempre reproduz só o número que ele preparou.

O Dr. Julien Ochorowicz, Professor de Psicologia da Universidade de Lemberg, durante as experiências que realizou com a poderosa sensitiva Eusápia Paladino, solicitou ao prestigeador LADISLAU RYKBA que assistisse a uma das sessões com essa médium, pois o célebre profissional em artes mágicas era afamado na Polônia e vangloriava-se de poder reproduzir todos os fenômenos mediúnicos de Eusápia.

Cedendo ao convite do Professor Ochorowicz, êle se apresentou para examinar a médium e, depois da sessão, onde exerceu toda a fiscalização que quis e exigiu, redigiu o seguinte atestado:

“Certifico, pelo presente, que assisti na residência do Professor Julien Ochorowicz, a uma sessão com Eusápia Paladino e, por minha parte, exerci a mais rigorosa fiscalização. Não notei, entretanto, o menor indício de fraude. Vi coisas espantosas que sou obrigado a considerar como verdadeiros os fenômenos mediúnicos. *Ladislau Rykba*, prestidigitador. Varsóvia, 15 de dezembro de 1893” (71).

Muitos dos *psychical researches*, isto é dos pesquisadores da da Sociedade de Pesquisas psíquicas de Londres — anota o Dr. Carlos Imbassahy — eram mágicos como HERWARD CARRINGTON, HARRY PRINCE e W. W. BAGALLY. Carrington foi conduzido ao terreno da experimentação por intermédio de Eusápia Paladino, cujos fenômenos êle principiou por contestar, convencendo-se afinal” (72).

(70) Carlos Imbassahy — “O Espiritismo à Luz dos Fatos”, páginas 41 a 44, edição da Federação Espírita Brasileira, 1952.

(71) Vide: “Annales des Sciences Psychiques”, de 15 de setembro de 1909.

(72) Carlos Imbassahy — “O Espiritismo à Luz dos Fatos”, páginas 59 e seguintes.

W. W. Bagally era hábil "escamoteador" e, por isso, se tornou perito como fiscalizador da mediunidade. O prestidigitador HAMILTON sucessor de HOUDIN, em França, onde se tornou tão celebre quanto o mestre, convidado a emitir a sua opinião a respeito da médium que examinara, declarou:

" Vim da sessão convicto de que só a inveja poderia causar a grita que contra Eusápia Paladino se levantou. Os fenômenos ultrapassaram a minha expectativa" (73).

WILL GOLDSTON, mágico inglês, fundador do "Magician's Club" de Londres, presidente de várias sociedades congêneres, na opinião do enciclopedista Dr. Nandor — "one of the greatest professional magicians in Europa, the author of forty works of legerdemain", isto é, "um dos maiores mágicos profissionais da Europa, autor de quarenta trabalhos sobre prestidigitação", é hoje fervoroso adepto da Filosofia Espírita e confessa ter conversado, sem sombra de dúvida, com sua falecida irmã. (Confronte-se "Encyclopedia of Psychic Sciences", primeira edição).

STUART CAMBERLAND, além de notável ilusionista, era médium. Não podia, pois deixar de convencer-se da autenticidade dos fatos psíquicos; chegou a confessar a Harry Price que não sabia explicar muitos dos casos que ocorriam em seus entretenimentos (74).

Vários experimentadores psiquistas sustentam que ROBERTO HOUDINI era de fato médium, mascarado de prestigitador. Sir Conan Doyle, por exemplo, no seu estudo — "The Edge of the Unknown" (As Fronteiras do Desconhecido) — mostra as razões em que se estribou para acreditar na mediunidade desse mágico, razões fortes e convincentes, que as deixamos de expor para não alongar a transcrição.

HARRY PRICE, em vários dos seus trabalhos, declara haver conservado em seu arquivo uma carta de Roberto Houdini — que adotou o nome do seu colega francês *Houdin* segundo parece por admirar-lhe a perícia — onde êle afirma ter visto o Espírito de James Hyslop, psiquista emérito. Em outras missivas afiançava o célebre mágico estar seguro da legitimidade dos fatos psíquicos; relata também, outros casos misteriosos que com êle se passaram e que poderiam explicar muitos de seus passes mágicos (75).

Todavia, enaltece-se, ainda, o célebre Roberto Houdini, justamente considerado o príncipe dos prestidigitadores, como adver-

(73) Barkas — "Outlines of Ten Year's Investigation", página 54.

(74) Harry Price — "An Open Letter to Mr. Maskeline", in *Light*, de 26 de julho de 1924.

(75) Vide "Light", de 12 de agosto de 1932.

sário ferrenho do Espiritismo, embora depois de haver assistido as sessões psíquicas realizadas na residência do Dr. E. Lee, tomado ainda pelo assombro, assinou mais outro certificado, constituído pelos seguintes termos e que foi remetido ao Dr. E. Lee:

"Declaro que os fatos referidos são estritamente exatos, e que, quanto mais nêles reflito, mais me convenço que é impossível considerá-los como resultados da prestidigitação" (76).

O escamoteador-prestímato W. W. BAGALLY, membro do conselho da *Society for Psychical Research*, a semelhança dos cinco bisonhos repórteres de "O Cruzeiro", jamais êle testemunhou um só e único fenômeno medianímico de caráter físico, com excepção, talvez, de uma sessão tumultuada poucos dias antes pelos experimentadores de Cambridge, assim se pronuncia mentirosamente:

"Em tôdas as sessões de Eusápia Paladino, sempre tenho verificado fraudes e nada mais que fraudes" ...

O secretário honorário da *Society for Psychical Research*, EVERARD FIELDING, declara que acompanhou as investigações psíquicas por alguns anos, "mas durante todo esse tempo jamais tinha visto um fenômeno físico que lhe parecesse conclusivamente provado", a não ser, quiçá, num caso em sessão com Eusápia.

Há, também, o insucesso do prestidigitador JOHN NEVIL MASKELINE, que numa aposta não só perdeu o seu prestígio como, ainda, mil libras por cima; há o do jovem prestímato CLIVE MASKELINE, desmascarado pelo escritor espírita Denis Bradley; há o do ilusionista-prestidigitador HARRY KELLAR, que foi colocado dentro de um círculo, ao lado esquerdo do médium Egliton, sendo *levitado do solo* juntamente como sensitivo, ficando impossibilitado de reproduzir as suas manigâncias; há o do afamado JACOB, prestidigitador e mágico do *Teatro Roberto Houdini*, em Paris, que em companhia do afamado ilusionista BELLACHINI da corte de Berlim, ambos declararam que não podiam, com suas artes, reproduzir os fenômenos do médium Slade.

Há, finalmente, o terceiro prestidigitador credenciado pela *Society for Psychical Research* HEReward CARRINGTON, era tido como um dos mais ferrenhos adversários dos médiuns, durante o decorrer das pesquisas psíquicas de Cambridge. E para justificar-se dizia:

"Os fenômenos extra-sensórios ocorridos durante a sessão tem pouco valor probante, porque os experimentadores ali reunidos desconhecem os mirabolantes recursos dos mágicos e dos prestidigitadores".

(76) Confronte-se a "Revista Internacional do Espiritismo", volume 7, página 156, ano XVI.

No ano de 1910 levou, então, a uma sessão de Eusápia Paladino, a realizar-se na "Society", o afamado prestidigitador HOWARD THURSTON, que o apresenta como o mais notável mágico da América do Norte. O mágico americano que, com o seu assistente particular, controlava as mãos e os pés da sensitiva em *plena luz*, descreve no seu depoimento:

"Fui testemunha pessoal das levitações da mesa pela força extraterrena da senhora Eusápia Paladino. E estou absolutamente convencido de que os fenômenos por mim vistos não eram devidos à fraude e não foram executados nem pelos seus pés, nem pelos joelhos ou mãos".

E reptando os seus colegas prestidigitadores ingleses, êle se prontificou a doar a uma instituição de caridade se provassem que a citada médium não era capaz de levitar uma mesa sem um dispositivo para truque ou fraude.

A opinião de que os fenômenos espíritos são imitáveis está espalhada entre os ignorantes do assunto. Não é êste, porém, o parecer dos experimentadores. Os mais simples dos fenômenos medianímicos, diz o Professor Ângelo Broffério, não poderiam ser imitados sem algum estudo e sobretudo sem muito exercício. Acrescente-se, enfim, que a delinqüência é impossível quando o sensitivo é uma criança (77).

É difícil, portanto, admitir que hábil prestidigitador, ilusionista, prestimano, mágico ou escamoteador, consigam êles reproduzir os fenômenos psíquicos que temos transcritos.

Uma causa dos pretendidos desmascaramentos dos médiuns — acentua o Professor César Lombroso — é a convicção de que os fenômenos não devem ser reais. Há ilusões produzidas pela *credulidade*, mas há também as produzidas pela *incredulidade*. Os incrédulos estão num estado espectral que lhes faz ver o que não existe; e se não vêem, adivinham; compreendem tudo, explicam tudo. Têm tanto medo de ser mistificados que se mistificam a si mesmos, e para evitar o inverossímil inventam o impossível.

As causas dos desmascaramentos dos médiuns são as mesmas dos processos. O inquérito contra o sensitivo Slade, por exemplo, foi realizado pelo interesse da Ciência e a condenação fundou-se em motivos da natureza. O veredicto do tribunal deriva, pois, de um preconceito: que o curso da natureza exclui a possibilidade dos fenômenos medianímicos; ora, não se pode fazer o impossível, mas apenas fingi-lo, logo os médiuns são impostores. E logo surge a consequência:

(77) Angelo Broffério — "Per lo Spiritismo", páginas 35 e seguintes.

— Se os espiritistas crêem na possibilidade de coisas impossíveis, são imbecis"... (78).

\* \* \*

Nas experiências das manifestações espíritas as lições que mais se observam, diáriamente, são por si próprios, um poderoso instrumento de análise comparativa, sempre se alcançando, em toda a sua consequência revelatória, a mais vigorosa objetivação da vida além-túmulo.

E isso sucede quando os Espíritos desencarnados nos informam verbalmente, através da incorporação mediúnica, a feliz e prazerosa condição de libertos do "mundo da forma"; ou, então, quando nos detalham, minuciosamente, com toda a imensa gama de amarguros arrependimentos, as merencórias cenas de seu passado de ex-encarnado e que, agora, lhes impedem a estreita passagem de sua evolução espiritual para um outro "mundo melhor".

Assim é que, no grande plano renovador do Espírito, cada um tem seu destino providencial e ingente, como no Grande Plano Universal cada ser se destina, forçosamente, ao caminho da casa do Pai.

Sabendo-se, também, que a evolução se não faz, exclusivamente, só na Terra, mas numa série de existências em mundos abertos à nossa atividade espiritual, a Doutrina Espírita já há muito está de acôrdo com a Ciência, quando nos prova, hoje, a insignificância do nosso planêta o Universo e nos apresenta a hipótese verdadeira da multiplicidade dos mundos habitados.

Para confirmar tal concordância Gustavo Geley, em seu esplêndido trabalho "De l'Inconscient au Conscient", já divulgava que, na série sucessivas das reencarnações, uma vida terrestre é semelhante a um dia desta vida, pois uma vida e um dia têm, na evolução espiritual, importância similar e verdadeira analogia.

É por intermédio dessa capacidade ou aptidão ingênita para receber as impressões extrafísicas da nossa vivência imortal — oculta, invisível e misteriosa ao ser humano, mas pelo qual os nossos sentidos físicos se impressionam suavemente — que os Espíritos fazem surgir em nós os pressentimentos intuitivos que dormitavam ignorados nas profundezas do nosso *eu*, alertando-nos que a vida atual é uma breve viagem preparatória da alma, sendo a Terra a trajetória única e necessária à nossa evolução póstuma.

Por essa "causa" é que, às vezes, também os moribundos na hora da morte e os catalépticos no período de crise, vêem, na íntegra,

(78) César Lombroso — "Hipnotismo e Espiritismo", página 281, edição Lake, São Paulo, 1960.

as decorrências, os atos, os pensamentos bons ou maus de sua vida estampados ou fotografados na atmosfera fluidica, como que vitalizados em ondas largas, semelhando às vagas do mar, seguindo-se uma à outra, na escala progressiva de sua existência, nas cenas panorâmicas de uma época, de um período, de um fato escoado nas dimensões de um longinquo passado.

O mundo espiritual — perdoe-nos a insistência do adjetivo — é, como sabemos, a reverberação do mundo material. E tudo o que na Terra existe, tem o seu reflexo extrafísico, tôdas as coisas se desdobram, todo o pensamento se realiza, todo ato se representa, todos os fatos se reproduzem.

Embora teimamos em ficar encastelados em nossa suficiência, submersos, quase sempre, em nossos preconceitos, encapuzados, constantemente, em nossas vaidades, não fazendo nem mesmo o esforço mínimo para despertar a nossa humildade ou reconhecer as limitações da nossa inteligência, a realidade é que nós possuímos, em nossas almas, dissimuladas nas suas dobras mais secretas e sob o “invólucro que perece”, uma imagem do nosso Espírito imortal a aspirar a um “mundo melhor”, do mesmo modo que no seio da montanha se encontra o diamante sepultado pelas enormes camadas de pedra.

Para denegrir tais realidades de uma Doutrina essencialmente consoladora, perde-se, muitas vezes, um tempo útil comentando defeitos e falhas que não aparecem, fantasiando verdades que não existem, presumindo insucessos que não convencem, ironizando situações que não favorecem, pervertendo ouvidos ingênuos, corrompendo os ambientes e envenenando as consciências frágeis.

Nós, os humanos, infelizmente, ainda somos assim: “ou nos escravizamos a novos compromissos com a retaguarda de nossas experiências, ou nos libertamos para a vanguarda do progresso, conforme nossas deliberações e atividades, em harmonia ou em desarmonia com as Leis Eternas”, segundo a afirmativa de André Luís.

Saberemos decidir?

ESTUDOS  
SÔBRE  
O  
ECTOPLASMA

*“Mas, o que parece provado e nos congratulamos de haver encontrado um acôrdo positivo entre tantas incertezas, é que os ectoplasmas saem do corpo do médium, circunstância que justifica êsse neologismo”.*

CHARLES RICHEL

Os Espíritos já falavam de um *fluido humano*, muito antes que a noção das substâncias impoderáveis se tornasse corrente na Ciência. E a respeito observa o Dr. Gabriel Delanne:

“Não houve encolher de ombros suficientes no acolher aquela *asneira*, visto como, além do gás e da electricidade, não se acreditava pudessem existir outras formas materiais”.

Desde os primeiros dias, portanto, os spiritistas têm sustentado que há uma *base física* material para os fenômenos extranaturais. Na literatura psíquica encontram-se centenas de vezes as descrições de um *denso vapor semiluminoso*, que flui do médium e é francamente visível no escuro. Foram além: observaram como êsse *vapor* às vezes se solidificava numa substância plástica de que são feitas as várias estruturas na sala da sessão. Uma observação científica mais rigorosa apenas confirmou o que êsses pioneiros haviam verificado.

E hoje, quando examinamos as descrições do aparecimento do ectoplasma em grupos espiritas há mais de um século, e o compararmos com o que ocorre em nossos dias, observamos como os primeiros resultados também eram ricos em seus detalhes. Vejamos alguns exemplos:

O Dr. Edmund Dawson Rogers, descrevendo uma das sessões experimentais com o médium Eglinton, em 1855, viu surgir ao lado

do corpo do sensitivo "*uma substância esbranquiçada e fumacenta*", que oscilava e pulsava (79).

Em "The Spiritualist", página 83, ano de 1873, também vamos encontrar mais esta declaração do Professor William Crookes: "Quando o Espírito materializado de Katie King se manifesta através da jovem médium Florence Cook, era ligado à sensitiva por meio de "*fiões nevoentos e francamente luminosos*".

O juiz Peterson, em 1877, declara que viu expandir-se do médium W. Lawrence "*uma nuvem floculenta*", que parecia sair do do lado esquerdo do médium e que, gradativamente, formava um corpo sólido. Também descreve uma figura surgindo de "*uma bola de luz*". (Vide: "Essays From The Unseen").

O professor Sir Alfred Russell Wallace viu, em companhia do Dr. Monck, no ano de 1873, primeiro "*uma mancha branca*" que, gradativamente, se transformou numa coluna nevoenta ao lado do sensitivo Williams. Essa mesma expressão foi empregada pelo Dr. Alfred Smedley, em relação a uma aparição, que surgiu ao lado do citado médium quando se materializou o Espírito de John King; declara, também, que viu "*uma nuvem fracamente iluminada*".

O Dr. James Curtis viu com o médium Slade, na Austrália, em 1878, "*uma nuvem de vapor branco-acizentado*" se constituindo e aumentando, antes do aparecimento de uma entidade espiritual inteiramente constituída.

O Dr. E. A. Brackett, em 1885, nos Estados Unidos, viu, através da sensibilidade medianímica de Helen Barry, "*uma pequena substância branca como uma nuvem*", que se expandiu até atingir quatro ou cinco pés de altura, quando dela saiu a forma total, sólida como uma silfe, do Espírito materializado de Bertha" (80).

O Dr. Ernest W. Oaten, presidente da Federação Espírita Internacional, observando os fenômenos medianímicos de Walter Jeune, viu, em 1892, "*uma substância* que às vezes tomava a constituição de nuvens vaporosas perfeitamente visíveis sob a luz fraca, porém invisíveis com luz forte, que se solidificavam e condensavam em uma espécie de massa definida, visível e tangível (81).

O Professor Sir William Crookes, controlando o médium Daniel Douglas Home, viu "*uma nuvem luminosa*", que se condensou numa perfeita mão.

(79) Edmund Dawson Rogers — "Beginnings of Seership", página 55.

(80) E. A. Brackett — "Materialized Apparitions", página 106.

(81) Ernest W. Oaten — "Algumas Considerações Sobre a Materialização", in Extrato do Relatório do Congresso Espírita Internacional de 1928, realizado em Londres, página 61.

A observação que segue é sobre uma sessão realizada em Argel, em 1905, com a sensitiva Eva C..., então identificada como Marthe Beraud. Vejamos estes trechos divulgados pelo "Annals of Psychical Science", volume II, páginas 305 e 306:

"Marthe estava só na cabine mediúnica, nessa ocasião. Depois de aguardar cerca de vinte minutos, ela abriu completamente a cortina e tomou assento em sua cadeira. Quase imediatamente — estando bem à vista dos assistentes — observamos "*uma substância branca e de aparência diáfana*" se formando junto a ela. Era móvel e crescia rapidamente para cima e para baixo, assumindo o aspecto de uma imagem, que se erguia cerca de dois pés acima da cabeça do médium. Não fôra possível distinguir nem as mãos nem a cabeça do fantasma.

Especial interesse científico foi demonstrado pelos experimentadores psíquicos sobre a narração da maravilhosa medianeira de materializações de Espíritos, Madame Elisabeth d'Espérance, que assim comenta as suas emoções no livro — "Shadow Land", página 22:

"Minha impressão logo que entro no gabinete mediúnico — explica d'Espérance — é de estar coberta de teias de aranha, provocando-me a sensação de que fios muito finos vão saindo pelos poros da minha pele. Depois, sinto, ainda, que o ar se enche dessa substância, e "*uma espécie de massa branca, vaporosa, quase luminosa*", forma-se à altura do meu ventre. Ela se agita em todos os sentidos por alguns minutos, às vezes por meia hora; depois pára bruscamente e nasce, então um ser próximo de mim".

No ano de 1906, em Paris, com a sensitiva Eva C..., isto é Marthe Béraud, o Professor Charles Richet sozinho, apenas acompanhado de sua secretária Senhorita R... — que se conservava a distância a tomar notas ditadas pelo Professor — observou fenômenos decisivos de ectoplasma.

"Um objeto de "*côr esbranquiçada*" aparece no chão, desloca-se, aumenta, subindo sobre o sofá onde se encontra Marthe, encaminhando depois para o seu peito. É como um véu membranoso. Seguro as duas mãos de Marthe que está imóvel e fala com intervalos. Dêsse ectoplasma móvel — acentua Richet — dei os desenhos, desenhos feitos sucessivamente e que talvez valham mais que as fotografias. Pouco a pouco o ectoplasma toma a forma vaga de uma pequena mão, na qual se pode distinguir o esboço dos dedos" (Vide: "Traité", página 672).

O vocábulo — "ectoplasma" — foi criado pelo Professor Charles Richet para designar as formações informes e esbranquiçadas que saem do corpo do médium, tais como as materializações de formas vivas, as desmaterializações das mesmas formas vivas, de objetos, de figuras, de personagens, de animais, de aves, etc., percebidas por

diversas pessoas e fotografáveis, bem como sabemos que êle tem capacidade para transformar em formas vivas, pedaços de membros, tomando-se, por exemplo, mãos, braços, pernas ou pés.

Observa o Professor Charles Richet que "o ectoplasma", isto é, a projeção de uma força para além do corpo do médium, tem, pois, *uma primeira fase de invisibilidade*, uma segunda fase durante a qual êle *aparece como um vapor* ou *um fio fluidico* que é quando começa a ser *visível*, uma terceira fase durante a qual êle é *tangível*, *visível*, algumas vêzes claramente, mas a maior parte das vêzes informes. Veremos no capítulo ulterior, que essa forma pode tomar as aparências e quase realidade de um ser vivo (quarta fase)" (82).

Mas, o que parece provado e nos congratulamos de haver encontrado um acôrdo positivo entre tantas incertezas, é que os ectoplasmas saem do corpo do médium, circunstância que justifica êsse neologismo", afirma o Professor Charles Richet, na página 555 do seu "Traité de Métapsychique".

O Professor Julien Ochorowicz, catedrático de Psicologia da Universidade de Lemberg, que na Itália tivera a oportunidade de presenciar os fenômenos espíritas produzidos pelo médium Eusápia Paladino, estudou, também, com maior cuidado científico o que êle denomina de *raios rígidos*, isto é "*fios fluidicos*", matérias que desprendiam da sensitiva Stanislaw Tomsik.

Eu senti êsse fio — disse o Professor Ochorowicz — sobre minha mão, meu rosto e meus cabelos. Quando ela retira as mãos, êsse fio afina e desaparece. Êle dá a sensação de "uma teia de aranha". Se o cortarmos com uma tesoura êle se reconstitui imediatamente".

Ponhamos alguns exemplos quanto à maleabilidade e capacidade extrafísica dos ectoplasmas, segundo a palavra autorizada do Professor Sir William Crookes:

"No instante de sua partida definitiva, o Espírito materializado de Katie King segurou, então, uma tesoura e cortou uma trança de seus cabelos, dividindo-os entre os assistentes. Tomando depois o braço de Crookes, percorreu a sala, apertando as mãos dos convidados. A seguir sentou-se novamente, retalhou vários pedaços do seu vestido e véu, ofertando-os aos presentes. Como, porém, permaneciam grandes buracos no vestido e lhe perguntassem se poderia repará-los, ela, mostrando as partes furadas à claridade da luz, aplicou-lhes umas palmadas sobre o tecido, que imeditamente ficou tão intacto e perfeito como antes de ser cortado.

Os que a rodeavam examinaram atentamente o tecido e verificaram-lhe a perfeição, não havendo costuras ou qualquer espécie

(82) Charles Richet — "A Grande Esperança", página 188, edição da Sociedade Metapsíquica de São Paulo, 1940.

de remendos onde há pouco se notavam algumas falhas dos tecidos, e de várias polegadas de diâmetro" (83).

Essa substância ectoplásmica, todavia, era conhecida pelos antigos. Paracelso, no século XVI, denominou-a "Mysterium Magnum"; e definiu-a por "matéria-prima" Thomaz Vaogan. Emmanuel Swedenborg realizou conclusões próprias, pois em suas visões psíquicas refere-se a "uma espécie de vapor visível", que descia até roçar os seus pés. Thomaz Vaogan provocava a expansão do ectoplasma através da transudação do corpo de sua mulher.

O Dr. Otton Hubicki esclarece que o ectoplasma nada mais é que matéria viva, reduzida ao seu estado primordial, substância orgânica, única, tal como encontramos nas lagartas ou no embrião humano, "sendo ligado ao corpo do sensitivo por um laço vitalizante, idêntico ao cordão umbilical".

Os fenômenos extranaturais que o notável médico Schrenck-Notzing e Madame Bisson verificaram com a médium Eva C. . ., trouxeram novos documentos, de grande importância teórica, sobre a origem e a formação do ectoplasma. É êle uma espécie de protoplasma gelatinoso, principalmente amorfo que sai do corpo do sensitivo e toma forma depois.

As formações ectoplásmicas expelidas pela boca do médium inglês Harry Edwards foram documentadas numa série de magníficas fotografias pelo fotografo-perito em raios infra-vermelhos Harold Barnett, sendo descritas e publicadas no artigo — "O Ectoplasma, em Fotografias Pelos Raios Infra-vermelhos" — miseravelmente condensado por nós.

"Nesta experiência — salienta o autor do artigo George Burton — não nos foram impostas condições estritas. Todavia, observamos os devidos cuidados técnicos, visto que iríamos documentar as formações ectoplásmicas, de maneira a afastar qualquer possibilidade de fraude ou dúvida sobre o nosso trabalho e o do médium.

A sala, onde realizamos o documentário fotográfico, era iluminada por uma lâmpada infra-vermelha de quinze watts, apenas interrompida entre um período de cinco a dez segundos, tempo estritamente necessário para abrir o campo da objetiva.

Numa das fotografias aparece a forma do ectoplasma em "sheet-like" (84) e as suas características; a densidade, a transparência e a completa ausência dos fios de tecidos, pois a luz penetra completamente na matéria ectoplásmica e ilumina o campo posterior onde

(83) William Crookes — "Recherches Sur les Phénomènes du Spiritisme", páginas 198 e 199, edição da Librairie des Sciences Psychiques, Paris.

(84) "Sheet-like", espécie de túnica ectoplasmática que recobre o corpo perispiritual do fantasma.



o médium se encontra sentado, podendo êle ser visto perfeitamente através da transparência da citada matéria.

Noutra foto, por exemplo, seria difícil ou quase impossível acomodar, pelos meios físicos, o material ectoplásmico que se vê em volta da cabeça e das orelhas do *sujet* e retê-lo naquela posição, segundo o que ficou documentado pelo "ôlho da câmara".

Para a fiscalização das experiências, George Burton, por sua parte, tomou inúmeros cuidados, chegando a contratar um detetive particular para fiscalizar a conduta do médium Harry Edwards.

\* \* \*

Que em certos casos — acentua o Professor Charles Richet — os fantasmas e as formas materiais fotografáveis, palpáveis, possam se moldar na parafina, deslocar objetos, produzir luzes e transmitir suas vozes, isso não é duvidoso. Como nos casos do Professor William Crookes, de Paul Gibier, de Madame d'Espérance, assim como em certas materializações de Vila Cármen, êsses fantasmas começam por uma espécie de *vapor*, de *nuvem* que pouco a pouco se condensa, tomam a forma de um ser vivo, depois desaparecem, e desaparecem como as visões de um sonho, sem que haja porta, alçapão ou gaiola engradada que impeçam a aparição de se evaporar (85).

O ectoplasma que a Sra. Bisson chama de substância, transforma-se, por exemplo, em uma mulher nua, admiravelmente modelada, parecendo viva, e que fazia movimentos ginásticos. Suas dimensões mudavam rapidamente. Eva (a médium) apanhou-a e pô-la nas mãos da Sra. Bisson, e ela aí ficou durante dez segundos, o que permitiu aos assistentes verificarem que era como um ser vivo. Qualquer comentário é inútil. O fato bem verificado — a menos que suponhamos uma alucinação coletiva dos assistentes — é bastante extraordinário em si, para que nos percamos em vãs especulações, diz Charles Richet na página 682 do seu livro — "Traité de Métapsychique".

O Dr. Lebiedzinski, presidente da Sociedade de Estudos Psíquicos de Varsóvia, por intermédio da médium Stanislawa P..., conseguiu separar uns fragmentos de ectoplasma, cerca de cinco milímetros, em condições para ser examinada. Uma parte da matéria foi analisada pelo Dr. V. Dombrowski, chefe do Laboratório Bacteriológico do Museu da Indústria e da Agricultura de Varsóvia; e a outra pelo Dr. R. Francé, diretor do Instituto Biológico de Munique. A

(85) Charles Richet — "A Grande Esperança", página 230, edição da Sociedade Metapsíquica de São Paulo, 1940.

análise química e histológica apresentada pelos dois técnicos revelou células epiteliais, leucócitos agrupados, elementos microbiológicos, etc. (Vide "Estudos Psíquicos", de março de 1949).

O Dr. Sehrenck-Notzing examinou, no microscópio, resíduos dessa "substância amorfa" (ectoplasma) e encontrou, também, restos epiteliais, formas bacterianas e muita gordura. Em determinadas experiências o ectoplasma tomava a constituição de um tecido de aparência vegetal e, em outros, como um *fio de algodão* rodeado de uma substância granulosa não determinada.

O ectoplasma foi pesado em uma balança especial pela Dra. Felícia Scatcherd; e nessa experiência ficou demonstrado que êle possuía um princípio inteligente:

"É que a substância — descreve a Dra. Scatcherd — qual serpente que se levantasse sobre a cauda, viera colocar-se num dos pratos da balança, que estava sobre um pedestal, na altura de dez polegadas do assoalho. E ali permaneceu todo o tempo necessário à verificação do seu peso, por mim julgado levíssimo, em relação ao volume. Serpeando depois para trás, deixou o prato e abaixou ao assoalho para retomar o primitivo aspecto informe" (86).

O Dr. Gustavo Geley, diretor do Instituto Metapsíquico Internacional, falando-nos do processo da materialização, diz o seguinte sobre o ectoplasma:

"Essa substância apresenta grande *sensibilidade*, aliada a uma espécie de *instinto*, comparável ao instinto de conservação dos invertebrados. É qual se tivesse a perfeita desconfiança de um animal sem defesa, ou cuja única defesa consiste em reentrar no corpo do médium, que lhe deu origem".

E noutra página encontramos mais êste período do citado Autor:

"Na ectoplasmia o desenvolvimento dos fenômenos é necessariamente provocado por uma *exteriorização* dinâmica e material de uma porção do organismo do sensitivo. Mas, se tudo se limita a essa exteriorização elementar, os fenômenos obtidos serão medíocres, apenas perceptíveis, muitas vezes nulos. Ao contrário, se a *ambiência favorável* torna possível um como apêlo das forças emanadas do médium às forças latentes dos experimentadores, *tudo muda*" (87).

Por sua vez, o Dr. Otton Hubicki esclarece que o ectoplasma "nada mais é que matéria viva, reduzida ao seu estado primordial, substância orgânica, única, tal como encontramos nas lagartas ou no embrião humano, nas quais as moléculas constitutivas do com-

(86) Dr. Orlando Romero — "Ectoplasma", in *Reformador*, página 258, edição da Federação Espírita Brasileira, novembro de 1949.

(87) Gustavo Geley — "Ectoplasmie et Clairvoyance", páginas 4 e seguintes.

plexo orgânico nada têm de específico; e pode dizer-se, então, que as formações materializadas nas sessões mediúnicas surgem do mesmo processo biológico da geração”.

Não são, portanto, *milagrosas* nem *sobrenaturais*, e se formam, da mesma maneira que no corpo materno, do conjunto de energias, material, vital e talvez mesmo psíquica, do médium, o qual, como se pode provar, perde peso depois de cada sessão.

A formação dos fantasmas é precedida de uma *nebulosidade* sobre a cabeça, as orelhas e o nariz, nebulosidade que se vai condensando até tomar a forma corpórea; ela se afasta por vezes do médium e do gabinete escuro para caminhar diante da assistência, gesticular e mais raramente falar, enquanto o sensitivo jaz em plena letargia. Mas, se algumas formas corpóreas, inicialmente podem ser ou parecer incertas, o conjunto das experimentações constitui tão seguro mosaico de provas, que resistem aos mais severos ataques da dúvida, pois os próprios Espíritos afirmam que devem aprender a técnica de se materializar como o aprendiz procederia em qualquer outra arte.

Os fantasmas vêm revestidos de um tecido ectoplásmico, finíssimo; êsse tecido medianímico de cor leitosa — como explicou o Espírito materializado de Katie King ao Professor William Crookes — é necessário para proteger-lhes o *organismo fluidico* e impedir-lhes a dissolução à luz. Outros, porém, conservam, na maneira de vestir, traços do seu tempo e da sua terra, dando-nos com isso uma nova prova de identidade.

Conforme anotou o professor César Lombroso nos fenômenos de materializações sai, a princípio, do abdômem da médium Eusápia Paladino um vapor luminoso, cuja transformação em um ser vivo é tão rápida, que não se sabe o que se forma primeiro — o corpo ou as vestes. Vê-se, durante o transe, que o peso da sensitiva diminui no período da materialização e se torna normal ou quase normal quando os fenômenos cessam. Assim se explica como o corpo do fantasma se constitui às expensas do corpo da médium, o que é confirmado pelo fato de que nas *primeiras materializações*, os Espíritos apresentam certa semelhança com o rosto e a pessoa daquela sensitiva <sup>(88)</sup>.

Crookes, Richet, Bozzano, Geley e outros observaram nos fantasmas que examinaram a temperatura do corpo vivo, os batimentos do coração e das artérias, a respiração normal e Charles Richet até a emissão de ácido carbônico.

No seu grau superior de materialização o Espírito reproduz a cópia exata e completa do seu corpo físico, podendo ser indenticado por um parente ou amigo do falecido. Já não é um fantasma que desliza: é uma criatura viva, com um corpo constituído, com ossos, músculos, vísceras, coração que palpita, pulmões que respiram, que fala, que se agita, que se movimenta, que come e bebe, e que, numa palavra, em nada se diferencia de um ser vivo.

Se durante a sessão fizermos um sinal colorante no corpo da entidade, indêntico sinal se reproduzirá pelo corpo do médium embora em sítio diferente daquele em que foi feito no corpo do fantasma. E se dermos um golpe na aparição, repercutirá imediatamente no sensitivo. Daí, então, esta observação — “tôda a materialização é acompanhada de uma desmaterialização proporcional do corpo do médium.”

Mencionaremos, também, o aspecto bizarro da substância ectoplásmica, como susceptível de provocar a ilusão da fraude. É assim que ela pode *aparentar filamentos* mais ou menos visíveis, dando ao observador desprevenido a impressão de fios destinados a mover fraudulentamente os objetos.

Veremos, enfim, outras vezes, que ela — a substância ectoplásmica — reveste a forma de tecido leve de musselina, pois, em certos casos, a fotografia permite distinguir-lhes a urdidura. Todavia, algumas pessoas inexperientes julgam encontrar nesta aparência uma prova da fraude, quando na realidade se cuida de um fenômeno psíquico autêntico, documentado pelas provas fotográficas, onde se percebe, distintamente, a embriogenia da materialização <sup>(89)</sup>.

Em resumo:

Sabemos que os fenômenos extra-sensoriais produzidos na presença de diferentes médiuns ectoplasta é de uma espantosa variedade. Com a sensitiva Eva C... e outros, a substância ectoplásmica, por exemplo, se expande pelos orifícios do corpo, podendo tocar-se e parecendo ligada ao corpo da médium. Com os médiuns Walter Jeune, Miss Golligher e vários outros, as formas mais sólidas para a materialização só se produziam a algumas polegadas distantes dos corpos dos sensitivos.

Em Munich, um grupo de observadores mais atrevidos do que ignorantes, agarrou de repente o médium e pretendeu segurar o ectoplasma. O sensitivo, que não teve outro jeito, ficou nas mãos dos agarradores, mas o ectoplasma foi reabsorvido no corpo do mediano, deixando os espertos com uma cara de pau... O *sujet*,

(88) César Lombroso — “Hipnotismo e Espiritismo”, páginas 85 e 86.

(89) Gustave Geley — “Resumo da Doutrina Espírita”, página 175, edição de Estudos Psíquicos Editôra, Lisboa, 1945.

coitado, pagou caro as conseqüências dessa imprudência, arcando também com as despesas do hospital.

Supõe-se, erroneamente, que a mediunidade é originária de Rochester, Estados Unidos. Mas “se recuarmos no Tempo e divagarmos pelos diversos rincões do Planeta, esclarece o Dr. Carlos Imbassahy no seu magnífico estudo — “Ciência Metapsíquica” — nela vamos encontrar o fenômeno com a mesma feição espirítide; o ser que se apresenta declara-se Espírito de um morto. E prova o que diz e mostra que o é”.

\* \* \*

Todos os espíritas medianamente cultos sabem, sem esforço, o que vem a ser um fenômeno *anímico* ou *espirítico*. No primeiro caso é a manifestação de um Espírito encarnado e, no segundo, a manifestação de um Espírito já desencarnado. O animismo, nesse caso, seria a propedêutica do Espiritismo, pois tais revelações do psiquismo aí estão espalhadas por toda extensão histórica da raça humana.

Os estudiosos da matéria estão absolutamene seguros de que o Espírito do homem, em determinadas circunstâncias, é susceptível de manifestar alguma das suas faculdades psíquicas, que nenhuma correlação possui com os nossos sentidos. É, nestes casos, o Espírito quem nos informa sobre a sua natureza real e sobre o meio em que exerce a sua capacidade extra-sensorial anímica.

Allan Kardec no seu livro — “Obras Póstumas” — assim a descreve:

“Esta faculdade é um dos seus atributos; reside em todo o seu ser; os órgãos do corpo são os canais restritos por onde lhe chegam certas percepções extra-sensoriais. A vista a distância que possuem certos sonâmbulos, por exemplo, provém da exteriorização do Espírito que vê o que se passa nos lugares para onde êle se transporta”.

Léon Denis no seu magnífico livro — “O Problema do Ser, do Destino e da Dor” — insiste em nos recordar:

“Além da superfície do Eu, agitado pelos desejos, esperanças, temores, existe um santuário onde reina a consciência integral, calma, sossegada, serena, princípio da sabedoria e da razão, de que a maior parte dos homens só tem conhecimento por surdas impulsões”.

O problema surgido entre animistas e spiritistas, nessas condições, era determinar, com justo critério e conhecimento de causa, a qual dos dois grupos pertenceria o fenômeno psíquico em si. Na Rússia, por exemplo, surgia um gigante das letras espiritualistas, com tal projeção e autoridade, que sua obra ainda é recomendada no mundo inteiro. Trata-se do professor Alexandre Aksakoff, da

Academia de Leipzig, autor do magnífico trabalho — “Animismo e Espiritismo”.

Nesse livro o Professor Aksakoff responde às objeções do Professor von Hartmann, refutando, com provas científicas, a explicação biológica dada pelo Sábio alemão aos fenômenos espíritas. A resposta continha também um repositório inesgotável de fatos e uma argumentação inexpugnável em prol da teoria anímica e espírita sobre as manifestações psíquicas em geral.

No frontispício do volume, por exemplo, o leitor irá encontrar mais estas linhas, à guisa de subtítulo:

“Ensaio de um exame crítico dos fenômenos mediúnicos, especialmente em relação com as hipóteses da “força nervosa”, da “alucinação” e do “inconsciente”, como resposta à obra do Dr. Eduardo von Hartmann, intitulada “O Espiritismo.”

Em 1855 o Professor Alexandre Aksakoff já se interessava pelo movimento espírita, não deixando de estudá-lo, em todas as suas menores particularidades, através da enorme literatura psíquica da época. Durante anos aceitou, portanto, os fatos extra-sensórios, apoiando-se, apenas, no testemunho alheio. Só depois de quinze anos de estudos severos, em 1870, foi que assistiu à primeira sessão em um “Círculo de Pesquisas Experimentais”, organizado e dirigido por êle. Não ficou, todavia, surpreendido em verificar que os fatos eram, realmente, tais como foram referidos pelos demais experimentadores.

“Se, por conseguinte — declara o Professor Aksakoff — depois de atento exame de todos os fenômenos mediúnicos eu tivesse verificado que as hipóteses do Sr. Hartmann podiam abranger a todos, dando-lhes uma explicação *simplex e racional*, não teria hesitado em abjurar completamente a hipótese espírita”<sup>(90)</sup>.

E, finalmente, vamos encontrar no Capítulo IV, do citado livro, entre as páginas 527 até 566, quatro importantes classificações sobre a fenomenologia anímica, resumidas nestes itens:

- I — Ação extracorpórea do homem vivo, comportando efeitos psíquicos, (fenômenos de telepatia — transmissão de impressão a distância);
- II — Ação extracorpórea do homem vivo, sob forma de efeitos físicos (fenômenos telecinéticos — deslocamento de objetos a distância);

(90) Alexandre Aksakoff — “Animismo e Espiritismo”, páginas 20 e 21, edição da Federação Espírita Brasileira, 1956.

- III — Ação extracorpórea do homem vivo, traduzindo-se pela aparição de sua própria imagem (fenômenos telefônicos — aparições a distância);
- IV — Ação extracorpórea do homem vivo manifestando-se sob a forma da aparição de sua imagem com certos atributos de corporeidade (fenômenos teleplásticos, formação de corpos materializados).

\* \* \*

Anos depois surgiu o primoroso estudo do professor Ernesto Bozzano, da Universidade de Turim, intitulado — “Animismo ou Espiritismo” — onde o ilustre Autor condensou, num volume de trezentas e quarenta e três páginas de texto, cerca de meio século de investigações psíquicas, sobre a fenomenologia anímica e espiritual.

Antes de publicar o seu trabalho, o Professor Bozzano estudou, meticolosamente, a obra do Professor Aksakoff. Percebe, de pronto, o grave problema da complexidade da matéria e sente a necessidade de a penetrar até aos seus alicerces, de esquadrihar as suas origens, de a estudar na história dos povos selvagens e na dos civilizados, e de proceder, pessoalmente, a experiência com numerosos médiuns, porque só “a lógica irresistível dos fatos fará dele um defensor da Doutrina Espírita”.

Lê, então, os livros e revistas especializados, que versam sobre o assunto, publicados em quase todos os principais centros do mundo. Da leitura, seleciona todos os casos interessantes, classifica todos os fatos, dividindo-os em categorias, grupos, subgrupos e mantém cuidadosamente em dia um quadro geral das matérias.

Leu as obras de Allan Kardec, de Gabriel Delanne, Léon Denis, Eugênio Nus, Paul Gibier, William Crookes, de Alfred Russel Wallace, de Daniel Dunglas Home, de Conan Doyle, de Karl du Prel e adquire, em suma, as principais obras inglesas e americanas publicadas desde a origem do “movimento de Hydesville”. E vai catalogando por meio de um classificador alfabético, método precioso e prático que empregará durante a sua gloriosa vida de pesquisador exemplar. Adquire, assim, uma cultura psíquica sólida e só depois considera que chegou o momento de pôr frente a frente os seus conhecimentos teóricos com as pesquisas experimentais.

Com alguns amigos de Gênova funda a primeira sociedade de estudos psíquicos: o “Círculo Científico de Minerva”, onde realiza experiências psíquicas desde o ano de 1891 até 1906. O “Círculo” vive especialmente quatro anos magníficos, durante os quais os pesquisadores obtêm as mais genuínas documentações experimentais sobre a fenomenologia espiritual e a anímica.

Quando o Professor Ernesto Bozzano decidiu a entrar na liça, em defesa da Doutrina Espírita, seu primeiro trabalho foi divulgado pela “Revista de Estudos Psíquicos”, de Paris, cujo título atraía a atenção dos metapsiquistas e dos espíritas: — “*O Animismo Prova o Espiritismo*” ... Coincidência ou não, o fato é que “daí em diante — diz Bozzano — não mais pude deixar de esviscerar, sob todos os aspectos, essa questão, que é fundamental para a correta interpretação da fenomenologia metapsíquica e cuja solução, em sentido espiritual, se apresenta como única apta a explicar o conjunto inteiro dos fenômenos supranormais” (91).

Como todo o investigador de um ramo da Ciência, o Professor Bozzano sempre empregou o processo de análise, comparada e fê-la seguir de uma síntese. Daí, então, éle nos apresentar um acervo de mil e duzentas classificações de fatos extrasensoriais pelas vias do Animismo ou do Espiritismo, rigorosamente selecionados, controlados e experimentados. Jamais ousou emitir conclusões de natureza geral relativamente à origem provável de uma categoria de fatos psíquicos, sem primeiro ter passado em revista, analisado e comparado todos os casos conhecidos e todas as hipóteses formuladas.

Graças a este método que o conduzirá à convergência das provas, critério adotado em toda a sua investigação científica; graças a esta prodigiosa massa de fatos inteligentemente reunidos, Bozzano pronuncia-se com autoridade. Rebate as hipóteses dos seus contraditores em todos os domínios do pensamento: filosófico, científico, teológico. A sua lógica cerrada e o seu raciocínio verdadeiramente matemático tornaram-no temível lutador. Sob o fogo dos seus argumentos sutis, os adversários emudecem.

Cria renome cada vez maior: depressa é considerado um Mestre. Mais de duzentas cartas por mês, provenientes de investigadores e curiosos de todas as partes do mundo, vêm interromper-lhe as meditações e o trabalho perseverante executado em reclusão quase completa.

A parte essencial da sua obra consiste na publicação interrupta de monografias poderosas, profundas, das quais só algumas foram traduzidas em francês, inglês e português. Nelas reúne os fatos mais importantes de cada categoria, e não elimina *a priori* qualquer hipótese, porque só tem um objetivo: o conhecimento da Verdade. Não emprega frases impressionantes e vazias de sentido. Demonstra com fatos. Fatos, sempre fatos...

\* \* \*

(91) Ernesto Bozzano — “Animismo ou Espiritismo?”, página 13, edição da Federação Espírita Brasileira, 1940.

Sendo o caráter de seus estudos orientados por um espírito essencialmente científico e de grande capacidade analítica e perquiridora, o erudito Professor afirma ser essa a base em que erguera todos os estudos empreendidos, contrapondo-se, dêsse modo, aos que julgam os fenômenos limitados num ciclo místico e religioso. Dizia êle, então, na "Metapsíquica Humana":

"Devo começar por aquela objeção que se reveste de grande eficácia aos olhos dos homens de ciência e dos profanos para diminuir o valor dos argumentos em que se firmam os defensores da hipótese espírita, ainda quando dentro dos rigorosos princípios da lógica e combatidos por teorias gratuitas e fantasistas. Essa objeção consiste em afirmar que os espíritas não passam de uma aglomeração de "místicos", que pretende fundar uma religião baseada nos fenômenos metapsíquicos, não podendo, portanto, seus argumentos prevalecer no meio científico.

Penso ser de não pequena utilidade destruir essa deplorável prevenção, filha de uma observação estranhavelmente parcial e superficial do movimento espírita encarado em seu conjunto. Se é verdade que o Espiritismo seja tomado num sentido religioso por uma multidão, aliás muito respeitável, de almas simples, não quer dizer isso que êle seja religioso, mas tão-somente que as conclusões rigorosamente experimentais e, portanto, científicas, a que conduzem as investigações medianímicas, têm a virtude de reconfortar um grande número de almas atormentadas pela dúvida.

Mas os opositores devem ter em mente que, culminando sobre essa multidão, em que prevalece o sentimento, existe uma coorte numerosa de experimentadores exercitados nos métodos científicos, também homens de ciência, em que prevalece a fria razão, e que êstes examinaram os fatos com fim exclusivo de pela Verdade procurar a Verdade. Se acabaram por aderir à teoria espírita, não quer isso dizer que se tenham tornado místicos, senão que se convenceram experimentalmente de que essa teoria era a única capaz de explicar o conjunto da fenomenologia examinada.

Pela centésima vez repito, pois, que a teoria espírita é uma teoria científica e que aqueles que a contestam dão apenas mostra de não haverem ainda formado uma idéia clara sobre o problema que pretendem discutir".

Numa outra obra que publicou, e que depois foi traduzida para o francês, em resposta aos Professores Charles Richet e René Sudre sobre determinado ponto metapsíquico, que Bozzano combatia, afirmava:

"Estudei pessoalmente esta questão em longa monografia que, como tôdas que a precederam, não constitui um trabalho de pesquisas apressadas (de recherches hâtives), concluídas em poucos

meses, mas é o resultado de leituras consideráveis, prolongadas durante trinta e seis anos" (92).

Em defesa dos casos de indentificação dos espíritos, rejeitando a hipótese de *animismo*, publica, então, uma das suas melhores obras, e nela dá conta de um "acervo imponente de 1.200 classificações de fatos":

... "É por isto, na minha qualidade de defensor da teoria espírita, que tomei a meu cargo submeter aos "animistas totalitários" o *primenro ensaio* do material mediúnico em questão.

Não duvido que completarei assim um trabalho eminentemente científico e sobretudo literalmente decisivo, relativamente à controvérsia nos divide, e que pode se desenrolar de forma cortês de um lado como de outro. Estou preparado para esta discussão *por quarenta e três anos de estudo metódico, severo, sistemático*, de natureza nitidamente científica e, sobretudo, imparcial, pois que, durante a mocidade, militei nos ramos do positivismo materialista, escrevendo artigos apaixonados nas Revistas filosóficas para sustentar convicções dessa época.

Então, nada de misticismo nas minhas convicções atuais; não é senão a lógica irresistível dos fatos que realizou a grande transformação; lógica fundada na análise comparada de um acervo imponente de 1.200 classificações de fatos, nas quais se acham registrados todos os importantes fenômenos supranormais obtidos experimentalmente, ou que se produziram espontaneamente depois do movimento espiritualista até os nossos dias, assim como tôdas as teorias, tôdas as hipóteses que se têm imaginado até aqui para explicar os fatos; tôdas as argumentações excelentes, boas, mediocres, sofisticas, absurdas que se têm formulado a respeito.

Com êste aparato formidável para a ofensiva e para a defensiva, não respeito quem quer que seja, e me considero seguro para demolir, aniquilar, pulverizar tôdas as hipóteses, tôdas as objeções, todos os sofismas da dialética contrária. Eu digo "dialética", porque não se pode tratar de fatos; os fatos estão ao meu lado, e a êste respeito eu sei que digo; ninguém pode saber melhor do que eu, porque nenhuma pessoa fez o que eu fiz".

Após outra série de estudos, levaram-no a estabelecer, no livro "Fenômenos de Bilocação", como cientificamente provada *sulla base dei fatti*, a hipótese espírita, sendo que suas conclusões são firmes e sem sombra de dúvida:

(92) Ernesto Bozzano — "A Propos de l'Introduction à la Metapsichique Humaine". Nessa mesma obra o autor estuda e estabelece onze ordens de fenômenos, absolutamente inexplicáveis por qualquer teoria metapsíquica que não a espírita. (Confrontem-se, por exemplo, as págs. 63 e seguintes da referida obra).

“Afirmo, sem receio de êrro, que, fora da teoria espírita, não existe nenhuma hipótese capaz de explicar os casos análogos ao que acabo de expor. Ora, os fatos dessa categoria contam-se por centenas nas experiências da Sra. Piper”.

Convém ainda mencionar pelo seu valor teórico — uma vez que já não resta dúvida a ninguém quanto às idéias de Bozzano sôbre a realidade do fenômeno e a comunicabilidade do morto — o seguinte trecho dessa obra:

“Os fundamentos do saber humano passarão da concepção materialista do Universo à concepção espiritualista do ser, com as conseqüências filosóficas, sociais, morais e religiosas, que dela decorrem.

É com efeito flagrante que a existência imanente no corpo somático subentende a imanência de um cérebro etérico no cérebro somático, e assim se achariam dissipadas as perplexidades que se resumem no fato indubitável da existência de um paralelismo psicofísico nos fenômenos de pensamento”.

E prosseguindo, finalmente, sôbre as comprovações medianímicas obtidas pelas vias supranormais, quer as anímicas e quer as espíricas, o Professor Ernesto Bozzano acrescia nos seus comentários mais esta observação:

“Apesar de tais fatos serem constantemente esquecidos pelos contraditores da teoria espírita, chegando o mal a atingir até alguns defensores menos preparados, que por vêzes ficam embaraçados e perplexos em face de certas objeções, justamente porque se esquecem, a seu turno, de que a demonstração da fenomenologia é inquebrantavelmente fundada *sôbre uma multidão de provas e não sôbre uma única só*, (o grifo é de Bozzano) bastava-se considerar cumulativamente essas provas para nos convenceremos da impossibilidade lógica de não se levar em conta todo o conjunto dos fatos” (93).

\* \* \*

Em tôdas as antigas tradições religiosas, desde as civilizações mais rudimentais às mais elevadas, vamos descobrir, no fundo das crenças de todos os povos e de tôdas as raças, os mesmos princípios fundamentais sôbre a manifestação extrafísica da imortalidade da alma. E o mais admirativo, naquelas épocas remotas, é que nas populações primitivas já se iam encontrar revelações profundas e luminosas sôbre a comunicabilidade entre vivos e mortos, que ultrapassavam, em muito, o nível de seus conhecimentos, embora, às vêzes, revestidas de formas singelas e confundidas pelas práticas grosseiras, conforme os conceitos dos historiadores do passado.

Assim é que, em todos os tempos, luzeiros da Verdade têm envolvido a humanidade; e tôdas as religiões tiveram o seu quinhão. Mas as paixões e os interesses temporais bem depressa velaram, desnaturaram seus ensinamentos; e o dogmatismo, a opressão religiosa, os abusos de tôda a espécie conduziram o homem à indiferença e ao ceptismo.

Todavia, o homem veio à Terra com o deliberado propósito superior de desenvolver sua personalidade espiritual. E a Terra é a classe preparatória, o período de provas para adaptá-lo a uma existência mais elevada. Iludimo-nos, portanto, quando supomos que no mundo físico termina a nossa evolução espiritual, pois o curso evolutivo do ser só se complementa através da sucessiva multiplicidade das vidas somática e psíquica. Senão vejamos:

Sendo um só período de vida terrestre demasiadamente curto para a criatura humana atingir alguma coisa digna de aprêço, no sentido de conhecimento e de aperfeiçoamento, em cada encarnação o seu Espírito leva consigo as aquisições adquiridas aqui, menos seu corpo físico e o que pertence à vida material.

A morte, portanto, já não é mais a extinção do ser, segundo confirmam, unânimemente, os Espíritos, mas, simplesmente, uma nova fase de vida, pois sendo a vida infinita, o Espírito que chega ao término da sua evolução terráquea, não concluiu ainda o seu conhecimento total, porque, além e acima da Terra, há mundos gradativamente mais adiantados, pelo qual têm de passar os que já fizeram o curso preparatório da Terra.

Graças à Doutrina dos Espíritos, a morte, então, já não é o enigma indecifrável, o Anjo Negro, mais sim, o Anjo Libertador, a porta que introduz o viajor fatigado das lides terrenas, na vida ampla mais venturosa.

São, ainda, os mortos que afirmam a sua sobrevivência; e isso acontece num momento em que ninguém pensava nêles e se desconhecia houvessem falecido. Os mortos não apresentam uma forma indeterminada, mas as dos corpos terrenos que tiveram durante a última encarnação. Temos, então, em nossa presença, segundo a descrição do médium vidente, a mesma criatura que vivia outrora neste mundo e que apenas mudou de estado físico, sem nada perder da sua aparência.

Enfim, não se pode aplicar, racionalmente, nenhuma das pretensas explicações baseadas na transmissão de pensamento do evocador ao médium — uma vez que êste anuncia de antemão um nome em que os assistentes não pensam — nem na intervenção de uma entidade híbrida, formada dos pensamentos de todos os assistentes, nem tampouco pretender que sejam influências demoníacas, telepáticas, telecinésicas e outras mais.

(93) Ernesto Bozzano — “Em Defesa dos Casos de Identificação Espírita”.

Através das revelações mediúnicas, são, ainda os mortos que nos instruem, afirmando que a morte não modifica a personalidade de ninguém, nem faz santo de um pecador e sábio de um ignorante. A mentalidade póstuma é a mesma de antes e os Espíritos levam consigo seus velhos desejos, hábitos, crenças, ensinamentos falsos, ilusões, maldades, vícios e toda a gama das demais imperfeições para o outro lado da vida.

## CAPÍTULO III

CIENTISTAS  
E  
EXPERIMENTA-  
DORES

*"A menos que tenhamos de recusar todo o testemunho humano, não é possível duvidar das narrações devidamente fiscalizadas".*

CAMILO FLAMMARION

**N**O PRECIOSO trabalho — "O Espiritismo à Luz dos Fatos" — do ilustre escritor patricio Dr. Carlos Imbassahy, nos capítulos "Da Fraude" e "Médiuns e Experimentadores", às paginas 32 a 243 terá o leitor diante dos olhos, uma síntese analítica sobre as principais tentativas que já se realizaram para desmoralizar as provas incontestes dessas experiências medianímicas e, conseqüentemente, as do Espiritismo, iniciadas na Europa pela classe de um Paul Hauzé, de um René Sudre ou de um Max Dessoir, para afundarem na classe, não menos mágica, do médico Dr. Paulo W. Cavalcanti de Oliveira Cruz Neto, que seriam visíveis em qualquer classe, dentro de qualquer classe ou fora de qualquer classe, pois são criaturas inclassificáveis.

Mas o desdém e o gracejo dos ignorantes nada representam, porque o que mais desejamos é que fique positivada a constatação das provas e a realidade dos fatos, quer de ambos os lados. Que venham, pois, os pesquisadores experimentados e os jornalistas sem preconceitos, para decidir as experiências que lhes proporcionaremos em nome de uma nova ciência! E que venham, também, todos os homens honestos que lhes forneceremos motivos para pensar profundamente a fim de calar o seu pessimismo materialista.

Apenas pedimo-lhes que compreendam o seguinte:

Seja, porém, qual fôr a conclusão que chegarem, será sempre absurdo julgar que as fontes da ciência se esgotaram, a ponto de

investigações rigorosas não poderem determinar, com a necessária precisão, qual a origem de certos movimentos ou aparências físicas, sem recorrer a fiscalização ineptas e talvez arriscadas.

Os experimentadores, os sábios e os espíritas instruídos afirmam que, em certas mediunidades, o sensitivo correrá *graves riscos* físicos e espirituais numa sessão de *efeitos físicos*, se o *despertarem* ou *estabelecerem a luz* bruscamente. O grande público, o pseudo-sábio, ou o suposto crítico, zombeteiramente julgarão que a razão fôra inventada a fim de permitir que o médium fraude à vontade, desde que se salve a experiência ou a doutrina...

De espírito calmo, de inteligência penetrante, estão os investigadores habituados a meditar longamente os objetos de seus estudos, a ponderar os juízos, a avaliar as palavras, não dispostos, certamente, a passar por imbecis ou a se deixarem enganar, grosseiramente e por muito tempo, pelo primeiro palrador que se lhes apresente, pondera o Dr. Giuseppe Lapponi, Professor de Antropologia, escritor, clínico de nomeada e médico de dois Papas, Leão XIII e Pio X, em seu livro — “Ipnotismo e Spiritismo”, página 129, Roma, 1906.

Além dos elementos notoriamente malignos, que se insinuam nas reuniões, há os que, pelo caráter, levam consigo a perturbação a tôda parte aonde vão: nunca, portanto, será demasiada tôda a circunspeção, na admissão de elementos novos para os trabalhos de efeitos físicos. Os mais prejudiciais, nesse caso, não são os ignorantes da matéria, nem mesmo os que não crêem. A convicção só se adquire pela experiência e pessoas há que desejam esclarecer de boa-fé.

Aquêles, sobretudo, contra os quais maiores preocupações devem ser tomadas, são os de sistemas preconcebidos, os incrédulos obstinados, que duvidam de tudo, até da evidência. “Guardai-vos, principalmente dêsses pensadores insípidos — recomendava Allan Kardec — que querem sempre dizer a última palavra, e dos que se comprazem na contradição. Uns e outros fazem perder tempo, sem nenhum proveito, nem mesmo para si próprios. (“Livros dos Médiuns”, página 364, edição da F.E.B).

Alerta-nos o Professor Ernesto Bozzano, que na observação de um fato desconhecido, devemos agir racionalmente, não se sobrepondo, sem um outro exame metuculoso, jamais o pensamento de hipótese grosseira de uma farsa, de uma fraude ou de uma mistificação, quando ainda se desconhece o fenômeno, porque a ignorância aliada ao fanatismo é, foi e sempre será nocivo, pois tira ou diminui a faculdade de raciocinar e de concluir pela razão. O fanático é como um batel rebocado: não sabe para onde vai, não pode seguir senão o rumo do que lhe é impôsto.

Perante o seletto auditório da *Associação Britânica*, em Bristol, o Professor Sir William Crookes, antes de concluir a sua importante conferência, declarou o seguinte:

“Ainda não toquei num interesse — para mim o mais sério e o de maior alcance. Nenhum incidente em minha carreira científica é mais conhecido do que a parte que tomei, durante anos, em certas *experiências psíquicas*. Já se passaram *trinta anos* desde que publiquei um relatório das experiências tendentes a mostrar que fora do nosso conhecimento científico existe uma força utilizada por inteligências que diferem da comum inteligência dos mortais... Nada tenho de que me retratar. Confirmando minhas declarações já publicadas. Na verdade, muito teria que acrescentar a isto”.

Cerca de *vinte anos depois*, durante uma entrevista, dir-se-ia que a sua certeza era, ainda, mais sólida. William Crookes, então, reafirmou:

“Jamais tive que mudar de idéia a tal respeito. Estou perfeitamente de acôrdo com o que disse nos primeiros dias. É muito certo que um contacto foi estabelecido entre êste mundo e o outro”.

Respondendo à pergunta do repórter — “se o Espiritismo não havia liquidado o velho materialismo dos cientistas”, sôbriamente confirmou:

— “Penso que sim. Pelo menos êle convenceu a maioria do povo, que já sabe alguma coisa relativa à existência do outro mundo”.

Interrogado se os experimentos psíquicos não se chocavam com as *opiniões predominantes*, respondeu:

“Tem-se lançado em rosto dos homens de Ciência a sua pretensa liberdade de opinião, quando, sistematicamente, se recusam a fazer uma investigação científica sobre a existência e a natureza de fatos sustentados por tantos testemunhos competentes e fidedignos, e os convidam a um exame livre, onde e quando quiserem. Por minha parte dou muito valor à pesquisa da verdade e à descoberta de qualquer fato nôvo na Natureza, para me insurgir contra a investigação apenas por parecer que ela se choca com as opiniões predominantes” (94).

O célebre naturalista Alexandre Humboldt, convidado a se pronunciar, em presença do rei Frederico Guilherme IV, sobre os fenômenos espíritos, emitiu as seguintes memoráveis palavras:

— “Os fenômenos não se podem negar; compete agora à Ciência explicá-los”.

(94) Vide: “The International Psychic Gazette”, dezembro de 1916, páginas 61 e 62.



O Dr. Gustavo Geley, renomado médico de Nancy e Presidente do "Instituto Metapsíquico" de Paris, faleceu num desastre de avião, que o transportava de Varsóvia para Paris, quando trazia importantes documentos sobre os fenômenos paranormais.

Comentando um caso mediúnico observado pelo Professor Rocco Santoliquido, assim se expressou o saudoso Presidente:

"Uma vontade intervém, prepara, prevê e realiza... Em resumo, tudo se passa como se os fenômenos fossem devidos a uma entidade muito caracterizada e como se essa personalidade — como ela o afirma — tivesse uma existência autônoma, distinta da do médium e dos experimentadores" (95).

Sir Oliver Lodge, membro da Academia Real e reitor da Universidade de Birmingham, célebre físico e autor de várias obras espíritas, declara:

"Toda a minha tese repousa na experiência e na aceitação de uma categoria de fatos que podem ser verificados por quem deseja dedicar-se a esse trabalho".

Marcel Monier, diretor do Instituto de Biologia de Bruxelas, por sua vez diz:

Certamente, eu pertença à Ciência oficial, por meus trabalhos e por minha longa carreira científica, já muito extensa; mas acima do saber humano, confirmado nas Academias, há a Verdade, ao culto da qual se dedica o verdadeiro sábio. Pois bem, os fatos mediúnicos que me foram dados a ver são reais".

O Professor William James, reitor da Universidade de Harvard e autor do notável livro — "Études et Réflexions d'un Psiquiste" — discorrendo sobre "les comptes rendus" da *Society for Psychical Research*, assim se expressa:

"Eu creio e vejo claramente que há *alguma coisa* nesses intermináveis "comptes rendus" dos fenômenos físicos. Isto se torna para o meu espírito um problema simplesmente digno de investigações. O que eu quero atestar é a presença, em meio de todo o *aparelhamento da farsa*, de um conhecimento verdadeiramente supranormal. A única certeza é que os fenômenos são formidavelmente complexos e que é preciso ter em conta as proezas da *mediunidade intelectual* como a de Swedenborg" (96).

Neste interim surgia, então, o empolgante relato do dr. Robert Hare, químico notável e Professor da Universidade da Pensilvânia, intitulado — "Experimental Investigations of the Spiritual Manifestations". Nêle o ilustre Autor comunicava o resultado positivo das

(95) Gustavo Geley — "Rêvue Metapsychique", página 85 de 1922.

(96) William James — "Études et Réflexions d'un Psiquiste", páginas 331 e seguintes, Editora Payot.

suas investigações psíquicas à *Associação Científica*, demonstrando a existência de Espíritos e as inteligentes comunicações deles com os mortos.

Pois bem: embora o Professor Hare não possuísse a sua cátedra, pois a ela já havia renunciado — o que muito sofreu em sua reputação de cientista emérito — assim mesmo os seus colegas de Harvard "tomaram a decisão de o denunciar e a sua *insana adesão* à gigantesca mistificação do Espiritismo".

O Professor César Lombroso, da Faculdade de Medicina de Turim, no seu livro — "Hipnotismo e Espiritismo" — confessa que não havia procedido como os experimentadores de Harvard. Mas, considerando a exatidão e continuidade dos fenômenos psíquicos, repetidos e robustecidos por instrumentos de precisão e validados por observadores severíssimos como Morselli, de Vesme, Richet, Bozzano, Lodge, Herlitzka e dezenas de outros, teve de se converter ante a evidência dos fatos.

Assevera Gabriel Delanne que a primeira coisa que nos cumpre manifestar é o fato de que, depois de qualquer estudo sobre o Psiquismo experiental, nenhum homem de ciência jamais negou a realidade dos fenômenos, embora o que torna a matéria do Espiritismo mais difícil é que, quase sempre, o verdadeiro fenômeno espírita é de ser passível à imitação grosseira.

Talvez convenha, agora, apresentar Sir Alfred Russel Wallace, não para o leitor destas linhas, mas para os cinco extraordinários repórteres de "O Cruzeiro" e seus associados — o reverendo Padre Oscar Gonzalez Quevedo, S. J. e, nas horas vagas hipno-mago-parapsicólogo; o Dr. Cesário Morey Hossri, ilustre Professor de Hipnose e Parapsicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; e, finalmente, o Professor Silva Mello, membro imortalizado pela Academia Brasileira de Letras.

Com a devida vênia de tão preclaros Mestres em sabedoria, informamos, então, que o Professor Sir Alfred Russel Wallace é o autor do precioso trabalho — "On Miracles and Modern Spiritualism" — e que obrigou Charles Darwin antecipar a publicação de um resumo de seus estudos — "Origem das Espécies" — apesar de incompletos, não obstante o seu precário estado de saúde, a fim de afastar a perigosa concorrência de Sir Alfred Russel Wallace, já naquela época considerado e respeitado como pioneiro do Espiritismo.

Durante vinte anos — comenta Wallace — o médium Daniel Dunglas Home se prestou a exagerados exames e a suspeição jamais foi posta de lado por inúmeros perquiridores. As manifestações medianímicas de conseqüências físicas eram tão assombrosas que, se fossem filhas da impostura e da fraude, só poderiam ser realizadas por engenhos da mais complicada, da mais variada e da mais em-

baraçosa natureza; elas exigiriam a assistência de muitos ajudantes e cúmplices.

A teoria de que tais manifestações extra-sensórias não passam de mera ilusão é absolutamente insustentável, a menos que não haja meio algum de se distinguir a ilusão da realidade, ou a pantomima da experiência, eis, em síntese, o pensamento do ilustre Sábio.

O Dr. Gustavo Geley aproveitando-se da autoridade que possuía como experimentador credenciado pelo Instituto Metapsíquico de Paris, condenava os observadores inexperientes que maltratam o médium, duvidando da sua honestidade sem prova contrária — como no caso da experiência de Uberaba — desprezando-o como se êle fôsse instrumento de laboratório ou animal de experiência, apenas formam um ambiente deplorável e arriscam-se a nada conseguir, pois quem se fiar na sua elevada sagacidade e tentar inquéritos, prevenido contra o possível e o impossível, encalha pela certa. Além disso, fica isolado, porque os seus hábitos de pensar e as maneiras de seu proceder são impróprias e, portanto, vulgares. Ora a essência da vulgaridade é a impropriedade.

O Dr. William Hitchmann, além de apreciado médico e presidente da Sociedade Americana de Antropologia é autor de vários trabalhos sobre Psiquismo, entre os quais devemos assinalar o magnífico livro — “Ourselves and Sciences” — onde iremos defrontar com as mais ousadas perquirições extrasensoriais, sempre descritas com abundância de pormenores, que não deixava, nunca, a mais leve suspeita de dúvida quanto ao rigor do seu método experimental:

“Sucedia-me, freqüentemente, — esclarece êle — entrar no gabinete mediúnico, no encalço de uma forma materializada e, então, eu a via, ao mesmo tempo que via o médium, o Sr. B... Tive, por muitas vezes, o ensejo, perante várias e competentes testemunhas, de conservar-me entre o sensitivo e o Espiritito materializado, de apertar a mão dêste último, de conversar com êle cêrca de uma hora”.

O Dr. Gustavo Geley, considerado pelo Dr. Ernesto Bozzano “uma inteligência das mais lógicas”, assim se pronunciava sobre as responsabilidades que devem pesar sobre os assistentes e os experimentadores quando acompanham e observam as manifestações medianímicas, “porque — diz Geley — os fenômenos são frutos de uma colaboração psicofisiológica inconsciente de todos os presentes que ali estão”.

O célebre Professor Ernesto Bozzano, catedrático da Universidade de Turim, filósofo, psicólogo, espírita, beletrista, imponente cerebração pelo seu Espírito de ordem, de disciplina, de análise, de lógica, foi quiçá ou ainda o é, o maior e mais ilustre autor contemporâneo em assunto da Doutrina Espírita. Ardoroso defensor do Espiritismo, deixou um legado de *trinta e oito obras e vinte e quatro*

*monografias de sua autoria* e de fundo estritamente espírita, algumas já traduzidas em nosso vernáculo e que vêm obtendo sucessivas edições.

Sendo o aspecto de seus estudos orientado pelo método exclusivamente científico e experimental — insistimos em repetir — o erudito Professor em seu trabalho — “A Propósito da Introdução à Metapsíquica Humana” — estuda e estabelece onze ordens de fenômenos inexplicáveis por qualquer teoria psíquica, metapsíquica ou parapsicológica que não seja a espírita, segundo se infere nas páginas 63 e seguintes do citado livro.

E após rejeitar e pulverizar as demais hipóteses de animismo, de reflexos do subconsciente, de delírio histérico, de crise mística, de automatismo inconsciente, de polipsiquismo, de simulcognição, de telemnésia, pantomnésia, criptomnésia, hiperestesia e de mais asnicas, publica, então, um dos seus melhores estudos, e nêle apresenta um acêrvo imponente de *mil e duzentas* classificações de fatos, como “cientificamente provados *sulla base dei fatti*, no seu extraordinário trabalho — “Em Defesa dos Casos de Indentificação Espírita” — que chegaria para entupir as pretensões sofismáticas do reverendo Padre hipno-parapsicólogo Oscar Gonzalez Quevedo, S. J., do ilustre Professor da Pontifícia Universidade Católica, especialista em Hipnofrenose artificial e, finalmente, do acadêmico imortal Professor Silva Mello, magnífico nutricionista...

Acresce assinalar que o Professor Ernesto Bozzano, constantemente, insiste em afirmar, nas suas obras, a amargura pela qual passam os experimentadores espíritas, tôdas as vezes que necessitam contradizer os detratores, “geralmente inteligentes, porém mal-intencionados”.

E com sua imensa autoridade, o grande pesquisador da Universidade de Turim então concluía:

“Sosseguem, portanto, as almas singelas, ou timoratas que crêm na iminência de uma catástrofe, quando alguém ousa sair a público com foros de autoridade, buscando os fatos do Espiritismo, pois devemos persuadir-nos que jamais será racionalmente permitido ter dúvida, mesmo a mais ligeira, sobre a estabilidade das bases dos fatos medianímicos, em que se assenta a Doutrina Espírita”.

“O Espiritismo à Luz dos Fatos” pode ser considerado uma das maiores obras produzidas pela admirável inteligência e brilhante cultura do nosso escritor patricio Dr. Carlos Imbassahy. Pois bem: nesse seu invejável feixe de provas o Autor não nos transmite, apenas, luz à matéria de que nos ocupamos, mas a segurança de que a parte documental do Espiritismo é uma grande e magnífica realidade histórica.

Principia tão ilustre Autor por invocar as observações de renomados experimentadores que iniciaram as suas investigações pela negativa absoluta e nos vai apontando homens como o Professor P. Barkas, que se resguardou na expectativa, antes de se pronunciar favorável à Causa espírita, durante dez anos; o Barão de Guldens-tubbé, que durante treze anos conseguiu obter cêrca de duas mil classificações de fatos; o Professor Oxon, que se manteve silencioso durante oito anos; o Professor Sir William Crookes, que se impôs o cuidado de examinar o fenômeno durante seis anos; o astrônomo Camille Flammarion, que observou os mais extraordinários acontecimentos supranormais desde a mocidade até a velhice; o Professor W. J. Crawford, que com a médium de fenômenos físicos Moidemoiselle Goligher durante muitos anos verificou a repetição de inúmeros fatos paranormais; o Professor William Fletcher Barrett que assegurou "se toda pessoa dedicar a êste estudo tantos dias ou mesmo horas, como muitos de nós têm consagrado anos, será constringido a mudar a opinião"; e, para não alongar a lista, os nomes de Schrenck-Notzing e Osty, que construíram delicados e custosos aparelhos para melhor exame dos fenômenos.

Do outro lado — acentua o Professor Júlio de Abreu Filho, fiel tradutor do pensamento de Sir Arthur Conan Doyle — vemos na Inglaterra homens de ciência do melhor quilate reunidos em tórno da Sociedade de Pesquisas Psíquicas que, desde 1882, vem fazendo estudos rigorosos, com muita circunspeção e que toma, por vêzes, uma atitude hostil aos princípios espíritas, mas acaba dando o testemunho dos fatos supranormais, embora fuja, sistematicamente das generalizações filosóficas.

— Quem são êsses homens? — interroga o Professor Abreu Filho. Ele responde:

Dos mais categorizados — físicos, químicos, fisiologistas, matemáticos, membros da *Sociedade Real*, honraria raríssima concedida na Inglaterra a um homem de Ciência.

Daí a atitude de Lorde Dodwding, Marechal do Ar da Inglaterra, primo do último Rei, Lorde Dodwding comandou a RAF (Royal Air Forces) durante a última guerra. Protestante, os fatos psíquicos o convenceram das verdades espíritas. Tanto bastou para que tomasse atitude pública. Como bom inglês, não compreendia que na comunidade britânica alguém sofresse restrições na sua liberdade, da qual uma facêta importante é a liberdade de crença.

Em conseqüência, e liderados por êle, os espíritas ingleses conseguiram que o Parlamento britânico, o mais respeitável do mundo, votasse uma lei, reconhecendo o direito de exercício da mediunidade, com o que os sensitivos ficam subtraídos às perseguições religiosas, exercitadas nos termos de duas leis obsoletas, mas não prescritas: o *Vangrancy Act* e o *Witchcraft Act*, através dos quais mais de cin-

qüenta mil médiums já haviam sido multados ou condenados à pena de prisão.

Continuando a campanha de Lorde Dodwding, isto é, procurando levar por diante as conseqüências da nova lei, foi obtido pelos espíritas que o Estado Maior das Fôrças Armadas da Inglaterra determinasse que em todos os corpos de tropas onde houvesse instalações para o serviço religioso, também as houvesse para oficiais e praças espíritas<sup>(97)</sup>.

Os fenômenos psíquicos obtidos pelo Dr. Ernest W. Oaten com o jovem médium Georges Spriggs foram, provavelmente, os mais notáveis que constam nos anais da materialização de Espíritos.

"Formas, perfeitamente materializadas — descreve o Autor citado — muitas vêzes duas e três conjuntamente, juntavam-se aos assistentes, saíam da sala e desciam ao jardim. Pena é que os relatórios destas magníficas e imponentes sessões, que creio ainda existirem, jamais nenhum dos "psychicals researchs" tenham se interessado em publicá-las".

O mesmo experimentador, durante cinco anos, também acompanhou os fenômenos mediúnicos de Walter Jeune, marceneiro de Jersey, sempre acompanhado pelos cinco membros do grupo. A sala em que se realizavam as pesquisas era suficientemente iluminada, a ponto de se poder ler as páginas de um livro.

"Durante o decorrer das sessões — salienta o Dr. Oaten — vi e toquei corpos cristalinos, mãos, braços, cabeças e pés humanos. A pedido meu foram colocados nas minhas mãos bolas luminosas (ectoplasmáticas) que apertei fortemente, notando que eram sólidas como as do "Cricket"; mas, apenas manifestei o desejo de as guardar comigo, evoluam-se como fumo.

Em plena luz e simultâneamente vi dezesseis pares de mãos materializadas, desde as mãos carnudas de criança até as mãos calosas, sujas e deformadas do ferreador de aldeia. As mãos, que me foi permitido segurar, eram tão normais como as das pessoas presentes.

Os médiums com quem então trabalhei, eram amadores; jamais me foi negado o pedido de tocar e de verificar os fenômenos, até mesmo o de meter os dedos na bôca de uma forma materializada. E tudo isso, segundo creio, fôra-me permitido porque o solicitava como um favor e comprometia-me a proceder com precaução na tentativa da experiência que se ia produzir"<sup>(98)</sup>.

(97) Júlio de Abreu Filho — "Nota do Tradutor" ao livro "História do Espiritismo", de Arthur Conan Doyle, páginas 18 e 19, Editora O Pensamento São Paulo.

(98) Ernest W. Oaten — "Algumas Considerações Sobre a Materialização", in Extrato do Relatório do Congresso Espírita Internacional de 1928", realizado em Londres, páginas 56 a 58, edição da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, Pôrto, 1930.

Mas os Sábios, os experimentadores, os pesquisadores, os observadores e demais estudiosos da matéria, "podem enganar-se" retrucará o leitor indetificado com o pensamento negativista dos cinco repórteres de "O Cruzeiro"...

Então, mais outra vez, saímos em busca das preciosas palavras do Dr. Carlos Imbassahy. O ilustre mestre responderá por nós:

— "Por certo... Mas quando dezenas, centenas, milhares d'esses Sábios, em vários países, servindo-se de vários médiuns, empregando vários métodos, manejando vários aparelhos, usando das maiores precauções para evitar o embuste, utilizando os peritos e os prestidigitadores em suas observações, nos vêm dizer da autenticidade do fenômeno, não será a opinião dos que não viram, a suposição dos que nada conhecem, as hipóteses dos que nunca experimentaram, que poderão destruir a palavra daqueles Sábios" (99).

E se tivéssemos permissão do Autor, no citado período acrescentaríamos, então, mais estas linhas:

Sobretudo quando a palavra provém de cinco profissionais de "O Cruzeiro", esfumaçados de metapsiquistas e jejunos de uma só observação, que não sabem, ainda, discernir quando o fenômeno é anímico ou espiritualico...

\* \* \*

Consideradas, devidamente, as realizações já inscritas na Doutrina Espírita sobre as manifestações dos fenômenos extra-sensórios, autografados por homens ilustres e possuidores do mais alto conceito no mundo das letras e das ciências, concluíram, evidentemente, os Espíritas que as experiências de "efeitos físicos" estão aprovadas sem a menor sombra de dúvida.

Todavia, muitas pessoas indagam, ainda, qual a significação ou a razão de subsistir sempre os mesmos "rapés", os "toques invisíveis", os "pequenos transportes de objetos ou de flôres", as "tiptologias das mesas falantes", as "formas fluídicas e as ectoplásmicas", etc., sintomas característicos do desenvolvimento da sensibilidade mediúnica e que devem antecipar a materialização do Espírito.

Para os homens de "conhecimentos práticos" os fenômenos singelos de efeitos físicos, ainda quando aparentemente insignificantes, é o veículo mais rápido e eficaz para atrair e fixar a atenção sobre a experiência, sobretudo quando se trata com indivíduos que só se preocupam com "as coisas materiais", pois desde que eles certificam a realidade dos fatos, hão de dialogar com os seus botões:

(99) Carlos Imbassahy — "O Espiritismo à Luz dos Fatos", página 45, edição da Federação Espírita Brasileira, 1952.

— Bem! Visto existir aqui alguma coisa, além da impostura, deve haver uma outra causa no lado de lá...

Mas o leitor, atento à leitura, poderá indagar:

— Qual a razão de ser, entre os espíritas, êsses fenômenos primários?

Eis a resposta que nos surge prontamente:

— Apenas para impressionar os sentidos do homem, a fim de despertá-lo da sua letargia mental, na qual modorraram os instintos inferiores de uma enorme egolatria, enquanto nós, que manuseamos constantemente a página da Doutrina, já nenhum interesse temos em que os móveis se desloquem, os corpos se elevem no ar, luzes de fogo apareçam na sala, surjam escrituras nas ardósias lacradas, ou que um assistente desatencioso e malcriado leve uns sopapos na cabeça, sem jamais saber quem o agrediu.

Aos que pretendem argumentar sobre a maneira pouco elevada das manifestações primárias do mediunismo, podemos responder que os homens da mais alta educação e saber, ainda subjugados aos preconceitos materiais, antes de se converterem ao Espiritismo foram atraídos, precisamente, pelo sentido físico das manifestações mais simples.

Mas quando passamos além d'esses fenômenos, quando examinamos, com cuidado, a Filosofia Espírita e os conhecimentos que emanam das diversas revelações recebidas pelos canais da mediunidade, a ninguém, a não ser muito aferrado aos preconceitos convencionais, poderá considerar inútil e vulgar o magnífico empreendimento da Doutrina Espírita.

O que desejamos acentuar, sobre isso tudo, é que no ensino atual do Espiritismo o Mundo e o Universo não existem senão para o desenvolvimento dos seres espirituais, sendo a morte uma simples transição de nossa existência material nos degraus da vida imortal.

Como sabemos, as probabilidades de erro em matéria psíquica experimental, visto que já se multiplicaram as possibilidades de acertar e se diminuiram, proporcionalmente, as causas e os erros na constituição dos fenômenos, contudo isso e por mais perfeito que seja o instrumento medianímico, devemos contar com a inexperiência dos homens.

E por mais robustas sejam as provas e por mais larga se estenda a estrada que conduz à verdade dos fatos, as paixões, os preconceitos, a falibilidade humana, para tudo dizer numa palavra, derramarão sobre eles denso nevoeiro, que desviarão os transeuntes inseguros.

Mas os verdadeiros espíritas, os que conhecem e têm amor à causa, os que, dentro das contingências da vida, procuram o bem-estar

dos indivíduos e das agremiações, o que importa afirmar, para o melhoramento da organização social, êsses permanecem espiritualmente fiéis e engrandecidos.

Já afirmáramos, em outros comentários, que “caminhamos para nova fase de estudos psíquicos”. Devemos insistir na afirmativa, porquanto se podemos encontrar nos pioneiros ingleses e americanos os predecessores das primeiras manifestações experimentais e físicas dos Espíritos, coube ao “Brasil, Coração do Mundo e Pátria do Evangelho”, a insigne missão de iniciar o movimento da manifestação inteligente dos Espíritos, quando assimilamos uma nova literatura evangélico-religiosa, científico-experimental, onde se alinham cerca de oitenta e nove obras, aproximadamente, de primeira grandeza, psicografadas pelas duas maiores sensibilidades mediúnicas de renome internacional, Francisco Cândido Xavier e o médico Waldo Vieira.

Essas obras, portanto abrem uma nova fase da Doutrina Espírita. Para ventura nossa, elas apareceram no momento oportuno. Alguns anos antes, e desperdiçar-se-iam os esforços dos Espíritos. Hoje, como dizia o Dr. Nero de Macedo Júnior, “vamos encontrar o pensamento humano favorável a essa educação espiritual e, assim, as idéias contidas na ação doutrinária serão melhor compreendidas, assimiladas e divulgadas entre a nossa população”.

Irrompeu, enfim, na hora exata, porque havia mister uma forte reação contra a delinquência das forças morais de nossos dias. Há, todos nós sentimos penalizados, uma grave perturbação de angústia na consciência humana. Os espíritos encarnados se embaraçam na confusão dos princípios abalados e na colisão dos interesses tanto mais prementes quanto mais egoísticos. As leis, as decisões, as relações cíveis e as medidas executivas refletem o estado de insegurança, de incerteza, de pavor de uma época, enquanto prossegue o sofrimento de um povo que caminha de Herodes a Pilatos.

Recordando as sábias lições de Emmanuel, o amável Autor da “Religião dos Espíritos”, sentimos que volvem à nossa lembrança estas sublimes palavras:

“É que, quando a ambição se desregra entre os homens, cresce a força da injustiça, e, quando a injustiça se erige como poder supremo na face da Terra, habitualmente aparece o esquecimento de Deus, no âmago das elites. E, com o esquecimento do Criador, desentendem-se as criaturas, gerando conflito e destruição.

“Entregue ao livre arbítrio, nos recessos da própria alma, pode o homem olvidar a Paternidade Divina e escarnecer a idéia religiosa que lhe traça roteiro moral, mais tomba nos arrastamentos da irresponsabilidade e da delinquência; pode, com ingratidão e crueldade, pregar à vida o desrespeito a Deus: mas a vida lhe responde com as trevas do caos”.

O ESTADO  
PSICOLÓGICO  
DOS  
ASSISTENTES  
E  
CONCLUSÃO

“A lei eterna da honra obriga a ciência a encarar entretidamente qualquer problema que lhe seja apresentado”.

LORDE KELVIN

SABEMOS que a mediunidade é o laço entre o visível e o invisível, podendo ser físico, fisiológico e psíquico; seja porém, qual fôr, é substância especializada, órgão ou organismo, segundo a proposição do ilustre Professor de Física Sir William Fletcher Barrett, do Royal College of Science for Dublin. Em muitos casos — acentua o Professor — é corpo em equilíbrio instável e, portanto, de *natureza delicada* que exige manejo prudente; e, antes de mais nada, deve estudar-se a sua idiosincrasia e o seu comportamento.

“Sem dúvida que o poder mediúnic é devido ao *estado psíquico especial*; mas nós nada sabemos da sua natureza e a *nossa ignorância* — grifa o Mestre de Dublin — destrói muitas vezes as experiências, comprometendo-lhe os resultados. O estado psicológico dos assistentes à sessão reage, muito provavelmente, sobre, o médium” (100).

O estudioso da matéria também sabe que o fenômeno espiritual procede de uma energia, e como tal aumenta, diminui, enfraquece, degrada-se, desaparece; que são inúmeras as causas do eclipse, dependendo da força psíquica atuante, das condições do médium, das condições da ambiência e até das condições dos presentes, pois a

(100) William Fletcher Barrett — “Nos Umbrais do Além”, página 126.

má vontade de duas ou três pessoas para com o sensitivo, pode impedir ou perturbar as manifestações dos fenômenos.

A constituição de um médium é de tal maneira delicada, que, qualquer incidente, acidente, preocupação, aborrecimento ou pessoa pode prejudicar. Há criaturas cuja *aura* perturba o fenômeno, outras o afastam: são os esterilizantes, os neutralizantes. Espécimes idênticos aos cinco repórteres de "O Cruzeiro" — onde aparecem os fenômenos se apagam...

O barão Albert de Schrenck-Notzing na introdução do seu livro — "Les Phénomènes Physiques de la Médiumnité" — afirma que "um rigoroso inquérito deveria afastar, totalmente, das observações, certos profissionais "desmascaradores" que, sem nenhuma inteligência nem delicadeza, ignorando a dificuldade psicológica da tarefa, vêem em tôda a parte e em tudo a fraude e a má-fé" (101).

Daí, então, resulta mais êste preciso e precioso ensinamento para os cinco apressados repórteres de "O Cruzeiro".

— Tanto os experimntadores como os assistentes devem ser muito prudentes nas suspeições de *fraude voluntária* contra os médiuns.

Os assistentes e os experimentadores, por seu turno, devem simpatizar entre si e com o médium. A presença de elementos antagônicos e divergentes causará perturbações que dificultarão o trabalho do Espírito e a exteriorização da sensibilidade ou da motricidade mediúmica. "Os convidados devem ser pacientes, recomenda o Dr. Gustavo Geley, pois é preciso saber esperar, passando muitas horas e sessões inteiras sem poder observar acontecimento algum" (102).

Quanto à presença de *convidados estranhos* — geralmente bisonhos, curiosos ou mal intencionados — não só os experimentadores e os demais responsáveis pelos trabalhos devem e precisam impedir-lhes o ingresso, porquanto, no "outro lado da vida", a recíproca dos Espíritos é, rigorosamente, idêntica.

Como sabem os cinco ilustres reportéres de "O Cruzeiro" e o não menos ilustre Professor Silva Mello, autor inconfundível de "Os Mistérios e Realidades Dêste e do Outro Mundo", as pesquisas psíquicas não se assemelham às demais. E só obteremos bons resultados se obedecermos, da maneira mais perfeita possível, às mínimas condições experimentais recomendadas pelo Dr. W. J. Crawford, Professor de Mecânica aplicada da Universidade de Belfast:

- "a) um médium poderoso;
- b) um círculo que o apóie;

(101) Albert de Schrenck-Notzing — "Les Phénomènes Physiques de la Médiumnité", página 6, edição Payot, Paris, 1925.

(102) Gustavo Geley — "Resumo da Doutrina Espírita", páginas 154 e 155, edição Estudos Psíquicos Editora, Lisboa, 1945.

- c) o médium e o círculo devem estar imbuídos do caráter sério e excepcional dos fenômenos, comungando no desejo de conseguir o maximo, para o bem geral;
- d) operadores com pontos de vista idênticos. Pessoas de má-fé, que não queiram ou não possam cooperar com o executante, devem ser afastadas; e
- e) fenômenos não produzidos espontâneamente, mas a pedido".

E no último período da página, o Professor conclui seu pensamento, afirmando que:

"As cinco condições acima enumeradas são, a meu ver, essenciais. Se alguma delas fôr omitida, os resultados serão afetados, sob o ponto de vista científico. Esta é, sem dúvida, a razão pela qual êste trabalho é tão raramente realizado" (103).

Durante as sessões experimentais, os assistentes devem manter-se calmos e não perturbar nem tumultuar os fenômenos iniciados. Devem conformar-se com as instruções dos Espíritos, não tentando impor-lhes condições. Neste particular, os Espíritos sabem mais do que nós.

Observações autorizadas de experimentadores competentes asseguram que os sentimentos e tendências de certas criaturas, que tomam parte nos trabalhos medianímicos, podem transmitir uma influência favorável, desfavorável e até inibidora sobre o sensitivo e no desenvolvimento dos fenômenos. Vejamos, neste sentido, as recomendações de André Luiz, um dos esclarecidos mentores do médium Francisco Cândido Xavier, quanto é carrente a harmonia colaboradora entre encarnados e desencarnados nas experiências extra-sensórias:

"Trata-se de serviço de elevada responsabilidade, porquanto, além de exigir tôdas as possibilidades do aparelho mediúnico, há que movimentar todos os elementos de colaboração dos companheiros encarnados, presentes às reuniões destinadas a êsse fim" (104).

A ligação da simpatia, ou melhor, da fé com as investigações psíquicas foram bem expressas pelos experimentadores Massey, Staiton Moses e Gustave Geley. Cuide-se, todavia, que não se refere, aqui, à fé religiosa, mas a *fé das realizações*. Se Massey estabelecia que "a fé é condição de prova, e a chave da porta

(103) W. J. Crawford — "Mecânica Psíquica", página 20, edição da Lake, São Paulo, 1962.

(104) André Luiz — "Missionários da Luz", página 107, psicografado por Francisco Cândido Xavier, edição da Federação Espírita Brasileira, sexta edição, 1959.

que abre o mundo invisível”, Moses concluía-lhe o pensamento acrescentando:

“O que Massey apelida de fé é a predisposição e a atenção, isto é, um estado de espírito simpático que liga o experimentador e o médium e sem o qual nada se obterá de interessante no campo das manifestações espíritas. Assim, o crítico imparcial tem razão quando afasta de si qualquer idéia preconcebida.”

Gustave Geley, todavia, fôra mais explícito nesse conceito, embora muito sóbrio na afirmativa de que fez:

“Não há dúvida de que a suspeição é absolutamente prejudicial ao bom êxito dessas experiências; o que é indispensável é a simpatia junta ao senso da crítica”. (Gustave Geley — “Resumo da Doutrina Espírita”, capítulo: Introdução ao Estudo prático da Mediunidade).

O mesmo fato observava Stainton Moses, sempre que introduzia no recinto das experiências pessoas estranhas aos estudos. As personalidades medianímicas acabaram por aconselhar aos membros do grupo, que permanecessem pouco numerosos, a fim de não comprometer a progressão dos trabalhos. Perturbações análogas se verificaram com Daniel Douglas Home, John C. Sloon, Etta Wriedt, George Valiantine, Elizabeth J. Compton, Linda Gazzera, Madame d'Espérance, Eusápia Paladino, Ana Prado e outros mais.

Mas, quando os resultados obtidos com o mesmo médium são de tal maneira diferentes, estranhos ou mesmo contraditórios com as experiências anteriores, deve-se atribuir os insucessos aos graus muito diferentes de vibração e de sintonia das pessoas estranhas ao grupo dos experimentadores, pois, nas experiências mediúnicas, o método e a harmonia de ação mental são fatores imperativos.

Então, quer para os Espíritos, quer para os observadores, o método é necessário para o intercâmbio comum. Sem êle os resultados poderão ser intermitentes, deficientes ou nulos, em virtude da instabilidade fluidica, que perturba a expansão ectoplásmica. Com êle poder-se-á conseguir maior concentração de ectoplasmas, maior homogeneidade de fluidos, maior disciplina no trabalho, que se desenvolverá naturalmente, sem altibaixos, facilitando a obtenção de efeitos seguros, sem sobrecarga para os médiuns.

Recomendam, finalmente, os experimentadores, a necessidade de resguardar-se o sensitivo, porque, em cada sessão, o exercício da mediunidade importa em desgaste nervoso quando não há método de trabalho, pois, sendo o médium instrumento delicado deve ser cuidadosamente tratado, a fim de prestar sempre os melhores resultados.

Desconhecedores do fenômeno, ignorando por completo a sua gênese, ignorando as suas leis, ignorando as condições que regulam

a produtividade fenomênica, ignorando o caráter geral das experiências, sem prática e sem teoria, no caso antes acreditando na sua inexistência, firmemente convencidos de que tudo não passa de fraude, de farsa ou de mistificação, os cinco meófitos jornalistas de “O Cruzeiro”, para documentar o suposto flagrante de um embuste, cometem graves erros, que poderiam acarretar graves lesões físicas e comprometer a saúde da médium.

O fato não é sem exemplos, muito pelo contrário:

Conta-nos Juliete A. Bisson em seu livro — “Les Phénomènes Dits de Matérialisation”, página XVI — que numa experiência realizada em Munique, contra a sua vontade, redundou em consequência grave para a saúde do médium, quando um dos assistentes se precipitou sobre a sensitiva Eva C..., a fim de deter o fenômeno ectoplasta que se desenvolvia naturalmente, ficando apalermado ao ver a substância ectoplásmica reabsorve-se diante de si, antes que fôsse possível apanhá-la.

Nesta classe de experiência, pondera o ilustre médico Dr. Antônio J. Freire no seu magnífico livro — “Da Fraude no Espiritismo Experimental” — “a fiscalização e vigilância devem ser rigorosas, intransigentes, sem desfalecimentos; mas requer-se uma fiscalização e vigilância inteligentes, afetuosas, irradiando simpatia e confiança entre si. Um ambiente, sereno, calmo, afável, assim preparado, é um precioso elemento de sucesso nos trabalhos experimentais espíritas desde as simples incorporações e psicografia às complexas materializações ectoplásmicas” (105).

Por sua vez, André Luiz no seu estupendo trabalho — “Missionários da Luz” — recomenda que “se houvesse perfeita compreensão geral, respeito aos dons da vida, se pudéssemos contar com valores morais espontâneos e legitimamente consolidados no espírito coletivo, essas manifestações seriam as mais naturais possíveis, sem qualquer prejuízo para o médium e assistente. Acontece, porém, que são raros os companheiros encarnados dispostos às condições espírituais que certos trabalhos exigem. Por isso mesmo, na incerteza de colaboração eficiente, as sessões de materialização efetuam-se com grandes riscos para a organização mediúnica e requisitam número dilatado de cooperadores do nosso plano”.... (106).

Um sensitivo sonâmbulo pode refletir, *inconscientemente*, os pensamentos de uma ou de algumas pessoas do grupo. E também,

(105) Antônio J. Freire — “Da Fraude no Espiritismo Experimental”, páginas 81 e 82, edição da Sociedade Portuense de Investigação Psíquicas, Porto, 1950.

(106) André Luiz — “Missionários da Luz”, páginas 107 e 108, psicografado por Francisco Cândido Xavier, sexta edição da Federação Espírita Brasileira, 1959.

inconscientemente, são induzidos a simular os fenômenos, quando estes não se produzem, pois quem não desconhece a Doutrina Espírita sabe que os médiuns não reproduzem os fenômenos psíquicos a seu bel-prazer. As fraudes inconscientes são infantis e fáceis de notar no curso do trabalho. Não obstante, o *sujet* deve ser cuidadosamente vigiado, *seja qual for a confiança que mereça* (107).

Todos os assistentes e experimentadores devem ter presente este princípio geral da pesquisa psíquica: desde que o sensitivo está em transe, toda a fraude é, sem excepção, *inconsciente*, podendo provir de duas causas, uma intrínseca, outra extrínseca ao médium, e que podemos dividi-las em duas partes, segundo o parecer do Dr. Antônio J. Freire:

- 1.<sup>a</sup>) do automatismo psicofisiológico subconsciente, em consequência da ação do transe ter dissociado e exteriorizado, mais ou menos em totalidade, os elementos consciente do médium, como sucede nos diferentes estados magnéticos e hipnóticos correntes provocados pelo biomagnetismo;
- 2.<sup>a</sup>) da hetero-sugestão verbal ou mental dos assistentes.

Na primeira hipótese, é um produto do automatismo mediúnico; na segunda, é um caso banal de sugestão partindo de um ou mais assistentes, ignorantes do mecanismo das formas-pensamento e da sua transmissão.

É elucidativo o fato ocorrido com um dos principais médiuns contemporâneos, Franek Kluski que trabalhou, muitas vezes, no Instituto Metapsíquico Internacional, de Paris, a pleno rendimento experimental e de sucesso em sucesso. O fato passou-se em Varsóvia, e é deveras instrutivo.

Em geral Franek Kluski "iniciava os seus trabalhos mediúnicos — descreve o Dr. Antônio J. Freire — por um fenômeno de telecinesia apagando uma lâmpada a distância sem contacto, logo no início do seu transe medianímico. Numa sessão, como este fenômeno demorasse a efetivar-se, um assistente impaciente e ignorante da técnica destes fenômenos metérgicos, ordenou ao médium a extinção da luz elétrica.

Kluski, o médium em transe, arrastou os dois fiscalizadores que, sentados, cada um do seu lado, retinham as suas mãos e vigiavam os seus pés, e avançando para o comutador apagou a lâmpada e veio

(107) A propósito das fraudes mediúnicas, vide os estudos de Julien Ochorowics in "Anais das Ciências Psíquicas", de 1894; e de Gustave Geley, "Resumo da Doutrina Espírita", página 56 e seguintes, Estudos Psíquicos Editora, Lisboa, 1945.

tranqüilamente sentar-se no seu lugar na plena convicção de que tinha cumprido o seu dever. É evidente que tal fraude foi executada inconscientemente, sendo devida à sugestão verbal do inexperiente observador. Este fato, narrado pelo eminente e culto diretor do Instituto Metapsíquico Internacional, de Paris, o Dr. Gustavo Geley, é francamente instrutivo, e merece alguns momentos de reflexão, podendo apresentar-se como um símbolo das fraudes inconscientes provocadas por hetero-sugestões" (108).

Vejamos mais este outro caso de tentativa de agarrar o fantasma a fim de desmascarar-se a mistificação do sensitivo, descrito pelo Dr. Epes Sargent no seu interessante livro — "Katie King, Histoire de Ses Apparitions", (tradução francesa) páginas 65 e seguintes:

"O Dr. Volckmann supondo que o médium Miss Cook pudesse estar *representando* a materialização do Espírito de Katie King, na esperança de conseguir o flagrante delito, quis deter o Espírito materializado. Então, levantou-se bruscamente e procurou segurar o fantasma de Katie King. Este, todavia, conseguiu escapar-lhe. Foram encontrar a sensitiva na cadeira com todos os laços que lhe tinham pôsto no início da sessão. A médium, porém sofria muito". . .

O Dr. Carlos Imbassahy na página 77 do seu inconfundível estudo — "O Espiritismo à Luz dos Fatos" — considera que "não só a apreensão do fantasma poderá acarretar grandes males. Qualquer inobservância das condições exigidas, qualquer falha nos processos da observação, pode também ser causa de danos graves", citando este exemplo:

"Refere a revista "Light" que, em uma sessão, o médium esteve a ponto de perder a vida, porque um dos assistentes, que era surdo, segurou a trombeta por onde se ouviam as vozes anormais, para pô-la no ouvido. O laço fluídico emaranhou-se ou quebrou-se, e houve grande trabalho em fazer o médium voltar a si."

E no período seguinte, prossegue o citado Autor:

"Também os assistentes de uma sessão podem sofrer as consequências da inexperiência ou da incredulidade maldosa. Assim é que, apresentando o relatório dos trabalhos da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Reykiavik, na Islândia, diz Einar H. Kvaran:

"Um incidente, dos mais lamentáveis, perturbou a terceira sessão. Diversos membros da Sociedade assistiam a ela, quando um deles rompeu a corrente, deu um salto, e segurou as vestes da aparição, que, nesse momento, saía do gabinete. A formação logo desapareceu.

(108) Antônio J. Freire — "Da Fraude no Espiritismo Experimental", páginas 70 e 71, edição da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, Porto, 1950.



receu. Muitos assistentes experimentaram dores fortes. O médium levou muito tempo a sair do transe e adoeceu” (109).

O sensitivo de efeitos físicos geralmente é desconfiado por instinto, pois possui a impressão desagradável, angustiosa e justificada de que durante o transe, será abandonado, sem defesa, aos assistentes; e por isso receia medidas intempestivas ou maldades capazes de o prejudicar ou de o fazer sofrer, sobretudo quando os não conhece bem.

Um exemplo muito simples comprovará quanto é legítimo o temor do médium, aliás justificado pelo Dr. Gustavo Geley através deste exemplo:

“A coisa mais freqüente, numa sessão de ectoplasma, é um assistente inadvertido tirar bruscamente uma lâmpada elétrica de bôlso e projetar a luz sobre o sensitivo.

— Que sucede, neste caso? — interroga Geley. E êle responde:

O *sujet* desperta, arrancado, brutalmente, do seu transe. Se houvesse ectoplasma, isto é, substância exteriorizada do organismo do médium, seria absorvida bruscamente e sem transição. Esta reintegração violenta é sempre acompanhada de grande abalo nervoso, doloroso e esgotante. Qualquer incidente desta ordem esgota o sensitivo e, muitas vêzes, chega a suprimir-lhe as faculdades, durante meses.

Note-se — prossegue o citado Autor — que o choque doloroso é função, não da intensidade da luz projetada, *mas da sua durabilidade*. Um relâmpago forte de magnésio que apenas dura uma fração de segundo, abala muito menos o médium, que a projeção de uma lâmpada de algibeira, destinada a observar o passivo. Eis o que é preciso saber. Com mais forte razão, as explorações brutais, o ato de agarrar formas, materializadas, etc., repercutem no sistema nervoso do sensitivo dando a impressão de golpes ou pancadas, extremamente dolorosos” (110).

Nas célebres sessões realizadas em Milão, cujos trabalhos experimentais de Eusápia Paladino cresciam sob a orientação fiscalizadora dos maiores sábios da época, um dos assistentes, por equívoco ou negligência, acende uma lâmpada, recaindo diretamente sobre a médium um forte jacto de luz. Tal fôra a gravidade do choque que tiveram de hospitalizá-la, demorando o seu restabelecimento cêrca de dois meses e meio.

(109) Carlos Imbassahy — “O Espiritismo à Luz dos Fatos”, página 77, edição da Federação Espírita Brasileira, 1952.

(110) Gustavo Geley — “Estudo da Mediunidade”, páginas 152 e 153, edição Estudos Psíquicos Editôra, Lisboa, 1945.

Em sessão realizada a 3 de fevereiro de 1924, em Waterloo, Inglaterra, pelo escritor H. Dennis Bradley e o Dr. Joseph de Wyckoff, ocorreu com o médium George Valiantine um grave incidente, que o levou para o leito. Vamos resumí-lo:

“Os criados tinham recebido ordem para apagar tôdas as luzes dos corredores, mas por descuido uma forte lâmpada elétrica foi acesa no pátio da garage, a qual fica fronteira às janelas da sala onde estávamos”...

“A luz do pátio infiltrava-se pelas frestas do alto das cortinas em quantidade suficiente para que vislumbrássemos uns aos outros. Valiantine observou que a condição era má, e vimos uma corneta erguer-se no ar a meia altura, perto de Mrs. Bryans. Foi nesse momento que acenderam a luz no pátio — e a corneta veio ao chão.

“Valiantine estava a respirar pesadamente”... “De Wyckoff voltou-se para Valiantine e o viu envolto numa espécie de nimbo. Mrs. Carodoc Evans descreve êsse nimbo como uma substância viscosa em que se pode enfiar o dedo, sem que o dedo a furasse. Apalpei o rosto e as mãos de Valiantine: frias como as de um morto. De Wyckoff, Bryans, Evans e eu — as mulheres já se haviam retirado — ficamos com êle e ali no escuro talvez uma hora, até que voltasse à vida e fôsse, meio carregado, para um divã no estúdio.

“É fato cientificamente estabelecido que o ectoplasma provém do corpo do médium, e que o subtâneo choque da luz sobre o ectoplasma faz que êle reentre no corpo do médium com terrível ímpeto. Foi o que, me parece, aconteceu a Valiantine.

“Valiantine foi para a cama; e como no dia seguinte sua perturbação continuasse, chamamos um médico, o Dr. Cooper, de Surbiton. Passou o dia todo na cama. Mas ficou bom, apesar da mancha roxa que ainda conserva no peito, aí de duas polegadas por três — evidentemente causada pelo choque do octoplasma ao reentrar súbitamente no corpo”. (H. Dennis Bradley — “Rumo às Estrélas”, págs. 158 e 159 — Edição Lake, 1956, S. Paulo).

Numa sessão assistida por nós, em que o espírito do Padre Zabeu Kauffman se materializava, por um engano lamentável, motivado talvez pela pressa de um dos presentes, ocorreu o fato seguinte:

Quando o Padre Zabeu despediu-se dos assistentes e entrou na câmara mediúnica a fim de despertar o médium, ouvindo-se as palmas que êle lhe aplicava no rosto, uma aspiração profunda do médium ainda não desperto de todo confundiu um dos experimentadores que, supondo ouvir o gemido do médium já desperto, acendeu incontinentemente as luzes.

Causou-nos pena o estado em que ficou o médium, pois não o pudemos socorrer imediatamente em vista do modo quase inquisitorial que êle era "controlado": sentado numa poltrona de madeira estava o seu corpo amarrado com cordas, braços e pernas acorrentados aos da poltrona, fechados com cadeados "Yale", cujas chaves se encontravam a salvo de qualquer *suspeita* no bôlso do colête de um dos "controladores".

Entretanto, eram de condoer as aflições do médium. Seus espasmos, suas ânsias, seus vômitos e a variação de temperatura entre suores frios e quentes, diziam-nos bem que o choque ectoplásmico, embora em densidade mínima, era o causador. Graças, porém, aos cuidados médicos e aos desvelos do espírito do Padre Zabeu que ali se fazia sentir, pois que levitou um copo fluído a água pôde o sensitivo recuperar o equilíbrio de seu estado normal.

Vem a calhar, perfeitamente, nesta página, mais êste outro magnífico período de André Luiz, psicografado pelo lápis mediunizado de Francisco Cândido Xavier. Dizia, então, o amorável mentor espiritual:

"Os homens, contudo, em sentido geral, não sabem, por enquanto, compreender a essência divina de tais demonstrações e, quase sempre, acorrem a elas com o raciocínio acima do sentimento. Pelas inquietudes da investigação, perdem, muitas vezes, os valores da co-operação, e os resultados são negativos. No dia, porém, em que conseguirem trazer o coração iluminado, receberão alegrias iguais àquela que desceu sobre os discípulos de Jesus, quando, de portas cerradas, em sublime comunhão de amor e fé, receberam a visita de Mestre, perfeitamente materializado, depois da ressurreição, em casa humilde de Jerusalém, de conformidade com a antiga narrativa dos Evangelhos" (111).

A magnífica e culta sensitiva Elisabete d'Espérance em seu livro — "No País das Sombras" — no capítulo XXI intitulado *Uma Experiência Amarga*, reproduz detalhadamente, o acidente por ela vivido numa sessão realizada em Helsingfors, no decorrer do ano de 1893. A descrição completa dessa reunião também vem relatada pelo Professor Alexandre Aksakoff em seu trabalho primordial — "Um Caso de Desmaterialização" — edição de H. Garnier, Livreiro-Editor, Rio de Janeiro.

O acidente sofrido pela poderosa médium fôra ocasionado pelo impacto ectoplásmico, violentamente adentrado no corpo da médium provocando-lhe uma grave hemorragia pulmonar, cujo tratamento

(111) André Luiz — "Missionários da Luz", páginas 110 e 111, psicografado por Francisco Cândido Xavier, sexta edição da Federação Espírita Brasileira, 1959.

levou cerca de dois anos. Seus cabelos prêtos, segundo o Professor Butlerof, em virtude do choque brutal, se embranqueceram prematuramente; à medida porém que a saúde se restabelecia, êles cresciam tão negros como anteriormente.

"Hesitei um pouco — descreve Elisabete d'Espérance — antes de decidir-me a publicar a narração da experiência amarga que fizemos e foi para mim a causa de longos meses de sofrimentos físicos e morais. Mas como êsse fato é a recordação da minha obra, reconheço que não me é permitido omiti-lo. As melhores lições da vida são muitas vezes aquelas que mais lágrimas nos custaram, e embora tal sofrimento me tenha magoado muito, a lição que colhi, iniciou-me nos mistérios dos fenômenos espíritas muito melhor do o faria uma vida inteira de seguidos sucessos".

E na outra página do texto, a sensitiva escreve:

"Não sei como a sessão principiou; eu tinha visto o espírito de Iolanda colocar seu jarro sobre o ombro e sair do gabinete. Mas tarde entretanto, soube o que se passou. O que experimentei foi a sensação angustiosa, horrível de ser sufocada ou esmagada; a sensação imagino, de uma boneca de borracha que fôsse violentamente esmagada por seu possuidor. Depois, senti-me invadida pelo terror, estrangida pela agonia da dor; julguei que ia perder a razão e precipitar-me num abismo medonho, onde nada via, nada ouvia, nada compreendia, a não ser o éco de um grito penetrante que parecia vir de longe. Sentia-me cair e não sabia onde. Tentava segurar-me, prender-me a alguma coisa, mas me faltava o apoio. Desmaiei... e só tornei a mim para estremecer de horror, com a idéia de haver recebido um golpe mortal.

Meus sentidos dir-se-iam dispersos a todos os ventos, e foi pouco a pouco que pude recuperá-los o bastante para compreender o que tinha acontecido. Iolanda havia sido agarrada por alguém, que a tomou por mim. Foi o que me contaram. Essa descrição era tão extraordinária que, se não estivesse em tal estado de prostração, teria rido, mas estava incapaz de pensar ou mesmo mover-me. Sentia que muito pouco de vida existia em mim, e êsse pequeno sôpro era um tormento. A hemorragia pulmonar, que durante a minha estada no Sul houvera curado em aparência, produziu-se de nôvo, e o sangue quase me sufocou. Os resultados dessa sessão foi uma longa e grave doença, que retardou por muitas semanas nossa partida para a Inglaterra, porque eu não podia ser transportada.

O choque foi terrível, e, pior ainda que o próprio choque, era a minha incapacidade de compreendê-lo. Nunca pudera, supor que alguém ousasse acusar-me de impostura. Eu me julgava a mulher de César; tinha estudado com meus amigos, primeiramente pelo desejo

de saber e, em seguida, por puro amor pela causa e pelo desejo de torná-la conhecida.

Censurei o homem que foi a causa principal do meu mal. Sem dúvida êle ignorava os sacrifícios que eu fazia, da obra que tínhamos realizado, os anos de estudos que consumíramos para alcançar a nossa posição atual. Era um econoclasta; acreditavam que fazia bom em destruir os falsos deuses, como os considerava... Quanto a Iolanda, ela parecia bastante humana para que êsse ignorante pudesse compreender-lhe a natureza especial, e, vendo-a passar perto dêle, foi-lhe muito forte a tentação" (112).

\* \* \*

Georges Montorgueil é quem nos expõe, a seguir, o seu caso de assistente inexperiente e "gaffeur", em boa hora arrependido e felizmente convertido. Refere êle:

"Eu assistia a essa reunião como incrédulo e intimamente convencido de que desmascararia qualquer mistificador, que, não duvidava, estivesse entre nós.

Uma tarde, durante a sessão, senti-me tocado no ombro; era o toque um tanto brusco. Momentos depois, uma saia roçava pelos meus joelhos; quis segurá-la, ela, porém, escapou-se. O fantasma voltou para perto de mim e, de repente, senti que êle me esfregava a cara. Acreditei num gracejo insolente e, furioso, segurei a mão que havia passado no meu rosto. A cólera, misturado com o terror, decuplicava as minhas forças. Mandei que acendessem a luz, o que foi feito imediatamente.

Eu estava de pé. Tinha um braço sôbre a meu braço, que comprimia contra o corpo. Segurava-o com todo o furor, como se fôsse um tórno. O silêncio era absoluto. Não se percebia qualquer ruído. A mão e o braço do fantasma fundiam-se entre os meus dedos. Junto a mim, ninguém. Cada um de nós estava em seu lugar.

Meu adversário, contudo, sumiu-se. Eu tinha, apenas, em minha mão, arrancado do fantasma, um pedaço de pano com o qual me havia esfregado o rosto. No momento em que a luz apareceu e a mão se dissipou, o médium revolveu-se no canapé, deu um grito estridente, ficou desacordado cêrca de duas horas e enfêrmo durante três semanas". ("Éclair", de 25-12-1935).

\* \* \*

(112) Elisabete d'Espérance — "No País das Sombras", páginas 211, 213, 214, 215 e 216, edição de H. Garnier, Livreiro-Editor, Rio de Janeiro, 1901.

Tomem, por mirante, o Padre Oscar Gonzalez Quevedo, S. J., o Professor Cesário Morey Hossri, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, o Professor Silva Mello, ilustre membro da Academia Brasileira de Letras, os cinco extraordinários repórteres de "O Cruzeiro", a notável obra do Dr. Carlos Imbassahy — "O Espiritismo à Luz dos Fatos". Há ali uma plêiade de nomes ilustres, a maioria dêles membros da *Society for Psychological Research*, em demanda da imortalidade espiritual, já como simples membros, já como membros da sua diretoria, ocupando-lhe a presidência.

Aqui é o grande John Ruskin; a seguir vem Lord Balfour, antigo primeiro ministro do Império Britânico; depois surgem os nomes de Lorde Raleigh, de Sir Archie Geikie, de Sir J. J. Thonson e o do célebre Professor Sir William Crookes. Em 1905, o ilustre Professor Charles Richet é eleito presidente da *Society for Psychological Research*, de Londres; a seguir chega a vez do Professor William James, de Harvard. A lista comportaria outras figuras distintas como a do Professor Pierre Janet, a do Professor Bernheim, a do Professor César Lombroso, a do Professor Giovanni Schiaparelli, a do astrônomo Camilo Flammarion, a do Professor Henry Bergson, a do Professor Ernesto Bozzano, a do Professor Frederico W. Myers, a do Professor H. Sidgwick, a do Professor A. de Morgan, a do Professor W. E. Goldstone, presidente do Conselho de Ministros da Inglaterra, a do Professor Cornwell Fleetwood Varley, membro da Sociedade Real de Londres, eminentíssimas figuras de renome internacional.

O magnífico acervo de experimentos psíquicos, ora colecionados pelas Doutrinas — Espírita, Metapsicológica ou Parapsicológica — autoriza-nos de maneira decisiva a defender os fenômenos extrasensórios, sem ferir o rigor da Ciência, porquanto, a inteligência científica, *sendo positiva*, quer queira ou não, tem de se colocar no terreno dos fatos, sem jamais sair dêle; *sendo precisa*, tem de ir pesquisar os complexos e cambiantes fenômenos do psiquismo, suscetíveis de avaliação rigorosa; *sendo realista*, tem de aceitar os elementos observáveis tais como se apresentam; e *sendo justa*, tem de colecionar os fatos como êles realmente são, libertos de qualquer interpretação estranha aos acontecimentos experimentais.

Nessa pressuposição, portanto, merece recordar que a fenomenologia *animica* ou a *espírita* perdeu o caráter sobrenatural e promotor de teorias hipotéticas, mais ou menos abstrusas, para tornar-se apanágio de lei universal. Foi assim que a Doutrina dos Espíritos — compendiada por Allan Kardec — teve uma repercussão extraordinária, chegando a invadir os próprios redutos da Ciência ofi-

cial, eivada de preconceitos materialistas, e despreocupada de atitudes morais.

O panorama grandioso dessa conquista, com todos os seus corolários acidentais e transitórios, ou histórico-progressivos, aí o temos, condensado no preceito de um honesto *conhecimento*, de modo a senhorear, em suas fontes originais, o problema imortalístico da alma humana, deslocando o campo de investigação do mundo externo para o mundo interno.

O *conhecimento*, porém, destrói tôdas as críticas e todos os sofismas, pois o saber relembra o horizonte: quanto mais subimos mais êle se alarga, e quanto mais recuamos mais nos foge... Assim, também, acontece com as teorias: por mais amplas que pareçam, são sempre estreitas, porque o domínio do incognoscível é mais vasto ainda. O desconhecido é composto pelos segredos que o tempo vai revelando no decorrer da vida; mas cada segrêdo diz tão pouco, como pode expressar, um grão de areia, da imensidade do deserto.

O *conhecimento*, tal como êle se nos representa, é, no fundo, uma criação da inteligência do Espírito. E, assim, como o Espírito é absoluto na esfera do conhecimento, não o é menos na da vontade. O Espírito é, pois, uma inteligência consciente aliada num dinamismo psíquico, bem como a Matéria se promove pelo dinamismo mecânico.

Nesse contínuo intercâmbio espiritual entre a Vida e a Morte, o Espírito quando se libera do envoltório somático, já não é, apenas, uma entidade indeterminada, obscura, sem consciência ou consistência intrínsecas, mas uma personalidade que se percebe no íntimo do próprio ser, que mergulha nas profundezas da sua natureza impoderável e se possui na totalidade de seus conhecimentos e ações: é uma força consciente e na plenitude da sua realidade," segundo o dizer de Antero de Quental <sup>(113)</sup>.

Jamais, também poderemos nos deslumbrar nem nos estontear com os maravilhosos fatos do Espiritismo, pois sabemos, muito bem, que se não atinge, nunca, a plenitude do conhecimento e do saber.

Sempre inspirados pela chama interior de suas renovações, impelidos pela disciplina de novos conhecimentos e estimulados pelas recordações dos grandes reveladores de 1857-1930, os espíritas continuam a estudar, a trabalhar, a observar, a meditar e a evoluir intensa e profundamente.

Depois do período de 1930, foram aparecendo, ano a ano, as notáveis produções da série dos trabalhos da "Coleção" de Emmanuel e,

(113) Antero de Quental — "Prosas Escolhidas", páginas 248 e seguintes.

posteriormente, as André Luiz, ambos Espíritos Missionários e Instituidores da Boa Nova, interpretados, psicograficamente, pelas mãos de Francisco Cândido Xavier e do médico Waldo Vieira.

Essas "Coleções", que nos revelam a profundidade do conhecimento filosófico, religioso e científico de seus Autores espirituais, são obras monumentais quanto às realidades objetivas da *vida material* e da *vida espiritual*, enriquecidas, ainda pelas conclusões finais sôbre a evolução contínua da inteligência do nosso *Eu* imortal.

Bem é de ver que um trabalho dessa natureza, com semelhante orientação extrafísica, não importa e nem interessa aos negadores materialistas, pois, as equivalências e os aspectos fundamentais dos fenômenos anímicos e espíritos, dos anotamentos metodológicos e a prática da investigação experimental, ou do ordenamento e da intervenção científica, para êles não têm valia.

Assinalamos, ainda, que o sistema observável, como indica o assunto, é de ciência positiva, pela intenção e pelos métodos, e que a convicção fundamental de ordem prática, que dêle resulta, é a de que a verdadeira diretriz analista não é filosófica, nem tampouco religiosa, mas racionalista, positiva e científica.

Para nós, espíritas, tôda a preocupação do experimentador deve ser a objetividade, a análise dos fatos e a investigação das relações dos fenômenos denominados póstumos, pois, do conhecimento do que é e não de abstrações ou de dados mesquinamente empíricos, é que há de partir a elaboração científica, com um mínimo possível de autoritarismo qualquer.

Estudando-se o capítulo dedicado à função destes fenômenos, afirmamos, sem temer o êrro, que "a história da humanidade é a história da conciliação de duas forças essenciais e eternas: o Espírito e a Matéria". Na Doutrina Espírita está a solução que as concilia, o que evidencia a naturalidade do fenômeno póstumo da imortalidade, cientificamente observável, e a variabilidade das fórmulas que aguardam, há séculos, um pronunciamento idêntico.

A repercussão, portanto, das duas "Coleções", a de Emmanuel e a de André Luiz, como era de esperar, foi enorme, extraordinária, por que, até então, nada de parecido havia sido publicado no Mundo, recebendo calorosa homenagem dos espíritas brasileiros em particular e em especial, de vários países, onde prossegue o ideal espírita, manifesto vivo de entusiástica admiração pela incomparável anunciação dos novos ensinamentos daqueles Espíritos Missionários, que volveram ao globo terráqueo para iluminar a *Terra de Santa Cruz*, "coração do mundo e pátria do Evangelho".

Mas o campo de aplicação dos novos ideais é muito mais vasto do que nos ensina o Código da Lei antiga. Neste, a Voz fala ao seu aplicador e lhe diz como há de bater na rocha do deserto, para que jorre a água cristalina, com que se desalterem os sequiosos de Justiça Divina, enquanto os nobres Mentores Espirituais Emmanuel e André Luiz vão, humildemente, mostrando aos companheiros de aprendizado evangélico que a função deles, como a nossa, é semelhante à do discípulo cristão, cumprindo prover as lacunas do Espírito imortal, que a vida coletiva desdobra, dilata, entretece e cria, para descobrir a disciplina evangélica que as deve reger.

As obras de Emmanuel e de André Luiz constituem, portanto, a renovação da Ciência Divina, sob os princípios da consagrada triangulação religiosa, filosófica e científica, destacando-se do pôsto que lhe compete entre as mais complexas, sendo, também, mais independente de tôdas as que interpelaram os aspectos gerais da imortalidade humana. Quer isso dizer que as tarefas, já de si pesadas, exigem do experimentador e do doutrinador o encargo mais árduo e de um preparo especial — se bem que nobilitante — indispensável à consagração da Doutrina Espírita.

É bela essa perspectiva da reorganização espiritual de nosso “eu”, que se projeta nas magnificentes lições de Emmanuel e de André Luiz... Mas é difícil galgar o cimo da cordilheira, de onde elas se descortinam.

\* \* \*

Tem-se repetido, exaustivamente, que o Espiritismo não é “misterioso” nem “fantasmático” porque existe um Psiquismo sólido, baseado na lógica indestrutível dos fatos. O assunto tem, pois, interesse humano para tôda a criatura, porque, desde já, podemos tomar conhecimento e aprender algo sobre êsse País para onde iremos, no amanhã próximo.

Uma ciência nova foi constituída; não a ciência dos preconceitos, das práticas rotineiras, dos métodos limitados e acanhados, mas uma ciência aberta a tôdas as pesquisas, a tôdas as investigações — a Ciência da Alma — que “toca e refaz a própria gênese do conhecimento humano”, conforme a forte expressão do Dr. Hans Driesch, professor de Filosofia da Universidade de Leipzig.

Daí, então, considerar-se de forma diferente as pesquisas psíquicas que, em tempos idos, fazia sorrir os que se consideravam ao abrigo da credulidade e da superstição. Venceu-se o ridículo, pois, agora, já é possível falar a sério desta questão perante um público não

preparado sem provocar um sussurro geral e sem fazer rir o auditório. Aconteceria o mesmo trinta anos atrás?

\* \* \*

Cuidaremos por último, embora rapidamente, dos célebres médiuns psicógrafos Francisco Cândido Xavier e do médico Dr. Waldo Vieira, cujas produções medianímicas vêm firmar os foros justíssimos que gozam de sensitivos extraordinários, sob o aspecto espiritualmente intelectual, de provar a sobrevivência do ser e a conseqüente manifestação de sua inteligência.

O apreciado semanário londrino “Psychic News”, de dezembro de 1948, dedica tôda uma página e um completo noticiário sobre as faculdades desses médiuns, publicando as suas fotografias e dando aos leitores informações sobre as produções que Francisco Cândido Xavier vem psicografando desde 1932.

Suas produções, tanto as de Francisco Cândido Xavier, como as de Waldo Vieira, nada os beneficiam, pois, já em várias edições, os direitos autorais são cedidos gratuitamente às editoras para os fins de benemerências.

Ao nosso saudoso confrade e amigo Manoel Quintão, no prefácio da primeira obra psicografada pelo magnífico sensitivo — “Parnaso de Além-Túmulo” — afirmou, segundo o que leu e viu com olhos estarecidos:

“As produções são recebidas de um jacto. Não há ideação prévia, não há encadeamento de raciocínios, fixação de imagens. É tudo inesperado, explosivo, torrencial.

De que escreveu e está escrevendo, sabe que não pensou e não seria capaz de escrever. Há vocábulos e étimos que desconhece; há fatos e recursos de hermenêutica, figuras de retórica, que ignora, teorias científicas, doutrinas, concepções filosóficas das quais nunca ouviu falar, de autores também ignorados e jamais lidos!...

São as seguintes as obras psicografadas pelos dois sensitivos — Francisco Cândido Xavier e seu companheiro Waldo Vieira, desde 1932 a 1965:

1 — Parnaso de Além-Túmulo .....	1932
2 — Cartas de Uma Morta .....	1935
3 — Palavras do Infinito .....	1936
4 — Crônicas de Além-Túmulo .....	1937
5 — Emmanuel .....	1938
6 — Brasil, Coração do Mundo .....	1938

7	— A Caminho da Luz .....	1939
8	— Há Dois Mil Anos .....	1939
9	— Lira Imortal .....	1939
10	— 50 Anos Depois .....	1940
11	— Novas Mensagens .....	1940
12	— Boa-Nova .....	1941
13	— Cartas do Evangelho .....	1941
14	— O Consolador .....	1941
15	— Paulo e Estêvão .....	1942
16	— Renúncia .....	1943
17	— Reportagem de Além-Túmulo .....	1943
18	— Cartilha da Natureza .....	1944
19	— Nosso Lar .....	1944
20	— Os Mensageiros .....	1944
21	— Missionários da Luz .....	1945
22	— Lázaro Redivivo .....	1945
23	— Coletânea do Além .....	1945
24	— Obreiros da Vida Eterna .....	1946
25	— Os Filhos do Grande Rei .....	1947
26	— O Caminho Oculto .....	1947
27	— Mensagem do Pequeno Morto .....	1947
28	— No Mundo Maior .....	1947
29	— História de Maricota .....	1947
30	— Jardim da Infância .....	1947
31	— Volta Bocage .....	1947
32	— Agenda Cristã .....	1948
33	— Luz Acima .....	1948
34	— Alvorada Cristã .....	1948
35	— Caminho, Verdade e Vida .....	1949
36	— Voltei .....	1949
37	— Libertação .....	1949
38	— Jesus no Lar .....	1950
39	— Pão Nosso .....	1950
40	— Nosso Livro .....	1950
41	— Pontos e Contos .....	1951
42	— Falando à Terra .....	1951
43	— Páginas do Coração .....	1951

44	— Pérolas do Além .....	1952
45	— Vinha de Luz .....	1952
46	— Pai Nosso .....	1952
47	— Cartas do Coração .....	1952
48	— Roteiro .....	1952
49	— Gôtas de Luz .....	1953
50	— Ave, Cristo .....	1953
51	— Palavras de Emmanuel .....	1954
52	— Entre a Terra e o Céu .....	1954
53	— Nos Domínios da Mediunidade .....	1955
54	— Instruções Psicofônicas .....	1956
55	— Fonte Viva .....	1956
56	— Ação e Reação .....	1957
57	— Vozes do Grande Além .....	1957
58	— Contos e Apólogos .....	1958
59	— Pensamento e Vida .....	1958
60	— Evolução em Dois Mundos .....	1959
61	— Evangelho em Casa .....	1960
62	— Religião dos Espíritos .....	1960
63	— A Vida Escreve .....	1960
64	— Mecanismos de Mediunidade .....	1960
65	— Conduta Espírita .....	1069
66	— Almas em Desfile .....	1961
67	— Seara dos Médiuns .....	1961
68	— Juca Lambisca .....	1961
69	— O Espírito de Verdade .....	1962
70	— De Coração Para Coração .....	1962
71	— Bem-Aventurado os Simples .....	1962
72	— Cartilha do Bem .....	1962
73	— Justiça Divina .....	1962
74	— Relicário de Luz .....	1962
75	— Timbolão .....	1962
76	— Ideal Espírita .....	1963
77	— Antologia dos Imortais .....	1963
78	— Leis de Amor .....	1963
79	— Opinião Espírita .....	1963
80	— Sexo e Destino .....	1963

81 — Livro da Esperança .....	1964
82 — Contos Desta e Doutra Vida .....	1964
83 — Sol nas Almas .....	1964
84 — Desobsessão .....	1964
85 — Dicionário da Alma .....	1964
86 — Palavras de Vida Eterna .....	1964
87 — Trovadores do Além .....	1965
88 — Cristo Espera por Ti .....	1965
89 — Estude e Viva .....	1965

num total aproximado de 19.000 (dezenove mil) páginas de texto, 248 (duzentas quarenta e oito) edições, num total de 1.981.113 (um milhão novecentos e oitenta e um mil e cento e treze volumes).

Em face a este vasto panorama da produtividade psíquica de ambos, perguntamos nós: Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira serão apenas médiuns ou gênios? Se apenas forem médiuns, como eles afirmam, estará comprovada a teoria espírita. Mas, se forem gênios, como alguns fazem supor, devem-se-lhes abrir as portas da "Acadêmia Brasileira de Letras", como alguém já sugeriu.

\* \* \*

O ceticismo, no tocante à Doutrina Espírita, quando não é resultado de uma oposição sistemática por interesse, origina-se quase sempre do conhecimento incompleto das causas e das coisas, o que não obsta a que alguns elidam a questão como se a conhecessem perfunctôriamente. Pode ter-se muito atilamento, muita cultura mesmo, e ser-se carente de bom senso. Ora, o primeiro indício de bom senso está em crer-se alguém infalível no seu juízo.

Assim, pois, o Espiritismo se apóia menos no maravilhoso e no sobrenatural do que a própria religião. Consequentemente, os que o atacam por esses ângulos demonstram que o não conhecem e, ainda que fôssem os maiores Sábios do Universo ou os melhores filósofos ou, mesmo, os mais atilados críticos — como nos casos do reverendíssimo Padre Oscar Gonzalez Quevedo, J. S., do ilustríssimo Professor Cesário Morey Hossri, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, do acatadíssimo Professor nutricionista Silva Melo, com os seus "Mistérios e Realidades Dêste e do Outro Mundo" — apenas lhes diríamos:

— Se a vossa Ciência, que nós instruiu em tantas coisas, não não vos ensinou que o domínio da natureza é infinito, sois apenas metade daquilo que nos julgais ser...

\* \* \*

Os discursos empolados dos negativistas, as homílias dos representantes das Igrejas, os clamores dos filósofos metidos a parapsicólogos, as aleivosias dos catedráticos-imortalizados, as desfigurações de cinco inexperientes repórteres, as cóleras das turbas que formam os "bate-peitos", absolutamente não mundam o curso da evolução eterna, e, assim como o Sol nos ilumina cada dia, também virá a Verdade, em determinada época, esclarecer definitivamente os problemas da Alma.

Até, então, será intempestivo desviá-los de seus estudos preferidos, para coagirmos a se preocuparem com um assunto estranho, que lhes não está nem nas atribuições, nem no programa. Enquanto isso não se verificar, os que, sem estudo prévio e aprofundado da matéria, se pronunciam pela negativa e escarnecem ou ironizam os que não subscrevem o conceito, êsses críticos apressados esquecem que o mesmo se deu com a maior parte dos grandes descobrimentos que fazem honra à humanidade.

Sejamos, enfim, confiantes quanto às pesquisas psíquicas, pois, dia a dia, a Ciência nos vai expondo problemas novos e que, sem dúvida, chegará a resolvê-los parcialmente, de modo que outros possam apresentar-se mais perfeitos ainda, e das quais não nos é dado, por enquanto, suspeitar sequer a profundidade e a sua extensão.

Eis, em suma, as claridades sublimes que se desprendem, sobre nós do outro lado da Vida; eis, também, as venturosas certezas da Doutrina dos Espíritos e que, infelizmente, não podiam dar-nos as demais correntes religiosas e filosóficas, porque seus dogmas ou doutrinas, não estando em harmonia com o progresso experimental-psíquico do século, deixam o homem a braços com a dúvida, êsse verme roedor da sociedade moderna.

A gélida noite do tûmulo, assim interpretada pela Doutrina dos Espíritos, já não têm mais terrores para nós, porque possuímos a prova certa de que mausoléus não encerram senão cinzas inertes, e que o ser pensante não desaparece.

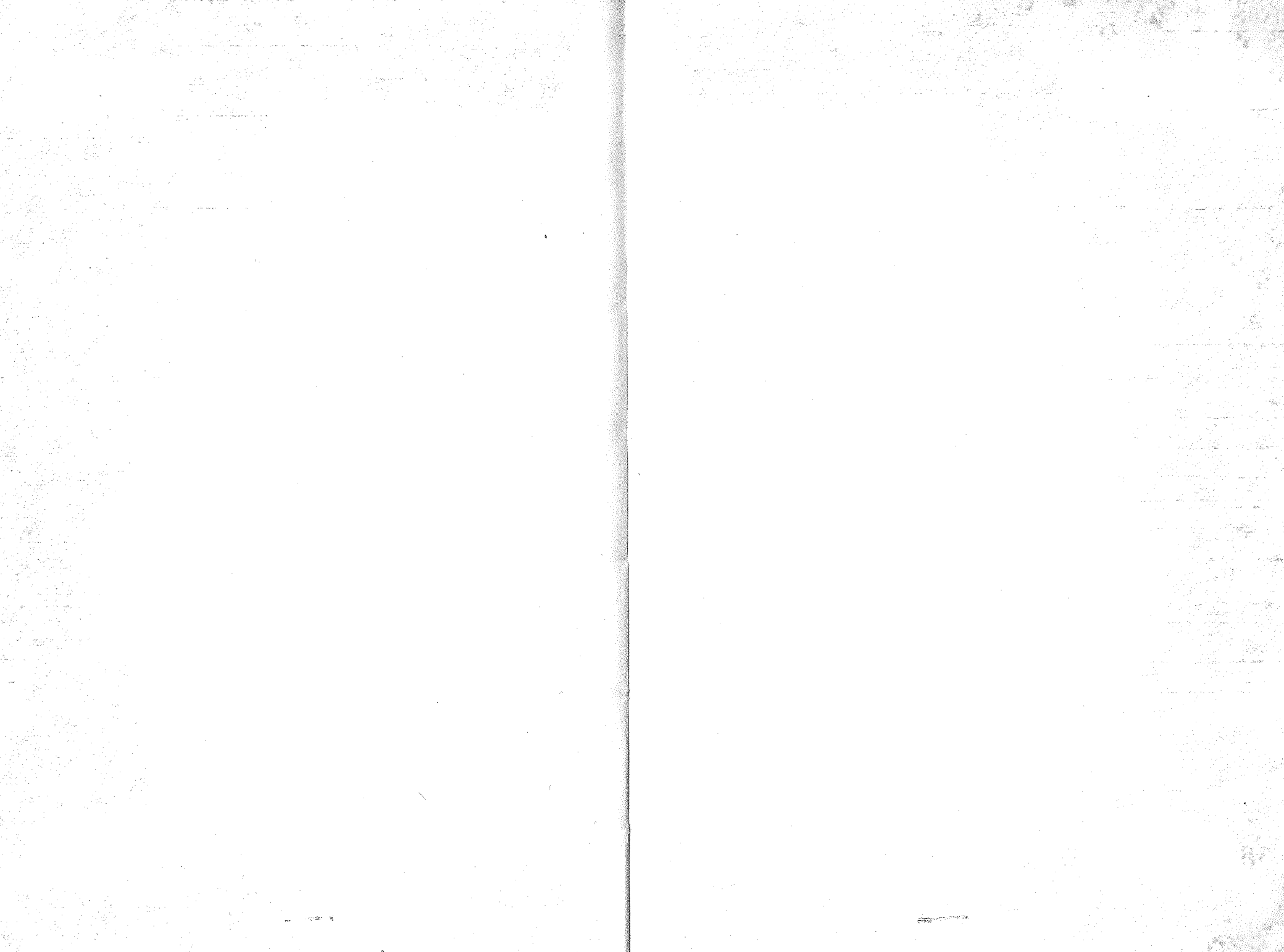
É, sobretudo, para os tristes, para os deserdados, para os sofrendores dêste mundo, que a sublime prova da imortalidade é suave e consoladora. A certeza absoluta de uma vida melhor no mundo espiritual anima a criatura humana na luta encarniçada que, diàriamente, ela sustenta contra a necessidade. A morte já não lhe parece

mais vazia e brutal como o aniquilamento supremo, mas, ao contrário, a porta que se abre para uma existência extramaterial, a auro-ra brilhante de um novo dia e mais remuneradora aos seus padeci-mentos que esta triste terra sobre a qual vegeta.

Que todos aqueles a quem a perda de um ser ternamente que-rido deixou abalados, desanimados, levantem a cabeça, porque as vozes dos Espíritos nos bradam que essa dor os aflige, que eles vi-vem ao redor de nós, que nos envolvem em sua ternura, e que, de seus corações, se elevam constantemente preces ao Eterno pedindo que nos proteja contra os embate da existência material.

A vida terrestre — assinala Léon Denis — é uma escola, um meio de educação e aprimoramento espiritual pelo trabalho, pelo estu-do e pelo sofrimento. Livre e responsável, a alma humana traz em si a lei dos seus destinos; prepara no presente as alegrias ou as do-res do futuro. A existência atual, portanto, é a conseqüência, a he-rança das nossas vidas precedentes e a condicional que devem seguir “Os Simples e os Sábios”...





tos e tôdas as grandezas das épocas em que imperou como guia, ou como algoz da humanidade.

Não deixando à margem o interêsse por êsses estudos, nêles constatou que "os fenômenos que sempre impressionaram a humanidade" continuavam a se manifestar, embora a ação inibidora da "Santa Inquisição" mantivesse sempre vigilante os seus "olhos de Medusa", prontos a *calcinar* os que não se "harmonizavam com o *santo saber*".

E como o "Além teimasse em suas manifestações" surgiu em meados do século XVIII, de permissão à civilização agonizante, uma nova Revelação. Seria divulgada uma nova Doutrina, "que simultaneamente iluminaria como Ciência, esclareceria como Filosofia, e confortaria como Religião".

Legiões do Além, espíritos na condição de desencardados, vieram, então, ensinar a seus irmãos da terra a lei do progresso infinito e a concretizar as promessas dos profetas, pensadores, taumaturgos e sábios de tôdas as épocas e de tôdas as religiões.

Codificada mais tarde a Revelação, que diminuava dos ensinões dos espíritos, tomou o nome de Espiritismo, cujo poder principal reside na sua universalidade, causa preponderante da rápida propagação, como bem afirmou o seu codificador, professor dr. Léon Hippolyte Denisard Rivail.

Impressionando os sábios, a ciência procurou então estudá-lo através do terreno neutro, experimental, onde a análise comprovada dos fatos o transformou em verdadeira ciência — "a ciência da alma".

Dai, perdendo o caráter de miraculoso com que o presenteou a ignorância, invadiu o campo das pesquisas e das investigações de laboratórios e perquirições várias, onde a tudo e a todos se submeteu, vencendo galhardamente tôdas as provas que em nome da ciência se lhe impunham.

Encarado então pelo lado científico, o espiritismo, isto é, "a ciência da alma" tornou-se a mais profunda de tôdas as ciências, pois se apóia em fatos positivos, categóricos, controláveis e analisáveis em tôdas as fórmulas reagentes da química, da física, da biologia, etc., positivando cientificamente que a alma sobreexiste e continua a ter mais vivacidade após se despojar do seu invólucro carnal.

Se os sábios afirmaram que a alma é imortal, não fôra por deduções filosóficas ou fé dogmática, mas porque viram, conversaram com ela quando materializada em seus laboratórios, auscultaram-lhe os pulmões, fizeram reações químicas do ar que ela expelia pela respiração e que, soprando na água de barita, produziram um precipitado de bário, e lhe tomaram o pulso e a temperatura, tiraram-lhe o retrato, cortaram-lhe os cabelos e os retiveram, modelaram-lhe as mãos recurvas e entrelaçadas e o rosto em parafina derretida, provaram enfim que ela se corporifica quando, em circunstâncias especiais, o seu perispírito pode "agenciar" os elementos necessários para se materializar, revestidas de carne e osso, com todos os predicados de um sêr humano como nós outros.

E concluíram então que leis tão rigorosas e inflexíveis, como as que governam a matéria, regem o mundo do invisível; e que no concêrto universal tudo, sêres e coisas, se encadeia e liga em estreita solidariedade, em profunda e sublime harmonia, não havendo motivo para o milagre e o sobrenatural, porque êles não existem.

Esta é, em síntese, "a ciência da vida da alma" não só na sua condição de encarnada ou desencarnada, mas também em suas evoluções sucessivas e irrevogáveis através do tempo e do espaço. E as afirmativas desta nova ciência trazem o endosso de homens que não saberiam mentir e jamais poderiam ser enganados.

Tal soma de conhecimentos está enfeixada neste livro. Quem fôr curioso, que o leia.